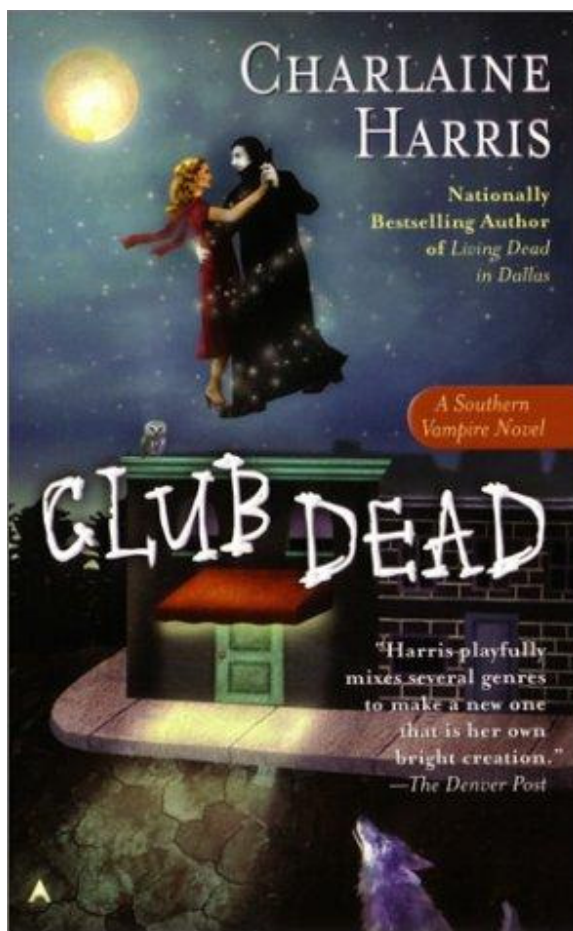


Clube dos Mortos

Charlaine Harris

Livro 3 da Série Vampiros Sulinos





*Este está livro dedicado a meu filho de no meio,
Timothy Schulz, que me disse claramente
que ele queria um livro todo para ele.*

RECONHECIMENTOS

Meu agradecimento é para a Lisa Weissenbuehler, Kerie L. Níquel, Enjoe A Salle, e Doris Ann Norris incomparáveis por meter-se nas cajuelas de automóveis, grandes e pequenos. Meu sincero agradecimento para a Janet Davis, Irene, e Sonya Stocklin, também cibercidadanos do DorothyL, por sua informação sobre bares, *bourree* (um jogo de cartas), e os governos da região da Luisiana. Joan Coffey foi muito cortês com o fornecimento da informação sobre *o Jackson*. Jane Lê maravilhosa e serviçal me conduziu com paciência por todo *Jackson* durante muitas horas, entrando a fundo no espírito de encontrar a posição perfeita para um bar vampiro.

Capítulo 1

Bill estava curvado sobre o computador quando me deixei cair em sua casa. Este era um cenário muito familiar desde fazia um mês ou dois. Ele se tinha arrancado de seu trabalho quando vinha a sua casa, até fazia um par de semanas. Agora era o teclado quem o atraía.

-Olá, amor!, -ele disse distraídamente, seu olhar arrebitado à tela. Uma garrafa vazia *TrueBlood* do tipo Ou estava sobre o escritório ao lado do teclado. Ao menos se acordou de comer.

Bill, não é do tipo jeans-e-camiseta, tinha posto uns caquis e uma camisa engomada azul e verde. Sua pele brilhava, e seu grosso cabelo escuro cheirava como *Herbal Essences*. Ele era suficiente para lhe provocar a qualquer mulher uma ascensão hormonal. Beijei seu pescoço, e ele não reagiu. Lambi seu ouvido. Nada.

Tinha estado diretamente sobre meus pés durante seis horas no Bar *Merlotte's*, e sempre que algum cliente me tinha dado má gorjeta, ou algum parvo tinha tentado acariciar meus pompis, tinha-me recordado mesma que logo estaria com meu noivo, tendo sexo incrível e desfrutando de sua atenção.

O que não parecia estar acontecendo.

Inalei devagar e constantemente, fulminei com o olhar o traseiro das costas do Bill. Era um maravilhoso traseiro, com amplos ombros, e eu tinha planejado vê-lo nu com minhas unhas cravadas no. Tinha contado com isto fortemente. Exalei, devagar e constantemente.

-Estarei contigo em um minuto, -Bill disse.

Sobre a tela, havia uma foto de um homem distinto com o cabelo de prata e um escuro bronzeado. Ele se olhava da classe do Anthony Quinn—sexy, e parecia poderoso. Sob o quadro havia um nome, e baixo este algum texto. “Nascido 1756 na Sicília”, começava. Justo quando abri minha boca para comentar que os vampiros *apareciam* em fotografias apesar da lenda, Bill se deu a volta e viu que lia.

Ele pressiono um botão e a tela fico em branco.

Contemplei-o, não acabando de me acreditar completamente o que tinha passado.

-Sookie, -ele disse, com uma ameaça de sorriso.

Suas presas estavam retraídas, assim que ele não estava totalmente do humor no qual esperava encontrá-lo; ele não pensava em mim carnalmente. Como todos os vampiros, suas

presas estavam completamente estendidas quando ele está de humor sexy e luxurioso, ou a coisa do prazer alimentação-e-matança. (Às vezes, aquelas luxúrias vão mas lá do grunhido, e a gente consegue colmilleros mortos. Mas este elemento de perigo é o que atrai a maior parte dos colmilleros, se alguém me perguntar.) Embora tenha sido acusada de ser uma daquelas criaturas patéticas que dão voltas ao redor dos vampiros com a esperança de chamar sua atenção, há só um vampiro com quem estou implicada (ao menos voluntariamente) e era o que estava sentado diretamente diante de mim. Ele que guardava segretos para mim. Ele que não estava muito contente de lombriga.

-Bill, -disse com frieza. Algo Passava, com uma *P* maiúscula. E não se tratava do libido do Bill. (Libido acabava de estar em meu calendário como Palavra do Dia.)

-Você não viu o que acaba de ver, -disse ele firmemente. Seus olhos castanho escuro me observaram sem piscar.

-Uh-huh, -pinjente, possivelmente soando um poquito sarcástica. -No que anda metido?

-Tenho uma atribuição secreta.

Não sabia se rir ou me irritar. Assim somente levantei minhas sobrancelhas e esperei por mais. Bill era o investigador para a Área 5, uma divisão vampiro da Luisiana. Eric, a cabeça de Área 5, nunca antes tinha dado ao Bill “uma atribuição” que fora secreta para mim. De fato, pelo general eu era uma parte integral da equipe de investigação, apesar do pouco disposto que estivesse.

-Eric não deve sabê-lo. Nenhum dos vampiros da Área 5 pode sabê-lo.

Meu coração se afundou.

-Assim...se não fazer um trabalho para o Eric, para quem trabalha? -Ajoelhei-me porque meus pés estavam muito cansados, apoiei-me contra os joelhos do Bill.

-Reina-a da Luisiana, -ele disse, quase em um sussurro.

Como ele pareceu tão solene, tratei de manter uma cara séria, mas isto não funcionou. Comecei a rir com pequenas risitas tolas que não podia suprimir.

-Fala a sério? -Perguntei, sabendo que devia sê-lo.

Bill era quase sempre a classe séria de companheiro. Sepultei minha cara sobre sua coxa assim ele não poderia ver minha diversão. Elevei meus olhos para um rápido olhar a sua cara. Ele parecia bastante zangado.

-Sou tão sério como uma tumba, -Bill disse, e soou tão resistente, que fiz um esforço maiúsculo para trocar minha atitude.

-Bem, me deixe entender isto, -disse em um tom razoável. Recostei-me sobre o chão, com as pernas cruzadas, e descansei minhas mãos sobre meus joelhos. -Você trabalha para o Eric, que é o chefe de Área 5, mas há também uma rainha? Da Luisiana?

Bill assentiu.

-Então o estado esta dividido em Áreas? E ela é o superior do Eric, já que ele controla um negócio no Shreveport, que está na Área 5.

Outra vez uma cabeçada. Pus minha mão sobre minha cara e sacudi minha cabeça.

-De modo que, onde vive ela, *Baton Rouge*? -A capital do estado parecia o lugar óbvio.

-Não. *Nova Orleans*, é óbvio.

É óbvio. A central Vampiro. De acordo ao periódicos, dificilmente a gente podia lançar uma pedra no *Big Easy* sem lhe dar a um não-morto (embora só um verdadeiro parvo faria algo assim). O comércio turístico em *Nova Orleans* era constante, mas não era exatamente a mesma bola que antes, a bebida pesada e a alegre multidão eram quem tinha transformado à cidade no coração da festa permanente. Os novos turistas eram quem queriam esfregar seus cotovelos com os não-mortos; frequentar um bar vampiro, visitar uma prostituta vampiro, olhar um espetáculo de sexo vampiro.

Isto era o que escutei; não tinha estado em *Nova Orleans* desde que era pequena. Minha mãe e pai nos levaram a meu irmão, Jason, e a mim. Deveu ter sido antes de que tivesse sete anos, porque foi quando eles morreram.

Mami e Papai morreram quase vinte anos antes de que os vampiros saíssem na televisão por rede para anunciar o fato que eles estavam realmente presente entre nós, um anúncio que tinha seguido depois do desenvolvimento japonês do sangue sintético que realmente mantinha com vida um vampiro sem necessidade de beber dos humanos.

A comunidade vampiro dos primeiro Estados Unidos deixou aos clãs de vampiros japoneses vir por diante. Logo, simultaneamente, na maior parte das nações do mundo que tinha a televisão—e quem não tem nestes dias?—o anúncio foi feito em cem línguas diferentes, por cem arrumados vampiros cuidadosamente bem escolhidos.

Essa noite, fazia dois e meio anos, nós os humanos vivinhos e abanando o rabo aprendemos que sempre tínhamos vivido com monstros entre nós.

“Mas—a carga deste anúncio foi—agora nós podemos avançar e nos unir com você em harmonia. Você já não corre nenhum perigo conosco. Não temos que beber de você para viver.”

Como se podem imaginar, foi uma noite de audiências recorde e alvoroço tremendo. A reação variou bruscamente, segundo a nação.

Os vampiros nas nações predominantemente Islâmicas se levaram a pior parte. Não queiram saber o que lhe passou ao porta-voz não-morto em Síria, embora possivelmente a vampiro feminina no Afeganistão agonizasse ainda mais horrível—e morrera—ao final. (O que pensavam eles, selecionando a uma fêmea para aquele trabalho em particular? Os vampiros poderiam ser muito preparados, mas às vezes não pareciam estar em contato com o mundo atual.)

Algumas das nações—as mais notáveis foram a França, Itália, e Alemanha—rechaçaram aceitar aos vampiros como cidadãos iguais. Muitos—como o Bosnia, Argentina, e a maior parte das nações Africanas—negaram qualquer estado aos vampiros, e os declararam em aberta caça para qualquer ansioso caçador. Mas o EUA, Inglaterra, México, Canadá, Japão, Suíça, e os países escandinavos adotaram uma atitude mais tolerante.

Era difícil determinar se esta reação foi a que os vampiros esperavam ou não. Já que embora eles lutavam ainda para manter um oco onde apoiar seu pé no assentamento da vida, os vampiros permaneciam herméticos sobre sua organização e governo, e o que Bill me dizia agora era quão único escute alguma vez sobre o tema.

-Assim, reina-a vampiro da Luisiana te tem trabalhando sobre um projeto secreto, -pinjente, tratando de sonar neutra. -E por isso é o que lhe viveste isso em seu computador cada hora acordada durante as passadas semanas.

-Sim, -Bill disse.

Ele recolheu a garrafa do TrueBlood e a tampou embora só deixou um par de gotas. Desceu pelo corredor fazia a pequena cozinha (quando remodelou sua velha casa familiar, excluiu mais ou menos a cozinha, já que ele não necessita uma) e extraiu outra garrafa do refrigerador. Rastreava-o pelo som quando abriu a garrafa e a meteu no microondas. O microondas se apagou, e ele retorno de novo, agitando a garrafa com seu polegar na tampa assim não ficaria nenhum ponto quente.

-De modo que, quanto tempo mais tomasse este projeto? -Perguntei—razoavelmente, pensei.

-O que precise tomar, -disse ele, menos razoavelmente. De fato, Bill soou francamente irritado.

Hmmm. Poderia nossa lua de mel ter terminado? Certamente me refiro à lua de mel de modo figurado, já que Bill é um vampiro e não podemos nos casar legalmente, virtualmente em nenhuma parte do mundo.

Não que ele me tenha perguntado isso.

-Bem, se estas tão absorto em seu projeto, mantere-me afastada até que o tenha terminado, -pinjente devagar.

-Poderia ser o melhor, -disse Bill, depois de uma perceptível pausa, senti como se me tivesse pego no estômago.

De um salto, pare-me e me pus meu casaco sobre minha uniforme de garçonne para o tempo frio—calças negras, blusa branca de manga larga com o *Merlotte's* bordado sobre o peito esquerdo. Voltei- as costas ao Bill para esconder minha cara.

Tratava de não chorar, nem sequer o volteei a ver ainda depois de que senti a mão do Bill tocar meu ombro.

-Tenho que te dizer algo, -disse Bill em sua fria voz suave.

Parei-me na metade de me pôr minhas luvas, mas não acreditei que poderia voltar para vê-lo. Ele me podia dizer isso à costas.

-Se algo me passar, -ele seguiu (e aqui foi onde deveria ter começado a me preocupar), -deve olhar no esconderijo que construí em sua casa. Meu computador deverá estar ali, e alguns discos. Não diga a ninguém. Se o computador não estiver no esconderijo, vêm minha casa para olhar se estiver aqui. Vêm durante o dia, e vêm armada. Consegue o computador e qualquer disco que possa encontrar, e esconde-os em meu hoyito secreto, como seu o chama.

Assenti. Ele poderia ver isto pelas costas. Não confiei em minha voz.

-Se não estar de volta, ou se seu não ouve uma palavra de mim, em digamos... oito semanas—sim, oito semanas, então lhe diga ao Eric tudo o que te disse hoje. E te ponha você mesma sob seu amparo.

Não falei. Sentia-me muito miserável para estar furiosa, não passaria muito antes de que começasse a me derreter. Reconheci suas palavras com um puxão de minha cabeça. Pude sentir minha rabo-de-cavalo movendo-se contra meu pescoço.

-Vou a... *Seattle* logo, -disse Bill. Podia sentir que seus frescos lábios tocavam o lugar que minha rabo-de-cavalo tinha roçado.

Ele mentia.

-Falaremos quando voltar.

De algum jeito, isto não soou uma perspectiva fascinante. De algum jeito, soou sinistro.

Outra vez inclinei minha cabeça, não me arriscando a um discurso porque nesse momento chorava realmente. Preferia ter morrido a lhe deixar ver minhas lágrimas.

E assim foi como o abandonei, aquela fria noite de dezembro.

Ao dia seguinte, caminho a meu trabalho, tomei um desvio imprudente. Estava naquela classe de humor onde todo me parecia horrível. Apesar de uma noite quase insone, algo dentro de mim me disse que provavelmente poderia piorar meu humor um pouco mais, se conduzisse com o passar do caminho de *Magnolia Creek*: assim, efetivamente, isso é o que fiz. A velha casa grande dos Bellefleur, *Belle Revê*, era uma colméia de atividade, até durante um dia frio e feio. Havia caminhonetes da companhia de fumigação, uma assinatura de desenho de cozinhas, e um empreiteiro estacionado na entrada da cozinha na casa prebélica. A vida só cantarolava para o Caroline Holliday Bellefleur, a antiga senhora que tinha governado ao Belle Revê e *Bon Temps* (ao menos em parte) durante os passados oitenta anos. Perguntei-me como Porta, uma advogada, e Andy, um detetive, desfrutavam de todas as mudanças no Belle Revê. Eles tinham vivido com sua avó (como eu vivi com a minha) toda suas vidas adultas. Pelo menos, eles podiam desfrutar de seu prazer na renovação da casa grande.

Minha própria avó foi assassinada fazia uns meses.

Os Bellefleurs não tinham nada que ver com isso, certamente. E não existia nenhuma razão para que Porta e Andy compartilhassem o prazer desta nova afluência comigo. De fato, ambos me evitavam como uma praga. Eles estavam em dívida comigo, e não podiam assimilá-lo. Somente que eles não sabiam exatamente *quanto* me deviam.

Os Bellefleurs receberam uma enigmática herança de um parente que “morreu misteriosamente em algum sítio da Europa”, escute lhe dizer ao Andy a um companheiro poli enquanto bebiam no Merlotte’S. Quando Maxine Fortenberry teve de deixar alguns ingressos de rifa para as Senhoras da Igreja Batista do Jardim do Getsemaní, disse-me que a senhorita Caroline penteou cada registro da família que pôde desenterrar para identificar a seu benfeitor, e que ainda estava desconcertada com a boa fortuna da família.

Entretanto, ela não pareceu ter nenhuma indigestão sobre gastar o dinheiro.

Inclusive Terry Bellefleur, o primo de Porta e do Andy, tinha uma nova caminhonete estacionada em seu sujo jardim. Agrada-me Terry, um veterano do Vietnam que tem cicatrizes e que não tem muitos amigos, não lhe invejei um jogo novo de rodas.

Mas pensei no carburador que me tinha visto obrigada a substituir em meu velho automóvel. Paguei pelo trabalho completo, embora pensei lhe perguntar ao Jim Downey se podia pagar somente a metade e conseguir pagar o resto durante os próximos dois meses. Mas Jim tinha esposa e três meninos. Justo esta manhã estive pensando lhe perguntar a meu chefe, Sam Merlotte, se poderia me acrescentar mas horas no bar. Sobre tudo com o Bill visitando “*Seattle*”, me poderia viver isso mais ou menos no Merlotte’s, se Sam podia me usar. Sem dúvida alguma, me fazia falta o dinheiro.

Tentei realmente duro não sentir amargura quando fui do Belle Revê. Fui ao sul da cidade e logo dava volta à esquerda na rua *Hummingbird* rumo ao *Merlotte’s*. Tratei de fingir que tudo estaria bem; que quando ele voltasse de *Seattle*—ou em qualquer lugar que estivesse—Bill seria um amante apaixonado outra vez, e Bill me entesouraria e me faria sentir valiosa uma vez mais. Teria outra vez aquele sentimento de pertencer a alguém, em vez de estar sozinha.

É obvio, tinha a meu irmão, Jason. Embora pelo que a intimidade e companheirismo se referem, tive que me confessar que ele logo que contava.

Mas a dor mas intenso, era a dor inequívoca do rechaço. Conhecia o sentimento tão bem, era como uma segunda pele. Odiava retroceder lentamente dentro dele.

Capítulo 2

Provei o cabo para me assegurar que tinha fechado, estava-a girando quando com a esquina de meu olho vislumbre uma figura que estava sentada nos bancos sobre meu alpendre dianteiro. Sufoquei um chiado quando ele se levantou. Então o reconheci.

Eu tinha posto um grosso casaco, mas ele estava em camiseta; realmente isto não me surpreendeu.

-Elv... -Ai, quase o chame por seu nome. -Bubba, Como está?

Tratava de sonar casual, despreocupada. Falhei, mas Bubba não tinha a ferramenta mais aguda no terraço. Os vampiros admitiam que *trazendo-o sobre* quando ele esteve tão perto da morte e tão saturado com drogas, foi um grave engano. A noite que ele tinha sido *gasto sobre*, um dos assistentes de depósito de cadáveres resultou ser um dos não-mortos, e também resultou ser um enorme fanático do cantor. Com um complicado complô a toda

pressa construído e que implicou um assassinato ou dois, o assistente havia o trazido sobre”—fez a Bubba um vampiro. Mas, como sabem, o processo não sai sempre ao direito. Após, ele era passado ao redor como um idiota da realeza. Luisiana esteve recebendo-o durante o ano passado.

-Senhorita Sookie, como vai? -Seu acento era ainda grosso e sua cara ainda formosa, em um estilo bochechudo pelo caminho percorrido. O cabelo escuro caía sobre sua frente em um estilo cuidadosamente descuidado. Pesada-las costeletas estavam escovadas. Algum fanático não-morto o arrumou para a noite.

-Estou muito bem, obrigado, -pinjente cortesmente, sorrindo abertamente de brinca a orelha. Faço isto quando estou nervosa. -Preparava-me para ir a trabalhar, -acrescentei, me perguntando se seria possível entrar em meu automóvel e simplesmente me escapulir. Pensei que não.

-Bom, senhorita Sookie, fui enviado p’cuidá-la esta noite.

-Seu tem o que? Por quem?

-Pelo Eric, -disse orgulhosamente. -Era o único no escritório quando ele recebeu uma chamada Telefónica. Disse-me que devia mover meu culo aqui.

-Qual é o perigo? -Olhei atentamente ao redor do claro nos bosques entre os quais minha velha casa estava edificada. As notícias da Bubba me puseram muito nervosa.

-Não sei, senhorita Sookie. Eric, disse-me de lhe olhar esta noite até que um da Fangtasia fique aqui—Eric, ou Chow, ou senhorita Pam, ou até o Clancy. Tonces se você for p’trabalhar, vou com você. E tomo cuidado de que ninguém a incomode.

Não havia nenhuma razão para continuar com o interrogatório a Bubba, pondo tensão sobre aquele frágil cérebro. Ele sozinho se desgostaria, e eu não queria ver que acontecia. Por isso tive que me lembrar de não lhe chamar por seu antigo nome... embora de tanto em tão quando ele cantava fora um momento propício para recordar.

-Não pode vir ao bar, -disse sem rodeios.

Seria um desastre. A clientela do Merlotte’s está acostumada a vampiros ocasionais, seguro, mas não podia advertir a *cada um* deles não dizer seu nome. Eric deve ter estado desesperado; a comunidade vampiro guardava enganos como Bubba fora da vista, embora de vez em quando a ele lhe metesse em sua cabeça vagar sozinho. Então a gente conseguia «uma vista», e os tablóides se voltavam loucos.

-Talvez poderia te sentar em meu automóvel enquanto trabalho? -O frio não afetaria a Bubba.

-Devo estar mais próximo que isso, -ele disse, e soou inamovível.

-Vale, então, que tem que o escritório de meu chefe? Esta direto no bar, e pode me ouvir se grito.

Bubba ainda não parecia satisfeito, mas finalmente assentiu. Soltei meu fôlego, não me dava conta que o estava retendo. O mais fácil para mim seria chamar que estava doente e ficar em casa. Entretanto, não só Sam esperava que aparecesse, mas também também necessitava o pagamento.

O automóvel se sentiu um pouco pequeno com a Bubba no assento dianteiro ao meu lado. Quando terminávamos de expulsar pelos bosques ao longo de minha propriedade, rumo à rua regional, fiz uma nota mental de chamar à companhia de cascalho para vir e verter um pouco mais de sobrecarga sobre minha larga e lhe serpenteiem meio-fio. Depois, também mentalmente, anulei aquela ordem. Agora mesmo não podia me permitir isto. Teria que esperar até a primavera. Ou o verão.

Demos volta à direita para conduzir as poucas milhas ao Merlotte's, o bar onde trabalho como garçoneiro quando não faço o Grande Montão de Material Secreto para os Vampiros. Me ocorreu quando estávamos na metade de caminho que não vi a Bubba conduzindo a minha casa. Talvez ele teria pirado? Alguns vampiros podiam. Embora Bubba fora o vampiro menos talentoso que tinha encontrado, talvez ele tinha aptidão para isso.

Faz um ano o teria perguntado, mas agora não. Já estou acostumada a me pendurar ao redor dos não-mortos. Não que seja uma vampira. Sou uma télépata. Minha vida era o inferno sobre rodas até que encontrei a um homem cuja mente não pude ler. Infelizmente, não podia ler sua mente porque ele estava morto. Mas Bill e eu tínhamos estado juntos durante vários meses agora, e até recentemente, nossa relação tinha sido realmente boa. E como os outros vampiros me necessitam, estou a salvo—até certo ponto. Mayoritariamente. Algumas vezes.

Merlotte's não pareceu muito concorrido, julgando pelo estacionamento meio vazio. Sam comprou o bar fazia aproximadamente cinco anos. Este tinha estado falhando—talvez porque estava encravado dentro do bosque, que surgia ao redor do estacionamento. Ou talvez o antigo dono simplesmente não encontrou a combinação correta entre bebidas, mantimentos, e serviço.

De algum jeito, depois de que ele renomeou o lugar e o renovou, Sam tinha girado os estados de contas. Ele o fez um lugar agradável para vir. Mas esta noite era uma noite de segunda-feira, não uma noite de grande tomadera no pescoço de nossos bosques, que resultavam estar na Luisiana do Norte. Rodeei ao redor do estacionamento para os empregados, que estava diante do reboque do Sam Merlotte, que ele mesmo tinha colocado detrás e perpendicularmente à entrada de empregados do bar. Saltei fora do assento do

condutor, trotei pela despensa, e joguei uma olhada pelo cristal da porta para comprovar o curto corredor com suas portas ao escritório do Sam e os serviços. Vazio. Bem. E quando bati na porta do Sam, ele estava detrás de seu escritório, o que era ainda melhor.

Sam não é um homem grande, mas é muito forte. Ele é um corado loiro com olhos azuis, e é talvez três anos mais velho que meus vinte e seis. trabalhei para ele por muitos anos. Sou aficionada ao Sam, e ele é a estrela em algumas de minhas fantasias favoritas; mas desde que saiu com uma formosa criatura homicida, faz um par de meses, meu entusiasmo se descorou algo. Entretanto, ele é meu amigo.

-me desculpe, Sam, -pinjente, sonriendo como um idiota.

-O que acontece? -Ele fechou o catálogo de provisões para o bar que tinha estado estudando.

-Tenho que esconder alguém aqui um ratito.

Sam não pareceu totalmente feliz.

-Quem? retornou Bill?

-Não, ele ainda esta de viagem. -Meu sorriso se fez ainda mais brilhante. -Mas, um, eles enviaram a outro vampiro como uma espécie de... cuidador? E tenho que guardá-lo aqui enquanto trabalho, se estiver de acordo.

-por que tem que ser cuidada? E por que não pode simplesmente sentar-se fora na barra? Temos muito *TrueBlood*.

O *TrueBlood* resultava definitivamente a marca líder de entre os competidores de sangue sintética. «*Nada melhor que a bebida de vida*», foi o primeiro que tinha lido, e os vampiros tinha respondido à campanha do anúncio.

Ouvi diminutos sons detrás de mim, e suspirei. Bubba se havia posto impaciente.

-Agora, peço-te... -comecei, tratando de lhe dar voltas, mas sem prosseguir. Uma mão aferrou meu ombro e me fez girar. Confronte a um homem que nunca antes tinha visto. Ele martelava seu punho para me perfurar a cabeça.

Apesar do sangue de vampiro que ingeri faz uns meses (para salvar minha vida, me deixem dizer) evaporou-se de tudo—agora logo que brilho na escuridão—ainda sou mais rápida que a maioria das pessoas. Arrojei-me e rodei contra as pernas do homem, o que fez que se cambaleasse, e fez mais fácil que Bubba pudesse agarrá-lo e lhe rasgar sua garganta.

Levante-me e Sam se precipitou fora de seu escritório. Contemplamo-nos o um ao outro, a Bubba, e o morto.

Bem, agora estávamos realmente em uma boa confusão.

-Cerzi-o retebien, -disse Bubba orgulhosamente. -Salvei-a, senhorita Sookie.

Ter ao Homem do Memphis aparecendo-se em seu bar, dar-se conta que ele se converteu em um vampiro, e vê-lo matar a um atacante—pois, era muito para absorver em um par de minutos, inclusive para o Sam, embora ele mesmo fora mais do que aparentava.

-Bem, então você o tem, -disse Sam a Bubba com uma voz tranqüila. -Sabe você quem era?

Nunca tinha visto um homem morto—fora da vista nos enterros—até que comecei a sair com o Bill (quem certamente está tecnicamente morto, mas me refiro às pessoas humana morta).

Parece que agora me os encontro muito freqüentemente. Felizmente não sou remilgosa.

Este morto em particular andaria em seus anos quarenta, e cada ano destes foi duro. Tinha tatuagens por toda parte nos braços, a maioria da má cáldad que alguém encontra no cárcere, e lhe faltavam alguns dentes importantes. Ia vestido no que pensei seria a roupa de um motorista: jeans gordurentos, um colete de couro com uma obscena camiseta debaixo.

-O que há no dorso do colete? -Sam perguntou, como se isto fora importante para ele.

Bubba amavelmente se agachou e fez rodar ao homem a seu lado. A maneira em que a mão do homem caiu ao final de seu braço me fez sentir bastante delicada. Mas me obriguei a olhar o colete. As costas estava decorada com a insígnia dianteira de um lobo. O lobo estava de perfil, e parecia uivar. A cabeça se destacava contra um círculo branco, que decidi, supunha-se seria a lua. Sam pareceu mais preocupado quando viu a insígnia.

-Homem-lobo, -ele disse sucintamente. Isto explicou muito.

O tempo era muito frio para que um homem tivesse posto só um colete, se ele não era um vampiro. Os *lobatos* têm uma temperatura um pouco mais alta que a gente normal, mas a maioria deles procuram levar postos casacos no tempo de frio, já que a sociedade dos lobatos é ainda secreta à raça humana (exceto para mim afortunada, muito afortunado pessoa, e provavelmente umas centenas mais). Perguntei-me se o morto teria deixado seu casaco pendurado sobre os ganchos da entrada principal no bar; em cujo caso, ele tinha estado de volta aqui escondendo-se nos serviços de cavalheiros, me esperando a que aparecesse. Ou talvez ele tinha atravessado a porta de atrás diretamente depois de mim. Talvez seu casaco estava em seu veículo.

-Você o viu entrar? -Perguntei a Bubba. Vale, possivelmente estava somente um pouco enjoada.

-Sim, senhora. Deve haver estado esperando-a no estacionamento grande. Ele conduziu à volta da esquina, saiu de seu automóvel, e entrou pela parte traseira somente um minuto depois de que você o fez. Você entrou apitando pela porta, e logo ele entrou. E eu o segui. Foi suertuda que me tinha com você.

-Obrigado, Bubba. Tem razão; tenho sorte de te ter. Pergunto-me o que planejava fazer comigo.

Senti-me com frio por toda parte quando pensei nisso. Tinha estado procurando somente a uma mulher solitária para apanhar, ou expressamente planejou me agarrar? Então me dava conta que era um pensamento tolo. Se Eric esteve o bastante alarmado para me enviar a um guarda-costas, devia saber que existia uma ameaça, que mais ou menos excluía ser selecionada ao azar. Sem nenhum comentário, Bubba se dirigiu a pernadas para fora da porta de atrás. Ele voltou em um minuto.

-Ele tinha um pouco de cinta isolante e mordças sobre o assento dianteiro de seu automóvel, -disse Bubba. -Onde estava seu casaco. Traga-o para pô-lo sob sua cabeça.

Ele se dobrou para arrumar a jaqueta de camuflagem pesadamente acolchoada ao redor da cara e pescoço do morto. Lhe envolver a cabeça era uma idéia realmente boa, já que o homem estava escorrendo um poquito. Quando Bubba teve terminado sua tarefa, lambeu-se os dedos.

Sam pôs um braço ao redor meu porque tinha começado a tremer.

-Isto é estranho, entretanto... -dizia eu, quando a porta ao corredor do bar começou a abrir-se. Vislumbrei a cara do Kevin Pryor. Kevin é um tipo doce, mas é poli, e isto é a última coisa que necessitávamos.

-Lamentável, o serviço de atrás esta abafado e se esta saindo tudo, -pinjente, e empurrei a porta para fechá-la sobre sua estreita e surpreendida cara. -Ouçam, meninos, por que não sustento esta porta fechada enquanto vocês dois tomam a este tipo e o põem em seu automóvel? Depois podemos pensar o que fazer com ele.

O chão do corredor precisaria passar pano no chão-se. Não me tinha dado conta disto. Certifique-me que a porta do corredor estivesse realmente fechada.

Sam estava duvidoso.

-Sookie, não pensa que deveríamos chamar à polícia? -ele perguntou.

Faz um ano teria estado no telefone para marcar 911 antes de que o cadáver sequer golpeasse o chão. Mas aquele ano tinha sido uma curva de comprimento aprendizagem. Olhe fazia Sam e inclinei minha cabeça para a Bubba.

-Como pensa que ele dirigiria o cárcere? -Murmurei. Bubba cantarolava a linha de abertura "Natal Azul".-Nossas mãos são apenas o bastante fortes para ter feito isto, -indiquei.

depois de um momento de indecisão, Sam assentiu, resignado ao inevitável.

-Bem, Bubba, entre você e eu movemos a este tipo que se acaba de carregar ao automóvel que esta fora.

Corri para conseguir uma faxineira enquanto os homens—bom, o vampiro e o adaptoformas—levavam a Moço Motorista para fora pela porta de atrás. Quando Sam e Bubba voltaram, trazendo uma rajada de ar frio em sua esteira, já tinha esfregado o corredor e o quarto de banho dos homens (como se realmente ali tivesse existido um transbordamento). Orvalhei um pouco de ambientador no corredor para melhorar o entorno.

Foi uma coisa boa que tivéssemos atuado tão rapidamente, porque logo que tirei a chave, Kevin empurrou para abrir a porta.

-Tudo bem por aqui atrás? -ele perguntou.

Kevin é um dono de hospedaria, por isso não tem quase nada de graxa em seu corpo, e não é um tipo grande. Ele se vê tão amável como uma ovelha, e ainda vive com sua mãe. Mas não por isso, ele é o parvo de ninguém. No passado, sempre que tinha escutado seus pensamentos, eram sobre o trabalho policial, ou a negra amazona que era sua companheira, Kenya Jones. Agora mesmo, seus pensamentos estavam infestados de suspeitas.

-Acredito que conseguimos arrumá-lo, -disse Sam. -Note com seus pés, acabamos de passar pano no chão. Não te vás escorregar e me demande! -Ele sorriu ao Kevin.

-Há alguém em seu escritório? -Kevin perguntou, indicando com sua cabeça para a porta fechada.

-Um dos amigos do Sookie, -disse Sam.

-Melhor vou daqui e sirvo algumas bebidas, -pinjente muito alegre, sonriéndoles radiantemente.

Alcansei minha rabo-de-cavalo para controlar que estivesse Lisa, e logo fiz a meus *Reeboks* mover-se. O bar estava quase vazio, e a mulher que eu substituiria (Charlsie Tooten) pareceu aliviada.

-É uma noite lenta, -resmungou. -Os tipos na mesa seis estiveram esquentando aquela jarra durante uma hora, e Jane Bodehouse tratou que levantar-se cada homem que entrou. Kevin esteve escrevendo algo em um caderno toda a noite.

Joguei uma olhada ao único cliente feminino do bar, tratando de guardar a aversão de minha cara. Cada estabelecimento de bebida tem sua parte de clientes alcoólicos, a gente que abre e fecha o lugar. Jane Bodehouse era uma nossa. Normalmente, Jane bebia sozinha em sua casa, mas cada duas semanas e algo, lhe tinha metido em sua cabeça entrar e recolher a um homem. O processo de levantamento ficava cada vez mais incerto, já que não só Jane estava em seus cincuentas, se não que a carência de sonho regular e nutrição apropriada se cobrou pedágio durante os passados dez anos.

Esta noite em particular, notei que quando Jane se aplicou sua maquiagem, tinha omitido delineá-las sobrancelhas e os lábios. O resultado era bastante deprimente. Teríamos que chamar a seu filho para que viesse a recolhê-la. Com uma só olhada sabia que ela não poderia conduzir.

Cabeceei ao Charlsie, e gesticulei em direção do Arlene, a outra garçonete, que estava sentada em uma mesa com sua última conquista, Buck Foley. As coisas estavam realmente mortas se Arlene estava sentada. Arlene agitou fazia atrás seu cacho de cachos vermelhos.

-Como estão os meninos? -Chamei, começando a guardar em seu sítio alguns copos que Charlsie tinha tirado do lava-vajillas. Senti que atuava de verdade normal até que note que minhas mãos tremiam violentamente.

-Vai muito bem. Coby fez o discurso de honra e Lisa ganhou uma abelha por que sabe escrever corretamente, -disse ela com um largo sorriso.

Qualquer que acreditasse que uma mulher casada quatro vezes não podia ser uma boa mãe, eu mostraria ao Arlene. Dediquei ao Buck um rápido sorriso, também, em honra do Arlene. Buck é como a classe médio de entrevistas do Arlene, ou seja, que não são bastante bons para ela.

-Isso é grandioso! Eles são meninos preparados, como sua mãe, -pinjente.

-Né! encontrou-te aquele tipo?

-Qual tipo? -Embora tinha o pressentimento que já sabia.

-Aquele tipo da motocicleta. Ele me perguntou se eu era a garçonete que saía com o Bill Compton, já que trazia uma entrega para aquela garçonete.

-Não sabia meu nome?

-Não, e é muito estranho, verdade? Ah, Meu deus, Sookie!, se ele não sabia seu nome, como podia ter vindo conversa do Bill?

Provavelmente o preparado do Coby lhe vinha através de seu papai, já que tomou ao Arlene tanto tempo entender isso. Amava ao Arlene por seu caráter, não por seu cérebro.

-De modo, o que lhe disse? -Perguntei, sonriéndole radiante. Era meu sorriso nervoso, não a verdadeira. Não sempre sei quando a levo posta.

-Disse-lhe que eu gostava de meus homens quentes e respirando, -ela disse, e riu. Arlene era de vez em quando falta de tato, também. Recordei a meu mesma reconsiderar por que era uma boa amiga. -Não, não disse realmente isto. Somente lhe disse que foi quão loira entrava nas nove.

Obrigado, Arlene. Então meu atacante soube como era eu porque meu melhor amiga me tinha identificado; ele não sabia meu nome ou onde vivia, solo que trabalhava no Merlotte's e saía com o Bill Compton. Isto me tranqüilizava um pouco, mas não muito.

Passadas três horas. Saiu Sam, disse-me em um sussurro que lhe tinha dado a Bubba uma revista para ler e uma garrafa de *Apoio de Vida* para beber a sorvos, e começou a passear-se dentro da barra.

-Como é que aquele tipo conduzia um automóvel em vez de uma motocicleta? -Sam murmuro em voz baixa. -Como é que seu automóvel tem uma matrícula do Misisipi?

Ele se calou quando Kevin passou para comprovar se íamos chamar ao filho do Jane, Marvin. Sam telefonou enquanto Kevin esteve de pé ali, assim poderia lhe tirar a promessa ao filho de estar no Merlotte's em vinte minutos. Kevin partiu depois disto, com seu caderno metido sob o braço. Perguntei-me se Kevin se converteria em um poeta, ou estaria escrevendo seu currículum vitae.

Os quatro homens que tinham estado tratando de ignorar ao Jane e bebendo a sorvos sua jarra à velocidade de uma tartaruga terminaram sua cerveja e se foram, cada um sotaque cair um dólar sobre a mesa como gorjeta. Que generosos. Com clientes como estes nunca conseguiria reparar meu meio-fio com cascalho novo.

Com apenas meia hora para esperar, Arlene fez suas tarefas de fechamento e me perguntou se ela poderia partir com o Buck. Seus meninos estavam ainda com sua mamãe, assim ela e Buck poderiam ter o reboque para eles um ratito.

-Bill vem a casa logo? -ela me perguntou quando ficou seu casaco. Buck falava de futebol com o Sam.

Encolhi-me de ombros. Ele me chamou três noites antes, me dizendo que tinha chegado a «*Seattle*» bem e se encontrava com—quem quer que se supunha, ia se encontrar. O identificador de chamadas tinha mostrado “Não disponível”. Senti que o mesmo podia dizer-se sobre a situação inteira. Parecia que era um signo mau.

-Você...o estas perdendo? -Sua voz era artilosa.

-Você o que crie? -Perguntei, com uma sorrisita triste. -Vete a casa, passe-lhe isso bem.

-Buck está muito bem para isso, -disse ela, quase olhando-o com lascívia.

-Que sorte.

Assim Jane Bodehouse era o único cliente no Merlotte's quando Pam chegou. Jane logo que contava; ela estava afogada de bêbada.

Pam é uma vampira, e a codueño da Fangtasia, um bar turístico no Shreveport. Ela é o segundo do Eric em hierarquia. Pam é loira, provavelmente duzentos anos ou mais, e realmente tem senso de humor—não uma marca distintiva dos vampiros. Se um vampiro pode ser um amigo, ela era o mas próxima a isto.

Ela se sentou sobre um tamborete da barra e me encaro sobre a brilhante extensão de madeira.

Isto era sinistro. Nunca tinha visto o Pam em nenhuma parte, fora da Fangtasia.

-O que acontece? -Disse a maneira de saudação. Sorri-lhe, mas estava tensa por toda parte.

-Onde está Bubba? -ela perguntou, sua voz precisa. Ela Miro sobre meu ombro. -Eric estará zangado se Bubba não está aqui. -Pela primeira vez, notei que Pam tinha um acento débil, mas não pude identificá-lo. Talvez eram somente as inflexões do inglês antigo.

-esta Bubba na parte traseira, no escritório do Sam, -pinjente, me concentrando em sua cara.

Desejei que a tocha se elevasse e caísse. Sam veio para estar de pé a meu lado, e os presente. Pam lhe deu uma saudação mais significativa do que lhe teria dado a um simples humano (a quem ela podia não ter reconhecido absolutamente), já que Sam era um adaptoformas. Esperei ver uma piscada de interesse, já que Pam é onívora quanto ao sexo, e Sam é um atrativo ser sobrenatural. Embora os vampiros não sejam reconhecidos por suas expressões faciais, decidi que Pam era definitivamente infeliz.

-Qual é o problema? -Perguntei, depois de um momento de silêncio.

Pam me olhou. Ambas somos loiras, ambas de olhos azuis, mas é como dizer que dois animais são ambos os cães. Isto é pelo que a qualquer parecido se refere. O cabelo do Pam é murcho e pálido, e seus olhos são muito escuros. Agora se encontravam inquietos. Ela viu o Sam, fixamente de maneira significativa. Sem uma palavra, ele se aproximou para ajudar ao filho do Jane, um acabamento homem que se olhe em seus anos trinta, a subir ao Jane ao automóvel.

-Bill está extraviado, -disse Pam, disparando a conversação.

-Não, ele não o está. Ele está em *Seattle*, -pinjente. Voluntariamente obtusa. Tinha aprendido esta palavra em meu calendário de palavra do Dia justo esta manhã, e me haja aqui... consegui usá-la.

-Ele te mentiu.

Absorvi isto, fiz um gesto de “contínua” com minha mão.

-Ele esteve no Misisipí todo este tempo. Ele conduziu fazia *Jackson*.

Olhe fixamente a madeira da barra pesadamente coberta por poliuretano. Tinha calculado mais ou menos que Bill me tinha mentido, mas ouvi-lo em voz alta, francamente, doía muitíssimo. Ele me mentiu, e estava perdido.

-Assim...o que vão fazer para encontrá-lo? -Perguntei, e odiei quão instável soava minha voz.

-Estamos vendo. Fazemos tudo o que podemos, -disse Pam. -Quem quer que o apanhou também pode estar detrás de ti. Por isso Eric enviou a Bubba.

Não podia responder. Lutava por me controlar.

Sam havia tornado, suponho quando ele viu quão transtornada estava. Aproximadamente a uma polegada detrás de minhas costas, ele disse:

-Alguém tratou de capturar ao Sookie caminho ao trabalho esta noite. Bubba a salvou. O corpo esta fora atrás do bar. íamos mover o depois de que tivéssemos fechado.

-Tão rápido, -disse Pam.

Ela soou ainda mais infeliz. Jogou uma olhada ao Sam, e lhe deu uma curta cabeceada. Ele era um ser sobrenatural do mesmo tipo, embora fora definitivamente segundo melhor por não ser outro vampiro.

-Deveria revisar o automóvel e ver o que posso encontrar.

Ao Pam tomou bastante nos conceder que eliminássemos o corpo nós mesmos em lugar de fazer algo menos oficial. Os vampiros têm problema para aceitar que as autoridades apliquem a lei e com sua obrigação de cidadãos de notificar à polícia quando o problema se apresenta. Embora os vampiros não podem pertencer às forças armadas, eles podem fazer-se polis, e realmente desfrutam de um montão o trabalho. Mas os vampiros polis são freqüentemente emparelha para os outros não-mortos.

Prefiro pensar com muito nos vampiros polis que no que Pam acabava de me dizer.

-Quando desapareceu Bill? -Sam perguntou. Sua voz conseguiu ficar em um mesmo nível, mas havia cólera sob a superfície.

-Estava previsto que ele chegasse a noite passada, -disse Pam. Levante bruscamente minha cabeça. Eu não sabia isto. por que não me havia dito Bill que ele vinha a casa? -Ele ia conduzir ao Bon Temps, telefonou a Fangtasia para nos avisar que retornava a casa, e se encontraria conosco esta noite. -Isto era um balbuceio virtualmente, para um vampiro.

Pam pressionou uns números sobre seu telefone celular; pude ouvir uns poucos assobios. Escutei sua subsequente conversação com o Eric. depois de transmitir os fatos, Pam lhe disse:

-Está sentada aqui. Não fala.

Ela pôs o telefone em minha mão. Automaticamente o pressionei em meu ouvido.

-Sookie, ouve-me? -Sabia que Eric poderia ouvir o som de meu cabelo que se movia sobre o receptor, o sussurro de meu fôlego.

-Posso dizer que é você, -disse ele. -Escuta e me obedeça. No momento, não diga a ninguém o que passou. Atua tal qual como se tudo fora normal. Vive sua vida como sempre o faz. Um de nós te olhará todo o tempo, se te der conta ou não. Inclusive no dia, encontraremos algum modo de te vigiar. Vingaremos ao Bill, e lhe protegeremos.

Vingar ao Bill? Então Eric estava seguro que Bill estava morto. Bom, inexistente.

-Não sabia que ele, como se supunha, viria ontem à noite, -pinjente, como se este fora o fato mais importante que tinha aprendido.

-Ele trazia... más notícias que ia dizer te, -disse Pam de repente.

Eric a ouviu por acaso e fez um som aborrecido.

-lhe diga ao Pam que se calei!-, disse ele, soando abertamente furioso pela primeira vez desde que eu o conhecia. Não vi nenhuma necessidade de transmitir a mensagem, porque calculei que Pam também foi capaz de ouvi-lo. A maior parte dos vampiros têm a audição muito aguda.

-Então seu sabia estas notícias más e seu sabia que ele voltava, -pinjente.

Não só Bill faltava e possivelmente estava morto—permanentemente—se não que ele me mentiu sobre onde ia e por que, e tinha guardado algum segredo importante de mim, algo que me concernia. A dor foi tão profundo, que nem sequer podia sentir a ferida. Mas sabia que a sentiria mais tarde.

Devolvi o telefone ao Pam, dava meia volta e abandone o bar.

Vacilei quando entrava em meu automóvel. Deveria ficar no Merlotte's para ajudar a eliminar o corpo. Sam não era um vampiro, e ele estava comprometido nisto por mim. Isto não era justo para ele.

Mas depois de uma vacilação de um segundo, fui. Bubba poderia lhe ajudar, e Pam—Pam, quem sabia tudo, enquanto eu sabia nada.

Em efeito, vislumbrei uma cara branca nos bosques quando cheguei a casa. Quase chamei o vampiro observador, para convidá-lo a sentar-se ao menos sobre o sofá durante a noite. Mas logo pensei; *Não*. Tinha que estar sozinha por mim mesma. Nenhum destes caminhos eram meus. Não tinha nenhuma ação que tomar. Tive que permanecer passiva e ignorante apesar de que não fora o que desejasse.

Estava tão ferida e tão zangada como era possível para mim está-lo. Ou, ao menos, pensei que o estava. As revelações subseqüentes me demonstrariam que me equivocava.

Pisei muito forte dentro de minha casa e fechei a porta detrás de mim. Uma fechadura não deteria um vampiro, certamente, mas a carência de um convite para entrar poderia. Definitivamente o vampiro não deixaria passar a nenhum humano, ao menos até o alvorecer.

Pu-me minha velha camisola de nylon azul com manga larga, e me sentei em minha mesa da cozinha olhando fixamente sem expressão minhas mãos. Perguntei-me onde estaria Bill agora. Seguiria andando sobre a terra; ou seria um montão de cinzas em algum fossa para andaime? Pensei em seu grosso cabelo marrom escuro, a sensação deles sob meus dedos. Considerei o segredo de seu planejado retorno. depois do que me pareceu um minuto ou dois, joguei uma olhada ao relógio sobre a estufa. Tinha estado sentada na mesa, olhando fixamente no espaço, durante mais de uma hora.

Deveria me deitar. Era tarde, e fazia frio, dormir seria a coisa normal para fazer. Mas nada em meu futuro seria normal outra vez. OH, esperem! Se Bill se foi, meu futuro *seria* normal.

Nenhum Bill. Deste modo, nenhum vampiro: nenhum Eric, Pam, ou Bubba.

Nenhuma criatura sobrenatural: nenhum lobato, adaptoforma, ou ménade. Tampouco me teria encontrado isso, se não tivesse sido por minha relação com o Bill. Se ele nunca tivesse entrado no Merlotte's, eu seguiria servindo mesas, escutando os pensamentos não desejados daqueles a mim ao redor: as pequenas mesquinhas, a luxúria, a desilusão, as esperanças, e as fantasias. A louca Sookie, a telépata do povo do Bon Temps, Luisiana.

Tinha sido virgem até o Bill. Agora o único sexo que poderia ter possivelmente seria com o JB du Rone, quem era tão formoso que um quase poderia passar por cima o fato que era parvo como um toco. Ele tinha tão poucos pensamentos que sua companhia era quase cômoda para mim. Poderia até tocar ao JB sem receber imagens desagradáveis. Mas, *Bill*... descobri que minha mão direita estava apertada em um punho, e o esmurrei sobre a mesa com tanta força, que isto doeu muitíssimo.

Bill me havia dito que se algo lhe passava, devia "ir com o Eric". Nunca estive segura se ele se referia que Eric procuraria que eu recebesse alguma herança financeira do Bill, ou que Eric me protegeria de outros vampiros, ou que eu seria do Eric a... bem, que teria que sustentar a mesma relação com o Eric que tinha com o Bill. Havia- dito ao Bill que não ia ser passada ao redor como se fora um bolo de frutos Natalino.

Mas Eric tinha vindo a mim, assim nem sequer tinha a possibilidade de decidir se seguir ou não o último conselho do Bill.

Perdi o rastro de meu pensamento. De todos os modos não tinha sido claro.

Ah, Bill, onde está? Sepultei minha cara em minhas mãos.

Minha cabeça palpitava pelo esgotamento, e até minha acolhedora cozinha estava fria a esta hora. Pare-me para ir me deitar, embora sabia que não dormiria. Necessitava ao Bill com tal intensidade que minhas tripas se apertaram e me fez me perguntar se seria de algum jeito anormal, se teria sido enfeitiçada com um pouco de poder sobrenatural.

Embora minha capacidade telepática me proporcionasse imunidade ao encanto dos vampiros, talvez era vulnerável a outro poder? Ou, talvez, simplesmente sentia falta de ao único homem que tinha amado alguma vez. Senti-me estripada, vazia, e enganada. Senti-me pior que quando minha avó morreu, pior que quando meus pais se afogaram. Quando meus pais morreram, eu era muito jóven, e talvez não o entendi de tudo, de repente, ambos se tinham ido permanentemente. Era difícil recordá-lo agora. Quando minha avó tinha morrido faz uns meses, consolei-me no ritual circundante à morte no Sul.

E eu sabia que eles não me abandonaram de bom grau.

Encontrei-me de pé na entrada de cozinha. Apaguei a luz do teto.

Uma vez que estive envolta dentro da cama na escuridão, comecei a chorar, e não parei por um comprido, comprido tempo. Esta não era uma noite para contar bênçãos. Esta era uma noite onde cada perda que sofri alguma vez pressionava com força sobre mim. Parecia realmente que tinha tido mais má sorte que a maior parte das pessoas. Embora fiz uma simbólica tentativa de parar o dilúvio de lástima por meu mesma, não tive muito êxito. Estava mais ou menos entrelaçado com a miséria de não saber o destino do Bill.

Quis que Bill se enroscasse contra minhas costas; quis seus lábios frescos sobre meu pescoço. Quis suas mãos brancas percorrendo meu estômago. Quis me dirigir a ele. Quis que ele se riera de minhas suspeitas terríveis. Quis lhe dizer sobre meu dia; sobre o problema estúpido que tinha com a companhia de gás, e os novos canais que nossa companhia de cabo tinha acrescentado. Quis lhe recordar que necessitava uma nova arandela sobre o lavamanos em seu quarto de banho, lhe deixar saber que depois de todo meu irmão, Jason, averiguou que ele não ia ser pai (o que estava bem, já que de todas maneiras ele não era marido).

A parte mais doce de ter um casal é a de compartilhar sua vida com alguém mais.

Mas minha vida, evidentemente, não era o bastante boa para compartilhá-la.

Capítulo 3

Quando o sol chegou, tinha tido meia hora de sonho. Comecei a me levantar para me fazer um pouco de café, mas esse não parecia ser suficiente motivo. Assim simplesmente fiquei

na cama. O telefone soou durante a manhã, mas não o respondi. O timbre soou, mas não o atendi.

Em algum ponto durante o meio da tarde, dava-me conta que havia uma coisa que tinha o que fazer, a tarefa em que Bill tinha insistido se ele estivesse atrasado. Esta situação encaixava exatamente no que ele me havia dito.

Agora durmo no dormitório maior que anteriormente era de minha avó. Cambaleei-me através do corredor rumo a meu antigo quarto. Um par de meses antes, Bill tirou o chão de meu velho armário e lhe fez uma porta secreta. Ele tinha estabelecido um hoyito secreto para ele no espaço da parte subterrânea sob a casa. Fazia um bom trabalho.

Assegurei-me que não podia ser vista da janela antes de abrir a porta do armário. O chão do armário estava nu exceto pelo tapete, que era uma extensão atalho para encaixar no quarto. Depois de que retirei a tampa que cobria o chão do armário, deslizei uma navalha ao redor do chão e finalmente o abri. Olhei a caixa negra debaixo. Estava enche: o computador do Bill, uma caixa de discos, até seu monitor e impressora.

Assim Bill tinha previsto que isto poderia passar, e escondeu seu trabalho antes de partir. Tinha tido um pouco de fé em mim, não importa quão desleal poderia ter sido ele. Assenti, e fiz rodar o tapete de novo a seu lugar, encaixando-a com cuidado nas esquinas. Sobre o chão do armário pus caixas com coisas passadas de moda—que continham sapatos do verão, uma bolsa de praia cheio de toalhas grandes para tomar o sol e um de meus muitos tubos bronzadores, junto com minha cadeira dobradiça que uso para me bronzear. Coloquei um enorme guarda-chuva atrás na esquina, e decidi que o armário parecia bastante realista. Meus vestidos veraniegos penduravam da barra, junto com alguns penhoares muito ligeiras e camisolas de noite. Minha labareda de energia se esfumou quando me dava conta que tinha terminado o último serviço que Bill me pediu, e não tinha nenhuma maneira de lhe avisar que tinha seguido seus desejos.

Uma metade de mim (pateticamente) queria lhe avisar que mantinha a Fé; a outra metade de mim queria entrar em quarto de ferramentas e afiar algumas estaca.

Muito conflito para poder formar qualquer curso de ação, engatinhe lentamente de retorno a minha cama da qual acaba de me levantar. Abandonando toda uma vida de fazer o melhor, ser forte, alegre e prática, voltei a me derrubar em minha pena e meu sentido lhe esmaguem de traição.

Quando despertei, estava escuro outra vez, e Bill estava na cama comigo. Ah, graças a Deus! O alívio me percorreu. Agora tudo estaria bem. Senti seu fresco corpo detrás de mim, e me dava a volta, meio dormida, para pôr meus braços ao redor dele. Ele subiu meu comprido camisola de nylon, e sua mão acariciou minha perna. Pus minha cabeça contra seu peito silencioso e o acariciei enquanto me esfregava contra ele. Seus braços se

apertaram ao redor de mim e se pressionou firmemente contra mim, suspirei com alegria, inserindo uma mão entre nós para desabotoar suas calças. Tudo voltava para a normalidade.

Exceto ele cheirava diferente.

Meus olhos se abriram imediatamente, e me empurrei para trás contra uns ombros duros como rocha. Soltei um diminuto chiado de horror.

-Sou eu, -disse uma voz familiar.

-Eric, o que faz aqui?

- Acurrucándome.

-Você filho de cadela! Pensei que foi Bill! Pensei que ele estava de volta!

-Sookie, necessita uma ducha.

-O que?

-Seu cabelo esta sujo, e seu fôlego poderia nocautear a um cavalo.

-Não me importa o que seu pensa, -pinjente rotundamente.

-vá lavar te.

-por que?

-Porque temos que falar, e estou seguro que não quer manter uma conversação muito larga na cama. Não que eu tenha alguma objeção de estar na cama contigo -ele se apertou contra mim para me demonstrar o pouco que ele se opunha, -mas eu desfrutaria mais disso se fosse com a Sookie higiênica que cheguei a conhecer.

Possivelmente nada do que ele poderia haver dito me teria posto fora da cama mais rápido que isso. A ducha quente se sentiu maravilhosa sobre meu corpo frio, e meu caráter tomou cuidado de esquentar meus interiores. Esta não era a primeira vez que Eric me tinha surpreso em minha própria casa. ia ter que rescindir seu convite para entrar. O que antes me tinha detido de dar este passo tão drástico—o que me detinha agora—era a idéia que se alguma vez necessitasse ajuda, e ele não podia entrar, poderia estar morta antes de que pudesse gritar, “Entra!”

Tinha entrado no quarto de banho levando meus jeans, roupa interior e um Natalino suéter vermelho-e-verde com uma rena sobre ele, que era o primeiro que estava no alto de minha gaveta. Uma só tem um mês para levar postas esta classe de coisas, assim saco o maior

partido possível delas. Usei um secador do cabelo sobre meu cabelo, lamentando que Bill não estivesse ali para penteá-lo por mim. Ele realmente desfrutava fazendo isto, e eu desfrutava deixando-o. Com aquela imagem mental, quase me quebrei outra vez, mas estive de pé com minha cabeça descansando contra a parede durante um comprido momento enquanto fazia provisão de coragem. Suspirei, gire ao espelho, e me espalme um pouco de maquiagem. Meu bronzeado não era grandioso na temporada fria; mas ainda tinha um brilho agradável, graças à cama bronzeadora no Aluguel de Vídeos do Bon Temps.

Sou uma pessoa do verão. Eu gosto do sol, os vestidos curtos, e o sentimento de ter muitas horas de luz para fazer o que for que alguém escolha. Inclusive ao Bill gostava dos aromas do verão; gostava quando podia cheirar o azeite bronzeador (ele me disse isso) e o sol em si mesmo sobre minha pele.

Mas a parte doce do inverno era que as noites eram muito mais largas—ao menos, eu tinha pensado isto quando Bill estava ao redor para compartilhar aquelas noites comigo. Lancei minha escova de cabelo através do quarto de banho. Fiz um ruído de satisfação quando este ricocheteou na tina.

-Bastardo! -Gritei a todo o alto de meus pulmões. Ouvir minha voz que dizia tal coisa em voz alta me acalmou como nada mais pôde fazê-lo.

Quando saí do quarto de banho, Eric estava completamente vestido. Levava posta uma camiseta de presente de uma das fábricas que subministrava a Fangtasia (“Este Sangue É Para Você”, lia-se) e jeans, fazia concienzudamente a cama.

-Podem entrar Pam e Chow? -ele perguntou.

Andei pela sala de estar fazia a porta de entrada e a abri. Os dois vampiros estavam sentados silenciosamente nos bancos do alpendre. Eles estavam no que supus seria seu tempo de “indisponibilidad imóvel”. Quando os vampiros não têm nada em particular o que fazer, eles ficam em branco; retiram-se dentro deles mesmos, sentando-se ou estando de pé completamente imóveis, com olhos abertos mas perdidos. Parece refrescá-los.

-Por favor, entrem, -pinjente.

Pam e Chow entraram devagar, olhando ao redor com interesse, como se eles estivessem em uma viagem de campo. Granja da Luisiana, de princípios do século vinte. A casa tinha pertencido a nossa família já que foi construída faz mais de centenas sessenta anos. Quando meu irmão, Jason, empreendeu o caminho sozinho, mudou-se à casa que meus pais construíram quando se casaram. Eu fiquei aqui, com o Abue, nesta casa tão trocada, tão renovada; e ela me tinha deixado isso por desejo próprio.

A sala de estar era toda a casa original. Outras adições, como a moderna cozinha e os quartos de banho, eram relativamente novas. O seguinte piso, que era muito mais pequeno

que a planta baixa, foi acrescentado a princípios do ano 1900 para acomodar uma geração de meninos que todos sobreviveram. Raramente ia lá estes dias. Acima era terrivelmente quente no verão, inclusive com os aparelhos de ar condicionado nas janelas.

Todo meu mobiliário é velho, falto de estilo, e cômodo—absolutamente convencional. A sala de estar tinha poltronas, cadeiras e uma televisão com uma grabadora de vídeos, logo a gente passava por um corredor que leva a meu dormitório grande com seu próprio banho a um lado, e um quarto de banho no corredor, meu antigo dormitório com um armário de brancos—casacos, savanas—sobretudo. Por aquele corredor, a gente chega à área da cozinha/comedor, que tinha sido acrescentada imediatamente depois das bodas de meus avós. depois da cozinha, na parte traseira havia um grande alpendre coberto, o qual acabava de proteger com tecido mosquiteira. O alpendre alojava um velho banco muito útil, a máquina de lavar roupa e a secadora, junto com um grupo de prateleiras.

Também havia um leque de teto em cada quarto e um mata-moscas, pendurado em um ponto discreto sobre uma diminuta unha. Abue não acendia o ar condicionado até que era absolutamente necessário.

Embora eles não se aventuraram acima, nenhum detalhe escapou ao Pam e Chow sobre a planta baixa.

Quando eles se sentaram na velha mesa de pinheiro onde os Stackhouses tinham comido durante gerações, senti-me que vivia em um museu que acabava de ser catalogado. Abri o refrigerador e saquei três garrafas do TrueBlood, esquentei-as no microondas, dava-lhes uma boa sacudida, e as deposei com força sobre a mesa diante de meus convidados.

Chow era ainda virtualmente um estranho para mim. Ele tinha trabalhando na Fangtasia só uns meses. Assumo que ele tinha comprado uma parte do bar, como o dono de cantina anterior. Chow tinha tatuagens assombrosas, da classe azul marinho asiática tão intrincados que se parecem com um jogo de roupa de fantasia. Eram tão diferentes das decorações de cárcere de meu atacante que era difícil acreditar que fossem a mesma forma de arte. Haviam-me dito que Chow tinha tatuagens do *Yakuza*, mas nunca tinha tido o nervo para lhe perguntar, sobre tudo já que não era exatamente meu assunto. Entretanto, se estas eram verdadeiras tatuagens *Yakuza*, Chow não era tão velho para um vampiro. Tinha procurado *Yakuza*, e tatuar era um desenvolvimento (relativamente) recente na história larga daquela organização criminal. Chow tinha o cabelo comprido e negro (nenhuma surpresa ali), e tinha tido notícias de muitas fontes que ele era um êxito tremendo na Fangtasia. A maior parte das noites, trabalhava sem camisa. Esta noite, como uma concessão ao frio, ele tinha posto um colete vermelho fechado com uma cremalheira.

Não podia menos que me perguntar se quando ele estava nu; seu corpo estaria decorado tão a fundo. Lamentava não poder lhe perguntar, mas certamente era inadmissível. Ele era a única pessoa de descendência asiática que eu conhecia, e não importa quanto saiba um que os indivíduos não representam a sua raça inteira, um espera ao menos que algumas

generalizações sejam válidas. Chow parecia ser muito ciumento de sua privacidade. Mas longe de ser silencioso e inescrutável, ele conversava com o Pam, embora em uma língua que não podia entender. E me sorriu de uma maneira desconcertante. Vale, talvez estava muito longe de ser inescrutável. Provavelmente me insultava até o inferno, e eu era muito parva para sabê-lo.

Pam estava vestida, como sempre, com a classe de roupa anônima da classe média. Esta noite eram um par de calças brancas tecidas de inverno e um suéter azul. Seu cabelo loiro brilhava, liso e solto, caindo sobre suas costas. Ela se parecia com a Alicia no País das Maravilhas com presas.

-averiguaram algo mais sobre o Bill? -Perguntei, quando todos tinham tomado um gole de suas bebidas.

Eric disse:

-um pouco.

Dobrei minhas mãos em meu regaço e esperei.

-Sei que Bill foi seqüestrado, -ele disse, e o quarto giro ao redor de minha cabeça durante um segundo. Suspirei para fazê-lo parar-se.

-Quem por? -A gramática era a menor de minhas preocupações.

-Não estamos seguros, -Chow me disse. -As testemunhas não estão de acordo. -Seu inglês foi acentuado, mas muito claro.

-me deixem com eles, -pinjente. -Se eles são humano, averiguarei-o.

-Se eles estivessem sob nosso domínio, essa seria a coisa lógica de fazer, -disse Eric agradavelmente. -Mas, infelizmente, eles não o estão.

Domínio, sim claro.

-Por favor, me explique. -Estava segura que mostrava uma paciência extraordinária dadas as circunstâncias.

-Estes humanos lhe devem lealdade ao rei do Misisipi.

Sabia que minha boca caía aberta, mas parecia que não podia detê-la.

-me perdoe, -pinjente, depois de um comprido momento, -mas poderia ter jurado que disse...o rei? Do Misisipi?

Eric assentiu sem rastro de sorriso.

Olhei abaixo, tratando de manter minha cara quieta. Inclusive dadas as circunstâncias, era impossível. Podia sentir como minha boca se movia nervosamente.

-Sério? -Perguntei inutilmente.

Não sei por que me pareceu até mas divertido que Misisipí tivesse um rei—depois de tudo, Luisiana tinha uma rainha—mas foi. Recordei-me mesma, que se supunha, não sabia nada sobre a rainha. Atenção, disse-me.

Os vampiros se viram o um ao outro. Eles assentiram ao unísono.

-Você é o rei da Luisiana? -Perguntei ao Eric, diretamente enjoada por todo o esforço mental de seguir absorvendo histórias. Ria-me com tanta força que tudo o que podia fazer era tratar de me manter direita na cadeira. Possivelmente havia uma nota de histeria em minha risada.

-Ah, não, -disse ele. -Sou o xerife de Área 5.

Isto realmente me fez estalar. Tinha até lágrimas correndo por minha cara, e Chow parecia molesto. Levantei-me, fiz-me um pouco de chocolate suíço em uma taça e o pus no microondas, movi-o com uma colher tentando me esfriar. Comecei-me a acalmar quando dediquei a esta pequena tarefa, estava quase reposta quando voltei para a mesa.

-Vocês nunca antes me disseram tudo isto, -pinjente, a modo de explicação. -Todos vocês dividiram a América em reino, é correto?

Pam e Chow viram o Eric com um pouco de surpresa, mas ele não os tomo em conta.

-Sim, -ele disse simplesmente. -Assim foi desde que os vampiros vieram a América. Certamente, através dos anos o sistema trocou com a população. Durante os primeiros duzentos anos havia muitíssimo menos vampiros na América, porque a viagem final era muito perigosa. Era difícil calcular a longitude da viagem por mar com o fornecimento de sangue disponível. -Que teria sido o crucial, certamente.-E a Compra da Luisiana fez uma grande diferença.

Bom, certamente *o fez*. Sufoquei outro assalto de risadas tolas.

-E os reino estão divididos em...?

-Áreas. Estavam acostumados a ser chamado feudos, até que decidimos que era muito antiquado. Um xerife controla cada área. Como seu sabe, vivemos na Área 5 do reino da Luisiana. Stan, ao que visitou em Dallas, é o xerife da Área 6 no reino... do Texas.

Imaginei ao Eric como o *Xerife do Nottingham*, e quando isto tinha perdido a piada, como *Wyatt Earp*. Estava definitivamente sendo frívola. Realmente me sentia bastante mal fisicamente. Disse-me mesma embalar longe minha reação a esta informação, e me concentrar no problema imediato.

-De modo, que Bill foi seqüestrado em plena luz do dia, capto-o?

Múltiplos cabeçadas ao redor.

-Este seqüestro foi testemunhado por alguns humanos que vivem no reino do Misisipi. – Simplesmente gozava dizendo isto. -E eles estão sob o controle de um rei vampiro?

-Russell Edgington. Sim, eles vivem em seu reino, mas alguns deles me darão a informação. Por um preço.

-Este rei não te deixará lhes perguntar?

-Ainda não lhe perguntamos. Poderia ser que Bill foi tomado sob suas ordens.

Isto levantou uma nova colheita de perguntas, mas me disse ficar enfocada.

-Como posso me pôr com eles? Assumindo que dita que quero fazê-lo.

-pensamos em um modo para que possa ser capaz de juntar a informação dos humanos na área onde Bill desapareceu, -disse Eric. -Não somente suborne às pessoas para me dizer o que passo ali, se não a todos os humanos que se associam com o Russell. Foi arriscado. Tive que lhes dizer o que tenho, para fazê-lo funcionar. E seu pode estar pouco disposto. Alguém já tratou de te conseguir uma vez. Pelo visto, quem quer que tem ao Bill não deve ter muita informação sobre ti, ainda. Mas logo, Bill falará. Se seu estiver ao redor quando ele rompa, eles lhe terão.

-Eles não me necessitam realmente, -indiquei. -Se ele já estiver quebrado.

-Isso não necessariamente é certo, -disse Pam. Eles fizeram mais desta costure de intercambio-miradas-enigmáticas.

-me dêem a história completa, -pinjente. Notei que Chow tinha terminado seu sangue, pume de pé para lhe trazer mas.

-A gente do Russell Edgington nos disse que, Betty Jo Pickard, a segundo em hierarquia depois do Edgington, supunha-se começava um vôo a São Luis ontem. Os humanos responsável por tomar seu ataúde no aeroporto tomaram o ataúde idêntico do Bill por equívoco. Quando entregaram o ataúde ao hangar que *Anubis Airlines* arrenda, eles o deixaram sem vigiar durante, possivelmente, dez minutos enquanto preenchiam os papéis. Durante aquele tempo—conforme dizem—alguém empurro o ataúde, que estava sobre uma espécie de maca, fazia a parte traseira do hangar, carregou-o em um caminhão, e se foi.

-Alguém que poderia penetrar a segurança do Anubis, -pinjente, a dúvida pesava em minha voz.

Anubis Airlines tinham sido estabelecida para transportar vampiros de maneira segura tão de dia como de noite, e sua garantia da maquinaria de segurança para vigiar os ataúdes dos vampiros adormecidos era seu cartão de apresentação. Certamente, os vampiros não têm que dormir em ataúdes, mas é muito mais fácil embarcar os desta maneira. Houve “acidentes desafortunados” quando os vampiros tinham tratado de voar por *Delta*. Algum fanático tinha entrado na área da bagagem e cortaram um par de ataúdes com uma tocha. O Noroeste sofreu o mesmo problema. A economia de dinheiro de repente não lhes pareceu tão atrativo aos não-mortos, que agora voavam pelo Anubis quase exclusivamente.

-Acredito que alguém da gente do Edgington poderia haver-se misturado, alguém que fez pensar aos empregados do Anubis que eram do Edgington, e a gente do Edgington que pertenciam ao Anubis. Ele poderia haver-se levado ao Bill fora quando a gente do Edgington se foi, e os guardas não se dariam conta.

-A gente do Anubis não pediria ver papéis? A respeito de um ataúde que parte?

-Eles dizem que viram realmente papéis, Betty Jo Pickard. Ela ia caminho ao Missouri para negociar um tratado comercial com os vampiros de São Luis.

Tive um momento em branco me perguntando o que os vampiros do Misisipi poderiam comercializar com os vampiros do Missouri, e logo decidi que melhor não queria sabê-lo.

-Houve também uma confusão suplementar nesse momento, -disse Pam. -Um fogo que começou sob a cauda de outro avião *Anubis*, os guardas foram distraídos.

-Ah, uma casualidade com *intenção*.

-Eu penso assim, -Chow disse.

-Então, por que alguém quereria ter ao Bill? -Perguntei. Temi que já sabia. Só esperava que me provessem com algo mais. Graças a Deus, Bill me tinha preparado para este momento.

-Bill esteve trabalhando em um pequeno projeto especial, -disse Eric, seus olhos fixos em minha cara. -Sabe algo a respeito disto?

mais do que quisesse. menos do que deveria.

-Qual projeto? -Pinjente. passei minha vida inteira ocultando meus pensamentos, e fiz uso de toda minha habilidade agora. Aquela vida dependia de minha sinceridade.

O olhar penetrante do Eric vacilou fazia Pam, e Chow. Ambos deram alguma sinal infinitesimal. Ele se concentrou em mim outra vez, e disse;

-Isso é um pouco difícil de acreditar, Sookie.

-Como é isso? -Perguntei, com cólera em minha voz. Quando existe dúvida, ataca. -Desde quando qualquer de vocês expõe suas tripas emocionais a um humano? E Bill é definitivamente um de vocês. -Infundi a isto tanta raiva como pude reunir.

Outra vez eles fizeram aquela coisa de piscada de olhos o um ao outro.

-Você pensa que vamos acreditar que Bill não te disse nada a respeito do que trabalhava?

-Sim, acredito. Por que ele não o fez. -De todas maneiras, já tinha adivinhado tudo por meu mesma, mais ou menos.

-Aqui está o que vou fazer, -disse Eric finalmente. Ele me viu através da mesa, seus olhos azuis eram tão duros como mármore e igual de quentes. Não mais Sr. Vampiro Lindo. - Não posso saber se memore ou não, o que é notável. Por seu bem, espero que esteja dizendo a verdade. Poderia te torturar até que me dissesse a verdade, ou até que estivesse seguro que me esteve dizendo a verdade desde o começo.

Ai, irmão. Suspirei, inspire, e trate de pensar em uma reza apropriada. *Deus, não me deixe gritar muito forte* parecia muito débil e negativo. Além disso, não havia ninguém para me ouvir além dos vampiros, assim não importava que tão alto chiasse. Quando o momento chegasse, poderia desgañitarme gritando.

-Mas, -Eric continuou pensativamente, -isso poderia te danificar muito para a outra parte de meu plano. E, realmente, não faz tanta diferença se seu souber o que Bill esteve fazendo a nossas costas, ou não.

A suas costas? OH, *mierda*. Já sabia a quem culpar pelo predicamento tão duro no que estava. A meu próprio *querido* amor, Bill Compton.

-Isso obteve uma reação, -observou Pam.

-Mas não a que esperava, -disse Eric devagar.

-Não estou muito feliz a respeito da opção de tortura. -Tinha tantos problemas, que não podia nem somá-los, e estava tão sobrecarregada pela tensão que parecia que minha cabeça flutuava em algum sítio em cima de meu corpo. -E estranho ao Bill.

Inclusive neste momento a pesar que de boa vontade lhe daria uma patada no culo, realmente o sentia falta de. E se pudesse ter somente uma conversa de dez minutos com ele, estaria melhor preparada para confrontar os seguintes dias. As lágrimas rodaram por meu rosto. Mas ainda havia mais que eles tinham que me dizer; mais que tinha que ouvir, quisesse-o ou não.

-Se seu souber realmente espero que me diga por que ele mentiu sobre esta viagem. Pam mencionou más notícias.

Eric Miro ao Pam sem rastro de amor em seus olhos.

-Ela esta gotejando outra vez, -observou Pam, soando um pouco incômoda. -Penso que antes de que ela vá ao Misisipi, deveria saber a verdade. Além disso, se ela esteve guardando segretos para o Bill, isto poderia...

Fazê-la descobrir o bolo? Trocar sua lealdade para com o Bill? Obrigá-la a dar-se conta que tem que nos dizer o

Era óbvio que Chow e Eric tinham estado por me manter na ignorância e que eles estavam intensamente molestos com o Pam por me haver dado essa insinuação, embora supostamente eu não sabia que nada andava bem entre o Bill e eu. Ambos olharam ao Pam atentamente durante um comprido minuto, e logo Eric assentiu de maneira cortante.

-Você e Chow esperam fora, -disse Eric ao Pam.

Lhe dirigiu um agudo olhar, e logo eles saíram, deixando suas garrafas vazias sobre a mesa. Sem um obrigado pelo sangue. Nem enxaguar as garrafas. Minha cabeça se sentiu ligeira, muito ligeira, quando contemplei as pobres maneiras dos vampiros. Senti o movimento de minhas pálpebras, e me ocorreu que estava ao bordo do desmaio. Não sou um dessas frágeis fulanas que naufragam com cada pequena coisa, mas senti que agora mesmo estava justificada. Além disso, vagamente me dava conta que não tinha comido em mais de vinte e quatro horas.

-Não faça isso, -disse Eric. Ele soou definitivo. Tratei de me concentrar em sua voz, e o vi.

Assenti para lhe indicar que fazia todo o possível.

Ele se moveu a meu lado da mesa, girou a cadeira que Pam tinha ocupado até que esteve frente a meu, muito próximo. sentou-se e se inclinou fazia mim, seu grande emano branca cobriu ambas minhas, ainda dobradas com esmero em meu regaço. Se ele fechasse sua mão, poderia esmagar todos meus dedos. Jamais poderia voltar a trabalhar como garçonele outra vez.

-Não desfruto vendo que tem medo de mim, -disse ele, sua cara muito perto da minha. Podia cheirar sua colônia—*Ulysse*, pensei. -Eu sempre estive muito afeiçoado contigo.

Ele sempre tinha querido ter sexo comigo.

-Além disso, quero follarte. -Ele sorriu abertamente, mas nesse momento não me fez grande coisa. -Quando nos beijamos é...incrível.

Tínhamo-nos beijado na linha do dever, por assim dizê-lo, e não como recreação. Mas foi emocionante. Como não? Ele era magnífico, e tinha tido várias centenas de anos para trabalhar sobre sua técnica de beijoca.

Eric se foi aproximando mais e mais. Não estava segura se ia morder me ou me beijar. Suas presas estavam fora. Ele estaria zangado, ou brincalhão, ou faminto, ou os três. Os novos vampiros tendem a cecear enquanto falam até que se acostumam a suas presas; a gente não podia ouvi-lo com o Eric. Também ele tinha tido séculos para aperfeiçoar aquela técnica.

-De certa maneira, aquele plano de tortura não me faz sentir muito sensual, -disse-lhe.

-Isso fez algo pelo Chow, entretanto, -sussurrou Eric em meu ouvido.

Não tremia, mas deveria havê-lo feito.

-Poderia cortar a perseguição aqui? -Perguntei. -vais torturar me, ou não? É meu amigo, ou meu inimigo? vais encontrar ao Bill, ou deixá-lo apodrecer-se?

Eric riu. De maneira curta e não graciosa, mas era melhor que o ter mais perto, ao menos neste momento.

-Sookie, é muito, -disse ele, mas não como se encontrasse isto particularmente simpático. - Não vou torturar te. Em primeiro lugar, porque odiaria arruinar esta formosa pele; que um dia, verei completamente.

Somente esperei que ainda estivesse dentro de meu corpo quando isto passasse.

-Você não terá sempre tanto medo de mim, -disse ele, como se estivesse absolutamente seguro do futuro. -E não estará sempre tão dedicada ao Bill como o está agora. Há algo que devo te dizer.

Aqui chegava a Coisa Má. Seus frescos dedos se entrelaçaram com meus, e sem querer, sustentei sua mão com força. Não podia pensar em uma palavra que dizer, ao menos uma palavra que fora segura. Meus olhos se fixaram nele.

-Bill foi convocado ao Misisipí, -Eric me disse-, por um vampiro—uma fêmea—ele a conhecia há muitos anos. Não sei se te terá dado conta que os vampiros quase nunca nos apareamos com outros vampiros, por mais tempo que um estranho assunto de uma noite. Não fazemos isto porque, o acoplamento e compartilhar sangue, sempre nos dá poder o um sobre o outro. Esta vampira...

-Seu nome, -pinjente.

-Lorena, -ele disse a contra gosto. Ou talvez ele me quis dizer isso desde o começo, e a relutância era somente parte do espetáculo. Quem demônios sabe com um vampiro.

Ele esperou a ver se falava, mas não o fez.

-Ela estava no Misisipí. Não estou seguro se viver ali com regularidade, ou se foi ali para apanhar ao Bill. Ela tinha estado vivendo em *Seattle* durante anos, sei, porque ela e Bill viveram juntos ali muitos anos.

Já me tinha perguntado por que ele escolheu *Seattle* como seu destino fictício. Ele não o tirou da manga.

-Mas independentemente de sua intenção em lhe pedir que o encontrasse ali... que escusa lhe deu ela para não vir aqui... possivelmente ele somente foi cuidadoso por ti...

Quis morrer naquele momento. Suspirei e contemplei nossas mãos unidas. Estava muito humilhada para olhar aos olhos do Eric.

-Uma vez mais, ele foi—ele voltou—imediatamente para ser cativado por ela. depois de umas noites, ele chamou o Pam para lhe dizer que vinha a casa antes, sem te dizer nada, assim ele poderia arrumar seu futuro cuidado antes de que te visse outra vez.

-Futuro cuidado? -Soei como um corvo.

-Bill queria fazer um acerto financeiro para ti.

O choque disso me fez empalidecer.

-Pensionarme, -disse entumecidamente.

Não importa o bem que ele tinha significado, Bill não poderia me haver devotado uma ofensa maior. Quando ele tinha estado em minha vida, nunca lhe ocorreu me perguntar como foram minhas finanças—embora logo que pôde esperar para ajudar a seus recém descobertos descendentes, os Bellefleurs.

Mas quando ele ia estar fora de minha vida e se sentia culpado por me deixar choramingando e machucada então começava a preocupar-se.

-Ele queria... -Eric começou, logo se deteve e Miro atentamente minha cara. -Bom, deixá-lo no momento. Eu não te haveria dito nada disto, se Pam não tivesse interferido. Eu te teria enviado na ignorância, porque então não teriam saído palavras de minha boca que lhe fizessem tanto dano. E não teria que te suplicar, como vou suplicar.

Obrigue-me a escutar. Aferrei a mão do Eric como se fora uma corda de salvamento.

-O que vou fazer—e seu tem que entender, Sookie, minha pele depende disto, também...

Olhei-o diretamente na cara, ele viu a impressão de minha surpresa.

-Sim, meu trabalho, e talvez minha vida, tambien, Sookie—não somente a tua, e a do Bill. Te vou enviar um contato amanhã. Ele vive no Shreveport, mas ele tem um segundo apartamento no Jackson. Tem amigos entre a comunidade sobrenatural ali, os vampiros, adaptos, e lobatos. Por meio dele seu pode conhecer alguns deles, e seus empregados humanos.

Agora mesmo não estava completamente em uso de minha cabeça, mas senti que entenderia tudo isto quando o recordasse. Assim, assenti. Seus dedos acariciaram meus, repetidas vezes.

-Este homem é lobato, -disse Eric descuidadamente, -portanto é escória. Mas é mais confiável que alguns outros, e me deve um grande favor pessoal.

Absorvi isto, assenti outra vez. Os dedos largos do Eric se sentiam quase quentes.

-Ele te levasse dentro e fora da comunidade vampiro no Jackson, assim poderá escolher miolos entre os empregados humanos. Sei que isto é um golpe de cego, mas se houver algo para descobrir, se Russell Edgington seqüestrou realmente ao Bill, você poderá recolher uma pista. O homem que tratou de te seqüestrar era do Jackson, nos guiando pelas contas em seu automóvel, e era um lobato como indica a cabeça do lobo sobre seu colete. Não sei por que vieram por ti. Mas suspeito que significa que Bill está vivo, e desejam te capturar para te usar como alavanca de pressão contra ele.

-Então suponho que deveriam ter seqüestrado a Lorena, -pinjente.

Os olhos do Eric se alargaram com apreciação.

-Talvez já a têm, -disse ele. -Mas talvez Bill se dió conta que foi Lorena quem o traiu. Ele não teria sido apanhado se ela não tivesse revelado o segredo que lhe confiou.

Medite a respeito disto, assenti uma vez mais.

-Outro quebra-cabeças é por que ela resultou estar ali, -disse Eric. -Penso que saberia se ela tivesse sido um membro regular do grupo do Misisipí. Mas pensarei nisto em meu tempo livre. -Por sua cara severo, Eric tinha investido considerável tempo cerebral naquela pergunta. -Se este plano não funcionar dentro de aproximadamente três dias, Sookie, deveremos seqüestrar a um dos vampiros do Misisipí em troca. Isto conduzirá quase seguro a uma guerra, e uma guerra—incluso com o Misisipí—será custosa em vistas e dinheiro. E, ao final, de todos os modos matarão ao Bill.

Vale, o peso do mundo descansava sobre meus ombros. Obrigado, Eric. Me fazia falta mais responsabilidade e pressão.

-Mas sabe isto: Se eles tiverem ao Bill—se ele estiver ainda vivo—o recuperaremos. E voltarão a estar juntos outra vez, *sim* é o que você quer.

Ênfase no *sim*.

-Para responder sua pergunta: sou seu amigo, e continuar a sê-lo enquanto isto não ponha em perigo minha própria vida. Ou, o futuro de minha área.

Bem, isto o pôs sobre a linha. Apreciei sua honestidade.

-Enquanto seja conveniente para ti, quer dizer, -pinjente tranqüilamente, que era tão injusto como inexato. Por que realmente pareceu incomodá-lo minha caracterização de sua atitude. -me deixe te perguntar algo, Eric.

Ele levantou suas sobrancelhas para me indicar que esperava. Suas mãos viajavam de cima abaixo por meus braços, distraidamente, como se ele não pensasse no que fazia. O movimento recordou a um homem que esquentava suas mãos no fogo.

-Se entendi bem, Bill trabalhava em um projeto para o... -senti subir uma borbulha selvagem de risada, e sem piedade a suprimi. -Para a rainha da Luisiana, -terminei. -Mas você não sabia nada sobre isso. É correto?

Eric me contemplou durante um comprido momento, enquanto pensava que me dizer.

-Ela me disse que tinha trabalho para que Bill fizesse, -disse ele. -Mas, não o que era, ou por que devia ser ele quem o fizesse, ou quando estaria completado.

Que um subordinado fora renomado assim desgostaria a quase qualquer líder. Sobre tudo se o líder foi mantido na ignorância.

-Assim, por que não procura esta rainha ao Bill? -Perguntei, mantendo minha voz cuidadosamente neutra.

-Ela não sabe que ele se foi.

-por que é isto?

-Não o havemos dito.

cedo ou tarde ele deixaria de responder.

-por que não?

-Ela nos castigaria.

-por que? -Começava a soar como uma neném de dois anos.

-Por deixar que algo acontecesse com Bill, quando ele realizava um projeto especial para ela.

-Qual seria o castigo?

-Ah, com ela é difícil dizê-lo. -Ele emitiu uma risada estrangulada. -Um pouco muito desagradável.

Eric estava ainda mais perto de mim, sua cara quase tocando meu cabelo. Ele inalava, muito delicadamente. Os vampiros confiam no aroma, e o ouvido, muito mais que na vista, embora sua vista é extremamente exata. Eric tinha meu sangue, assim poderia saber mais sobre minhas emoções que um vampiro que não a tinha tido. Todos os chupasangres são estudiosos do sistema emocional humano, já que os depredadores mais bem-sucedidos são os que conhecem os hábitos de sua presa.

Eric atualmente esfregava sua bochecha contra a minha. Ele era como um gato em seu prazer de contato.

-Eric. -Ele me tinha dado mais informação do que supunha.

-Mmm?

-Sério, o que te fará a rainha se não poder apresentar ao Bill para o dia que seu projeto está previsto?

Minha pergunta conseguiu o efeito desejado. Eric se separou de mim e me Miro com seus olhos mais azuis que meus, mais duros que meus e tão gelados como o Ártico.

-Sookie, realmente não quer sabê-lo, -disse ele. -A reprodução de seu trabalho estaria bastante bem. A presença do Bill seria um bônus.

Devolvi seu olhar com olhos quase tão frios como os seus.

-E o que receberei em troca de fazer isto para ti? -Perguntei.

Eric conseguiu parecer com o mesmo tempo surpreso e contente.

-Se Pam não tivesse insinuado a respeito do Bill, seu seguro retorno seria suficiente e você teria saltado sobre esta oportunidade para ajudá-lo, -Eric me recordou.

-Mas agora sei sobre a Lorena.

-E sabendo-o, está de acordo em fazer isto para nós?

-Sim, com uma condição.

Eric se Miro cauteloso.

-Qual seria? -ele perguntou.

-Se algo me passar, quero que você a ponha fora.

Ele ficou olhando boquiaberto durante ao menos um segundo antes de que rugisse pela risada.

-Teria que pagar um preço enorme, -ele disse quando deixou de rir alegremente. -E primeiro teria que levá-lo a cabo. É mais fácil dizê-lo que fazê-lo. Ela tem trezentos anos.

-Você me há dito que te acontecerá algo muito feio se tudo isto vem desembaraçado, -recordei-lhe.

-Certo.

-Você me há dito que me necessita desesperadamente para que faça isto por ti.

-Certo.

-Isto é o que peço em troca.

-Você poderia te converter em um vampiro decente, Sookie, -disse Eric finalmente. -Vale. Feito. Se algo te passar, ela nunca voltará para joder com o Bill outra vez.

-Ah, não é só por isso.

-Não? -Eric se via bastante cético, como bem podia.

-É porque o traio.

Os duros olhos azuis do Eric se encontraram com meus.

-me diga algo, Sookie: pediria-me isto se ela fosse humana? -Sua ampla boca de lábios finos, freqüentemente divertida, estava em uma séria linha reta.

-Se ela fosse humana, eu mesma me encarregaria, -pinjente, e me pus de pé para lhe mostrar a porta.

depois de que Eric se foi, apoiei-me contra a porta e pus minha bochecha contra a madeira. Era certo o que lhe havia dito? Tinha-me perguntado durante muito tempo se realmente era uma pessoa civilizada, embora seguisse me esforçando por sê-lo. Sabia que no momento que pinjente que me encarregaria da Lorena eu mesma, dizia a verdade. Havia algo bastante selvagem dentro de mim, que sempre controlaria. Minha avó não me criou para ser uma assassina.

Quando andei com passo lento pelo corredor rumo a meu dormitório, dava-me conta que ultimamente meu caráter se estava mostrando cada vez mais. Desde que tinha conhecido aos vampiros.

Não podia entender por que seria isto. Eles exerciam um controle tremendo sobre eles mesmos. por que deveria o meu escorregar?

Mas era bastante introspecção para uma noite.

Pensaria nisso amanhã.

Capítulo 4

Já que parecia que ia da cidade, tinha penetrada para ser feita, e coisas no refrigerador que precisava atirar. Não estava particularmente sonolenta depois de passar tanto tempo na

cama o dia e a noite anterior, assim saque minha mala, abri-a, e arrojé algumas roupas na máquina de lavar roupa fora sobre o congelado alpendre traseiro. Não quis pensar em meu próprio caráter mais tempo. Já tinha abundantes objetivos sobre os que meditar.

Eric, certamente, adotou uma aproximação de escopeta para me dobrar a sua vontade. Tinha-me bombardeado com muitos motivos para que fizesse o que ele queria: intimidação, ameaça, sedução, uma petição da volta do Bill, uma petição por seu (Pam, e Chow) vida e/ou não falemos do bem-estar—de minha própria saúde. *“Eu deveria te torturar, mas quero ter sexo contigo; necessito ao Bill, mas estou furioso com ele porque me enganou; tenho que manter a paz com o Russell Edgington, mas tenho que recuperar ao Bill dele; Bill é meu servo, mas trabalha mais em segredo para meu chefe.”*

Malditos Vampiros. Podem ver porque estou tão contente que seu encanto não me afete. É um dos poucos aspectos positivos que minha capacidade para ler as mentes me cedeu. Infelizmente, os humanos com falhas psíquicas somos muito atrativos para os não-mortos.

Certamente não podia ter previsto nada disto quando me enredei com o Bill. Bill havia se tornado quase tão necessário para mim como a água; e não era inteiramente devido a meus profundos sentimentos por ele, ou meu prazer físico em seu trato sexual. Bill era o único seguro que tinha contra ser anexada por outro vampiro, contra minha vontade.

depois de que fiz um par de cargas na máquina de lavar roupa, secadora e dobrei a roupa, senti-me muito mais relaxada. Já quase tinha terminado de empacotar, pus um par de livros de romance e mistério se por acaso conseguia um pouco de tempo para ler. Sou autodidata por livros de gênero.

Estirei-me e bocejei. Necessitava certa paz mental para conceber um plano, e meu sonho inquieto do dia e a noite anterior não me tinham refrescado tanto como pensei. Poderia ser capaz de dormir facilmente.

Inclusive sem a ajuda dos vampiros, talvez poderia encontrar ao Bill, pensei, quando escovei meus dentes e subi à cama. Mas tirar o de qualquer prisão onde ele estivesse e uma fuga bem-sucedida, eram outra questão. E logo teria que decidir o que fazer sobre nossa relação.

Despertei aproximadamente às quatro da manhã com um sentimento estranho, havia uma idéia esperando ser reconhecida. Tinha tido um pensamento em algum ponto durante a noite; esta era a classe de idéia que um simplesmente sabe que esteve borbulhando em seu cérebro, esperando para sair.

Em efeito, depois de um minuto a idéia emergiu de novo. E, se Bill não foi seqüestrado, mas sim desertou? E se ele estava tão apaixonado ou entregue a Lorena que decidiu abandonar aos vampiros da Luisiana e unir-se com o grupo do Misisipí? Imediatamente, tive dúvidas que este tivesse sido o plano do Bill; seria muito complicado, com a obtenção

de informadores que Eric tinha consultado sobre o rapto do Bill, a presença confirmada da Lorena no Misisipi. Certamente existiria alguma maneira menos dramática, e mas simples para arrumar seu desaparecimento.

Perguntei-me se Eric, Chow, e Pam estariam registrando agora mesmo a casa do Bill, que esta cruzando o cemitério da minha. Não foram encontrar o que procuravam. Talvez voltariam aqui. Eles não teriam que resgatar ao Bill absolutamente, se pudessem encontrar os arquivos de computador que sua rainha desejava tão intensamente. Caí-me de sonho por puro esgotamento, acreditei escutar a risada do Chow fora.

Inclusive o conhecimento da traição do Bill não me deteve de buscá-lo em meus sonhos. Devo ter rodado três vezes, chegando à esquina para ver se ele se deslizou na cama comigo, como fazia tão freqüentemente. E sempre, o outro lado da cama permaneceu vazio e frio.

Entretanto, era melhor que encontrar ao Eric ali em seu lugar.

Levantei-me o raiar o alvorecer, já me tinha feito um pote de café antes de que chegasse o murro na porta principal.

-Quem é? -Estava de pé a um lado da porta quando perguntei.

-Eric me envia, -disse uma voz brusca.

Abri a porta e elevei a vista. E outro pouco mais.

Ele era enorme. Seus olhos eram verdes. Seu despenteado cabelo era encaracolado, grosso e negro como o breu. Seu cérebro zumbia e palpitava com energia; uma classe de efeito vermelho. Homem-lobo.

-Entra. Quer um pouco de café?

Aparentemente o que ele esperava, não era o que ele via.

-Aposta pelo sim, *cheré*. Tem um pouco de ovos? Um pouco de salsicha?

-Seguro. -Conduzi-o à cozinha. -Sou Sookie Stackhouse, -pinjente, sobre meu ombro. Agachei-me para conseguir os ovos do refrigerador. -E você?

-Alcide, -ele disse, pronunciando-o *Ao-see*, com apenas a *d*. -Alcide Herveaux.

Ele me olhou todo o tempo enquanto tirava o frigideira—o velho frigideira enegrecido de ferro de minha avó. Ela o tinha conseguido quando se casou, e o aguerro como faria qualquer mulher de valor na cozinha. Agora estava absolutamente temperado. Acendi a boca do fogão de gás na estufa. Cozinhei a primeiro salsicha (pela graxa), pu-la com um

«plaf » sobre uma toalha de papel em um prato e a deixe no forno para que se conservasse quente. depois de perguntar ao Alcide como queria os ovos, revolvi-os e rapidamente os cozinhei, deslizando-os no prato quente. Ele abriu a gaveta correta da baixela ao primeiro intento, e se serve um pouco de suco e café depois de que silenciosamente lhe indiquei que gabinete continha as taças. Preencheu minha taça ao mesmo tempo.

Ele comeu com esmero. E se comeu tudo.

Inundei minhas mãos na saponácea água quente para lavar os poucos pratos. Ao último lavei o frigideira, esfregue-lhe um pouco do Crisco no negro e o seque, jogando olhadas ocasionais a meu convidado. A cozinha cheirava agradavelmente pelo café da manhã e a água saponácea. Era um momento pacífico de um modo peculiar.

Isto não era nada do que tinha esperado quando Eric me disse que alguém que lhe devia um favor me faria entrar no entorno vampiro do Misisipi. Quando olhei a paisagem fria pela janela da cozinha, dava-me conta que assim era como tinha previsto meu futuro; nas poucas ocasiões que me permiti imaginar que um homem compartilhava minha casa.

Este era o modo como se supunha que era a vida, para os humanos normais. Era a manhã, hora de levantar-se e trabalhar, tempo para uma mulher de cozinhar o café da manhã para seu homem que devia sair para trabalhar. Este áspero homem grande comia alimento verdadeiro. Quase seguro tinha uma caminhonete estacionada diante de minha casa.

Certamente, ele era um homem-lobo. Mas os lobatos podiam viver uma vida mais próxima a quão humana um vampiro.

Por outra parte, o que não sabia a respeito dos lobatos poderia encher um livro.

Quando terminou pôs seu prato na água da pia, lavou-o e o secou ele mesmo enquanto eu limpava a mesa. Foi como uma suave coreografia. Ele desapareceu no quarto de banho durante um minuto enquanto repassava minha lista mental de coisas que tinham que ser feitas antes de que me partisse. Tinha que lhe falar com o Sam, era o assunto principal. Já tinha chamado a meu irmão a noite anterior para lhe dizer que estaria fora durante uns dias. Liz estava com o Jason, assim que ele não pensou muito em minha partida. Ele tinha acordado recolher meu correio e meus periódicos para mim.

Alcide veio para sentar-se frente a mim na mesa. Tratava de pensar em como deveríamos falar de nossa tarefa conjunta; tratava de antecipar qualquer pata dolorida que se pudesse pisar. Talvez ele se preocupava das mesmas coisas. Não posso ler as mentes de adaptoformas ou homens-lobo com nenhuma consistência; eles são criaturas sobrenaturais. Posso decifrar de maneira confiável seus humores, e ocasionalmente recolher alguma idéia clara. Desta forma os-humanos-con-una-diferencia são muito menos opacos para mim que os vampiros. Tenho entendido que há um contingente de adaptoformas e lobatos que querem trocar as coisas, o fato de que sua existência ainda siga sendo um segredo. Mas até

que eles vejam como vai aos vampiros com a publicidade, os supernaturais da variedade dobre-natura são ferozes sobre sua privacidade.

Os homens-lobo são os tipos rudes no mundo dos adaptos. Eles são adaptoformas por definição, mas são os únicos os quais têm sua própria sociedade à parte, e não permitem que alguém mais seja chamado «lobato» em sua presença. Alcide Herveaux se olhava cheio de resistência. Era grande como uma rocha, com bíceps sobre os quais eu poderia fazer uma quantas elevadas. Teria que barbear um segunda vez se planejava sair pela tarde. Estaria perfeito sobre uma obra de construção ou um embarcadero.

Ele era um homem apropriado.

-Como lhe obrigam eles a fazer isto? -Perguntei.

-Eles têm umas letras de meu papai, -disse ele. Pôs suas maciças mãos sobre a mesa e se recarregou nelas. -Possuem um cassino no Shreveport, sabia?

-Claro.

Esta era uma excursão popular de fim de semana para a gente nessa área, aproximar-se do Shreveport ou até a *Tunica* (no Misisipi, diretamente debaixo do *Memphis*) e alugar um quarto durante um par de noites, jogar com maquina ou cartas, ver um espetáculo ou dois, comer muito nas escrivatinhas.

-Meu papai se meteu profundamente. Ele possui uma companhia de inspeção—eu trabalho para ele—mas gosta de jogar. -Os olhos verdes arderam com chamas de raiva. -Ele entrou muito no cassino da Luisiana, assim é como seus vampiros possuem suas letras, sua dívida. Se eles as pedirem, nossa companhia se vem abaixo. -Os homens-lobos parecem respeitar aos vampiros tanto como os vampiros os respeitam a eles. -Por isso, para recuperar as letras, tenho que ajudar a te colocar com os vampiros no Jackson. -Ele se inclinou atrás na cadeira, me olhando aos olhos. -Não é uma coisa difícil o me levar uma mulher bonita ao Jackson e fazer alguns saltos pelos bares. Agora que te conheci, me alegro de fazê-lo, e conseguir tirar meu pai da dívida. Mas, por que diabos quer fazer isto? Você parece uma verdadeira mulher, não uma dessas zorras doentes que penduram aos vampiros.

depois de minha reunião com os vampiros, esta era uma refrescante conversação de forma direta.

-Só ando com um vampiro, por própria eleição, -pinjente amargamente. -Bill, meu—bom, nem sequer sei se ainda é meu noivo. Ao parecer os vampiros do Jackson o seqüestraram. Alguém tentou me apanhar ontem à noite. -Pensei que era justo lhe avisar. -Como o seqüestrador parecia não conhecer meu nome, solo que trabalho no Merlotte's, é muito provável que no Jackson ninguém saiba que sou a mulher que sai com o Bill. Tenho que te

dizer, que o homem que tratou de me agarrar era um homem-lobo. E trazia uma placa de automóvel do Condado do Hinds. -Jackson está no Condado do Hinds.

-Levava um colete de turma? -Alcide perguntou. Assenti. Alcide pareceu pensativo, o que era uma coisa boa. Esta não era uma situação que eu tomava ligeiramente, e era um bom signo que ele tampouco. -Há uma pequena turma no Jackson composta de lobatos. Alguns adaptos maiores pertencem aos borde desta turma—panteras, ursos. Eles se alugam para os vampiros em bases regulares.

-Há um menos agora, -pinjente.

depois de um momento para digerir aquela informação, meu novo companheiro me dirigiu um largo olhar desafiadora.

-Então, quanto bom vai fazer uma pequena fulana humana contra os vampiros do Jackson? É uma perita em artes marciais? Uma grande atiradora? estiveste no Exército?

Tive que sorrir.

-Não. Alguma vez ouviste meu nome?

-É famosa?

-Adivinho que não. -Estive contente que ele não tivesse nenhuma concepção sobre mim. -Acredito que te deixarei descobri-lo por ti mesmo.

-Sempre e quando não for te converter em uma serpente. -Ele se levantou. -Não é um tipo, verdade? —esta última ocorrência fez que seus olhos se alargassem.

-Não, Alcide. Sou uma mulher. -Tratei de dizê-lo naturalmente, mas foi bastante difícil.

-Estava disposto a apostar dinheiro sobre isso. -Ele me sorriu abertamente. -Se não ser uma espécie de supermujer, o que vai fazer quando averiguar onde esta seu homem?

-vou chamar ao Eric, o...-de repente me dava conta que dizer os segredos dos vampiros era uma péssima idéia. -Eric é o chefe do Bill. Ele decidirá o que fazer depois disto.

Alcide pareceu cético.

-Não confio no Eric. Não confio em nenhum deles. Provavelmente ele te enganará, ou te fará um dobro jogo.

-Como?

-Ele poderia usar a seu homem como alavanca de ação. Poderia exigir restituição, já que eles têm a um de seus homens. Poderia usar o rapto de seu homem como uma desculpa para ir à guerra, em cujo caso seu homem será executado pelo sequito do rei.

Não tinha pensado tão longe.

-Bill sabe coisas, -pinjente. -Material importante.

-Bom. Possivelmente isso o mantenha vivo. -Então ele viu minha cara, e se desgosto consigo mesmo. -Né, Sookie!, sinto muito. Às vezes não penso antes de falar. Resgataremos-lo, embora me ponha doente pensar em uma mulher como você com um daqueles chupasangres.

Isto era doloroso, mas extrañamente refrescante.

-Agradeço-lhe isso, suponho, -pinjente, tentando um sorriso. -E você? Tem um plano de como me apresentar com os vampiros?

-Ahá. Há um clube noturno no Jackson, perto do Congresso. É só para *o Supes* e suas entrevistas. Nada de turistas. Os vampiros não podem fazer todo o trabalho por eles mesmos, e este é um lugar de encontros conveniente para eles, assim que deixam aos de vida baixa compartilhar a diversão. -Ele sorriu abertamente. Seus dentes eram perfeitos—brancos e agudos. -Não será suspeito se for ali. Sempre me deixo cair quando estou no Jackson. Você terá que vir como minha entrevista. -Ele pareceu envergonhado. -Uh, melhor lhe digo isso, parece-me do tipo de pessoa que usa jeans como eu—mas neste clube, gostam que um vista do estilo de festa.

Ele temeu que não tivesse nenhum vestido de noite em meu armário; pude ler isto claramente. E não queria que me sentisse humilhada aparecendo com a roupa incorreta. Que homem.

-Você noiva não estará louca de contente com isto, -pinjente, pescando informação por pura curiosidade.

-Ela vive no Jackson, de fato. Mas rompemos faz um par de meses, -disse ele. -Travou amizade com outro adaptiformas. O tipo se converte em um maldito mocho.

Estava *assobiada*? É obvio, haveria mais dentro da história. E certamente, isto caía na categoria “não é meu assunto”.

Assim, sem comentários, fui a meu quarto para empacotar meus dois vestidos de festa com seus acessórios em uma bolsa pendente. Ambos eram compras da Tara’s Togs, dirigida (e agora poseída) por meu amiga Tara Thornton. Tara era muito bom me chamando quando havia ofertas de fim de temporada. Bill atualmente possuía o edifício que alojava *Tara’s*

Togs, e havia dito a todos os negócios alojados ali deixar uma conta aberta para mim que ele pagaria, mas eu resisti a tentação. Bom, exceto para substituir a roupa que Bill me rasgou em nossos momentos mais estremeceadores.

Estava muito orgulhosa destes vestidos, já que nunca antes tive nenhum como eles, fechei a cremalheira da bolsa com um sorriso.

Alcide colocou sua cabeça no dormitório para me perguntar se estava preparada. Ele viu as cortinas e a cama cor nata com amarelo e assentiu com aprovação.

-Devo chamar a meu chefe, -pinjente. -Logo poderemos ir. -Posei-me em um lado da cama e desprendi o receptor.

Alcide se apoiou contra a parede na porta de meu armário enquanto marcava o número pessoal do Sam. Quando ele respondeu sua voz soava dormitada, e me desculpei por chamá-lo tão cedo.

-*O que ocorre, Sookie?* -ele perguntou com voz espessa.

-Tenho que partir durante uns dias, -pinjente. -Sinto não te haver avisado antes, mas chamei o Sue Jennings ontem à noite para ver se ela trabalhava por mim. Disse que sim, assim que lhe dava minhas horas.

-*aonde vai?* -ele perguntou.

-Tenho que ir ao Misisipi, -pinjente. -*Jackson.*

-*Alguém te recolherá o correio?*

-Meu irmão. Obrigado por perguntar.

-*Novelo que regar?*

-Nenhuma que não sobreviverá até que eu retorne.

-*Vale. Vai sozinha?*

-Não, -pinjente vacilante.

-*Com o Bill?*

-Não, ele, uh, ele não se mostrou.

-*Estas em confusões?*

-Estou excelente, -menti.

-lhe diga que um homem vai contigo, -a voz do Alcide retumbou, e lhe dirigi um olhar exasperado. Ele se apoiava contra a parede, e abrangia espantosamente um montão dela.

-*Há alguém ali?* -Sam safada tudo ao vôo.

-Sim, Alcide Herveaux, -pinjente, calculando que era uma coisa lista lhe dizer alguém que se preocupa comigo que eu deixaria a área com este tipo. As primeiras impressões podem ser absolutamente falsas, e Alcide tinha que ser consciente que havia alguém que o sustentaria responsável.

-*Estraguem!*, -Sam disse. O nome não pareceu lhe ser desconhecido. -*me deixe falar com ele.*

-por que? -Posso aceitar um pouco de paternalismo, mas não quando não podia ouvi-lo com minhas orelhas.

-*lhe passe o maldito telefone!*.

Sam quase nunca blasfema, assim fiz uma cara para mostrar o que pensava de sua demanda e dava o telefone ao Alcide. Saí pisando muito forte rumo à sala de estar e olhei pela janela. Aha. Uma *Dodge RAM*, com cabine estendida. Poderia apostar que tinha posto tudo o que havia para lhe pôr.

Traje minha mala pela manga, e arrojé minha bolsa de mão sobre uma cadeira próxima à porta, assim solo tive que me pôr minha pesada jaqueta. Alegrei-me que Alcide me tivesse advertido sobre a regra de ornamento para o bar, já que nunca me teria ocorrido empacotar isso nem por equívoco. Vampiros estúpidos. Código de vestir estúpido.

Estava Mal-humorada, com *M* maiúscula.

Vaguei pelo corredor, mentalmente examinando o conteúdo de minha mala, enquanto os dois adaptoformas mantinham (pelo visto) “uma conversação de homens”. Joguei uma olhada à entrada de meu dormitório para descobrir que Alcide, com o telefone em seu ouvido, estava posado sobre o lado de minha cama onde eu tinha estado me sentando. Ele se olhou ali extrañamente como em casa.

Retorne com passo agitado à sala de estar e olhei fixamente pela janela um pouco mais. Talvez os dois tinham uma conversação adaptoformística. Apesar de que entre o Alcide e Sam (quem geralmente troca em um collie, embora ele não esteja limitado a aquela forma) houvesse diferença de peso, ao menos ambos eram do mesmo ramo da árvore. Sam, por outra parte, estaria um pouco receoso do Alcide; os homens-lobo tinham má reputação.

Alcide cruzou a pernas o corredor, caminhando ruidosa e pesadamente com seus sapatos de segurança contra o chão de madeira dura.

-Prometi-lhe que cuidaria de ti, -disse ele. -Agora, esperemos que funcione.

Ele não sorria.

Tinha-me estado preparando para me sentir ofendida, mas sua última oração era tão realista que o ar quente saiu de mim como se tivesse sido cravada. Na complexa relação entre vampiro, lobato, e humano, havia muito espaço para equivocar-se em algum sítio. depois de tudo, meu plano era muito débil, e as ataduras dos vampiros sobre o Alcide eram tênues. Bill poderia não ter sido raptado à força; ele poderia estar felizmente retido como cativo pelo rei, enquanto a vampira Lorena estivesse com ele. Inclusive até poderia enfurecer-se porque vinha por ele.

Ele poderia estar morto.

Fechei a porta detrás de mim e segui ao Alcide quando ele guardou minhas coisas na cabine estendida da *RAM*.

O exterior da grande caminhonete brilhou impecável, mas no interior o veículo estava talher de evidências de um homem que passava sua vida trabalhando para o caminho; um casco, faturas, estimativas, cartões de visita, botas, um estojo de primeiro socorros. Ao menos não havia lixo de mantimentos. Quando expulsamos por meu erodida meio-fio, recolhi um feixe de folhetos pacote com uma liga em cuja tampa li, “Herveaux e Filho, AAA Revisões Exatas”. Tire o primeiro e o estudei com cuidado quando Alcide conduziu a curta distância da interestadual 20 com Este direção rumo *ao Monroe, Vicksburg*, e logo ao Jackson.

Descobri que o Herveauxes, pai e filho, possuíam uma companhia de inspeção bi-estatal, com escritórios no Jackson, *Monroe, Shreveport*, e *Baton Rouge*. O escritório matriz, como Alcide me havia dito, estava no Shreveport. Dentro havia uma foto dos dois homens, e o Herveaux mais velho era tão impressionante (de um modo maior) como seu filho.

-Seu papai também é um homem-lobo? -Perguntei, depois de que digeri a informação e me precavi que a família Herveaux era como mínimo próspera, e possivelmente rica. Embora tinham trabalhado muito para isso; e seguiriam trabalhando muito, a menos que o Sr. Herveaux mais velho pudesse controlar sua afeição ao jogo de azar.

-Ambos de meus pais, -disse Alcide, depois de uma pausa.

-OH, sinto muito. -Não estava segura por que pedia perdão, mas era mas seguro que não pedi-lo.

-É o único modo de produzir um menino lobato, -disse ele, depois de um momento. Não podia saber se me explicava isso por cortesia, ou porque realmente pensou que eu deveria sabê-lo.

-Então, como é que a América não esta cheia de homens-lobos e adaptoformas? -Perguntei, depois de ter considerado sua declaração.

-Como qualquer matrimônio nós gostamos de nos reproduzir, mas não sempre é factível. E cada união só produz a um menino com o rasgo. A mortalidade infantil é alta.

-De modo, o que se te casa com outra mulher-lobo, um de seus meninos será um bebê-lobo?

-A condição se manifesta no início de, ah, a puberdade.

-Ah, isso é horrível. Ser um adolescente já é bastante duro.

Ele sorriu, não a mim, mas no caminho.

-Ahá, isto complica as coisas a sério.

-Assim, seu ex-noiva...era uma adapto?

-Ahá. Não saio normalmente com adaptos, mas suponho que acreditei que com ela seria diferente. Lobatos e adaptos nos sentimos fortemente atraídos um do outro. Magnetismo animal, adivinho, -disse Alcide, em uma tentativa de humor.

Meu chefe, também era um adapto, alegrou-se de fazer amigos com outro adaptos na área. Andou saindo com uma ménade (o “andado” seria uma palavra muito doce para sua relação), mas ela se mudou. Agora, Sam esperava encontrar outra adapto compatível. Ele se sentia mais a gosto com uma humana estranha, como eu ou outra adapto, que com mulheres normais. Quando me disse isso, ele o havia dito como um elogio, ou talvez como uma simples declaração; mas me doeu um pouco, embora minha anormalidade nasceu comigo desde que era muito jóven.

A telepatia não espera a puberdade.

-Como é isso? -Perguntei francamente. -Como é que pensou que seria diferente?

-Ela me disse que era estéril. Averigüei que usava pastilhas anticoncepcionais. Uma grande diferençia. Não posso passar por cima disso. Inclusive uma adapto e um homem-lobo podem ter um menino que troca na lua enche, embora só os meninos de um casal puro—ambos os lobatos ou ambos os adaptos—podem trocar a vontade.

Algo no que pensar, ali.

-Então geralmente sai com garotas normais. Mas não foi difícil? Guardar um segredo tão grande, ah, fundamental, de sua vida?

-Ahá, -ele confessou. -O sair com garotas normais pode ser doloroso. Mas tenho que sair com alguém. -Havia um fio de desespero em sua ressonante voz.

Dedique a isto uma contemplação por um comprido momento, logo fechei meus olhos e contei até dez. Eu sentia saudades ao Bill do modo mais elementar e inesperado. Minha primeira pista foi “o puxão debaixo da cintura” que senti quando olhei minha cinta “*O último dos Mohicanos*” na semana anterior e me tinha fixado no Daniel Day-Lewis que saltava pelo bosque. Se eu pudesse aparecer detrás de uma árvore antes de que ele visse o Madeleine Stowe...

ia ter que cuidar meus passos.

-De modo que se seu remói a alguém, não se converterá em um homem-lobo? -Decidi trocar a direção de meus pensamentos. Então recordei a última vez que Bill me mordeu, e senti uma corrente de calor urgente por... ah, *demônios*.

-É quando se obtém a um humano de lobo. Como esses dos filmes. Eles morrem muito rápido, pobre gente. E, de fato, não passa nada se eles, ah, engendram a meninos em sua forma humana. Mas, se o fizerem quando estão em sua outra forma, o bebê é abortado.

-Que interessante. -Não podia pensar em outra coisa que dizer.

-Mas também existe o elemento sobrenatural, justo como com os vampiros, -Alcide disse, ainda sem olhar em minha direção. -A relação de genética e elemento sobrenatural, é o que ninguém parece entender. Simplesmente, não podemos lhe dizer ao mundo que existimos como fizeram os vampiros. Seríamos encarcerados em zoológico, esterilizados, postos em ghettos—porque às vezes somos animais. Ir à luz pública só parece fazer aos vampiros encantadores e ricos. -Ele soou mais que um pouco amargo.

-Então como é que de boas a primeiras diz tudo isto? Se for um segredo tão grande? -Ele me dió mais informação em dez minutos da que jamais tubo do Bill em meses.

-Se for passar uns dias contigo, fará minha vida muito mais fácil se seu souber. Calculo que tem seus próprios problemas, e parece também que os vampiros têm algo de poder sobre ti. Não acredito que falasse. E se acontecer o pior, e me equivoquei por completo contigo, pedirei ao Eric que te visite e apague sua memória. -Ele sacudiu sua cabeça com aturdida irritação. -Realmente não sei por que. Só sinto que te conheço.

Não pude pensar em uma resposta para isto, mas tinha que falar. O silêncio daria muita importância a sua última oração.

-Lamento que os vampiros tenham sujeito a seu papai. Mas devo encontrar ao Bill. Se este for o único modo de fazê-lo, é o que farei. Ao menos eu lhe devo muito, inclusive se... - Minha voz se quebrou. Não quis terminar a oração. Todos os possíveis finais eram muito tristes, muito definitivos.

Ele se encolheu de ombros, um movimento grande no Alcide Herveaux.

-Levar uma garota bonita a um bar não é grande coisa, -ele me tranquilizou outra vez, tratando de me animar.

Em sua posição, eu não teria sido tão generosa.

-Seu papai é um jogador constante?

-Só desde que minha mãe morreu, -disse Alcide, depois de uma larga pausa.

-Sinto muito. -Com exceção de meus olhos de sua cara se por acaso ele necessitava um pouco de privacidade. -Eu perdi a ambos de meus pais, -ofereci.

-Morreram faz muito tempo?

-Desde que tinha sete anos.

-Quem lhe pirralho?

-Minha avó nos cresceu para mim e a meu irmão.

-Ainda vive?

-Não. Morreu este ano. Foi assassinada.

-Que forte. -Ele o dirijo de maneira normal.

-Ahá. -Tinha uma pergunta mais. -Seus pais lhe explicaram a respeito de ti?

-Não. Meu avô me disse isso quando tinha aproximadamente treze. Ele notou os signos. Não imagino como os lobatos órfãos a passam sem guia.

-Deve ser realmente difícil.

-Tratamos de estar a par de todo os lobatos que se criam na área, assim ninguém se irá inadvertido.

Inclusive uma advertência de segunda mão seria melhor que nenhuma advertência absolutamente. Mas de todos os modos, tal sessão seria um trauma maior na vida de qualquer.

Paramo-nos no Vicksburg para pôr gasolina. Ofereci pagar por encher o tanque, mas Alcide me disse firmemente que poderia ficar em seus livros como um gasto profissional, já que, de fato, realmente tinha que ver alguns clientes. Também, desprezo minha oferta de bombear a gasolina. Ele aceitou a taça de café que lhe comprei, com tantas obrigado como se fora um traje novo. Era um dia frio, brilhante, e dava um vigoroso passeio ao redor da área para estirar minhas pernas antes de subir de novo na cabine da caminhonete.

A vista dos letreiros para o campo de batalha me recordou alguns dos agitados dias que tive como adulta. Descobri-me lhe contando ao Alcide sobre o clube favorito de minha avó, os *Descendentes da Morte Gloriosa*, e sobre sua viagem de estudos ao campo de batalha dois anos antes. Eu conduzi um automóvel, Maxine Fortenberry (a avó de um dos melhores amigos de meu irmão Jason) o outro, e tínhamos viajado com muito detalhe. Cada um dos Descendentes trouxe seu texto favorito que descrevia o sítio, e uma parada posterior no centro para convidados conseguiu que todos os Descendentes se fizessem com mapas e objetos de interesse. A pesar do fracasso do *Velda Cannon's Depends*, passamos momentos incríveis. Leímos cada monumento, tomamos um almoço uso *picnic* perto do restaurado USS *Cairo*, fomos a casa esgotados e carregados com um bota de cano longo de lembranças. Entramos até no Cassino Ilha do Capri durante uma hora para olhar tudo assombrados, e ocasionalmente jogar alguma moeda nas maquinitas. Foi um dia muito feliz para minha avó, quase tão feliz como a noite em que ela enrolo ao Bill para a oratória na reunião dos Descendentes.

-por que quis que fizesse isso? -Alcide perguntou. Ele ria de minha descrição de nossa parada para jantar no Barril da Bolacha.

-Bill é um vet, -pinjente. -Um veterano do Exército, não um veterinário.

-E? -depois de um momento, ele disse, -Quer dizer que seu noivo é um veterano da Guerra Civil!

-Ahá. Nesse então era humano. Ele foi gasto sobre, quando termino a guerra. Tinha esposa e meninos. -Custava-me seguir lhe chamando *meu noivo*, já que ele esteve a ponto de me deixar por alguém mais.

-Quem o fez vampiro? -Alcide perguntou. Estávamos no Jackson agora, e ele se dirigia ao centro da cuidem onde sua companhia mantinha o apartamento.

-Não sei, -pinjente. -Ele não fala disso.

-A mim isso parece um pouco estranho.

Atualmente, também me parecia um pouco estranho; mas tinha suposto que era algo muito pessoal, e quando Bill queria me dizer sobre isso, ele o faria. A relação entre ele vampiro mais velho e o que foi “gasto sobre”, era muito forte, por isso sabia.

-Suponho que ele realmente já não é meu noivo, -confessei. Embora “noivo” parecesse um término bastante pálido para o que Bill significou para mim.

-Ah, sim?

Avermelhei. Não deveria haver dito nada.

-Mas ainda tenho que encontrá-lo.

Estivemos silenciosos um ratito depois disto. A última cidade que visitei foi Dallas, e era fácil ver que *Jackson* não estava próximo por nenhuma parte para aquele tamanho. (Que era um ponto bom, no que a mim concernia.) Alcide me indicou a figura dourada sobre a cúpula do novo Congresso, e a admirei apropriadamente. Pensei que era uma águia, mas não estava segura, e me deu um pouco de vergonha lhe perguntar. Necessitar lentes? O edifício ao que íamos estava perto da esquina entre as estradas Estadais e Interestaduais. Não era um edifício novo; o tijolo tinha sido de uma cor acobreada, e agora estava de um imundo marrom claro.

-Os apartamentos aqui são maiores que os que há nos novos edifícios, -disse Alcide. -Há um pequeno dormitório de convidados. Tudo deverá estar preparado para nós. Usamos o serviço de limpeza do apartamento.

Assenti silenciosamente. Não podia recordar se estive alguma vez em um bloco de pisos antes. Então me dava conta que já tinha estado, certamente. Havia um bloco de pisos em forma de Ou no Bon Temps. Certamente visitei alguém ali; nos passados sete anos, quase cada pessoa solteira no Bon Temps, em algum ponto de sua carreira por entrevistas amorosas, alugava um lugar nos apartamentos do Kingfisher.

O apartamento do Alcide, conforme me disse, estava no último piso, o quinto. A gente tinha que baixar uma rampa para estacionar. Havia um guarda na entrada da garagem, que estába dentro de uma pequena cabine. Alcide lhe mostrou um passe plástico. O corpulento guarda, que tinha um cigarro pendurando de sua boca, logo que jogou uma olhada ao cartão que Alcide lhe mostrou antes de pressionar um botão para levantar a barreira. Não estive muito impressionada pela segurança. Senti que eu mesma poderia submeter a aquele tipo. Meu irmão, Jason, poderia esmurrá-lo no pavimento.

Sáímos da caminhonete para tirar nossas bolsas do rudimentar assento traseiro. Minha bolsa de pendurar entrou bastante bem. Sem me perguntar, Alcide tomou minha pequena mala. Ele me ensinou o caminho a um bloco central na área do estacionamento, e vi uma reluzente porta de elevador. Ele pressionou o botão, e este se abriu imediatamente. O elevador rangeu iniciando seu caminho depois de que Alcide quase perfurou o botão marcado com um 5. Ao menos o elevador estava muito limpo, e quando a porta se abriu silenciosamente, pude ver que também o tapete e o corredor.

-Necessitávamos um condomínio, de modo que compremos o lugar, -disse Alcide, como se não fora a grande coisa. Havia quatro apartamentos no mesmo nível, conforme me comentou Alcide.

Sim, ele e seu papai tinham feito um pouco de dinheiro.

-Quais são seus vizinhos?

-Dois senadores estatais possuem o 501, e estou seguro que se foram a casa para a temporada de férias, -disse ele. -A Sra. Charlys terceiro Osburgh vive no 502, com sua enfermeira. A velha senhora Sra. Osburgh estava em magnífica condição até o ano passado. Não acredito que possa andar mais. O cinco-e zero-três está vazio agora mesmo, a menos que a imobiliária o vendesse nas duas últimas semanas.

Ele colocou a chave na porta número 504, empurrou-a até abri-la, e me fez um gesto para entrar diante dele. Entrei em um quente e silencioso vestíbulo, a minha esquerda havia uma cozinha fechada por mostradores, não paredes, assim se mantinha o espaço livre para ver a área da sala de estar/comedor. Havia uma porta imediatamente a minha direita que provavelmente seria um armário para os casacos, e outra um pouco mais longe, que conduzia a um pequeno dormitório com uma cama matrimonial feita com esmero. Uma porta diante deste revelou um pequeno quarto de banho com azulejos brancos-y-azules e toalhas penduradas junto a uns estantes.

Através da sala de estar, a minha esquerda, havia uma porta que conduzia a um dormitório maior. Brevemente olhei dentro atentamente, não querendo parecer muito interessada no espaço pessoal do Alcide. A cama naquele quarto era uma dobre-matrimonial. Perguntei-me se Alcide e seu papai se entreteriam muito quando visitavam Jackson.

-A antecâmara principal tem seu próprio banho, -explicou Alcide. -Alegria-me te deixar o quarto maior, mas o telefone está ali, e espero algumas chamadas de negócios.

-O dormitório pequeno está perfeito, -pinjente. Joguei uma olhada mais ao redor depois de que minha bagagem foi posto em meu quarto.

O apartamento era uma sinfonia em bege. Tapete bege, mobiliário bege. Da classe do modelo bambu com oriental, o empapelado também tinha um fundo bege. Tudo era muito tranqüilo e muito limpo.

Quando pendurei meus vestidos no armário, perguntei-me quantas noites teria que ir ao clube. mais de dois, e tinha o que fazer um pouco de compra. Mas era impossível, ao menos imprudente, com meu pressuposto. Uma familiar preocupação colocada com força sobre meus ombros.

Minha avó não tinha muito para me deixar, Deus a benza, sobre tudo depois dos gastos de seu enterro. A casa foi um presente maravilhoso e inesperado.

O dinheiro que ela usou para nos criar ao Jason e a mim, proveio de um poço de petróleo que se secou fazia muito tempo. Os honorários que me pagarón por estar pluriempleada para os vampiros de Dallas se foram principalmente na compra de dois vestidos, pagar meus impostos patrimoniais, e fazem cortar uma árvore porque com a tormenta de gelo de inverno anterior afrouxou suas raízes e começou a inclinar-se muito perto de minha casa. Um ramo grande já se cansado, danificando o teto um pouco. Por sorte, Jason e Hoyt Fortenberry sabiam bastante sobre material para cobrir e o repararam para mim.

Recordei o caminhão de material para cobrir fora do Belle Revê.

Sentei-me sobre a cama repentinamente. De onde veio isto? Era tão mesquinha para estar zangada por que meu noivo esteve pensando em uma dúzia de modos diferentes de assegurar-se que seus descendentes (os antipáticos, pouco amistosos e às vezes presumidos Bellefleurs) prosperassem, enquanto eu, o amor de sua existência, preocupava-se até quase encanecer sobre suas finanças?

Apostem pelo sim, eu era assim de mesquinha.

Deveria me envergonhar de mim mesma.

Mas mais tarde. Minha mente não estava por abarrotar-se com recriminações.

Enquanto considerava o dinheiro (a carência de), perguntei-me se ao menos lhe teria ocorrido ao Eric que quando ele enviou a esta missão, que já que faltaria ao trabalho, não receberia meu pagamento. E, já que não teria pagamento, não poderia pagar a companhia elétrica, ou o cabo, ou o telefone, ou meu seguro do automóvel... embora tivesse a obrigação moral de encontrar ao Bill, passasse o que acontecesse nossa relação, certo?

Joguei-me sobre a cama e me disse que todo se andaria. Eu sabia, dentro de minha mente, que tudo o que tinha o que fazer era me sentar com o Bill—bom, assumindo que o recuperasse—e lhe explicar minha situação, e ele...ele faria algo.

Mas não podia simplesmente tomar o dinheiro do Bill. Certamente, se estivéssemos casados, estaria bem; o marido e a esposa compartilham tudo em comum. Mas não podíamos nos casar. Era ilegal.

E ele não me tinha pedido isso.

-Sookie? -uma voz disse da entrada.

Pisquei e me sentei. Alcide vadiava contra o marco da porta, com seus braços cruzados em seu peito.

-Estas bem?

Assenti de maneira incerta.

-Jogando o de menos?

Estava muito envergonhada para mencionar meus problemas de dinheiro, e eles não eram mais importantes que Bill, certamente. Para simplificar as coisas, assenti.

Ele se sentou a meu lado, e pôs seu braço ao redor de mim. Ele estava tão quente. Cheirava como uma mescla do detergente *Tide*, sabão *Irish Spring*, e homem. Fechei meus olhos e contei até dez, outra vez.

-O sente falta de, -disse ele, confirmando. Ele alcançou minha mão esquerda através de seu corpo e a tomo, seu braço direito apertado ao redor de mim.

Você não sabe como lhe sinto falta de, pensei.

Pelo visto, uma vez que te acostuma à regularidade do sexo espetacular, seu corpo tem seu próprio modo e mente (por assim chamá-lo) de te informar que foi privado daquela recreação; nem pensar da parte dos abraços e carinhos. Meu corpo suplicava que jogasse no Alcide Herveaux sobre a cama, assim terminariam minhas privações. *Agora mesmo*.

-Realmente o sinto falta de, sem importar os problemas que temos, -disse com um fio de voz instável.

Não abriria meus olhos, porque se o fizesse, poderia ver em sua cara um impulso diminuto, alguma pequena inclinação, e seria tudo o que necessitava para tomá-lo.

-A que hora crie que deveríamos ir ao clube? -Perguntei, conduzindo firmemente em outra direção.

Ele estava tão *quente*.

Outra direção!

-Quer que cozinhe o jantar antes de ir ?

Era o menos podia fazer. Incorporei-me da cama como uma cortiça de garrafa; girado para confrontá-lo com o sorriso mais natural que pude formar. *te afaste de sua proximidade, ou salta sobre seus ossos.*

-OH, vamos à Cafeteria *Mayflower*. Parece um velho lanchonete—*é* um velho lanchonete—mas o desfrutará. Todo mundo vai ali—senadores e carpinteiros, toda classe de pessoas. Só servem coisas singelas que vão com cerveja para beber, está bem?

Encolhi-me de ombros e assenti. Estava bem para mim.

-Não bebo muito, -disse-lhe.

-Eu tampouco, -disse ele. -Possivelmente porque, cada vez mas freqüentemente, meu papai bebe muito. E logo toma decisões más. -Alcide pareceu lamentar me dizer isto. -Depois do *Mayflower*, iremos ao clube, -disse Alcide, mais energicamente. -Anoitece verdadeiramente cedo nestes dias, mas os vampiros não aparecem até que eles tiveram um pouco de sangue, recolhem a suas entrevistas, fazem algum negócio. Deveríamos chegar ali aproximadamente às dez. Assim, sairemos para jantar aproximadamente às oito, parece-te bem?

-Seguro, sonha grandioso.

Estava como perda. Eram só as duas da tarde. Seu apartamento não precisava limpar-se. Não havia nenhuma razão para cozinhar. Se queria poderia ler, tinha novelas românticas em minha mala. Mas isto em minha condição atual com muito pouca probabilidade ajudaria a meu estado... mental.

-Escuta, está bem se for visitar alguns clientes? -ele perguntou.

-Ah, estaria muito bem. -Pensei que seria muito bom que ele não andasse em meus cercanias imediatas. -Vê fazer o que tem o que fazer. Tenho livros para ler, e há televisão. -Talvez poderia começar a novela de mistério.

-Se seu quiser...não sei...minha irmã, Janice, possui um salão de beleza aproximadamente a quatro blocos de distância, em uma das antigas vizinhanças. Ela se casou com um tipo local. Se quiser, poderia caminhar fazia lá e ver o que tem.

-OH, eu...bem, este... -carecia da sofisticação para pensar em uma resposta negativa verossímil e plausível, quando o deslumbrante freio para tal convite era minha carência de dinheiro.

De repente, a compreensão cruzou sua cara.

-Se for visitar, isto daria ao Janice oportunidade para te revisar. depois de tudo, supõe-se, que você é minha noiva e ela odiou ao Debbie. Ela desfrutaria realmente de uma visita.

-Estas sendo horivelmente agradável, -pinjente, tratando de não soar tão aturdida e confusa como me sentia. -Não é o que esperava.

-Você tampouco é o que eu esperava, -ele disse, e deixou o número da loja de sua irmã junto ao telefone antes de sair a atender seu negócio.

Capítulo 5

Janice Herveaux Phillips (casada durante dois anos, mãe de um, aprendi rapidamente) era exatamente o que poderia ter esperado da irmã do Alcide. Era alta, atrativa, franco, confidente; e dirigia seu negócio de maneira eficiente.

Estranha vez entrava em salões de beleza. Meu Abue sempre se fez seus próprias permanentes em casa, e eu nunca tinha colorido meu cabelo ou lhe fiz algo mais, fora de uma despontada de vez em quando. Quando admiti isto frente Janice, quem notou que olhava ao redor com a curiosidade do ignorante, sua cara desenhando um amplo sorriso.

-Então necessitará de tudo, -disse ela com satisfação.

-Não, não, não, -protestei com inquietação. -Alcide...

-Meu nome é por seu telefone celular e esclareceu que te desse o tratamento completo, -disse Janice. -E francamente, coração, alguém que o ajude a repor-se daquela Debbie é meu melhor amiga.

Tive que sorrir.

-Mas nota promissória, -disse-lhe.

-Não, sua massa não vale aqui, -ela disse. -Inclusive se romper com o Alcide amanhã, só por ter conseguido tirá-lo esta noite merecerá a pena.

-Esta noite? -Outra vez, comecei a ter a sensação de afundamento de que não sabia tudo o que deveria saber.

-Resulta ser que esta noite essa zorra vai anunciar seu compromisso naquele clube ao que eles vão, -disse Janice.

Vale, esta vez o que não sabia era algo enorme.

-Ela se casa com o...er...homem por quem expulsou ao Alcide? -(Apenas me detive de dizer “adaptoformas”)

-Trabalha rápido, né!? O que poderá ter aquele fulano que meu irmão não tenha?

-Não posso imaginá-lo, -disse com absoluta sinceridade, ganhando um rápido sorriso do Janice. Seguro que haveria algum defeito em seu irmão por algum sítio—talvez Alcide vinha à mesa para jantar em roupa interior, ou se escavava o nariz em público.

-Bem, se o averiguar, avisa-me. Agora, comecemos. -Janice jogou uma olhada ao redor dela de um modo sério. -Corinne vai fazer te a manicura e a pedicura, Jarvis vai fazer seu cabelo. Certamente tem muitas coisas na cabeça, -disse Janice de um modo mais pessoal.

-Todo o meu é natural, -confessei.

-Nenhuma cor?

-Não!.

-É afortunada, -disse Janice, sacudindo sua cabeça.

Essa era uma opinião minoritária.

A mesma Janice trabalhava em uma cliente cujo cabelo prateado e a joalheria de ouro proclamavam que era uma mulher que gozava de privilégios, e enquanto esta senhora de cara geadada me examinava com olhos indiferentes, Janice disparou algumas instruções a seus empregados e voltou com a Sra. Dólares Grandes.

Nunca tinha sido tão mimada em minha vida. E tudo era novo a mim. Corinne (manicura e pedicura), quem era tão rechoncha e suculenta como uma das salsichas que cozinhei essa manhã, pintou minhas unhas das mãos e os pés em um vermelho gritão para emparelhar o vestido que ia usar. O único homem no local, Jarvis, tinha dedos ligeiros e rápidos como mariposas. Era magro como um junco e artificialmente rubio-platino. me entretendo com seu bate-papo, ele lavou e acerto meu cabelo enquanto me punha sob o secador. Estava a uma cadeira da senhora rica, mas consegui a mesma atenção. Tinha uma revista *People* para ler, e Corinne me trouxe uma *Coca-cola*. Era tão agradável ter gente me incitando a me relaxar.

Começava a me sentir um pouco rostizada sob o secador quando o temporizador fez tilín. Jarvis me Quito daí e me sentou em sua poltrona. depois de consultar com o Janice, ele enrolou o rizador pré-esquentado em uma espécie de pistolera montada sobre a parede, e minuciosamente arrumou meu cabelo em cachos soltos que caíram sob minhas costas. Via-me espantoso. O aspecto espetacular faz feliz. Era o melhor que me havia sentido desde que Bill partiu.

Janice deveu conversar cada momento que pôde. Descobri-me esquecendo que não era a verdadeira noiva do Alcide se não que existia uma verdadeira possibilidade de me fazer a cunhada do Janice. Esta classe de aceitação não a encontro em meu caminho muito frequentemente.

Desejava poder corresponder sua bondade de algum modo, quando uma possibilidade se apresentou. O espelho do Jarvis refletiu ao Janice, por isso minhas costas dava a cliente do Janice atrás. Deixada sozinha enquanto Jarvis foi conseguir uma garrafa de aparelho de ar condicionado que ele pensou deveria provar, olhei (pelo espelho) ao Janice tirar-se seus pendentes e pô-los em um platito de porcelana a China. Nunca teria observado o que passou depois se não tivesse recolhido um pensamento claramente ambicioso da cabeça da senhora rica, que foi um simples, “Estraguem!!” quando Janice se afastou para conseguir outra toalha, e através do claro reflexo, contemplei a cliente de cabelos chapeados com habilidade varrê-los pendentes e colocá-los em seu bolso da jaqueta, enquanto as costas do Janice estava volteada.

Durante o tempo no que terminaram comigo, imaginei o que fazer. Esperei somente para dizer adeus ao Jarvis, quem teve que ir atender o telefone; sabia que ele falava com sua mãe pelos quadros que consegui de sua cabeça. Então me deslizei de minha cadeira de vinil e atropelei à mulher rica, que escrevia um cheque para o Janice.

-Desculpe-me, -pinjente, sorrindo intensamente. Janice pareceu um pouco sobressaltada, e a elegante mulher luziu presumida. Esta era uma cliente que gastava um montão de dinheiro aqui, e Janice não queria perdê-la. -Você conseguiu uma mancha de gel de cabelo sobre sua jaqueta. Por favor, se a tira e me permite um segundo, limpá-la imediatamente.

Difícilmente pôde negar-se. Aferrei os ombros da jaqueta e brandamente a atirei, automaticamente ela me ajudou a deslizar a jaqueta de lã verde-e-vermelha sob seus braços. Levei-a detrás da tela que ocultava a área para lavar o cabelo, e limpe um pedaço só para imprimir verossimilhança (uma súper-palavra de meu calendário Palavra do Dia). É obvio, também extraí os pendentos e os meti em meu próprio bolso.

-Aqui tem, como nova! -Sorri radiantemente e lhe ajudei com a jaqueta.

-Agradeço-lhe isso, Sookie, -disse Janice, muito alegremente. Ela suspeitou que algo andava mau.

-Quando quiser! -Sorri firmemente.

-Sim, certamente, -disse a mulher elegante, algo confusa. -Bem, verei-te na próxima semana, Janice.

Ela repicou com seus saltos altos todo o caminho rumo à porta, sem olhar para trás. Quando esteve fora de vista, alcancei meu bolso e mostrei minha mão ao Janice. Ela abriu sua mão sob a minha, e deixei cair os pendentos em sua palma.

-Deus bendito onipotente!, -disse Janice, de repente olhando-se como cinco anos mais velha. -Esqueci-o e deixei algo onde ela podia alcançá-lo.

-Faz isto todo o tempo?

-Sim. Por isso somos o quinto salão de beleza que frequenta nos passados dez anos. Outros agüentaram com ela um ratito, mas finalmente fez muito aquela coisa. É tão rica, tão educada, e bem criada. Não sei por que faz coisas como está.

Encolhemo-nos de ombros a uma com a outra, os caprichos dos ricachones foram além de nossa compreensão. Foi um momento de perfeito entendimento.

-Espero que não a perca como cliente. Tratei de ser discreta, -pinjente.

-E realmente o aprecio. Mas odiaria perder estes pendentos mais que perdê-la a ela como cliente. Meu marido me deu isso. Começam apertar ao ratito, e não o pensei quando me os estorvo.

Tinham-me agradecido mais que suficiente. Pu-me meu próprio casaco.

-Melhor vou, -pinjente. -desfrutei realmente com o maravilhoso trato.

-Agradeça-lhe a meu irmão, -disse Janice, seu amplo sorriso restaurado. -E, depois de tudo, já pagou por isso. -Ela sustentou os pendentes.

Eu também sorria, quando deixei o calor e o companheirismo do salão, mas isto não durou muito tempo. O termômetro descendeu e o céu se obscurecia com cada minuto. Andei energicamente a distância de novo ao bloco de pisos. depois de um frio passeio sobre um elevador lhe chiei, alegrei-me de usar a chave que Alcide me deu e entrar em calor. Acendi um abajur e a televisão como uma pequena companhia, e me acurruque no sofá rememorando os prazeres da tarde. Uma vez que me descongele, dava-me conta que Alcide devia ter baixado o termostato. Embora estava agradável comparado com fora, o apartamento estava definitivamente sobre o lado fresco.

O som da chave na porta despertou de meu sonho, Alcide entrou com uma tabuleta sujetapapeles cheia de trabalho para escrever. Ele parecia cansado e preocupado, mas sua cara se relaxou quando me viu esperando-o.

-Janice me chamou para me dizer que te tinha retornado, -disse. Sua voz se fez mas cálida conforme falava. -Ela quis que te desse as obrigado outra vez.

Encolhi-me de ombros.

-Aprecio meu cabelo e minhas unhas novas, -pinjente. -Nunca antes o tinha feito.

-Alguma vez antes estive em um salão de beleza?

-Minha avó ia de tanto em tanto. Eu me recortei as pontas, uma vez.

Ele se olhou tão atordoado como se eu tivesse admitido que não tinha visto nunca um inodoro.

Para encobrir meu desconcerto, expus minhas unhas em leque para que as admirasse. Não as quis muito largas, e estas tinham sido as mas curtas que Corinne tinha posto, conforme me comentou.

-Fazem jogo com as unhas dos pés, -disse a meu anfitrião.

-me deixe ver, -disse ele.

Desatei minhas sapatilhas de esporte e saque minhas meias três-quartos. Mostrando meus pés.

-Não são belas? -Perguntei.

Ele me via de maneira engraçada.

-vêm-se grandiosas, -disse ele quedamente.

Joguei uma olhada ao relógio em cima da televisão.

-Suponho que melhor vou pôr me lista, -pinjente, tratando de imaginar como me banhar sem afetar meu cabelo e unhas. Pensei nas notícias do Janice sobre o Debbie. -Você realmente está preparado para te vestir esta noite, certo?

-Seguro -ele disse animosamente.

-Por que eu vou com tudo para fora.

Isto o interessou.

-Isto significaria...?

-Espera e verá.

Ele era um tipo agradável, com uma família agradável, me fazendo um grande favor. Vale, tinha sido coagido a isso. Mas ele me estava resultado extremamente simpático, sem importar as circunstâncias.

Saí de meu quarto uma hora mais tarde. Alcide estava de pé na cozinha, servindo uma *Coca-cola*. A qual se transbordou do copo enquanto ele me contemplava.

Isso era um verdadeiro elogio.

Enquanto Alcide limpava o mostrador com uma toalha de papel, ele seguiu lançando olhadas fazia mim. Girei devagar.

Eu ia de vermelho—vermelho gritão, vermelho fogo. Me ia congelar a maior parte da noite, porque meu vestido não tinha ombros, embora tivesse luvas largas os quais ficavam separadamente. fechava-se com uma cremalheira pelas costas, que terminava ondeando debaixo dos quadris, o que *ficava* debaixo dos quadris. Minha avó se teria arrojado através do marco da porta para me impedir de sair fora com este vestido. Eu o amei assim que o vi. Consegui-o em uma venda de extrema liquidação na Tara's Togs; suspeitei que Tara o

rebaixou para mim. Atuando sob um enorme e imprudente impulso, comprei os sapatos e o lápis labial a jogo. E agora as unhas, graças ao Janice! Tinha um envolvente xale de seda com franjas cinza-e-negra e franjas para me abrigar, e uma pequena bolsa que fazia jogo com meus sapatos. A bolsa estava adornada com contas.

-Excursão outra vez, -sugeri Alcide com voz um pouco rouca.

Ele mesmo tinha posto um convencional traje negro com uma camisa branca e gravata verde decorada que emparelhava com seus olhos. Pelo visto, *nada* poderia domar seu cabelo. Talvez ele deveria ter ido ao salão de beleza do Janice em vez de eu. Ele se via bonito e rude, embora “atrativo” poderia ser uma palavra mais exata que “bonito”.

Girei devagar. Não era o bastante confidente para lhe impedir a minhas sobrancelhas arquear-se em uma pergunta silenciosa quando completei minha volta.

-Vê-te *apetitosa*, -disse sinceramente. Liberei meu fôlego não me dava conta que o tinha estado retendo.

-Agradeço-lhe isso, -pinjente, tratando de não sorrir como uma idiota.

Tive um momento difícil para entrar na caminhonete do Alcide, pela brevidade do vestido e a altura dos saltos, mas com o Alcide me dando um tático empurrãozinho, obtenha-o.

Nosso destino era um pequeno lugar na esquina do Capitol e *Roach*. Não era muito impressionante do exterior, mas a Cafeteria *Mayflower* era tão interessante como Alcide predisse. Algumas pessoas estavam vestidas muito elegantes nas mesas dispersas sobre o chão de loseta em branco e negro, como Alcide e eu. Algumas mas tinham posto flanela e dril de algodão. Uns já traziam postas algumas monopoliza. Alegrei-me de que não bebêssemos; Alcide pediu uma cerveja, e foi tudo. Eu pedi um chá gelado. A comida estava realmente boa, mas não era elaborada. O jantar foi larga, diversa, e interessante. Muita gente conhecia o Alcide, e vieram à mesa para lhe dizer olá! e averiguar quem era eu. Alguns destes visitantes estavam implicados no governo estatal, outros estavam na construção como Alcide, e outros pareciam ser amigos do papai do Alcide.

Alguns deles não eram homens observantes da lei absolutamente; embora sempre tenha vivido no Bon Temps, conheço os capuzes quando vejo o produto de seus miolos. Não digo que eles pensavam em liquidar a alguém, ou subornavam a senadores, ou algo pelo estilo. Seus pensamentos eram ambiciosos—cobiça por dinheiro, cobiça por mim, e em um caso, cobiça pelo Alcide (da que ele estava completamente inconsciente, poderia dizer).

Mas sobre tudo, estes homens—todos eles—cobiçavam o poder. Adivinho que em uma capital estatal, aquela ambição pelo poder era inevitável, até em um estado como Misisipi infestado de pobreza.

Quase todas as mulheres com os homens mais ambiciosos foram extremamente penteadas e vestidas caro. Por esta noite, podia as emparelhar, e eleve minha cabeça. Uma delas pensou que parecia uma puta de categoria, mas decidi que isso era um elogio, ao menos por esta noite. Pelo menos ela pensou que eu era cara. Uma mulher, banquera, conhecia o Debbie “a antiga noiva”, e me reviso da cabeça até tocar a ponta de mim pé, pensando que Debbie queria uma descrição detalhada.

É obvio, nenhuma desta gente conhecia ou sabiam algo de mim. Era maravilhoso estar entre pessoas que não tinha nem idéia de meu fundo e educação, minha ocupação ou minhas capacidades. Determinada a desfrutar de do sentimento, concentrei-me em não falar com menos que me falassem, não derramar nenhum alimento sobre meu formoso vestido, e fazer provisão de minhas maneiras, tanto para a mesa como social. Enquanto desfrutava, calculei que seria uma pena se causasse ao Alcide qualquer vergonha, desde que entrava em sua vida tão brevemente.

Alcide arrebatou a conta antes de que pudesse alcançá-la, e franziu o cenho fazia mim quando abri minha boca para protestar. Finalmente fiz uma pequena reverência com minha cabeça. depois daquela luta silenciosa, alegrei-me de observar que Alcide era generoso com a gorjeta. Isto o subiu em minha estimativa. Para falar a verdade, ele tinha já muita altura em minha estimativa. Estava em guarda para detectar algo negativo sobre este homem. Quando retornamos à caminhonete do Alcide—esta vez me ajudo mais quando ele me impulsionou fazia o assento, e estou segura que desfrutou de do procedimento—ambos estávamos tranqüilos e pensativos.

-Não falou muito no jantar, -disse ele. -Não passou um bom momento?

-Ah, seguro, que se. Só que não acreditei que era um bom momento para começar a emitir alguma opinião.

-O que pensou do Jake Ou'Malley?

Ou'Malley, um homem a princípios de suas sessenta com grosas e aceradas sobrancelhas, esteve parado dirigindo-se ao Alcide por ao menos cinco minutos, todo o momento jogando pequenas olhadas laterais para meu peito.

-Penso que ele planeja joderte Seis Caminhos a partir do domingo.

Tive sorte de que ainda não tinha tirado o freio. Alcide acendeu a luz do automóvel e me viu. Sua cara era severo.

-Do que estas falando? -perguntou.

-Ele te vai fazer uma oferta mais baixa para o seguinte trabalho, porque subornou a uma das mulheres em seu escritório—Thomasina algo—para lhe avisar o que lhe ofereçam. E logo...

-O que?

Alegrei-me que a calefação estivesse ao máximo. Quando os homens-lobo ficam zangados, a gente pode senti-lo ao redor do ar. Tinha esperado não ter que lhe explicar ao Alcide. Tinha estado tão ordenado, sendo desconhecido.

-Você é...o que? -perguntou, assegurando-se que o entendia.

-Telépata, -pinjente, com uma espécie de balbuceio.

Seguiu um silêncio comprido, enquanto Alcide digeriria isto.

-Escutou *algo* bom? -perguntou, finalmente.

-Seguro. A Sra. Ou'Malley quer saltar sobre seus ossos, -disse-lhe, sorrindo de maneira resplandecente. Tive que me recordar não atirar de meu cabelo.

-Isso é bom?

-Comparativamente, -pinjente. -É melhor ser jodido fisicamente que economicamente.

A Sra. Ou'Malley era ao menos vinte anos mais jóven que o Sr. Ou'Malley, e era a pessoa mais arrumada que tinha visto alguma vez. Apostava que se escovava suas sobrancelhas cem vezes por noite.

Ele sacudiu sua cabeça. Não tinha nenhum quadro claro do que ele pensava.

-E eu, me os?

Estraguem!

-Os adaptoformas não são tão fáceis, -pinjente. -Não posso agarrar uma maneira clara de pensar, é mais um humor geral, intenções, série deles. Adivinho que se pensasse diretamente fazia mim, conseguiria-o. Quer tentá-lo? Pensa algo em mim.

Os pratos que uso no apartamento têm um bordo de rosas amarelas.

-Eu não lhes chamaria rosas, -disse dudosamente. -Mas bem zinnias, se me perguntar isso.

Pude sentir sua retirada, sua cautela. Suspirei. O mesmo de sempre, o mesmo. Tive certa sensação de dor, já que ele eu gostava.

-Mas escolher seus próprios pensamentos de sua cabeça, é uma área escura,- pinjente. -Não posso fazê-lo consistentemente com lobatos e adaptos. -(Alguns *Supes* eram bastante fáceis de ler, mas não vi nenhuma necessidade de trazer este ponto no momento.)

-Graças a Deus.

-Ah? -Pinjente maliciosamente, em uma tentativa de iluminar com humor. -O que tem medo que leoa?

Alcide me sorriu abertamente antes de que apagasse a luz do teto e saíssemos do estacionamento.

-Não importa, -disse, quase distraidamente. -Não importa. Então, o que vais fazer esta noite é ler mentes, e tratar de recolher pistas sobre o paradeiro de seu vampiro?

-Assim é. Não posso ler aos vampiros; eles não parecem tirar nenhuma onda cerebral. Assim é como eu me explico isso. Não sei como faço isto, ou se houver uma maneira científica de expressá-lo.

Não mentia exatamente: as mentes dos não-mortos realmente eram ilegíveis—exceto por um pequeno vislumbre de uma fração de segundo de tanto em tanto (que logo que contava, e ninguém deveria sabê-lo). Se os vampiros soubessem que podia ler suas mentes, nem sequer Bill poderia me salvar. Se ele quisesse.

Sempre que esquecia durante um segundo que nossa relação tinha trocado radicalmente, doía-me uma vez mais quando o recordava.

-Qual é seu plano?

-Aponto a quão humanos saem ou servem aos vampiros locais. Os humanos foram os que o seqüestraram. Brincaram-no no dia. Ao menos, isto é o que eles disseram ao Eric.

-Deveria te haver perguntado sobre isto antes, -disse, principalmente para ele mesmo. -No caso de escuto algo pela via normal—por meus ouvidos—talvez deveria me contar as circunstâncias.

Quando conduzimos pelo que Alcide disse era a velha estação de ferrovia, dava-lhe um resumo rápido. Vislumbrei uma placa com o nome da rua “Amite” quando nos dirigimos até um toldo que me sobressaía em uma longitude deserta da calçada nos subúrbios do centro do Jackson. A área diretamente sob o toldo estava iluminada com uma luz brilhante e fria. De algum jeito aquela longitude na calçada pareceu espeluznantemente sinistra,

sobre tudo por que o resto da rua estava escura. A inquietação subiu lentamente por minhas costas. Senti uma profunda relutância a me parar naquela parte de calçada.

É um sentimento estúpido, disse-me. Era somente uma extensão de cimento. Nenhuma besta estava à vista. depois de que os negócios fechavam às cinco, o centro da cidade do Jackson não formigava exatamente, inclusive em circunstâncias ordinárias. Poderia apostar a que a maior parte das calçadas no inteiro estado do Mississippi estavam nuas durante esta fria noite de dezembro.

Mas havia algo sinistro no ar, uma vigilância passada os laços com um torcido de malícia. Os olhos que nos observavam eram invisíveis; mas nos observavam, entretanto. Quando Alcide saltou fora da caminhonete e vinho para me ajudar a baixar, notei que deixou as chaves na ignição. Balancei minhas pernas fazia o exterior e pus minhas mãos sobre seus ombros, meu comprido xale de seda firmemente ao redor de mim ondeio detrás, permitindo penetrar uma rajada de ar frio, estremeci-me. Impulsione-me quando ele me levantou, e logo estive na calçada.

A caminhonete se foi.

Vi o Alcide de reajo, para ver se isto deveria ser alarmante, mas ele luziu bastante normal.

-Os veículos estacionados no fronte chamariam a atenção do público em geral, -ele me disse, sua voz amortecida acendeu um pouco a frieza do vasto silêncio naquela parte de pavimento.

-Eles podem entrar? Os humanos normais? -Perguntei, indicando com a cabeça para a porta metálica.

via-se tão pouco atrativa como uma porta se pode olhar. Em realidade, não havia nenhum nome por nenhuma parte sobre ela, ou sobre o edifício. Nenhum adorno de Natal, tampouco. (Certamente, os vampiros não celebram festas, exceto *Halloween*. Isto é o festival antigo do Samhain disfarçado com uma parafernália que os vampiros encontram deliciosa. Por isso, *Halloween* é o grande favorito, e é celebrado a nível mundial por toda a comunidade vampiro.)

-Seguro, se eles querem pagar um talher de vinte dólares para beber as piores bebidas que há em cinco estados. Servidas pelos garçons mais grosseiros e rudes. De maneira muito, muito lenta.

Tratei de sufocar um sorriso. Este não era a classe de lugar para sorrir.

-E se eles suportarem isto?

-Não há nenhum espetáculo, ninguém os fala, e se eles ficarem muito tempo, encontram-se sobre a calçada dentro de seu automóvel sem a menor ideia ou memória de como chegaram aí.

Ele agarrou a manga da porta e o atirou para abri-lo. O temor que empapou o ar não pareceu afetar ao Alcide.

Andamos por um estreito corredor que depois estava bloqueado por outra porta de aproximadamente quatro pés. Outra vez, ali, sabia que estávamos sendo observados, embora não pudesse ver uma câmara ou mira por nenhuma parte.

-Qual é o nome deste lugar? -Sussurrei.

-Os vampiros que o possuem lhe chamam *Josephine's*, -disse ele, quedamente. -Mas os lobatos lhe chamamos o *Clube Morto*.

Pensei em rir, mas a porta interior se abriu nesse mesmo momento.

O porteiro era um trasgo.

Nunca antes tinha visto um, mas a palavra “trasgo” arrebentou em minha mente como se tivesse um dicionário de termos sobrenaturais impresso dentro de meus globos oculares. Ele era muito curto e se via como um mal-humorado excêntrico com uma ampla cara e mãos nodosas. Seus olhos estavam cheios de fogo e malignidad. Fulminou-nos com o olhar como se os clientes fossem as últimas coisas que ele necessitava.

O por que qualquer pessoa ordinária desejaria entrar no *Josephine's* depois do efeito acumulativo na atormentada calçada, o veículo desaparecido, e o trasgo na porta?... bem, algumas pessoas nascem somente pedindo ser assassinadas, suponho.

-Sr. Herveaux, -o trasgo disse devagar, em uma profunda voz resmungona. -É bom lhe ter de volta. Sua companheira é...?

-Senhorita Stackhouse, -Alcide disse. -Sookie, este é Sr. Hob.

O trasgo me examinou com olhos acesos. Pareceu fracamente preocupado, como se não pudesse me enquadrar em uma categoria; mas depois de um segundo, fez-se a um lado para nos deixar passar.

Josephine's não estava muito atestado. Certamente, era algo cedo para seus paroquianos. depois da misteriosa ambientação de fora, o quarto grande se parecia, quase de maneira decepcionante, a qualquer outro bar. A barra estava no meio do quarto, uma barra quadrada grande com um painel levadiço para que o pessoal passasse de um lado ao outro. Perguntei-me se o dono teria estado olhando retransmissões do Cheers. As taças penduravam para

baixo, suspensas sobre estântes, e havia novelo artificiais, música baixa e uma mortíça iluminação. Fora tinha polidos tamboretos de barra postos regularmente ao redor do quadrado. À esquerda da barra havia uma pequena pista de baile, e ainda mais longínquo havia um diminuto estrado para uma banda ou um *disc-jóquei*. Sobre os outros três lados do quadrado estavam as habituais mesas pequenas, aproximadamente a metade delas estavam ocupadas.

Então distingui a lista de ambíguas regras sobre a parede, as regras estavam desenhadas para ser entendidas pelos paroquianos regulares, mas, não pelo turista ocasional. “*Nenhum Troco no local*”, dizia um severamente. (Lobatos e adaptos não podiam trocar de humano a animal quando eles estavam no bar; vale, podia entender isto.) “*Nenhuma Mordida de Qualquer Classe*”, dizia outro. “*Nenhum Sanduíche Vivo*”, li em um terceiro. Agghh.

Os vampiros estavam dispersos por toda parte do bar, uns estavam com sua própria classe, outros com humanos. Havia uma estentórea festa de adaptos na esquina sudeste, onde várias mesas estavam reunidas para acomodar a todos os da festa. O centro deste grupo parecia ser uma jóven mulher alta com o cabelo curto relucientemente negro com uma constituição de atleta, e uma estreita cara larga. Ela estava abraçada a um maciço homem de sua própria idade, que adivinhei teria aproximadamente vinte e oito. Ele tinha olhos redondos, um nariz chato e o cabelo com o aspecto mais suave que tenha visto alguma vez—era quase tão fino como o de um bebê, e tão loiro que era quase branco. Perguntei-me se esta seria a festa do compromisso, e me perguntei se Alcide saberia que foram estar ali. Sua atenção estava definitivamente enfocada naquele grupo.

Naturalmente, imediatamente comprovei o que as outras mulheres no bar tinham posto. As vampiras e as mulheres com vampiros foram vestidas mas ou menos como eu. As fêmeas adaptos foram mas tampadas. A mulher com o cabelo negro que tinha decidido seria Debbie levava posta uma blusa de seda cor oro e calças marrons de couro muito rodeados com botas. Ela riu de algum comentário do homem loiro, e senti que o braço do Alcide ficava rígido sob meus dedos. Ahá, esta devia ser a ex-noiva, Debbie. Certamente seu bom animo se intensificou já que ela tinha vislumbrado a entrada do Alcide.

Uma zorra falsa, pensei, e no tempo que toma estalar seus dedos, decidi me comportar em concordância. O trasgo Hob nos ensinou o caminho a uma mesa vazia com vista à animada festa, sustentou fora uma cadeira para mim. Assenti cortesmente, e me desenrole de minha estola, dobrando-a e pondo-a em uma cadeira vazia. Alcide se sentou na cadeira a minha direita, assim, ele poderia lhe dar as costas à esquina onde os adaptos tinham tão retumbante bom ambiente.

Um vampiro de ossos finos veio para tomar nossa ordem. Alcide perguntou meu parecer com uma inclinação de sua cabeça.

-Um coquetel de champanha, -pinjente, não tendo nem idéia a que sabia.

Nunca tive problema para me mesclar no Merlotte's, mas agora que estava no bar de alguém mais, pensei que me ajudaria. Alcide ordenou uma *Heineken*. Debbie jogava muitas olhadas onde estávamos, então me apoiei e alisei uma onda do negro cabelo encaracolado do Alcide. Ele pareceu surpreso, embora certamente Debbie não pudesse ver isto.

-Sookie? -ele disse, mas bem dudosamente.

Sorri-lhe, não com meu sorriso nervoso—porque por uma vez, não o estava. Graças ao Bill, agora tenho uma pouca de confiança sobre meu próprio atrativo físico.

-Né!, sou sua entrevista, recorda? Atuo parecido a uma noiva, -disse-lhe.

O vampiro magro trouxe nossas bebidas nesse mesmo momento, e tilintei minha taça contra sua garrafa.

-Por nossa empresa conjunta, -pinjente, e seus olhos se iluminaram. Bebemos a sorvos.

Decidi que os coquetéis de champanha estavam muito bons.

-me conte mais sobre sua família, -pinjente.

Desfrutava escutando a agilidade de sua voz. E teria que esperar até que houvesse mais humanos no bar antes de que começasse a escutar os pensamentos dos outros. Alcide atentamente começou a me dizer sobre quão pobre seu papai era quando ele começou seu negócio de inspeção, e tudo o que lhe custou prosperar. Logo que começava a me dizer sobre sua mãe quando Debbie se passeou por aí.

Era sozinho questão de tempo.

-Olá, Alcide!, -ela ronronou. Já que ele não foi capaz de vê-la aproximar-se, sua forte cara tremeu. -Quem é sua nova amiga? Tomou emprestada para a noite?

-Ah, mais comprido que isso, -pinjente claramente, e sorri ao Debbie, com um sorriso que emparelhava sua própria sinceridade.

-Seriamente? -Se suas sobrancelhas se elevaram um pouco mais alto, teriam chegado ao céu.

-Sookie é uma boa amiga, -disse Alcide sem alterar-se.

-Ahá? -Debbie duvidou de sua palavra. -Não faz muito que me disse que nunca teria a outra “amiga” se não podia ter... bom. -Ela sorriu com satisfação.

Cobri a enorme emano do Alcide com minha própria mão e lhe dava um olhar que implicou muito.

-me diga, -disse Debbie, seus lábios se curvaram de um modo cético, -que te parece essa marca de nascimento que tem Alcide?

Quem poderia haver predito que ela estava disposta a ser uma cadela tão abertamente? A maior parte das mulheres tratam de escondê-lo, ao menos diante de estranhos.

Está sobre minha nádega direita. É como em forma de coelho. Bem, que agradável. Alcide recordou o que havia dito, e ele pensou diretamente sobre mim.

-Amo os coelhinhos, -pinjente, ainda sorrindo, minha mão baixo fazia Alcide para acariciar, muito ligeiramente, a parte alta de sua nádega direita.

Durante um segundo, vi pura raiva sobre a cara do Debbie. Ela era tão enfocada, tão controlada, que sua mente era muito menos opaca que a maioria dos adaptos. Ela pensava em seu prometido mocho, em como ele não era tão bom na cama como Alcide, mas tinha um montão preparado de dinheiro em efetivo e estava disposto a ter meninos, o que Alcide não queria. E ela era mais forte que o mocho, muito capaz de dominá-lo.

Ela não era nenhum demônio (certamente, seu prometido teria uma duração realmente curta se ela o *fora*) mas tampouco era nenhum caramelo.

Debbie ainda poderia ter recuperado a situação, mas seu descobrimento de que eu conhecia o pequeno segredo do Alcide a desenquadrara. Cometeu um grave engano.

Ela me fulminou com um olhar que teria paralisado a um leão.

-Parece que foi ao salão do Janice hoje, -disse ela, recolhendo com as unhas meus cachos casualmente cansados. Seu próprio cabelo negro estava talhado em grupos assimétricos, com diferentes compridos, fazendo-a parecer um cão em uma amostra muito boa, talvez um Afegão. Sua cara estreita aumentava o parecido. -Janice nunca envia a ninguém fora parecendo que vivem neste século.

Alcide abriu sua boca, a raiva tenso todos seus músculos. Pus minha mão em seu braço.

-O que pensa *você* de meu cabelo? -Perguntei brandamente, movendo minha cabeça assim o cabelo se deslizou sobre meus ombros nus. Tomei sua mão e a sustentei brandamente junto aos cachos que me caíam sobre meu peito. Né!, eu estava bastante bem nisto! Sookie a gatita sensual.

Alcide conteve sua respiração. Seus dedos se arrastaram pela longitude de meu cabelo, e seus nódulos roçaram minha clavícula.

-Penso que é formoso, -ele disse, sua voz era rouca e muito sincera.

Sorri a ele.

-Adivinho que em vez de tomar emprestada, ele te alugou, -disse Debbie, caindo no engano irreparável de provocar com insultos.

Isto foi um insulto terrível, para ambos. Tomou cada parte de resolução que tenho manter um elegante autocontrol. Senti o primitivo dentro de mim, a verdadeira eu, que nadada quase à superfície. Ficamos contemplando a adapto, e ela empalideceu com nosso silêncio.

-Vale, não deveria haver dito isto, -disse ela nervosamente. -Só esquece-o.

Como ela era um adapto, deixaria-me para o arrasto em uma luta justa. Certamente, eu não tinha nenhuma intenção de lutar de maneira justa, se se desse o caso.

Inclinei-me e toquei com uma unha vermelha suas calças de couro.

-te vestindo com *Prima Elsie*? -Perguntei.

De improviso, Alcide se partiu da risada. Sorri-lhe quando ele se dobrou, e quando elevei a vista, Debbie andava de volta a sua festa, que se calou durante nosso intercâmbio.

Recordei-me mesma não ir sozinha ao serviço de senhoras essa noite.

Quando ordenamos nossa segunda ronda de bebidas, o lugar estava cheio. Uns amigos lobatos do Alcide entraram, um grupo grande—aos lobatos gosta de estar em matilhas (grupos) grandes, conforme tenho entendido. Isto depende sempre do animal que o adapto selecione para trocar-se mas frequentemente. Apesar de seu caráter teoréticamente versátil, Sam me havia dito que os adaptoformas frequentemente se trocam sempre ao mesmo animal, a criatura pela que eles sentem uma afinidade especial. Assim, eles podem ser chamados por aquele animal: adaptoperro, adpatorata, adaptotigre. Mas nunca “Lobatos”—porque este término estava reservado para os lobos. Os verdadeiros Homens-lobos desprezavam tais variedades de forma, e não pensavam em geral muito sobre o os adaptos. Eles, os homem-lobo, consideravam-se a nata e nata do mundo adaptoforma.

Os adaptos, por outra parte, Alcide me explicou, pensavam nos homem-lobo como os valentões da cena sobrenatural.

-E seu encontra realmente a muitos de nós nas construções, -disse ele, como se tratasse de ser justo por força. -Muitos lobatos são mecânicos, ou pedreiros, ou encanadores, ou cozinheiros.

-Ocupações úteis, -pinjente.

-Sim, -ele esteve de acordo. -Mas não é exatamente um pouco de pescoço branco ou administrativo. Assim embora cooperemos o um com o outro, até certo ponto, há muita discriminação de classe.

Um grupo pequeno de lobatos uso motorista entro em pernadas no bar. Eles levavam posta a mesma classe de colete de couro com as cabeças de lobo sobre as costas que tinha tido posto o homem que me atacou no Merlotte'S. Me perguntei se teriam começado a procurar a seu camarada. Perguntei-me se já teriam uma idéia mais clara da quem deviam procurar, o que me fariam se eles se dessem conta de quem era eu. Os quatro homens ordenaram várias jarras de cerveja e começaram a falar secretamente, as cabeças muito juntas e as cadeiras diretamente pegadas à mesa.

Um *disc-jóquei*—me pareceu que era um vampiro—começou a tocar com um nível perfeito; alguém podia estar segura qual era a canção, mas ainda se podia falar.

-vamos dançar, -sugeriu Alcide.

Não calculei isso; mas isto me poria mais perto dos vampiros e seus humanos, assim aceitei. Alcide sustentou minha cadeira para mim, e tomou minha mão quando nos aproximamos da minúscula pista de baile. O vampiro trocou a música de algum pesado ritmo metálico à canção do Sarah McLachlan "*Good Enough*", que é lenta, mas com ritmo.

Não posso cantar, mas posso dançar; e aconteceu que Alcide também podia.

O bom sobre o baile consiste em que não tem que falar, se não sentir necessidade de conversar. A coisa má é que te faz hiperconsciente do corpo de seu companheiro. Já tinha estado incômodamente consciente do Alcide—me perdoem—de seu magnetismo animal. Agora, tão perto dele, me balançando ao ritmo com ele, depois de cada movimento, encontrei-me em uma espécie de transe. Quando a canção terminou, ficamos na pequena pista de baile, e mantive meus olhos sobre o chão. Quando a seguinte canção arrancou, um pedaço mais rápido de canção—embora por mim vida não poderia dizer qual—começamos a dançar outra vez, girei, movi-me e me inundei no homem-lobo.

Então detrás de nós um gorducho fortachón se sentou em um tamborete da barra e disse a seu companheiro vampiro:

-Ele não falou ainda. E Harvey chamou hoje. Disse que registraram a casa e não encontraram nada.

-É um lugar público, -disse seu companheiro com voz aguda. O vampiro era um homem muito baixinho—possivelmente foi feito vampiro quando os homens eram mais curtos.

Sabia que eles falavam do Bill, porque o humano pensava no Bill quando disse, “Ele não falou”. E o humano era um emissor excepcional para ambas as coisas; som e imagens, chegaram-me claramente.

Quando Alcide tratou de me levar fora de sua órbita, opu-me com aprumo. Elevando a vista fazia sua surpreendida cara, dirigi meus olhos para o casal. A compreensão se filtrou em seus olhos, mas não pareceu feliz.

O baile e a tentativa de ler a mente de outra pessoa ao mesmo tempo não são algo que eu recomendaria. Estava me esforçando mentalmente, e meu coração palpitava pelo choque de vislumbrar a imagem do Bill. Por sorte, Alcide se desculpou para ir aos serviços de cavalheiros nesse mesmo momento, me deixando sobre um tamborete na barra diretamente junto ao vampiro. Tatei de seguir olhando ao redor a outros bailarinos, ao *disc-jóquei*, e não ao homem que estava à esquerda do vampiro, o homem cuja mente tentava ler.

Ele pensava em tudo o que teve o que fazer durante o dia tratando de manter a alguém acordado, alguém que realmente tinha que dormir—um vampiro. Bill.

O manter a um vampiro acordado durante o dia era a pior classe de tortura. Também é muito difícil de fazer. A compulsão para dormir quando o sol sai é imperativa, e o sonho em si mesmo se parece com a morte.

De algum modo, esta conjectura nunca cruzou por minha mente—adivinho, deve-se a que sou Americana—que os vampiros que seqüestraram ao Bill poderiam recorrer à tortura para conseguir que falasse. Naturalmente, se eles queriam informação, não foram esperar ao redor até que Bill tivesse vontades de dizer-lhe Estúpida de mim—tola, tola, tola. Inclusive sabendo que Bill me enganou, até sabendo que ele pensava me deixar por seu amante vampira, a dor por ele me golpeou profundamente.

Absorvida em meus pensamentos infelizes, não reconheci o problema quando este estava de pé diretamente ao meu lado. Até que me tirou do braço.

Um dos membros da turma dos lobatos, um moreno grande, muito pesado e muito fedorento, tinha-me arranca-rabo pelo braço. Ele conseguiu deixar suas gordurentas impressões digitais em meus compridos e formosas luvas vermelhas, tratei de arrancar meu braço dele.

-Vêem nossa mesa e nos deixe te conhecer melhor, riqueza,-disse, sonriéndome abertamente.

Ele levava um par de pendentes na orelha. Perguntei-me que lhes passaria durante a lua enche. Mas quase imediatamente, dava-me conta que tinha problemas mais sérios que solucionar. A expressão em sua cara era muito franco; os homens não vêem as mulheres daquela maneira a menos que as mulheres estejam paradas em uma esquina da rua vestindo mini-pantalonicillos e um sustento: em outras palavras, ele pensou que eu era matéria segura e disposta.

-Não, obrigado, -pinjente cortesmente.

Tinha o cansado e cauteloso pressentimento, que isto não ia ficar aí, mas bem podia tentá-lo. Tinha muita experiência no Merlotte's com tipos insistentes, mas sempre contei com respaldo no Merlotte's. Sam não toleraria que suas empregadas fossem insultadas ou manuseadas.

-com certeza que sim, cariñito. Você quer vir a nos ver, -disse ele com insistência.

Pela primeira vez em minha vida, lamente que Bubba não estivesse comigo.

Começava a me acostumar que a gente que me incomodava terminasse mau. E talvez, tinha-me acostumado muito a ter alguns de meus problemas solucionados por outros.

Pensei assustar ao lobato lendo sua mente. Seria pão comido—ele estava totalmente aberto, para ser um lobato. Mas, não só seus pensamentos eram aborrecidos e pouco surpreendentes (luxúria, agressão), se sua turma tinha o encargo de procurar a noiva do Bill o vampiro, e eles sabiam que era uma garçoneira e uma telépata, e se eles encontravam uma telépata, bom...

-Não, não quero vir a me sentar com vocês, -pinjente definitivamente. -me deixe em paz. -Desci-me do tamborete assim não poderia ser apanhada nessa posição.

-Não tem a nenhum homem aqui. Nós somos verdadeiros homens, doçura. -Com sua mão livre, ele se agarrou e monopolizou a braguilha. *OH, genial.* Isso realmente me pôs brincalhona. Aggh. -Manteremo-lhe feliz.

-Você não poderia me fazer feliz nem que fora *Santa Claus*, -pinjente, lhe pisando sua impigem com todas minhas forças.

Se ele não houvesse levando postas botas de motorista, teria sido eficaz. Mas como se levava, estive mas perto de romper o salto de meu sapato. Amaldiçoava mentalmente minhas unhas postiças porque me impediam de formar com força um punho. ia golpear o no nariz com minha mão livre; um golpe no nariz realmente machuca. Assim ele teria que me soltar.

Ele me grunhiu, realmente me grunhiu, quando meu salto golpeou sua impigem, mas não me soltou de seu apertão. Sua mão livre agarrou meu ombro nu, e seus dedos se enterraram nele.

Tinha estado tratando de ser tranqüila, esperando resolver isto sem armar barulho, mas acaba de transbordar esse ponto nesse mesmo momento.

-Deixe ! -Gritei, enquanto fiz uma heróica tentativa com meu joelho de golpeá-lo nas Pelotas. Suas coxas eram fortes e sua postura muito fechada, por isso não pude conseguir um bom tiro. Mas ao menos fiz que se estremecesse, embora suas unhas escavaram dentro de meu ombro, ele me soltou.

Em parte foi devido a Alcide o tinha agarrado pelo cangote. O Sr. Hob andou entre os outros membros da turma que se levantaram para vir à barra em auxílio de seu companheiro. Aconteceu que o trasgo que nos deixou entrar no clube também se desempenhava como gorila. Embora por fora se via um homem muito pequeno, ele pôs seus braços ao redor da cintura do motorista e o levantou com facilidade. O motorista começou a gritar, e o aroma de carne queimada começou a circular no bar. O magro dono de cantina acendeu um resistente aspersor de gases, que ajudou um montão, mas até podíamos ouvir os gritos do motorista ao longo de um estreito corredor escuro que não tinha notado antes. Devia conduzir à saída pela parte traseira do edifício. Então ouvimos um forte som metálico, um alarido, e o mesmo som metálico que soava outra vez. Claramente, a porta de atrás do bar foi aberta e o ofensor arrojado fora.

Alcide se giro para confrontar aos amigos do motorista, enquanto eu tremia pela reação detrás dele. Estava sangrando onde as unhas do motorista deixaram impressões na carne de meu ombro. Necessitava um pouco do Neosporin, que era o que minha avó me punha quando me feria e me negava a usar *Campho-Phenique*. Mas qualquer preocupação a respeito de primeiros auxílios ia ter que esperar: parecia como se encarássemos outra briga. Joguei uma olhada ao redor procurando uma arma, e vi que o dono de cantina tirou um taco de beisebol de beisebol e o pôs sobre a barra. Ele mantinha um olho cauteloso na situação. Agarrei o taco de beisebol e me pus ao lado do Alcide. Balancei o taco de beisebol em posição e esperei o seguinte movimento. Como meu irmão, Jason, ensinou-me—apoiado em suas muitas brigas em bares, temo-me—escolhi um homem em particular, imagine como devia balançar o taco de beisebol para poder golpeá-lo sobre seu joelho, que era mais acessível para mim que sua cabeça. Isto o traria abaixo com toda segurança.

Então alguém andou dentro da terra de ninguém entre o Alcide, eu e os Lobatos. Era o pequeno vampiro, quem esteve falando com o humano cuja mente tinha sido fonte de informação tão desagradável.

Talvez mediria cinco pés e isso com sapatos postos, também era de constituição fina. Quando ele morreu, deveu andar no princípio de seus vinte, supus. Bem barbeado e muito pálido, tinha olhos de cor do chocolate amargo, um discordante contraste com seu cabelo vermelho.

-Senhorita, peço-lhe desculpas por esta ofensa, -disse ele, sua voz era suave e seu acento era pesadamente do Sul. Não tinha ouvido um acento tão grosso desde que minha bisavó tinha morrido fazia vinte anos.

-Sinto que a paz do bar tenha sido turvada, -pinjente, reunindo tanta dignidade como pude enquanto sustentava um taco de beisebol de beisebol. Por instinto, tinha chutado fora meus sapatos de salto, assim poderia lutar. Endireitei-me de minha postura de enfrentamento e inclinei minha cabeça, reconhecendo sua autoridade.

-Vocês, os homens vão-se agora, -disse o pequeno homem, dando-se volta ao grupo do Lobatos, -depois de que lhe tenham pedido perdão a esta dama e sua escolta.

Eles vadiaram ao redor inquietamente, mas nenhum quis ser o primeiro em tornar-se atrás. Um deles, um loiro com uma entupida barba e um banda ao redor de sua cabeça em um estilo particularmente estúpido, era pelo visto mas jóven e toco que outros. Ainda tinha o fogo de batalha em seus olhos; seu orgulho não podia dirigir a inteira situação. O motorista telegrafou seu movimento antes de que sequer tivesse começado, e rápida como um relâmpago sustentei o taco de beisebol para o vampiro, quem o arrebatou em um movimento tão rápido, que logo que fui capaz de vislumbrá-lo. Ele usou o taco de beisebol para romper a perna do homem-lobo.

O bar ficou absolutamente silencioso quando o motorista gritalhão foi levado fora por seus amigos. Os lobatos disseram a coro, “Perdão, perdão”, quando levantaram o loiro e o tiraram do bar.

Logo a música começou de novo, o pequeno vampiro devolveu o taco de beisebol ao dono de cantina, Alcide começou a comprovar meus danos, e eu comecei a tremer.

-Estou bem, -pinjente, mais que nada porque queria que outros olhassem a outra parte.

-Mas você sangra, querida, -disse o vampiro.

Era verdade; meu ombro escorria com sangue pelas unhas do motorista. Conhecia o protocolo. Inclinei-me para o vampiro, lhe oferecendo o sangue.

-Obrigado, -ele disse imediatamente, e sua língua estalou fora.

Sabia que me curaria melhor e mais rápido com sua saliva de todos os modos, assim que me mantive quieta, embora para falar a verdade, sentia-me como se estivesse deixando que

me tocassem e sentissem em público. Apesar de meu desconforto, sorri, embora sabia que não deveu ter sido um sorriso cômoda. Alcide sustentou minha mão, o que me tranquilizava.

-Lamento não ter saído mais rápido, -disse ele.

-Não era algo que pudesse prever. -Lambida, lambida, lambida. OH, venha já, para esse momento deveria ter deixado de sangrar.

O vampiro se endireitou, percorreu seus lábios com sua língua, e me sorriu.

-Uma verdadeira experiência. Permite-me me apresentar? Sou Russell Edgington.

Russell Edgington, o rei do Misisipi; pela reação dos motoristas, já o tinha suspeitado.

-Encantada de lhe conhecer, -pinjente cortesmente, me perguntando se deveria fazer uma reverência. Mas ele não se introduziu por seu título. -Sou Sookie Stackhouse, e este é meu amigo Alcide Herveaux.

-Conheço a família Herveaux há anos, -disse o rei do Misisipi. -É bom verte de novo, Alcide. Como está esse teu pai?

Poderíamos ter estado de pé a plena luz do dia como um domingo fora da Primeira Igreja Presbiteriana, em lugar de estar em um bar vampiro a meia-noite.

-Excelente, obrigado, -disse Alcide, algo rígido. -Sentimos que tenha havido problemas.

-Não foi sua culpa, -disse o vampiro graciosamente. -Os homens algumas vezes têm que deixar sozinhas a suas damas, e as damas não são responsáveis pelas más maneiras dos parvos. -Edgington realmente se inclinou para mim. Não tinha nem idéia o que fazer em resposta, mas uma inclinação com a cabeça mais profunda pareceu segura. -Você é como uma rosa florescendo em um jardim desatendido, minha querida.

E você está cheio de cagada de touro.

-Obrigado, Sr. Edgington, -pinjente, baixando meus olhos não fora que ele lesse o cepticismo neles. Talvez deveria lhe haver chamado "Sua Alteza"? -Alcide, temo-me que eu gostaria de me retirar, -pinjente, tratando de soar branda, gentil e sacudida. Foi muito fácil.

-Certamente, carinho, -ele disse imediatamente. -me deixe conseguir seu casaco e bolsa.

Ele se dirigiu imediatamente a nossa mesa, Deus o benza.

-Agora, senhorita Stackhouse, queremos que você volte amanhã de noite,-disse Russell Edgington. Seu amigo humano esteve de pé detrás do Edgington, suas mãos descansavam sobre os ombros do Edgington. O pequeno vampiro alcançou e aplaudo uma daquelas mãos. -Não a queremos espantada pelas más maneiras de um indivíduo.

-O agradeço, mencionarei- isto ao Alcide, -pinjente, sem deixar perceber o entusiasmo em minha voz.

Esperava que parecesse subordinada ao Alcide sem parecer débil. A gente débil não dura muito tempo ao redor dos vampiros. Russell Edgington acreditou que ele projetava a aparência de um antiquado cavalheiro sulino, e se esse era seu objetivo, eu poderia alimentá-lo também.

Alcide voltou, sua cara era severo.

-Temo-me que sua estola sofreu um acidente, -ele disse, e me dava conta que estava furioso. -Debbie, adivinho.

Meu formoso xale de seda tinha um grande buraco queimado sobre ele. Tratei de manter minha cara impassível, mas não o consegui muito bem. As lágrimas alagaram meus olhos, suponho que o incidente com o motorista já me tinha sacudido.

Edgington, é obvio, presenciou tudo.

-Melhor o xale que eu, -pinjente, tentando um encolhimento de ombros.

Fiz girar as esquinas de minha boca de volta fazia acima. Ao menos minha pequena bolsa parecia estar intacto, embora não tivesse mais que uma caixa de pó, um lápis labial, e suficiente dinheiro em efetivo para pagar pelo jantar. Para minha intensa vergonha, Alcide se tirou seu casaco do traje e o sustentou para que me deslizesse dentro dele. Comecei a protestar, mas o olhar em sua cara me disse que ele não ia aceitar um não como resposta.

-boa noite, senhorita Stackhouse,- disse o vampiro. -Herveaux, verei-te amanhã de noite? Trouxe-te seu negócio ao Jackson?

-Sim, isso fez, -disse Alcide agradavelmente. -Foi agradável saudá-lo, Russell.

A caminhonete estava fora do clube quando saímos. A calçada não parecia menos cheia de ameaça que quando chegamos. Perguntei-me como conseguiriam estes efeitos, mas estava muito deprimida para perguntar-lhe a minha escolta.

-Não deveria me haver dado seu casaco, deve-te estar congelando, -pinjente, depois de que conduzimos um par de blocos.

-Tenho em cima mais roupa que você, -disse Alcide.

Inclusive sem seu casaco ele não tremia, como eu o fazia. Envolvi-me mas nele, desfrutando de do forro de seda, o calor, e seu aroma.

-Nunca devi te haver abandonado com aqueles imbecis no clube.

-Todo mundo tem que ir ao quarto de banho, -pinjente brandamente.

-Deveria haver pedido a alguém sentar-se contigo.

-Sou uma garota grande. Não necessito um guarda perpétuo. Manejo todo o tempo alguns incidentes assim no bar.

Se soava cansada disso, era por que o estava. Uma não consegue ver o melhor lado dos homens quando se é garçonete de um bar; inclusive em um lugar como *Merlotte's*, onde o dono cuida de seus servidores e quase toda a clientela é local.

-Então não deveria trabalhar ali. -Alcide soou definitivo.

-Bem, te case comigo e me tire fora de tudo isto, -pinjente, inexpressiva, e consegui um olhar assustado em troca. Sorri-lhe abertamente. -Tenho o que fazer minha vida, Alcide. E sobre tudo, eu gosto de meu trabalho.

Ele pareceu pensativo e pouco convencido. Era tempo de trocar o tema.

-Eles têm ao Bill, -pinjente.

-Está segura.

-Ahá.

-por que? O que sabe ele que Edgington deseja tanto que se arriscaria uma guerra?

-Não lhe posso dizer isso

-Mas, realmente sabe?

Dizer o significaria dizer que confiava nele. Estaria na mesma classe de perigo que Bill se se conhecesse que conhecia o que ele sabia. E eu romperia muito mais rápido.

-Sim, -pinjente. -sei.

Capítulo 6

Estivemos silenciosos no elevador. Quando Alcide abriu seu apartamento, apoiei-me contra a parede. Parecia uma confusão: cansada, em conflito, agitada pela briga com o motorista, zangada pelo vandalismo do Debbie.

Tive vontades de pedir perdão, mas não sabia porquê.

-boa noite, -pinjente, na porta de meu quarto. -Ah, toma. Obrigado. -Tire-me seu casaco e o ofereci. Ele o pendurou em uma das cadeiras do comilão.

-Necessita ajuda com seu fechamento? -perguntou.

-Seria genial se pode começá-lo. -Voltei-lhe as costas. Ele me fechou as duas últimas polegadas da cremalheira quando me vestia, e apreciei que pensasse nisto antes de que desaparecesse em seu quarto.

Senti seus grandes dedos contra minhas costas, e o pequeno vaio do fechamento. Então algo inesperado ocorreu; senti-o me tocar outra vez.

Tremi por toda parte quando seus dedos se deslizaram por minha pele.

Não sabia o que fazer.

Não sabia o que queria fazer.

Girei minha cara para olhá-lo. Sua cara era tão incerta como a minha.

-É o pior momento, -pinjente. -Seu está te recuperando do rebote. Eu procuro a meu noivo; concedido, ele é um noivo infiel, mas ainda assim...

-Mau planejado, -ele esteve de acordo com suas mãos descansando sobre meus ombros.

Então se inclinou e me beijou. Tomou ao redor de segundo meio para que meus braços rodeassem sua cintura e sua língua se deslizasse em minha boca. Ele me beijou brandamente. Quis correr meus dedos por seu cabelo e averiguar que tão amplo era seu peito e se seu traseiro era realmente tão redondo e firme, quis olhar em suas calças...ah, demônios. Brandamente o empurrei fazia atrás.

-Mau momento, -pinjente. Avermelhei, me dando conta que com meu vestido na metade desabotoado, Alcide poderia ver meu sustento e as cúpulas de meus peitos facilmente. Bom, estava bem, tinha um bonito sustento posto.

-OH, Deus, -ele disse, tendo conseguido uma olhada. Ele fez um supremo esforço e colina apertadamente aqueles ojazos verdes. -Mau momento, -estive de acordo ele, outra vez. - Embora desejo que, muito em breve, possa ser o melhor momento.

Sorri.

-Quem sabe?

Pinjente, e retrocedi a meu quarto enquanto ainda podia fazer um movimento naquela direção. depois de fechar brandamente a porta, pendurei o vestido vermelho, agradada que ainda se visse bem e impecável. As luvas eram um desastre, com gordurentas impressões digitais e um pouco de sangue sobre eles. Suspirei com pesar.

Teria que andar revoando de porta a porta para usar o quarto de banho. Não quis ser tomada a brincadeira porque meu traje de nylon era definitivamente curto e rosado. Assim que me escapuli quando pude ouvir o Alcide movendo-se pela cozinha. Por uma ou outra coisa, estive no pequeno quarto de banho um ratito. Quando saí, todas as luzes no apartamento estavam apagadas exceto a de meu dormitório. Caminhe entre as sombras, me sentindo um pouco parva fazendo isto já que nenhum outro edifício da área tinha cinco pisos. Pus de lado a bata de minha camisola rosada, e engatinhe lentamente à cama para ler um capítulo de meu romance e tentar me acalmar. Era aquele onde a heroína finalmente encama ao herói, assim não trabalhou muito bem para me acalmar, mas me ajudo a deixar de pensar na pele do motorista queimando-se sob o contato com o trasgo, ou sobre a cara malévola e estreita do Debbie. E sobre a idéia do Bill sendo torturado.

A cena de amor (atualmente, a cena sexual) conduziu minha mente mais para a boca quente do Alcide.

Apaguei o abajur de noite depois de ter posto um sinal a pagina de meu livro. Me acurruqué sob as savanas, amontoei as mantas em cima de mim, e me senti—finalmente—quente e segura.

Alguém chamou a minha janela.

Soltei um pequeno chiado. Logo, me figurando quem devia ser, arrebate minha bata, rodeei-a fortemente, e abri as cortinas.

É obvio, Eric estava flutuando fora. Acendi o abajur outra vez, e lutei com a desconhecida janela.

-Que demônios quer? -Dizia, quando Alcide se lançou no quarto. Apenas lhe joguei uma olhada sobre meu ombro. -Melhor me deixa em paz e me deixa dormir algo, -disse ao Eric, sem me preocupar se soava como uma velha resmungona, -e melhor deixa de te mostrar em sítios exteriores em meio da noite, esperado que eu te deixe entrar!

-Sookie, me deixe entrar, -disse Eric.

-Não! Bom, realmente, este é o lugar do Alcide. Alcide, o que quer fazer?

Dava volta para vê-lo pela primeira vez, e tratei de não deixar cair minha boca aberta. Alcide dormia naquelas calças largas, pegos. *Latido!*. Se ele tivesse estado sem camisa trinta minutos antes, o momento poderia ter sido simplesmente perfeito.

-O que quer, Eric? -Alcide perguntou, muito mais tranqüilo do que eu o fiz.

-Temos que falar, -disse Eric, soando impaciente.

-Se o deixasse entrar agora, posso rescindir depois a autorização? -Alcide me perguntou.

-Seguro. -Sorri abertamente fazia Eric. -De um momento a outro, pode rescindi-la.

-Vale. Pode entrar, Eric.

Alcide subiu a janela, e Eric se deslizou primeiro com os pés. Fechei a janela detrás dele. Agora tinha frio outra vez. Alcide, também, tinha pele de galinha por todas as partes do peito, e seus bicos da mamadeira...me obriguei a olhar ao Eric.

Eric nos dirigiu dois um olhar agudo, seus olhos azuis eram tão brilhantes como safiras sob a luz de abajur.

-O que averiguaste, Sookie?

-Os vampiros daqui o têm.

Os olhos do Eric podem haver-se alargado um pouco, mas essa foi sua única reação. Ele pareceu pensar atentamente.

-Não é um pouco perigoso para ti estar sobre a grama do Edgington, sem avisar? -Alcide perguntou.

Ele fazia sua coisa de apoiando-contra-la-pared, outra vez. Ele e Eric eram homens tão grandes que o quarto realmente pareceu saturado de repente. Talvez seus egos consumiam todo o oxigênio.

-OH, sim, -disse Eric. -Muito perigoso. -Ele sorriu radiantemente.

Perguntei-me se notariam se retornava a me deitar. Bocejei. Dois pares de olhos giraram para concentrar-se em mim.

-Necessita algo mais, Eric? -Perguntei.

-Tem algo mais que informar?

-Sim, eles o torturaram.

-Então não lhe deixarão ir.

Certamente, que não. A gente não deixaria solto um vampiro que torturou. Ninguém quereria ver sobre seu ombro pelo resto de sua vida. Não tinha estudado isto atentamente, mas podia intuir sua lógica.

-vais atacar? -Não queria estar em nenhuma parte perto do Jackson quando isto passasse.

-me deixe pensar sobre isso, -disse Eric. -vais voltar para bar amanhã de noite?

-Sim, Russell nos convidou expressamente.

-Sookie chamou sua atenção esta noite, -disse Alcide.

-Mas é perfeito! -Eric disse. -Amanhã de noite, sente-se com a equipe do Edgington e escolhe seus cérebros, Sookie.

-Bem, isto não me teria ocorrido nunca, Eric, -pinjente, maravilhada. -meu deus!, me alegro que despertasse esta noite para me explicar isto.

-Não há problema, -disse Eric. -Em qualquer momento que deseje que eu desperte, Sookie, só tem que dizê-lo.

Suspirei.

-Parte, Eric. boa noite, outra vez, Alcide.

Alcide se endireitou, esperando que Eric saísse pela janela. Eric esperando que Alcide saísse pela porta.

-Rescindindo seu convite em meu apartamento, -Alcide disse, e repentinamente Eric andou à janela, voltou-a a abrir, e se lançou para fora. Ele franzia o cenho. Uma vez fora, ele recuperou sua calma e nos sorriu, agitando sua mão até que desapareceu.

Alcide fechou de um azotón a janela e sob as persianas de novo.

-Não, há um montão de homens que não gostam absolutamente, -disse-lhe. Ele tinha sido fácil de ler nesse momento, bem.

Ele me dirigiu um olhar estranho.

-É assim?

-Sim, assim é.

-Se você o disser.

-A maior parte das pessoas, a gente normal, que...eles pensam que estou assobiada.

-Sério?

-Sim, assim é! E os põe muito nervosos que eu seja quem lhes sirva.

Ele começou a rir, uma reação que estava muito longe do que pretendi, não tive nem idéia que dizer depois.

Ele deixou o quarto, ainda rendo-se entre dentes mais ou menos.

Vale, foi estranho. Apague o abajur e me tirei a bata, arrojando-a através do pé de cama. Me acurruqué entre as savanas e a manta outra vez, e me estire até descansar sobre meu queixo. Fora era frio e desolado, mas aqui estava eu, finalmente, quente, segura e sozinha. Realmente, realmente... muito sozinha.

À manhã seguinte, Alcide já tinha partido quando me levantei. Naturalmente, a construção e a gente que a fiscaliza ficam cedo nisso, eu estava acostumada a dormir até tarde devido a meu trabalho no bar e porque perdia o tempo com um vampiro. Se queria passar o tempo com o Bill, tinha que ser de noite, obviamente.

Havia uma nota apoiado sobre a cafeteira. Tinha uma dor de cabeça leve já que não estou acostumada ao álcool e tomei duas bebidas a noite anterior—a dor de cabeça não era exatamente uma ressaca, mas tampouco tinha minha estado normalmente entusiasta. Entortei os olhos com a diminuta letra.

«Tenho o que fazer algumas diligencia. Sinta-se como em sua casa. Estarei de volta pela tarde.»

Por um minuto me senti desiludida e desinflada. Então me gane mesma. Não era como se me tivesse chamado e programado isto como um fim de semana romântico, ou como se realmente nos conhecêssemos o um ao outro. Ao Alcide foi endossada minha companhia. Encolhi-me de ombros, e me servi uma taça de café. Fiz alguma torrada e acendi as notícias. depois de olhar um ciclo de notícias do CNN, decidi tomar banho. Tomei meu tempo. O que outra coisa podia fazer ali?

Estava em perigo de experimentar um estado quase desconhecido—aborrecimento.

Em casa, sempre há algo que fazer, embora não é algo que desfrute particularmente. Se uma tiver casa, há sempre uns quantos trabajitos que esperam sua atenção. E quando estava no Bon Temps, havia biblioteca para ir, ou a loja de um dólar, ou a loja de comestíveis. E como travei amizade com o Bill, estive fazendo recados também a ele que podiam ser só feitos no dia quando os escritórios estão abertos.

Quando Bill cruzou por minha mente, estava-me arrancando um cabelo fora de minha linha de sobrancelha, me inclinando sobre o lavamanos para me olhar atentamente no espelho do quarto de banho. Tive que deixar as pinzas e me sentar sobre o bordo da tina. Meus sentimentos pelo Bill eram atualmente tão confusos e em conflito, que não tinha nenhuma esperança de classificá-los. Mas saber que ele sofria dor, estava em problemas, e não saber como encontrá-lo—era muito. Nunca supus que nosso romance iria brandamente. depois de tudo, era uma relação de interespecies. E Bill era muito mais velho que eu. Mas esta fenda dolorosa que sentia agora que ele se foi—isso, não imaginei.

Pu-me uns jeans e um suéter e fiz minha cama. Alinhei toda minha maquiagem no quarto de banho que usava, e depois pendurei a toalha. Teria endireitado o quarto do Alcide se não houvesse sentido que me colocar com suas coisas seria uma espécie de rabugice. Assim li uns capítulos de meu livro, e logo decidi que simplesmente não podia seguir sentada no apartamento mais tempo.

Deixe- uma nota ao Alcide onde lhe dizia que iria dar um passeio, e logo montei no elevador junto com um homem vestido com roupa casual, arrastando uma bolsa de golfe. Abstive-me de lhe dizer, “indo jogar golfe?” e me encaixotando eu mesma com esta menção, era um bom dia para ir fora. Estava brilhante e ensolarado, claro como um sino, e provavelmente como deveu ser nos anos cinquenta. Era um dia alegre, com todos os Adornos de Natal que parecem mas brilhante no sol, e um montão de tráfico que faz compras.

Perguntei-me se Bill estaria em casa para o Natal. Perguntei-me se Bill poderia ir à igreja comigo durante a Véspera de Natal, ou se possivelmente ele quereria. Pensei na nova serra *Skil* que comprei para o Jason; estive-a pagando no Sears do Monroe durante meses, e justo a acabava de recolher faz uma semana. Comprei um brinquedo para cada um dos meninos do Arlene, e um suéter para o Arlene. Realmente não tinha ninguém mais para comprar um

presente, e isso era patético. Decidi que compraria ao Sam um CD este ano. A idéia me animou. Adoro dar presentes. Esta teria sido meu primeiro Natal com noivo...

OH, ao diabo, já tinha tido meu ciclo inteiro, justo como as *Notícias*.

-Sookie! -chamou uma voz.

Assustada com minha ronda de pensamentos depressivos, olhei ao redor para ver que Janice agitava sua mão da porta de sua loja, ao outro lado da rua. Andei inconscientemente a direção que conhecia. Agitei minha mão de volta.

-Vêm dentro! -ela disse.

Desci da esquina e me cruzei com o semáforo. A loja estava ocupada, e Jarvis e Corinne tinha suas mãos enche com clientes.

-As festas natalinas esta noite, -explicou Janice, enquanto suas mãos estavam ocupadas lhe enrolando o cabelo negro sobre os ombros a uma matrona jóven. -Não estamos pelo general abertos depois do meio-dia os sábados. -A mulher jóven, cujas mãos estavam decoradas com um jogo impressionante de anéis de diamantes, seguiu folheando uma cópia de *Vida do Sul* enquanto Janice trabalhava sobre sua cabeça.

-Estará saboroso? -ela perguntou ao Janice. -Almôndegas com gengibre? -Uma brilhante unha assinalou a receita.

-Será do tipo oriental? -Janice perguntou.

-Um, algo assim. -Ela leu a receita atentamente. -Ninguém mais as serviria, -murmuro ela. - Poderia as oferecer com palitos cravados.

-Sookie, o que está fazendo? -Janice perguntou, quando esteve segura que seu cliente pensava na carne de vaca picada.

-Perdendo o tempo, -pinjente. Encolhi-me de ombros. -A nota de seu irmão dizia que ele faria alguns encargos.

-Ele te deixou uma nota para te dizer o que faria? Garota, deveria estar orgulhosa. Aquele homem não pôs a pluma sobre um papel da escola secundária. -Ela me dirigiu um olhar lateral e sorriu abertamente. -Passaram-na bem ontem à noite?

Meditei-o.

-Ah, esteve bem, -pinjente vacilante. Contudo, o baile esteve divertido.

Janice estalo em gargalhadas.

-Se tiver que pensar nisso, não deve ter sido uma noite perfeita.

-Bom, não, -admiti. -Houve algo de luta no bar, e um homem teve que ser desalojado. E logo, Debbie estava ali.

-Como foi sua festa de compromisso?

-Havia uma verdadeira multidão em sua mesa, -pinjente. -Mas ela veio um ratito e fez muitas perguntas. -Sorri evocadoramente. -Seguro não gostou de ver o Alcide com alguém mais!

Janice riu outra vez.

-Quem se comprometeu? -perguntou a cliente, tendo resolvido contra a receita.

-OH, Debbie Pelt? Estava acostumado a sair com meu irmão -Janice disse.

-Conheço-a, -disse a mulher moréia, agradando em sua voz. -Ela saía com seu irmão, Alcide? E agora se casa com alguém mais?

-casa-se com o Charles Clausen, -disse Janice, assentindo gravemente. -Conhece-o?

-com certeza que sim! Fomos à escola secundária juntos. Ele se casa com o Debbie Pelt? Bem, melhor ele que seu irmão, -disse Cabelo Negro, confidencialmente.

-Já tinha entendido isto, -disse Janice. -Sabe algo que eu não sei?

-Aquela Debbie, anda em alguma matéria estranha, -disse Cabelo Negro, levantando suas sobrancelhas para remarcar o profundo significado.

-Como o que? -Perguntei, logo que respirando esperando ouvir que sairia. Poderia ser que esta mulher realmente soubesse sobre os adaptoformas, sobre os homem-lobo? Meus olhos encontraram ao Janice e vi a mesma apreensão neles.

Janice sabia sobre seu irmão. Ela sabia sobre seu mundo.

E ela sabia que eu também sabia.

-Coisas do Diabo, dizem, -disse Cabelo Negro. -Bruxaria.

Ambas olhamos boquiabertas seu reflexo no espelho. Ela conseguiu a reação que estava procurando. Deu uma cabeçada satisfeita. A adoração do diabo e a bruxaria não eram sinônimos, mas não ia discutir com esta mulher; este não era o momento, nem o lugar.

-Sim, senhora, é o que ouvi. Em cada lua enche, ela e alguns seus amigos vão aos bosques e fazem estas coisas. Ninguém parece saber exatamente o que é, -ela admitiu.

Janice e eu exalamos simultaneamente.

-Ah, que barbaridade, -pinjente fracamente.

-Então meu irmão esta melhor sem uma relação com ela. Não estamos de acordo com tais coisas, -disse Janice honestamente.

-Certamente que não, -estive de acordo.

Nossos olhos se encontraram.

depois daquele pequeno episódio, fiz um movimentos rumo a saída, mas Janice me perguntou o que teria posto essa noite.

-Ah, é uma espécie de cor champanha, -pinjente. -Como de um bege brilhante.

-Então as unhas vermelhas não vão, -disse Janice. -Corinne!

Apesar de tudo meus protestos, abandonei o salão com dedos—e unhas do dedo do pé—de cor bronze, e Jarvis trabalhou sobre meu cabelo outra vez. Tratei de lhe pagar ao Janice, mas o mais que ela me deixou fazer foi lhe dar gorjeta a seus empregados.

-Nunca fui tão mimada em minha vida, -disse-lhe.

-A que te dedica, Sookie? -De algum jeito isto não saiu no dia anterior.

-Sou garçonzete, -pinjente.

-Isso é uma mudança do Debbie, -disse Janice. Ela luziu pensativa.

-Ah, sim? O que faz Debbie?

-Ela é ajudante legal.

Debbie definitivamente tinha um bordo educativo. Eu nunca fui capaz de dirigir o colégio; economicamente, teria sido duro, embora suponha que poderia ter encontrado a maneira. Mas minha incapacidade o fez tão difícil que só terminei a escola secundária. me deixem

lhes dizer, que uma adolescente telepática tem um tempo extremamente duro nele. E nesse então eu tinha muito pouco controle. Cada dia esteve cheio de dramas—os dramas de outros meninos. A tentativa de me concentrar em escutar a classe, apresentar provas em um quarto cheio de miolos que zumbem... a única coisa em que me supere foram os deveres.

Janice não pareceu estar muito preocupada porque fora uma garçonete, que não é uma ocupação que garanta impressionar aos familiares daqueles com os que alguém sai.

Tive que me recordar uma vez mais que esta posta com o Alcide era um acerto temporário, ele alguma vez o pediu, e que depois de que descobrisse o paradeiro do Bill—Sookie, recorda Bill, *seu noivo?*—nunca voltaria a ver o Alcide outra vez. Ah, ele poderia passar-se pelo Merlotte's, se tivesse vontades de baixar-se da interestadual caminho do Shreveport ao Jackson, mas isso seria tudo.

Janice esperava sinceramente que eu fora um membro permanente de sua família. Ela era tão agradável. Ela eu gostava de um montão. Quase me encontrei desejando que realmente gostasse ao Alcide, por que assim existiria uma verdadeira possibilidade de que Janice se convertesse em minha cunhada.

Dizem que não há nenhum dano fantasiando, mas o há.

Capítulo 7

Alcide me esperava quando retornei. Uma pilha de presentes envoltos sobre o mostrador da cozinha me mostrou como passou ao menos parte de sua manhã. Alcide esteve completando sua compra Natalina.

Julgando por seu olhar tímido (ele não era, Sr. Sutil), fez algo que não estava seguro que eu gostaria. Independentemente do que fora, ele não estava preparado para me revelar isso então tratei de ser cortês e permanecer fora de sua cabeça. Quando passava pelo curto corredor formado pela parede de dormitório e o mostrador de cozinha, cheirei algo menos que agradável. Talvez o lixo devia ser tirada? Que lixo poderíamos ter gerado em nossa curta permanência que produziria aquele aroma débil, desagradável? Mas o prazer passado por meu bate-papo com o Janice e o prazer presente de ver o Alcide o fez fácil de esquecer.

-Vê-te bem, -disse ele.

-Detive-me visitar Janice. -Estive temerosa de que pensasse que estava me aproveitando da generosidade de sua irmã. -Ela tem modo para conseguir que se aceitem coisas que uma não tinha nenhuma intenção de aceitar.

-Está bem, -disse ele simplesmente. -Ela conhece a respeito de mim desde que estávamos na escola secundária, e nunca há dito nada.

-Acredito-te.

-Como...? Ah, sim. -Ele sacudiu sua cabeça. -Você parece a pessoa mais normal que alguma vez encontrei, é difícil recordar que tem toda essa matéria suplementar.

Ninguém o tinha posto alguma vez dessa maneira.

-Quando chegou, não cheirou algo estranho por...-ele começou, mas então o timbre soou.

Alcide foi abrir enquanto me tirava meu casaco.

Ele soou contente, e dava volta para olhar a porta com um sorriso. O homem jóven que entro não pareceu surpreso de lombriga. Alcide o apresentou como o marido do Janice,

DELL Phillips. Estreitei sua mão, esperando me encontrar tão a gosto com ele como o estava com o Janice.

Ele me tocou tão brevemente como foi possível, e logo me ignorou.

-Perguntava-me se queria vir esta tarde e me ajudar a pôr nossas luzes exteriores Natalinas, -DELL disse—ao Alcide, e só Alcide.

-Onde está Tommy? -Alcide perguntou. Ele pareceu decepcionado. -Não o trouxe para ver-me? -Tommy era o bebê do Janice.

DELL me viu, e sacudiu sua cabeça.

-Tem a uma mulher aqui, não me pareceu correto. Ele está com minha mamãe.

O comentário era tão inesperado, tudo o que pude fazer foi ficar de pé em silêncio. A atitude da DELL também pilhou ao Alcide em curva.

-DELL, -ele disse, -não seja grosseiro com meu amiga.

-Ela fica em seu apartamento, isso é mais que uma amiga, -disse DELL rígido. -Sinto muito, senhorita, isto não é correto.

-Não julgue, e assim não será julgado, -disse-lhe, esperando não soar tão furiosa como meu contraído estômago me disse que estava. Senti-me mal enunciando a Bíblia quando era presa de uma raiva muito alto. Entrei no dormitório de convidados e fechei a porta.

depois de que ouvi partir a DELL Phillips, Alcide bateu na porta.

-Quer jogar *Scrabble*? -ele perguntou.

Pisquei.

-Seguro.

-Adquiri o jogo quando fazia compra para o Tommy.

Ele o pôs sobre a mesa de centro diante do sofá, mas não esteve tão seguro para desembrulhá-lo e acomodá-lo.

-Servirei-nos umas *Coza-colas*, -pinjente.

Não pela primeira vez, notei que o apartamento estava bastante fresco, embora certamente muito mais quente que fora. Lamente não ter trazido um suéter ligeiro para me pôr isso e

me perguntei se ofenderia ao Alcide se lhe pedisse que subisse a calefação. Então recordei quão quente era sua pele, e calculei que ele era uma daquelas gente que sempre irradiavam calor. Ou talvez todos os lobatos eram assim? Pu-me a sudadera que levava posta no dia anterior, tive muito cuidado quando a passe sobre meu cabelo.

Alcide se sentou no chão a um lado da mesa, e eu me coloquei sobre o outro. Tinha passado muito tempo desde que qualquer de nós jogasse Scrabble, assim estudamos as regras um ratito antes de que começássemos o jogo.

Alcide se graduou do Tecnológico da Luisiana. Eu nunca cheguei tão longe no colégio, mas lia muito, assim estávamos mas ou menos no mesmo grau de vocabulário. Alcide era melhor estrategista. Parecia que eu pensava um pouco mais rápido.

Marquei uma grande com «quirt», e ele me tirou a língua. Ri-me, e ele disse;

-Não as minha mente, isso seria fazer armadilha.

-Certamente que não faria tal coisa, -pinjente recatadamente, e ele franziu o cenho fazia mim.

Perdi—mas só por doze pontos. depois de um jogo agradavelmente briguento, Alcide se levanto e levo nossos copos à cozinha. Deixou-os e começou a procurar algo nos gabinetes, enquanto guarde as peças do jogo e fechei a tampa.

-Onde quer que ponha isto? -Perguntei.

-Ah, no armário da porta. Há um par de estantes aí.

Coloquei a caixa sob meu braço e fui ao armário. O aroma que já tinha notado antes pareceu ser mais forte.

-Sabe, Alcide, -pinjente, esperando não soar enjoativa, -há algo que cheira quase podre, por aqui.

-Já o tinha notado, também. Por isso estou terminando de olhar aqui os gabinetes.

-Talvez haverá um camundongo morto?

Enquanto falava, girava o cabo.

Descobri a fonte do aroma.

-OH, não, -pinjente. -Ah, *nononono*.

-Não me diga que um rato entrou ali e morreu,-disse Alcide.

-Não um rato, -pinjente. -Um homem-lobo.

O armário tinha um lhe estejam em cima de uma barra pendente, era um pequeno armário, planejado só para os casacos dos convidados. Agora estava cheio pelo homem moreno do *Clube Morto*, o homem que me agarrou pelo ombro. Ele estava realmente morto. Tinha estado morto durante várias horas.

Parecia ser incapaz de olhar a outro lado.

A presença do Alcide a minhas costas era uma comodidade inesperada. Ele olhou fixamente por cima de minha cabeça, suas mãos aferravam meus ombros.

-Nada de sangue, -disse com uma voz nervosa.

-Seu pescoço. -Alcide estava ao menos tão sacudido como eu.

Sua cabeça realmente descansava sobre seu ombro, a parte que ainda estava pega a seu corpo. Aggh, aggh, aggh. Traguei ar com força.

-Deveríamos chamar à polícia, -pinjente, não soando muito positiva sobre o processo.

Notei o modo que o corpo estava empacotado no armário. O morto estava quase de pé. Calculei que quem quer que o tenha metido, empurrou-o de maneira forçada e logo fechou a porta. Isso explicaria o endurecido de sua posição.

-Mas se chamarmos a polícia... -a voz do Alcide se desvaneceu. Ele suspirou. -Eles nunca acreditarão que não o fizemos nós. Entrevistarão a seus amigos, e seus amigos lhes dirão que ele estava no *Clube Morto* ontem à noite, e o comprovarão. Averiguarão que ele teve confusões por te incomodar. Ninguém acreditará que não temos uma mão metida em seu assassinato.

-Por outra parte, -pinjente devagar, pensando em voz alta, -pensa que eles mencionariam uma palavra a respeito de *Clube Morto*?

Alcide ponderou isto. Ele se passava seu polegar sobre a boca enquanto pensava.

-Pode que tenha razão. E se não mencionarem *Clube Morto*, como poderiam descrever a, uh, confrontação? Sabe o que fariam? Quereriam encarregar do problema por eles mesmos.

Esse era um ponto *excelente*. Vendi-me imediatamente: nenhum policial.

-Então temos que eliminá-lo, -pinjente, mostrando o cobre. -Como vamos fazer o?

Alcide era um homem prático. Estava acostumado a resolver problemas, começando com o maior.

-Temos que tirá-lo fora do condado em algum sítio. Para fazer isto, temos que baixá-lo à garagem, -disse ele depois de pensar uns momentos. -Primeiro temos que envolvê-lo.

-A cortina da ducha, -sugeri, indicando com minha cabeça em direção do quarto de banho que tinha usado. -Um, podemos fechar o armário e ir a outra parte enquanto decidimos a respeito disto?

-Seguro -Alcide disse, de repente igual de ansioso que eu de não continuar olhando a visão grotesca antes nós.

De maneira que estivemos de pé em meio da sala de estar e tivemos uma sessão de planejamento. A primeira coisa que fiz foi apagar totalmente a calefação no apartamento, e abrir todas as janelas. O corpo não fez conhecer sua presença antes só porque ao Alcide gostava que a temperatura se mantivera fresca, e porque a porta do armário sela bem. Agora tivemos que dispersar o fraco, mas penetrante aroma.

-São cinco pisos para baixar, não acredito que possa agüentá-lo e levá-lo tão longe, -disse Alcide. -Ele tem que ir ao menos um pouco da distância no elevador. Isto é a parte mais perigosa.

Seguimos falando e refinando, até que sentimos que tínhamos um procedimento rentável. Alcide me perguntou duas vezes se estava bem, e ambas as vezes o tranqüilizei; finalmente se fez a luz em mim ao ver que ele pensava que eu poderia romper em histeria, ou me deprimir.

-Nunca fui capaz de me permitir ser muita delicada, -pinjente. -Essa não é minha natureza. - Se Alcide esperava ou queria que pedisse cheirar sai, ou lhe suplicar que me salvasse do lobo mau, tinha a mulher equivocada.

Poderia estar determinada a guardar minha cabeça fria, mas isso não significa que me sentisse exatamente tranqüila. Estava tão nervosa quando fui trazer a cortina de ducha que tive que me conter de rasgar a dos anéis claros de plástico. Lenta e estável, disse-me ferozmente. Aspira, espira, consegue a cortina de ducha, estende-a sobre o chão de corredor.

Era azul e verde com pescaditos amarelos que nadavam serenamente em fileiras.

Alcide tinha ido ao estacionamento a mover sua caminhonete o mais perto possível da porta da escada. Retornou trazendo um par de luvas de trabalho com ele. Enquanto os pôs, tomou um profundo fôlego—possivelmente um engano, considerando a proximidade do corpo.

Sua cara era uma máscara geada de determinação, Alcide agarrou os ombros do cadáver e lhe deu um puxão.

Os resultados foram dramáticos e além de nossa imaginação. Como um pedaço rígido, o motorista caiu do armário. Alcide teve que saltar a sua direita para evitar que lhe caísse o corpo em cima, o qual golpeou contra o mostrador da cozinha e logo se aterrisou de flanco sobre a cortina de ducha.

-Latido, -disse com uma voz instável, contemplando o resultado. -Esse foi um bom giro.

O corpo estava quase exatamente onde o queríamos. Alcide e eu nos demos o um ao outro uma curta cabeçada e ajoelhamos a cada extremo. Atuando em sincronia, tomamos um lado da cortina plástica e o jogamos sobre o corpo, logo o outro. Relaxamo-nos quando a cara do homem esteve coberta. Alcide trouxe também um cilindro de cinta de isolar—os verdadeiros homens sempre levam cinta para isolar em suas caminhonetes—e a usamos para selar e conservar o corpo envolto na cortina. Então dobramos os extremos, e os pegamos. Por sorte, embora o lobato era um tipo forte, não era muito alto.

Levantamo-nos e nos permitimos ter um pequeno momento de recuperação. Alcide falou primeiro.

-Isto se parece com uma apimentada verde, -observou ele.

Dava-me uma palmada sobre a boca para sufocar um ataque de risitas tolas.

Os olhos do Alcide estavam surpreendidos quando me contemplou por cima do cadáver envolto. De repente, ele também riu.

depois de que nos organizamos, perguntei;

-Estas preparado para a fase dois?

Ele assentiu, pu-me meu casaco e me escapuli por diante do corpo e Alcide. Dirigi-me ao elevador, fechando rapidamente a porta do apartamento detrás de mim, no caso de alguém passava.

Ao minuto que apertei o botão, um homem apareceu à volta da esquina e vinho para esperar a porta do elevador. Possivelmente ele era um parente da velha Sra. Osburgh, ou talvez um dos senadores que fazia uma viagem relâmpago ao Jackson. Quem quer que ele fora, ia bem vestido, teria uns sessenta, e era o bastante cortês para sentir a obrigação de me fazer conversação.

-É realmente frio hoje, verdade?

-Sim, mas não tão frio como ontem. -Contemplei as portas fechadas, desejando que se abrissem assim ele partiria.

-acaba-se de mudar?

Nunca antes tinha estado tão irritada com uma pessoa cortês.

-Estou de visita, -pinjente, com a classe de voz plaina que deveria indicar que a conversa está fechada.

-Ah, -ele disse alegremente. -Quem?

Por sorte o elevador decidiu chegar nesse momento e seus comporta se abriram sigilosamente bem a tempo para salvar a este cordial homem de conseguir perder sua cabeça. Ele fez um gesto com sua mão, me indicando que entrasse, mas dava um passo atrás, e pinjente;

-Ah, Meu deus!, esqueça minhas chaves -e andei energicamente sem dar uma olhada atrás.

Fui à porta do apartamento ao lado do Alcide, que me disse que estava vazio, e bati na porta. Ouvi as portas do elevador fechar-se detrás de mim, e respirei com alívio.

Quando calculei que Sr. Enganador teve tempo para meter-se dentro de seu automóvel e tirá-lo da garagem—a menos que ele falasse até pelos cotovelos com o guarda de segurança—voltei a chamar o elevador. Hoje era sábado, e não havia nenhuma rotina que a gente seguiria. Segundo Alcide, muitos dos condomínios foram comprados como investimento e eram subarrendados a legisladores, a maior parte andariam em pre-férias. Os arrendatários durante todo o ano, entretanto, moveriam-se por aqui de modo atípico, já que não só era fim de semana, mas também faltavam dois fins de semana antes do Natal. Quando o lhe chiem artifício retornou ao quinto piso, estava vazio.

Lancei-me de novo aos 504, golpeando duas vezes na porta, e me dirigi de novo fazia o elevador para manter as portas abertas. Precedido pelas pernas do cadáver, Alcide surgiu do apartamento. Ele se moveu tão rapidamente como um homem pode enquanto leva um corpo rígido sobre seu ombro.

Este era nosso momento mais vulnerável. O vulto do Alcide não parecia outra coisa sobre esta terra exceto um cadáver envolto em uma cortina de ducha. O plástico conteve o aroma, mas era ainda perceptível no pequeno recinto. Recarregamo-lo contra o chão, seguinte piso. No terceiro piso, nosso nervo se esgotou. Paramos o elevador, e para nosso grande alívio se abriu em um corredor vazio. Saí correndo fazia a porta da escada, sustentando-a aberta para o Alcide. Então brinquei de correr sob a escada diante dele, e olhei pelos painéis de cristal fazia a porta à garagem.

-Né!, -pinjente, elevando minha mão.

Uma mulher de média idade e uma jovencita descarregavam pacotes da cajuela de seu *Toyota*, simultaneamente tinham um vigoroso desacordo.

Tinham convidado à garota a uma festa que durava toda a noite. Não, disse sua mãe.

Ela tinha que ir, todos seus amigos estariam ali. Não, disse sua mãe.

Mas Mamãe, a todos outros os deixam ir. Não, disse sua mãe.

-Por favor que não decidam tomar a escada, -sussurrei.

Mas o argumento rabiou quando elas entraram o elevador. Claramente ouvi a garota romper seu trem de queixa o tempo suficiente para dizer, -Ew, algo cheira mal aqui! -antes de que as comporta se fechassem.

-O que acontece? -Alcide sussurrou.

-Nada. Vejamos se isto dura um minuto mais.

Isso fizemos, andei da porta, à caminhonete do Alcide, jogando olhadas de um lado ao outro para me assegurar que estava realmente sozinha. Não estávamos sob a vista do guarda de segurança, que estava em sua pequena casetita de cristal ao princípio da rampa.

Abri a parte traseira da caminhonete do Alcide; por fortuna, sua caminhonete tinha uma cobertura. Com um completo olhar mais ao redor da garagem, apressei-me de volta à porta da escada e golpeei sobre ela. depois de um segundo, puxei-a para abri-la.

Alcide saiu disparado fazia sua caminhonete mais rápido do que teria acreditado que poderia mover-se, carregado como ia. Empurramos tão forte como pudemos, e o corpo devagar se dobrou sobre a cama da caminhonete. Com tremendo alívio, fechamos de repente a porta posterior e a asseguramos com chave.

-Fase duas completa, -disse Alcide, se ele não fora um homem tão grande, teria pensado que tência um ar enjoado.

Conduzir através das ruas de uma cidade com um corpo em um veículo é um apavorante exercício para a paranóia.

-Obedece até a mais mínima regra de tráfico, -recordei ao Alcide, infeliz tensa que soou minha voz.

-Bem, bem, -grunhiu ele, sua voz igualmente tensa.

-Pensa que aquela gente no *Jipe* nos vêem?

-Não.

Obviamente seria uma coisa boa me calar, assim que o fiz. Conduzimos sobre o I-20, o mesmo caminho que usamos para entrar no Jackson, e dirigimos até que não houve nenhuma cidade, só terras de lavoura.

Quando chegamos à saída do Bolton, Alcide disse:

-Isto parece bem.

-Seguro -pinjente.

Não pensei que suportaria por mais tempo conduzir por aí com o corpo. A típica área de terra entre o *Jackson* e *Vicksburg* é bastante baixa e plana, principalmente são campos abertos em canais. Saímos da interestadual e nos dirigimos ao norte rumo os bosques. depois de umas milhas Alcide tomou direito sobre um caminho que necessitava pavimento novo desde anos. As árvores cresciam por todos lados com um arremedo de cor cinza. O desolado céu de inverno não dava possibilidade de receber muita luz nesta época do ano, tremi dentro da cabine da caminhonete.

-Não falta muito, -disse Alcide. Assenti bruscamente.

Um pequeno caminito começava à esquerda, e o assinalei. Alcide freou, e examinamos a perspectiva. Demo-nos o um ao outro uma aguda cabeçada de aprovação. Alcide se tornou de reversa, o que me surpreendeu; mas decidi que era uma boa idéia. Mais profundo entramos nos bosques, mais eu gostei de nossa opção da paragem. O caminho tinha sido arrumado não faz muito, assim não deixaríamos rastros de pneumáticos, em primeiro lugar. E pensei que existiam boas probabilidades que este rudimentar caminho conduzisse a uma reserva de caça, que não estaria muito em uso agora que a temporada de cervos tinha terminado.

Tempo depois quando tínhamos percorrido umas jardas, distingui um signo parecido a uma árvore. Este proclamou, "*Clube de Caça Kiley-Odum propriedade privada—MANTENHA-SE FORA.*"

Procedemos a seguir o letreiro, Alcide reduziu a marcha devagar e com cuidado.

-Aqui, -ele disse, quando entramos o bastante profundo nos bosques que estivemos quase seguros de não ser vistos do caminho. Ele pôs a caminhonete lista.

-Escuta, Sookie, não tem que vir.

-Será mais rápido se trabalharmos juntos.

Tentou me dirigir um olhar ameaçador, mas como resposta pus cara de pedra, e finalmente, ele suspirou.

-Vale, acabemos com isto, -disse ele.

O ar era frio e úmido, se um não se movesse durante um momento a umidade glacial penetraria em seus ossos. Poderia dizer que a temperatura estava descendendo, e o céu brilhante da manhã era um tenro aviso. Era um dia apropriado para expulsar um corpo. Alcide abriu a parte traseira da caminhonete, e ambos com luvas postas, agarramos o brilhante vulto azul-e-verde. Os alegres pescaditos amarelos pareceram quase obscenos aqui fora nos congelados bosques.

-Ihe dê com tudo o que tenha, -Alcide me aconselhou, e à conta de três, atiramos com toda nossa força. Isto tirou o vulto na metade, e ao final se sobressaiu sobre a porta posterior de um modo repugnante.

-Preparado? Vamos outra vez. Um, dois, três! -Outra vez atiramos, e a própria gravidade do corpo o fez cair fora da caminhonete fazia o caminho.

Se pudéssemos haver ido nesse mesmo momento, teria sido muito feliz; mas decidimos que tínhamos que nos levá-la cortina de ducha conosco. Quem sabe, se alguém poderia encontrar em algum sítio na cinta isolante ou a cortina em si mesmo as impressões digitais? Poderia ser. Seguro existiam muitas provas microscópicas que não podia nem imaginar.

Não Miro o *Discovery Channel* para nada.

Alcide tinha uma faca multi-usos, e realmente lhe deixei ter a honra de fazer esta tarefa em particular. Sustentei aberta uma bolsa de lixo enquanto ele cortou o plástico e o meteu na abertura. Tratei de não olhar, mas certamente o fiz.

O aspecto do corpo não tinha melhorado.

Também, aquele trabalho terminou mais logo do que esperei. Já médio tinha volteado para retornar à caminhonete, quando Alcide se parou e levantou sua cara ao céu. Ele se olhou como se cheirasse o bosque.

-Esta noite é lua enche, -ele disse.

Seu corpo inteiro pareceu vibrar. Quando ele me viu, seus olhos pareceram alheios. Não poderia dizer que trocaram de cor ou contorno, mas era como se uma pessoa diferente olhava através deles.

Estava muito só nos bosques com um tio que de repente adquiriu uma completa nova dimensão. Lutei contra os impulsos conflitivos de me jogar a gritar, a chorar, ou correr. Sorri-lhe radiantemente e esperei. depois de uma inquietante pausa larga, Alcide disse:

-Retornemos à caminhonete.

Estava tão contente que subi de um salto no assento.

-O que crie que o matou? -Perguntei, quando me pareceu que Alcide teve tempo para normalizar-se.

-Penso que alguém lhe quebrou o pescoço, -disse Alcide. -Não posso entender como entrou no apartamento. Sei que fechei a porta ontem à noite. Estou seguro disso. E esta manhã estava fechada outra vez.

Tratei de imaginar isto durante um ratito, mas não pude. Então me perguntei o que realmente te mata quando lhe rompem o pescoço. Mas, decidi que não era realmente a grande coisa pensar nisto.

Caminho ao apartamento, fizemos uma parada no Wal-Mart. Em um fim de semana tão próximo ao Natal, havia um enxame de compradores. Outra vez, pensei; *Não consegui nada para o Bill.*

E senti uma dor aguda em meu coração quando me dava conta que possivelmente nunca poderia comprar ao Bill um presente Natalino, nem agora, nem no futuro.

Necesitabamos ambientadores, *Resolve* (para limpar o tapete), e uma nova cortina de ducha. Embalei minha miséria longe e andei um pouco mais energicamente. Alcide me deixou escolher a cortina de ducha, o qual realmente desfrutei. Ele pagou em dinheiro, assim não existiria nenhum registro de nossa visita.

Comprovei minhas unhas depois de que subimos de novo na caminhonete. Estavam imaculadas. Logo pensei quão insensível devia ser me preocupando com minhas unhas. Quando acabava de eliminar a um morto. Durante vários minutos, fique sentada ali com um forte sentimento de infelicidade dentro de mim.

Transmiti isto ao Alcide, que pareceu mais amigável agora que estivemos de volta na civilização sem nosso passageiro silencioso.

-Bem, seu não o matou, -indicou ele. -Ah... o fez?

Encontrei seus olhos verdes, sentindo só um pouco de surpresa.

-Não, seguro que não o fiz. E você?

-Não, -disse, e por sua expressão poderia dizer que estava esperando que lhe perguntasse.

Isto não me ocorreu, nunca suspeitei do Alcide, mas certamente alguém converteu ao lobato em um corpo rígido. Pela primeira vez tratei de me figurar quem poderia ter empurrado o corpo dentro do armário. Até este ponto, estive ocupada tratando de fazer ao corpo partir.

-Quem tem chaves? -Perguntei.

-Só Papai, eu, e a faxineira que faz a maior parte dos apartamentos no edifício. Ela não guarda a chave. O gerente do edifício a dá.

Dirigimo-nos à parte traseira de uma fila de lojas, e Alcide arrojou a bolsa de lixo com a velha cortina de ducha.

-Isso é uma lista bastante curta.

-Sim, -Alcide disse devagar. -Sim, é-o. Mas sei que meu esta papai no Jackson. Fale com ele por telefone esta manhã, justo depois de que me levantei. A faxineira só entra quando lhe deixamos uma mensagem com o gerente do edifício. Ele guarda uma cópia de nossa chave, a dá quando ela a necessita, e ela a devolve.

-E o guarda de segurança na garagem? Esta de volta toda a noite?

-Sim, porque ele é a única linha de defesa entre a gente que se move na garagem e aborda o elevador. A gente sempre tem que passar por aí, embora haja portas do edifício frente à rua principal. Aquelas portas de rua estão fechadas todo o tempo. Não há nenhum guarda ali, mas tem que ter uma chave para entrar.

-Assim, se alguém pudesse mover-se por diante, o guarda não o veria, poderia montar-se no elevador da planta baixa, sem ser parado.

-Ahá, seguro.

-E alguém teria que abrir a fechadura da porta.

-Sim, e levar um corpo, e colocá-lo no armário. Sonha bastante improvável, -disse Alcide.

-Mas isto é aparentemente o que aconteceu. Ah, um ... alguma vez, seu deu ao Debbie uma chave? Talvez alguém tomou emprestada a sua? -Tratei com força de soar totalmente neutra. Provavelmente não o fiz muito bem.

Pausa larga.

-Sim, ela tinha uma chave, -disse Alcide rigidamente.

Mordi meus lábios assim não faria a seguinte pergunta.

-Não, não a pedi de volta.

Não tive nem que perguntar.

Rompendo um silêncio um pouco carregado, Alcide sugeriu que comêssemos um almoço tardio. Curiosidades, encontrei que realmente tinha fome.

Comemos no Hal e Mau, um restaurante perto do centro da cidade. Estava em um velho depósito, e as mesas estavam suficiente longínquas e à parte para fazer nossa conversação possível sem que alguém chamasse à polícia.

-Não penso, -murmurei, -que alguém poderia andar ao redor de seu edifício com um corpo sobre seu ombro, sem importar a hora.

-Nós o fizemos, -disse ele, inegavelmente. -Calculo que teve que acontecer, digamos, as duas e as sete da manhã. Ambos estávamos acordados às dois, certo?

-Mas bem três, considerando a visita do Eric.

Nossos olhos se encontraram. Eric. Eureka!

-Mas por que faria isso? Ele está louco por ti? -Alcide perguntou sem rodeios.

-Não tão louco, -resmunguei, envergonhada.

-Ah, quer meter-se em suas calcinhas.

Assenti sem olhar a seus olhos.

-Um montão o queriam, -disse Alcide, sem fôlego.

-Né!, -pinjente desdenhosamente. -Seu ainda estás pendurado por aquela Debbie, e sabe.

Olhamo-nos diretamente o um ao outro. Melhor arrastar agora isto das sombras, e pô-lo a descansar.

-Pode ler minha mente melhor do que pensei, -disse Alcide. Sua ampla cara pareceu infeliz.
-Mas ela não é... por que me preocupo com ela? Nem sequer estou seguro que eu goste.
Seu eu gosto muitíssimo mais.

-Obrigado, -pinjente, sonriendo de coração. -Seu também eu gosto muitíssimo.

-Obviamente somos melhores o um para o outro que qualquer da gente com quem saímos, -
disse ele.

Sem dúvida certo.

-Sim, e eu seria feliz contigo.

-E eu desfrutaria compartilhando meu dia contigo.

-Mas parece que não vamos pôr nos nisso.

-Não. -Ele suspirou pesadamente. -Adivinho, que não.

A garçonete jôven emitiu um sorriso radiante quando nos partimos, assegurando-se que Alcide notasse o bem empacotada que estava em seus jeans.

-O que acredito que farei, -disse Alcide, -é fazer todo o possível por me arrancar de raiz ao Debbie. E logo aparecerei nos degraus de sua casa, um dia quando menos o cria, e esperarei que para esse então terá deixado a seu vampiro.

-E logo seremos felizes por sempre? -Sorri.

Ele assentiu.

-Vale, será algo para pensar com muita ilusão, -disse-lhe.

Capítulo 8

Estava tão cansada quando entramos no apartamento do Alcide que estava segura que tudo o que precisava era uma sesta. Este tinha sido um dos dias mais compridos de minha vida, e isso que era só meia tarde.

Mas tínhamos algumas tarefas na casa que fazer primeiro. Enquanto Alcide pendurou a nova cortina de ducha, eu limpei o tapete no armário com *Resolve*, e abri um dos ambientadores para colocá-lo sobre o lhe estejam. Fechamos todas as janelas, conectamos a calefação, e respiramos experimentalmente com nossos olhos fechados.

O apartamento cheirou bem. Simultaneamente lançamos um suspiro de alívio.

-Nada mais, acabamos de fazer algo verdadeiramente ilegal, -pinjente, intranqüila ainda a respeito de minha própria imoralidade. -Mas realmente me sinto feliz que saímos disso.

-Não se preocupe por não te sentir culpado, -disse Alcide. -Algo virá muito em breve que fará que se sinta culpado. economize-lhe isso Era tan buen consejo que decidí intentarlo.

Era tão bom conselho que decidi tentá-lo.

-vou tomar uma sesta, -pinjente, -assim estarei ao menos um pouco mais alerta esta noite. - Uma não quer ser torpe ao redor dos vampiros.

-Boa idéia, -disse Alcide.

Ele arqueio uma sobrancelha fazia mim, e me ri, sacudindo minha cabeça. Entrei no dormitório mais pequeno e fechei a porta, me tirando meus sapatos e caindo na cama com um sentimento de tranqüilo bem-estar. depois de um momento, apanhei a coberta do colcha, e a envolvi ao redor de mim. No tranqüilo apartamento, com o sistema de calefação que para fluir uma corrente estável de ar quente no dormitório, tomou só uns minutos ficar dormida.

Despertei de repente, completamente alerta. Sabia que havia alguém mais no apartamento. Talvez em algum nível escutei um murro na porta principal; ou talvez registrei o estrondo de vozes na sala de estar. Balancei-me silenciosamente da cama e caminhe à porta, minhas meias três-quartos não faziam nenhum ruído contra o tapete bege. Havia entrecerrado minha porta, mas não lhe joguei fecho, e agora apoiei minha cabeça para colocar meu ouvido na greta.

Uma voz profunda, áspera disse;

-Jerry Falcon veio a meu apartamento ontem à noite .

-Não o conheço, -respondeu Alcide. Ele soou tranqüilo, mas cauteloso.

-Ele diz que você o meteu em problemas no Josephine's ontem à noite .

-Meti-o em problemas? Se este tipo agarrou a minha garota, ele mesmo se busco o problema!

-me diga o que aconteceu.

-Ele fez um passe com minha garota enquanto eu estava nos serviços de cavalheiros. Quando ela protestou, ele começou a maltratá-la, e ela chamou a atenção sobre a situação.

-Fez-lhe mal?

-Sacudiu-a. E lhe tiro algo de sangue em seu ombro.

-Uma ofensa de sangue. -A voz se fez mortalmente séria.

-Sim.

Então as goivas de unhas em meu ombro constituíam uma ofensa de sangue, independentemente do que isso fora.

-E logo?

-Saí dos serviços de cavalheiros, arraste-o longe dela. Então o Sr. Hob veio a por ele.

-Isso explica as queimaduras.

-Sim. Hob o lançou fora pela porta de atrás. E foi quão último vi dele. Diz que seu nome é Jerry Falcon?

-Sim. Ele veio direto a minha casa, depois de que o resto dos meninos deixou o bar.

-Edgington interveio. Eles estiveram a ponto de saltar sobre nós.

-Edgington estava ali? -A voz profunda soou muito infeliz.

-OH, sim, com seu noivo.

-Como fez Edgington para implicar-se?

-Ele lhes disse partir. Já que é o rei, e eles trabalham para ele de vez em quando, esperou obediência. Mas um cachorrinho lhe deu um pouco de problemas, então Edgington rompeu seu joelho e fez que outros se levarão a tipo. Sinto que haja problemas em sua cidade, Terence. Mas nenhum de nós os ocasionou.

-Seu tem privilégios de convidado com nossa matilha, Alcide. Respeitamo-lhe. E aqueles de nós que trabalham para os vampiros, pois, o que posso dizer? Não são os melhores elementos. Mas Jerry é sua líder, e ontem à noite foi envergonhado diante de sua gente. Quanto tempo mais estará em nossa cidade?

-Só uma noite mais.

-E é lua enche.

-Ahá, sei, procurar passar despercebido.

-O que vais fazer esta noite? Tenta evitar a mudança, ou vem a minha terra de caça comigo?

-Tratarei de ficar longe da lua para evitar a tensão.

-Então te manterá longe *do Josephine 'S*.

-Infelizmente, Russell mais ou menos exigiu que voltemos esta noite. Ele se sentiu compungido que minha garota passou por semelhante ofensa. encarregou-se de lhe insistir a ela que voltasse.

-*Clube Morto* durante uma noite de lua enche, Alcide. Isso não é sábio.

-O que faço? Russell parte o queijo no Misisipí.

-Posso te entender. Mas esta atento, e se vir o Jerry Falcon ali, gira por outro caminho. Esta é minha cidade. -A profunda voz estava impregnada com autoridade.

-Entendo, *Packmaster*.

-Bom. Agora que você e Debbie Pelt têm quebrado, espero que passe um bom momento antes de que lhe vejamos de novo aqui, Alcide. Lhe dê a oportunidade às coisas de acalmar-se. Jerry é um filho de puta do mais rancoroso. Ele te fará uma ferida se puder sem começar uma luta.

-Ele foi quem causou uma ofensa de sangue.

-Sei, mas devido a sua larga associação com os vampiros, Jerry tem uma opinião muito boa dele. Não sempre segue as tradições da matilha. Ele só veio para mim como deveria, porque Edgington apoiou ao outro lado.

Jerry já não ia poder seguir nenhuma tradição. Jerry descansava nos bosques ao oeste.

Enquanto dormia a sesta, tinha anoitecido fora. Ouvi um “tap-tap” sobre o cristal da janela. É obvio, saltei, mas então andei pelo quarto tão silenciosamente como pude. Abri a cortina e sustentei um dedo através de meus lábios. Era Eric. Esperei que ninguém na rua visse fazia acima. Ele me sorriu e me fez gestos para lhe abrir a janela. Sacudi minha cabeça veementemente e sustentei meu dedo contra meus lábios outra vez. Se deixasse entrar no Eric agora, Terence ouviria, e minha presença seria descoberta. Terence, sabia por instinto, não gostaria de descobrir que tinha sido escutado por acaso. Retornei nas pontas dos pés de novo à porta e escutei. Os adioses estavam sendo ditos. Joguei uma olhada atrás à janela, para ver que Eric me olhava com grande interesse. Sustentei um dedo para indicar que seria coisa de só um minuto.

Ouvi a porta de apartamento fechar-se. Momentos mais tarde, houve um toquido em minha porta. Quando deixei entrar no Alcide, esperei que não tivesse aquelas graciosas dobras sobre minha cara que se fazem quando a gente dorme.

-Alcide, ouvi a maior parte disso, -pinjente. -Lamento ter escutado às escondidas, mas parecia realmente algo que me concernia. Um, Eric está aqui.

-Sim, já vejo, -disse Alcide desanimado. -Adivinho que é melhor deixá-lo entrar. Entra, Eric,- disse, então ele abriu a janela e se deslizou por ela.

Eric entrou tão brandamente como um homem alto pode entrar por uma pequena janela. Tinha posto um traje completo com colete e gravata. Seu cabelo estava alisado atrás em uma rabo-de-cavalo. Também levava postos lentes.

-Estas disfarçado? -Perguntei. Custava-me acreditá-lo.

-Sim, estou-o. -Orgulhosamente se viu ele mesmo. -Não pareço diferente?

-Sim, -confessei. -Olha-te justo como Eric bem vestido por uma vez.

-Você gosta do traje?

-Seguro, -pinjente.

Tenho um limitado conhecimento de roupa masculina, mas quis apostar que essa classe de conjunto oliva-marrom de três peças custou mais do que ganhava em duas semanas. Ou quatro. Eu não teria eleito esta cor para um tipo com olhos azuis, mas tenho que confessar que ele se via espetacular. Se eles tirarem uma edição do GQ vampiro, ele teria muitíssimas possibilidades de ganhar uma sessão de fotos.

-Quem fez seu cabelo? -Perguntei, notando pela primeira vez que estava trancado em um modelo intrincado.

-Oooh, ciumenta?

-Não, pensei que talvez poderia me ensinar como lhe fazer isso ao meu.

Alcide teve suficiente de comentários a respeito de moda. Disse beligerantemente:

-O que tenta fazer deixando abandonado ao morto em meu armário?

Poucas vezes via o Eric sem palavras, mas ele esteve definitivamente sem fala—como por trinta segundos.

-Não era Bubba ele do armário, verdade? -ele perguntou.

Este foi nosso turno para estar de pé com as bocas abertas, Alcide porque não sabia quem demônios era Bubba, e eu porque não podia imaginar o que poderia lhe haver passado ao vampiro tontillo.

A toda pressa preenchi ao Alcide com informação a respeito da Bubba.

-De modo que isso explica todas as observações, -disse ele, sacudindo sua cabeça de um lado ao outro. -Maldição...era todo verdade!

-O grupo do Memphis quis guardá-lo, mas foi impossível, -explicou Eric. -Ele seguiu querendo ir-se a casa, e logo houve alguns incidentes. Então começamos a passá-lo ao redor.

-E agora você o perdeste, -observou Alcide, não muito aborrecido pelo problema do Eric.

-É possível que a gente que tratou de apanhar ao Sookie no Bon Temps conseguisse a Bubba em troca, -disse Eric. Ele atirou de seu colete e olhou abaixo com um pouco de satisfação. -De modo que, quem estava no armário?

-O motorista que marcou ao Sookie ontem à noite, -disse Alcide. -Ele fez um passe bastante áspero com ela enquanto eu estava nos serviços de cavalheiros.

-Marcou-a?

-Sim, ofensa de sangue, -disse Alcide significativamente.

-Seu não mencionou nada disto ontem à noite. -Eric arqueou uma sobrancelha fazia mim.

-Não quis falar disso, -pinjente. Eu não gostei da maneira que soou isso, como se me sentisse abandonada. -Além disso, não foi muito sangue.

-me deixe ver.

Pus meus olhos em branco, mas sabia condenadamente bem que Eric não se renderia. Atirei meu sudadera sob meu ombro, junto com o tirante de meu sustento. Por sorte, o pescoço da sudadera era tão velho, que tinha perdido sua elasticidade, e isto permitiu bastante espaço. As goivas de unha em meu ombro eram meias luas encostradas, inchadas e vermelhas, embora tivesse esfregado a área com cuidado a noite anterior. Sei quantos gérmes há sob as unhas.

-Vê, -pinjente. -Nada do outro mundo. Estava mais cheia o saco que assustada, ou doída.

Eric manteve seus olhos sobre as repugnantes pequenas feridas até que acomode minha roupa outra vez. Então dirigiu seus olhos ao Alcide.

-E ele estava morto no armário?

-Sim, -Alcide disse. -Tinha estado morto durante horas.

-O que o matou?

-Ele não estava mordido, -pinjente. -via-se como se seu pescoço estivesse quebrado. Não tivemos vontades de olhá-lo atentamente. Quer dizer que não é o culpado da festa?

-Não, embora teria sido um prazer fazê-lo.

Encolhi-me de ombros, reacia a explorar aquele pensamento escuro.

-Então, quem o pôs ali? -Perguntei, para seguir com o bate-papo outra vez.

-E por que? -Alcide perguntou.

-Seria muito perguntar onde esta ele agora? -Eric conseguiu olhar-se como se estivesse sendo indulgente com dois meninos malcriados.

Alcide e eu nos jogamos uma olhada o um ao outro.

-Um, pois ele é ... -minha voz se desvaneceu.

Eric inalou, provando a atmosfera do apartamento.

-O corpo não está aqui. Chamou à polícia?

-Bom, não, -murmurei. -Realmente, nós, ah ...

-Descarregamo-lo fora do condado, -disse Alcide. Esse não foi um modo agradável de dizê-lo.

Surpreendemos ao Eric pela segunda vez.

-Bem, -ele disse sem expressão. -Não são vocês dois empreendedores?

-Trabalhamos juntos nisso, -pinjente, talvez soando uma tanto defensiva.

Eric sorriu. Não foi um gesto feliz.

-Sim, arrumado que você o fez.

-O *packmaster* veio para ver-me hoje, -disse Alcide. -Faz um momento, de fato. E ele não sabia que Jerry faltava. De fato, Jerry foi queixar se com o Terence depois de que ele deixou o bar ontem à noite, dizendo ao Terence que ele tinha uma ofensa contra mim. Assim, ele foi visto e ouvido depois do incidente no Josephine'S.

-Então pode te haver escapado desta.

-Penso que o fizemos.

-Deveria havê-lo queimado, -disse Eric. -Isso mataria qualquer rastro de aroma sobre ele.

-Não acredito que alguém distinga nosso aroma, -disse-lhe. -De verdade. Não acredito que alguma vez hajamos o tocamos com nossa pele nua.

Eric viu o Alcide, e Alcide assentiu.

-Estou de acordo,- disse ele. -E sou um dos dobre-natura.

Eric se encolheu de ombros.

-Não tenho nem idéia quem o mataria e o deixou no apartamento. Obviamente, alguém quis que sua morte fora inculpada a ti.

-Então por que não chamar à polícia de um telefone público e lhes dizer que há um morto no 504?

-Uma boa pergunta, Sookie, e uma que não posso responder agora mesmo. -Eric pareceu perder interesse de repente. -Estarei no clube esta noite. Se tiver que me dirigir a ti, Alcide, lhe diga ao Russell que sou um amigo da cidade, e me convidaste a conhecer o Sookie, sua nova noiva.

-Vale, -disse Alcide. -Mas não entendo por que quer estar ali. Com isto te está procurando problemas. E se um dos vampiros te reconhece?

-Não conheço nenhum deles.

-por que corre este risco? -Perguntei. -Para que vai ali?

-Pode existir algo que posso captar que não ouvirá, ou que Alcide não saberá porque ele não é um vampiro, -disse Eric razoavelmente. -nos perdoe durante um minuto, Alcide. Sookie e eu temos assuntos de que falar.

Alcide me viu para assegurar-se que estava de acordo com isto, antes de que ele assentira a contra gosto e se fora à sala de estar.

Eric disse repentinamente:

-Quer que cure os sinais de seu ombro?

Pensei nas meias luas feias com crostas, pensei nos suspensórios magros do vestido que traga para usar. Quase disse sim, mas, logo, tive um segundo pensamento.

-Como explicaria isso, Eric? O bar inteiro o viu me agarrar.

-Tem razão. -Eric sacudiu sua cabeça com seus olhos fechados, como se estivesse zangado consigo mesmo. -Certamente. Não é lobato, não é não-morto. Como te teria curado tão rapidamente?

Logo fez algo mais inesperado. Eric tomou minha mão direita com ambas das suas e a aprisionou. Olhou diretamente a minha cara.

-procurei em todo *Jackson*. olhei em depósitos, cemitérios, granjas, e em qualquer sítio que tivesse o mínimo rastro de aroma de vampiro: cada propriedade que Edgington possui, e algumas de seus próprios seguidores. Não encontrei traçados do Bill. Temo-me, Sookie, que isso significa que Bill está morto. Finalmente morto.

Pareceu que me golpearam em meio da frente com um pesado martelo. Meus joelhos simplesmente se dobraram, e se ele não se moveu tão rápido como o relâmpago, teria estado no chão. Eric se sentou na cadeira da esquina do quarto, e me juntou em um vulto sobre seu regaço. Ele disse:

-Transtornei-te muito. Tratava de ser prático, e em troca fui...

-Brutal. -Senti correr um chorrito de lágrimas por cada olho.

A língua do Eric saiu fora, e senti um diminuto rastro de umidade quando ele lambeu minhas lágrimas. Parece que aos vampiros simplesmente gosta de qualquer fluido do corpo, se eles não podem conseguir sangue, e isto não me incomodou em particular. Senti-me contente que alguém me sustentara de modo consolador, embora fora Eric. Eu me afundei mais profundo na miséria enquanto Eric gastou uns momentos pensando.

-O único lugar que não comprovei é a casa do Russell Edgington—sua mansão, com suas dependências. Seria assombroso se Russell fora o bastante imprudente para ter a outro vampiro preso em sua própria casa. Mas foi rei durante cem anos. Poderia ser que ele fora tão crédulo. Talvez poderia me mover sobre a parede, mas não sairia outra vez. As terras são patrulhadas pelo Lobatos. É muito improvável que consigamos acesso a um lugar tão

seguro, e ele não nos convidará exceto em circunstâncias muito especiais. -Eric deixa cair a bomba. -Acredito que deve me dizer o que sabe sobre o projeto do Bill.

-Para isso foi tudo isto de me sustentar e ser amável? -Estava furiosa. -Quer conseguir alguma informação de mim? -Saltei, revivificada pela ira.

O mesmo Eric saltou também e fez todo o possível por me intimidar.

-Penso que Bill está morto, -disse ele. -E trato de salvar minha própria vida, e a tua, mulher estúpida. -Eric soou igual de zangado como eu estava.

-Encontrarei ao Bill, -pinjente, enunciando cada palavra com cuidado.

Não estava segura como ia levar a isto cabo, mas faria um pouco de espionagem muito bom esta noite, e algo apareceria. Não sou nenhuma *Pollyanna*, mas sempre fui otimista.

-Não pode fazer ojitos ao Edgington, Sookie. Ele não está interessado em mulheres. E suspeitaria se eu paquerar com ele. Um vampiro que se apareia com outro—é incomum. Edgington não chegou onde está sendo crédulo. Talvez seu segundo, Betty Joe, estaria interessada em mim, mas ela também é uma vampira, e a mesma regra se aplica. Não posso te dizer quão insólita é a fascinação do Bill com a Lorena. De fato, desaprovamos aos vampiros que amam a outros de nossa classe.

Não fiz caso de suas duas últimas orações.

-Como averiguou tudo isto?

-Encontrei-me ontem à noite com uma vampira jóven, seu noivo também foi a festas no lugar do Edgington.

-OH, ele é bi?

Eric se encolheu de ombros.

-Ele é um homem-lobo, assim adivinho que sera dobre-natura em mais de um modo.

-Pensei que tampouco os vampiros saíam com homem-lobos.

-Ela esta sendo perversa. Aos jovens gosta de experimentar.

Pus os olhos em branco.

-De modo, o que seu crie que tenho que me concentrar na aquisição de um convite para a mansão do Edgington, porque não há nenhuma outra parte no Jackson onde podem ter escondido ao Bill?

-Ele poderia estar em outra parte da cidade, -disse Eric com cautela. -Mas não acredito. A possibilidade é débil. Recorda, Sookie, eles o tiveram durante dias.

Quando Eric me viu, o que vi em sua cara foi lástima.

Isto me aterrou mais que nada.

Capítulo 9

Tinha o instável e estremecedor sentimento, que precede ao andar fazia o perigo. Esta era a última noite que Alcide poderia ir ao *Clube Morto*: Terence tinha sido definitivo ao lhe advertir que se mantivera longe. depois de esta noite, se me permitissem entrar no clube quando Alcide não me escoltava, estaria sozinha.

Quando me vesti, encontrei-me desejando ir a um bar vampiro ordinário, do tipo onde a gente normal ia olhar aos não-mortos. *Fantasia*, o bar do Eric no Shreveport, era tal lugar. As gente chegariam em excursión, fariam uma noite de ter posto tudo em negro, talvez bebendo um pouco de sangue falso ou inserindo-se algumas presas falsas com sabor a queijo. Eles contemplariam aos vampiros cuidadosamente dispersos em todas partes do bar, e se estremeceriam ante sua próprio audácia. De tanto em tanto, um destes turistas andaria

através da linha que os mantinha seguros. Talvez faria um passe fazia um dos vampiros, ou talvez lhe faltaria ao respeito ao Chow, o dono de cantina. Então, possivelmente aquele turista averiguaria em que follón se meteu.

Em um bar como o *Clube Morto*, todas as cartas estavam sobre a mesa. Os humanos eram os adornos, os dispensáveis. Os supernaturais eram os indispensáveis.

Tinha estado excitada há esta hora a noite anterior. Agora só senti uma espécie de distante determinação, como se estivesse sob uma poderosa droga que me divorciava de todas minhas emoções mais ordinárias. Pu-me minhas calcinhas junto com um ligeiro negro que Arlene me deu para meu aniversário. Sorri quando pensei em meu amiga ruiva e seu incrível otimismo a respeito dos homens, ainda depois de quatro matrimônios. Arlene me diria desfrutar de cada minuto, cada segundo, com cada grama de entusiasmo que pudesse reunir. Ela me diria que nunca sabia a que homem poderia encontrar, talvez esta noite seria a noite mágica. Talvez a roupa interior de ligas trocaria o curso de minha vida, Arlene me diria.

Não posso dizer exatamente que reuni um sorriso, mas me senti um pouco menos severo quando deslizar meu vestido sobre minha cabeça. Era de cor champanha. Não havia muito. Pu-me saltos negros e pendentos compridos e tente me decidir se meu velho casaco se veria muito horrível, ou se deveria me congelar o culo em altares da vaidade. Olhando o casaco azul de tecido tão usado, suspirei. Levei-o a sala de estar sobre meu braço. Alcide estava preparado, me esperando de pé no meio do quarto. Igual a registrei o fato que parecia claramente nervoso, Alcide tirou uma das caixas envoltas do montão que ele tinha colecionado durante sua compra da manhã. Tinha aquele olhar tímido em sua cara, quão mesma tinha tido quando voltou para apartamento.

-Sinto que te devo isto, -disse ele. E me deu uma caixa grande.

-Ah, Alcide! Comprou-me um presente? -Já sei, já sei, estava de pé como estúpida sustentando a caixa. Mas têm que entender, isto não é algo que me passe muito freqüentemente.

-Abre-o, -disse ele bruscamente.

Arrojé o casaco na cadeira mais próxima e desembulhei o presente torpemente—não estava acostumada a minhas unhas falsas. depois de um pouco de manobra, abri a caixa com papel branco para descobrir que Alcide tinha substituído meu casaco da noite. Tirei o retângulo comprido devagar, saboreando cada momento. Era formoso; um aveludado xale grande negro com miçangas nos extremos. Não pude menos que me dar conta que isto custou cinco vezes mais do que gastei pelo xale que foi prejudicado.

Estava sem palavras. Quase nunca me passa. Mas não recebo muitos presentes, e não os tomo à ligeira. Envolvi-me ao redor do veludo, desfrutando da sensação disso. Esfreguei minha bochecha contra ele.

-Obrigado,- pinjente, minha voz se quebrou .

-De nada, -disse ele. -Deus, não chore, Sookie. Queria te fazer feliz.

-Sou feliz, -pinjente. -Não vou chorar. -Contive as lágrimas, e fui ver-me no espelho em meu quarto de banho. -OH, é formoso, -pinjente, com o coração em minha voz.

-Bom, me alegro que você goste, -disse Alcide bruscamente. -Pensei que era o menos que podia fazer. -Ele arrumou o xale grande de modo que o material cobrisse os sinais vermelhos cheias de crostas, sobre meu ombro esquerdo.

-Não me devia nada, -pinjente. -Sou eu quem esta em dívida. -Poderia dizer que isto que disse ao Alcide o preocupou tanto como minhas lágrimas. -Venha, vamos, -pinjente. -Vamos ao *Clube Morto*. Esta noite descobriremos tudo, e ninguém sairá machucado.

O que demonstra que não tenho boa intuição.

Alcide tinha posto um traje diferente e eu um vestido diferente, mas *Josephine's* parecia exatamente igual. Calçada deserta, atmosfera opressora. Esta noite era inclusive mas fria, o suficiente para poder ver meu fôlego no ar, bastante fria para me fazer estar pateticamente agradecida pelo calor do aveludado xale grande. Esta noite, Alcide virtualmente saltou da caminhonete fazia o toldo, sem me ajudar a baixar, e logo ficou de pé aí me esperando.

-Lua enche, -ele explicou concisamente. -Será uma noite tensa.

-Sinto muito, -pinjente, me sentindo indefesa. -Deve ser terrivelmente duro para ti.

Se não o tivessem obrigado a me acompanhar, ele poderia ter estado dando saltos pelos bosques perseguindo cervos e coelhinhos. Ele desprezou minha desculpa.

-Sempre fica amanhã de noite, -disse. -Isto é quase tão bom. -Mas ele irradiava tensão.

Esta noite não me sobressaltei tão quando a caminhonete rodou longe, pelo visto sozinha, e não tremi nem quando o Sr. Hob abriu a porta. Não posso dizer que o trasgo pareceu contente de nos ver, mas tampouco sabia o que a expressão de sua cara ordinariamente

significava. Assim que ele poderia ter estado dando piruetas emocionais de alegria, e eu não saberia.

De algum jeito, duvidei que ele estivesse entusiasmado sobre minha segunda visita em seu clube. Seria o dono? Era difícil imaginar ao Sr. Hob chamar um clube “*Josephine's*”. “*Cão Putrefato*”, talvez, ou “*Vermes Ardentes*”, mas não “*Josephine's*”.

-Não queremos problemas esta noite, -Sr. Hob nos disse em tom grave. Sua voz era desigual e oxidada, como se não falasse muito, e não desfrutasse disso quando o fazia.

-Não foi culpa dela, -disse Alcide.

-De todas formas, -Hob disse, e o deixou nisto. Provavelmente sentiu que não tinha que dizer algo mais, e tinha razão. O pequeno trasgo cheio de vultos sacudiu sua cabeça fazendo um grupo de mesas que tinham sido empurradas juntas. -O rei os espera.

Os homens ficaram de pé quando chegar à mesa. Russell Edgington e seu amigo especial Talbot confrontavam a pista de baile; e frente deles estavam um velho (bem, ele foi feito não-morto quando era velho) vampiro, e uma mulher, que certamente ficou sentada. Meu olhar passou sobre ela, volta, e chiei com deleite.

-Tara!

Meu amiga da escola secundária gritou em resposta e saltou para incorporar-se. Demo-nos a uma à outra um abraço frontal de cheio, em lugar do meio abraço ligeiramente menos entusiasta que era nossa norma. Aqui no *Clube Morto*, ambas fomos forasteiras em uma terra estranha.

Tara, quem é várias polegadas mais alta que eu, tem o cabelo escuro junto com olhos e pele olivácea. Tinha posto um vestido oro-y-bronce de manga larga que brilhou quando ela se moveu, e se via mas espingarda pelos saltos altos. Ela tinha alcançado a altura de sua entrevista.

No momento que me desenganchava do abraço e lhe dava um carinhoso tapinha, dava-me conta que Tara ia fazer a pior coisa que podia acontecer. Entrei em sua mente, e li com toda clareza que estava a ponto de me perguntar por que ia com alguém que não era Bill.

-Vêem amiga, vamos ao penteadeira durante um segundo! -Pinjente alegremente, ela pilhou sua bolsa dando a sua entrevista um sorriso perfeito com ambos os ingredientes; promessa e pesar.

Dirigi ao Alcide um gesto, pedi aos outros senhores nos desculpar, e andamos energeticamente aos serviços, que estavam no corredor que conduzia à porta de atrás. O

serviço de senhoras estava vazio. Pressionei minhas costas contra a porta para não deixar passar a outras mulheres. Tara me Miro com sua cara iluminada por perguntas.

-Tara, por favor, não diga nada a respeito do Bill ou algo sobre *o Bon Temps*.

-Quer me dizer por que?

-É só que ... -tratei de pensar em algo razoável, não pude. -Tara, custará-me minha vida se o fizer.

Ela se moveu nervosamente, e me Miro fixamente. Quem não? Mas Tara tinha passado por muito em sua vida, era um pássaro ferido, se, mas resistente.

-Estou tão feliz de verte aqui, -disse ela. -Sentia-me muito só entre esta multidão. Quem é seu amigo? O que é ele?

Sempre esquecia que outras gente não podiam precaver-se. E às vezes quase esquecia que outra gente não sabia sobre o Lobatos e Adaptos.

-Ele é um topógrafo, -pinjente. -Vamos, apresentarei-te.

-Lamento que nos partíssemos tão rapidamente, -pinjente, sonriendo alegremente a todos os homens. -Esqueci minhas maneiras. -Introduzi a Tara com o Alcide, que pareceu apropriadamente apreciativo. Logo chegou o turno da Tara.

-Sook, este é Franklin Mott.

-Um prazer lhe conhecer, -pinjente, e estendi minha mão antes de que realizasse minha colocada de pata. Os vampiros não se dão a mão. -Peço perdão, -pinjente a toda pressa, e lhe dava um gesto com a mão em troca. -Vive você aqui no Jackson, Sr. Mott? -Estava resolvida de não envergonhar mais a Tara.

-Por favor, me chame Franklin, -disse ele. Tinha uma maravilhosa voz suave com um acento ligeiramente italiano. Quando morreu, provavelmente tinha estado a finais de seus cinquenta ou a princípios de seus sessenta; seu cabelo e bigode eram de cor cinza ferro, e sua cara tinha rugas. Ele parecia vigoroso e muito masculino. -Sim, faço-o, mas possuo um negócio que tem uma licença no Jackson, uma no Ruston, e uma no Vicksburg. Conheci a Tara em uma reunião do Ruston.

Gradualmente progredimos através do fazer-se-fazer-não social até que ficamos organizados, explicar aos homens como Tara e eu assistimos juntas à escola secundária, e ordenar as bebidas. Todos os vampiros, certamente, ordenaram sangue sintético, e Talbot, Tara, Alcide, e eu pedimos bebidas várias. Decidi que outro coquetel de champanha estaria bem. A garçonete, alguém adapto, movia-se de um modo estranho, quase escabulléndose, e

não pareceu inclinada de conversar muito. A noite de lua encha-se fazia sentir de todas as formas.

Havia muito menos dos dobre-natura no bar esta noite de ciclo lunar. Alegrei-me de ver que Debbie e seu prometido faltavam, e havia só um par de lobatos motoristas. Havia mais vampiros, e mais humanos. Perguntei-me como os vampiros do Jackson guardavam este bar em segredo. Entre os humanos que vinham com *o Supes*, certamente um ou dois estariam inclinados a dirigir-se a um repórter, ou lhe dizer a um grupo de amigos sobre a existência do bar?

Perguntei ao Alcide, e ele disse quedamente;

-O bar te enfeitiça. Você não seria capaz de lhe dizer a alguém como chegar embora o tentasse.

Teria que experimentar com aquilo mais tarde, a ver se isso funcionava comigo. Pergunte-me quem faria o bastidor do feitiço, ou como é que o chamassem. Se podia acreditar em vampiros, homem-lobos e adaptoformas, não estava tão fechada como para não acreditar em bruxas.

Eu estava entre o Talbot e Alcide, assim por via de conversação perguntei ao Talbot sobre o feitiço. Talbot não pareceu contrário ao bate-papo comigo, Alcide e Franklin Mott descobriram que tinham conhecidos em comum. Talbot levava em cima muita colônia, mas não o crítico. Talbot era um homem apaixonado, e além disso, era um viciado no sexo vampírico... os dois estados não sempre vão combinados. Ele era um homem desumano, inteligente que não conseguia entender como sua vida tinha tomado um giro tão exótico. (Ele era um grande emissor, também, que era pelo que eu podia ler tanto de sua vida.)

Ele me repetiu a história do Alcide sobre o feitiço no bar.

-Mas como é mantido em segredo o que passa aqui, isso é diferente, -disse Talbot, como se considerava uma resposta larga e uma resposta curta. Vi sua cara agradável, aposta e me recordei que ele sabia que Bill estava sendo torturado, e não lhe importava. Desejei que ele pensasse no Bill outra vez, assim poderia aprender mais; ao menos saberia se Bill estava morto ou vivo. -Bem, senhorita Sookie, o que passa aqui é guardado em segredo por meio de terror e castigo.

Talbot disse isto com fruição. desfrutava-se com isso. Gostava de ter sido quem ganhasse o coração do Russell Edgington, um ser que podia matar facilmente, que merecia ser temido.

-Qualquer vampiro ou lobato—de fato, qualquer classe de criatura sobrenatural, e você não viu muitos deles, acredito—que traz para um humano é responsável pelo comportamento daquele humano. Por exemplo, se você decidisse partir daqui esta noite e chamar um periódico popular, seria o dever ineludível do Alcide rastreá-la e matá-la.

-Já vejo. -E em efeito, fiz-o. -E, se Alcide não pudesse obrigar-se a si mesmo a fazer isto?

-Então sua vida seria a multa, e se encarregaria a um dos caçadores a salário fazer o trabalho.

Jesucristo Bendito!

-Há caçadores a salário? -Alcide poderia me haver dito mais do que me disse; foi um descobrimento desagradável. Minha voz pode ter estado um pouco enrouquecida.

-Seguro. Nesta área são os lobatos os quais têm posto a chamarra de motoristas. De fato, eles estavam fazendo perguntas pelo bar esta noite porque... - Sua expressão afiada, fez-se suspeita. -Viu o homem que a incomodava... outra vez ontem à noite ? Depois que deixou o bar?

-Não, -pinjente, dizendo tecnicamente a verdade. Não o tinha visto ontem à noite. Não sabia o que Deus pensava a respeito de verdades técnicas, mas também calculei que ele esperava que eu salvasse minha própria vida. -Alcide e eu, fomos direito ao apartamento. Estava bastante desgostada.

Desviei meus olhos como se fora uma garota recatada que não tinha o costume de aproximações em bares, o que estava também uns quantos passos longe da verdade. (Embora Sam contenha tais incidentes a um mínimo, e era extensamente conhecido que eu estava louca e portanto era indesejável, seguro que tive que me enfrentar com algum agressivo avanço ocasional, assim como uma certa quantidade de passes pouco entusiastas de tipos que estavam tão bêbados para preocupar-se com que supostamente, eu estivesse louca.)

-Você foi tão valorosa quando pareceu que ia haver uma luta, -observou Talbot. Talbot pensava que minha coragem de ontem à noite não concordava com meu comportamento recatado esta noite. Joder, tinha exagerado meu papel.

-Valorosa é a palavra para o Sookie, -Tara disse. Isto foi uma interrupção bem-vinda. - Quando dançamos juntas sobre um cenário, faz aproximadamente um milhão de anos, ela foi a valente, não eu! Eu tremia dentro de meus sapatos.

Obrigado, Tara.

-Você dançava? -perguntou Franklin Mott, sua atenção apanhada pela conversa.

-OH, sim, e ganhamos a competição de talento, -Tara lhe disse. -Pelo que não nos precavemos, até que nos graduamos e tivemos um pouco de experiência no mundo, foi que nossa pequena rotina realmente era, ah...

-Sugestiva, -pinjente, chamando as coisas por seu nome. -Fomos as garotas mais inocentes em nossa pequena escola secundária, e ali estávamos com esta rotina de baile que copiamos diretamente do MTV .

-Tomou anos entender por que o diretor suava com tanta força, -Tara disse, seu sorriso pícaramente encantadora. -De fato, me deixe ir ver o *disc-jóquei* agora mesmo.

Ela se levanto e se encaminho rumo o vampiro que tinha estabelecido sua engrenagem sobre a pequena etapa. Ele se inclinou e escutou atentamente, e logo ele assentiu.

-Ah, não. -Eu ia estar horivelmente envergonhada.

-O que? -Alcide estava divertido.

-Ela vai fazer nos repeti-lo uma vez mais.

É obvio, Tara retorno radiante por entre a multidão para me recolher. Tinha pensado em vinte e cinco boas razões para não fazer o que ela queria quando agarrou minhas mãos e me pôs de pé. Era evidente que o único modo de que poderia sair desta devia ser fazia adiante. Tara tinha posto seu coração nesta exibição, e Tara era meu amiga. A multidão abriu quadra de esportes quando "*Love Is ao Battlefield* " do Pat Benatar começou a soar.

Infelizmente, recordei cada empurrão e giro, cada golpe de quadril.

Em nossa inocência, Tara e eu planejamos nossa rotina quase como a patinação artística de casais, tocávamo-nos (ou muito perto de) durante todo o baile. Poderia haver-se cuidadoso mas bem como algum ato lesbiano realizado em um bar de *stripper* ? Mais ou menos. Não que tivesse estado alguma vez em um bar *stripper*, ou uma casa de filmes porno; mas assumo que a ascensão da luxúria comunal que senti no Josephine's essa noite era similar. Eu não gostei de ser o objeto disso—entretanto, descobri que senti uma certa inundação de poder.

Bill informo a meu corpo sobre o bom sexo, e estava segura que agora dancei como se soubesse gozar do sexo—e Tara também. De um modo perverso, tínhamos um momento de “sou a mulher, me sintam rugir”. E, por diosito, o amor é um campo de batalha. Benatar teve razão sobre isto.

Nós tínhamos no bordo ao auditório, Tara aferro minha cintura, para os últimos movimentos, bombeamos nossos quadris em harmonia, e trouxemos nossas mãos fazia abaixo como se varressem o chão. A música se deteve. Houve um diminuto segundo de silêncio, e logo muitos aplausos e assobios.

Os vampiros pensaram no sangue que fluía por nossas veias—especialmente aquelas artérias principais em nossas coxas interiores—estava segura pelos olhares famintos sobre suas caras. E podia ouvir que os homem-lobo imaginavam que tão bem saberíamos. Assim que me senti bastante comestível quando fiz meu caminho de volta a nossa mesa. Tara e eu fomos felicitadas com o passar do caminho, e recebemos muitos convites. Senti-me médio tentada a aceitar a oferta de baile de uma vampira moréia de cabelo encaracolado que era mais ou menos de meu tamanho e Mona como um coelhinho. Mas só sorri e segui caminhando.

Franklin Mott estava deletado.

-Ah, fez-o fabuloso, -ele disse quando sustentou a cadeira da Tara para ela.

Alcide, observei, permaneceu sentado e franziu o cenho fazia mim, forçando ao Talbot a inclinar-se e tirar minha cadeira para mim com uma cortesia torpe e improvisada. (Ele conseguiu uma carícia do Russell sobre o ombro por seu gesto.)

-Não posso acreditar garotas que não as expulsaram, -disse Talbot, cobrindo o momento torpe. Nunca supus que Alcide fora um imbecil possessivo.

-Não tínhamos nenhuma pista, -Tara protestou, renda-se. -Nenhuma. Não podíamos entender o alvoroço o que criava.

-Que mosca te pico? -Perguntei ao Alcide, muito quedamente.

Mas quando o escutei com cuidado pude identificar a fonte de sua insatisfação. Ele resentia o fato que me tinha reconhecido que ainda tinha ao Debbie em seu coração, porque se não faria um decidido esforço por compartilhar minha cama esta noite. Ele se sentia tanto culpado como zangado sobre isto, já que era lua enche—momento para pensar nisso. De algum jeito seu tempo do mês.

-Não está procurando a seu noivo com tanto afinco, verdade? -ele disse com frieza, em um matiz repugnante.

Foi como se ele me tivesse arrojado um cubo de água fria à cara. Foi um choque, e me doeu terrivelmente. As lágrimas apareceram em meus olhos. Foi também completamente óbvio para cada um na mesa que ele disse algo para me transtornar.

Talbot, Russell, e Franklin dirigiram caminhos olhados virtualmente carregadas de ameaça ao Alcide. O olhar do Talbot era um débil eco de seu amante, assim podia ser desatendida, mas Russell era o rei, depois de tudo, e Franklin pelo visto era um vampiro influente. Alcide recordou onde estava e com quem.

-me perdoe, Sookie, senti-me ciumento, -disse ele, o bastante alto para que todos na mesa pudessem ouvi-lo. -Foi realmente interessante.

-Interessante? -Pinjente, de maneira tão ligeira como pude. Nesse momento estava condenadamente furiosa. Passei meus dedos por seu cabelo quando inclinei a sua cadeira. - Só interessante?

Sorrindo-nos falsamente o um ao outro, mas outros o tragaram. Tive vontades de agarrar um punhado daquele cabelo negro e lhe dar um tremendo puxão. Ele não seria um adivinho do pensamento como eu, mas pôde ler aquele impulso alto e claro. Alcide teve que obrigar-se a não fazer uma careta.

Tara voltou outra vez a lhe perguntar ao Alcide por sua ocupação—Deus a benza—e assim outro momento torpe passou inocuamente. Empurrei minha cadeira um pouco fazia atrás do círculo ao redor da mesa e deixe a minha mente vagar. Alcide tinha razão sobre o fato que tinha que estar trabalhando, em lugar de me divertir; mas não vi como poderia ter rechaçado fazer isto com a Tara quando ela o desfrutou tanto.

Um movimento entre os corpos que lotavam a pequena pista de baile me deu um vislumbre do Eric, que se apoiava contra a parede detrás da pequena pista. Seus olhos estavam sobre mim, e estavam cheios de calor. Ali *havia* alguém que não estava zangado comigo, alguém que desfrutou de nossa pequena rotina com o espírito com o qual foi oferecida.

Eric se via bastante macaco com traje e lentes. Os lentes o faziam parecer de algum jeito menos ameaçador, decidi, e girei minha mente ao negócio. Alguns Lobatos e humanos foram fáceis de escutar, mais fácil que rastrear o fio de uma lembrança com seu dono. Fechei meus olhos para me ajudar a concentrar, e quase imediatamente apanhei uma parte de monólogo interior que me sacudiu.

“O martírio,” -o homem pensava.

Sabia que o pensador era um homem, e que seus pensamentos vinham da área detrás de mim, a área diretamente ao redor da barra. Minha cabeça começou a dar voltas, e me parei. Olhar não ajudaria, mas foi um impulso quase irresistível. Em troca olhei o chão, assim os movimentos dos outros paroquianos não me distrairiam.

Certamente, a gente não pensa realmente em orações completas. O que faço, quando explico seus pensamentos detalladamente é traduzi-los.

“Quando mora, meu nome será famoso, -pensou ele. -Já quase, ele esta aqui. Deus, por favor, me deixe sair sem dano. Ao menos ele está aqui comigo... espero que a estaca este bastante afiada”.

OH, *maldição!* A seguinte coisa que soube foi que meus pés se afastavam da mesa.

Movia-me pouco a pouco ao longo, bloqueando o ruído da música e as vozes assim poderia escutar agudamente o que estava sendo dito silenciosamente. pareceu-se ao andar sob a água. Na barra, esmurando um copo de sangue sintético, havia uma mulher com cabelo maltratado. Levava um vestido apertado com uma saia de vôo com volantitos ao redor. Seus musculosos braços e amplos ombros se viam bastante estranhos com esteja equipe; mas jamais o diria, não se queria permanecer como uma pessoa completa. Tinha que ser Betty Joe Pickard, segunda em hierarquia depois do Russell Edgington. Ela tinha também umas luvas brancas e abombados. O único que o fazia falta era um pequeno chapéu com um meio velo, decidi. Quis apostar a que Betty Joe foi uma grande fanática do Mamie Eisenhower.

E de pé, detrás desta formidável vampira, também confrontando a barra, havia dois humanos. A gente era alto, e de certa maneira extrañamente familiar. Seu cabelo castanho grisalho era comprido, mas penteado com esmero. O cabelo pareceu talhado de maneira regular e intencionadamente deixado crescer. O penteado luzia estranho com seu traje. Seu companheiro mais curto tinha o cabelo negro, ressecado e pintalgado com cinza. Este segundo homem tinha posto uma jaqueta esportiva que talvez caiu de algum lhe estejam do JCPenney durante o dia de liquidação de saldos.

E dentro daquele casaco barato, em um bolso sobre-cosido, ele levava uma estaca.

De maneira bastante horrível, vacilei. Se o detinha, revelaria meu talento escondido, e ao fazê-lo desmascararia minha identidade. As conseqüências dessa revelação dependeriam do que Edgington sabia de mim; pelo visto, ele só sabia que a noiva do Bill era uma garçonete no Merlotte's do Bon Temps, mas não seu nome. Por isso tinha sido livre de me introduzir como Sookie Stackhouse. Se Russell soubesse que a noiva do Bill era um télépata, e ele descobria que eu era um télépata, quem sabia o que passaria então?

Atualmente, custava-me trabalho fazer uma conjectura acertada.

Enquanto seguia nervosa, envergonhada e assustada, a decisão foi tomada por mim. O homem com o cabelo negro colocou a mão dentro de seu casaco e o fanatismo que ferveu dentro de sua cabeça alcançou o tom de febre. Ele tirou o pedaço comprido afiado de madeira, e logo um montão de coisas passaram.

Gritei, “ESTACA!” investi contra o braço do fanático, agarrando-o desesperadamente com ambas de minhas mãos. Os vampiros e sua gente giraram em busca da ameaça, os adaptos e lobatos, sabiamente, dispersaram-se ao redor das paredes para deixar a área livre aos vampiros. O homem alto me golpeou, suas mãos grandes esmuravam minha cabeça e

ombros, enquanto seu companheiro de cabelos escuros seguiu enroscando seu braço, tratando de liberar o de meu apertão. Ele subia e descia de um lado ao outro o braço para me arrojear longe.

De algum jeito, no tumulto, meus olhos encontraram aqueles do homem mais alto, e nos reconhecemos o um ao outro. Era G. Steve Newlin, o antigo líder do Camaraderismo do Sol, uma organização antivampiro militante cujo ramo de Dallas, mais ou menos, mordeu o pó depois de que lhes fui fazer uma visita. Ele ia dizer lhes quem era eu, sabia, mas tive que emprestar atenção ao que o homem com a estaca fazia. Cambaleei-me sobre meus talões, tratando de me manter de pé, quando o assassino finalmente teve um golpe de esplendor e transferiu a estaca de sua mão direita capturada a sua mão esquerda que estava livre.

me perfurando com um olhar final a minhas costas, Steve Newlin se lançou rumo à saída, e captei um brilho de criaturas que saltavam em sua busca. Ouvi muitos uivos e chiados, e logo o homem moreno retornou seu braço esquerdo e encaixou a estaca em minha cintura sobre meu flanco direito.

Então deixei ir seu braço, e joguei uma olhada ao que ele me tinha feito. Olhei de novo seus olhos durante um momento comprido, não lendo nada ali exceto um horror que refletia o meu próprio. Logo Betty Joe Pickard balançou atrás seu enluvado punho e o golpeou duas vezes—boom-boom. O primeiro golpe quebrou seu pescoço. O segundo rompeu seu crânio. Pude ouvir a ruptura e ranger de seus ossos.

E logo caiu ao chão, e como minhas pernas se enredaram com ele, também caí. Aterrisse sobre minhas costas.

Fique vendo o teto do bar, o grande ventilador que girava solenemente em cima de minha cabeça. Perguntei-me por que o ventilador estaria conectado no meio do inverno. Vi um falcão voando através do teto evitando as aletas de ventilador. Um lobo veio a meu lado, lambeu minha cara e gemeu, mas deu volta e saiu correndo. Tara gritava. Não era eu. Eu tinha muito frio.

Com minha mão direita, cobri o ponto onde a estaca entrou em meu corpo. Não quis vê-la, por que se olhava abaixo me assustaria. Podia sentir a umidade crescente ao redor da ferida.

-Chamem ao nueve-uno-uno! -Tara gritou enquanto aterrissava sobre seus joelhos ao lado de mim. O dono de cantina e Betty Joe intercambiaram um olhar em cima de sua cabeça. Entendi o que significava.

-Tara, -pinjente, e isto saiu como um grasnido. -Coração, todos os adaptos estão trocando. É lua enche. A polícia não pode entrar aqui, e eles virão se alguém chama ao nueve-uno-uno.

Tara, quem não sabia que tais coisas eram possíveis, não pareceu registrar a parte dos adaptos.

-Os vampiros não vão deixar morrer, -Tara disse com segurança. -Seu acaba de salvar a um deles!

Eu não estava tão segura sobre isto. Vi a cara do Franklin Mott em cima de Tara. Ele me via, e pude ler sua expressão.

-Tara, -sussurrei, -tem que sair daqui. Isto se está desenquadrando, e se houver algum risco de que a polícia venha, não pode estar aqui.

Franklin Mott assentiu com aprovação.

-Não vou abandonar te até que tenha ajuda, -Tara disse, sua voz cheia de determinação. Benzo seu coração.

A multidão ao redor de mim consistia em vampiros. Um deles era Eric. Não pude decifrar sua cara.

-O loiro alto me ajudará, -disse a Tara, minha voz apenas um sussurro.

Assinalei com um dedo ao Eric. Não o vi por medo de ler o rechaço em seus olhos. Se Eric não me ajudava, suspeitei que ficaria aqui e morreria sobre este gentil chão de madeira em um bar vampiro no Jackson, Misisipí.

Meu irmão, Jason, ia se encher o saco.

Tara conheceu o Eric no Bon Temps, mas sua introdução foi durante uma noite muito estressante. Ela não pareceu identificar ao alto loiro que encontrou essa noite com o alto loiro que viu esta noite, quem tinha posto lentes, um traje e seu cabelo restirado e alisado em uma trança.

-Por favor, ajude ao Sookie, -disse-lhe ela diretamente, quando Franklin Mott quase a pôs sobre seus pés.

-Este jovencito se *alegrará* de ajudar a seu amiga, -disse Mott. Ele dirigiu ao Eric um olhar agudo que disse ao Eric que mais lhe valia estar condenadamente de acordo.

-Certamente. Sou um bom amigo do Alcide, -disse Eric, mentindo sem uma piscada.

Tomou o lugar da Tara junto a meu, e poderia dizer que foi depois de que estava sobre seus joelhos que ele apanho o aroma de meu sangue. Sua cara ficou ainda mais branca, e seus ossos se destacaram cruamente sob sua pele. Seus olhos arderam.

-Não sabe quão duro é isto, -sussurrou-me, -o não inclinar-se e lambar.

-Se você o fizer, todos outros vão fazê-lo também, -pinjente. -E eles não só vão lambar, eles vão morder.

Havia um pastor alemão que me contemplava com luminosos olhos amarelos, justo diante de meus pés.

-É a única coisa que me detém.

-Quem é você? -perguntou Russell Edgington.

Ele dirigiu ao Eric uma olhada cuidadosa. Russell estava de pé a meu outro lado, ele se inclinou sobre nós dois, luzindo ameaçador. Já tinha sido intimidada o bastante, posso lhes dizer, mas não estava em posição para fazer uma maldita coisa a respeito disso.

-Sou um amigo do Alcide, -repetiu Eric. -Ele me convidou aqui esta noite a conhecer sua nova noiva. Meu nome é Leif.

Russell podia ver abaixo ao Eric, já que Eric estava ajoelhado, e seus dourados olhos negros penetraram nos azuis do Eric.

-Alcide não se relaciona com muitos vampiros, -disse Russell.

-Sou um desses poucos.

-Temos que tirar esta senhorita daqui, -disse Russell.

Os grunhidos a uns pés de distância aumentavam com intensidade. Pareceu haver um tumulto de animais reunidos ao redor de algo no chão.

-Tirem isso daqui! -rugiu Sr. Hob. -Fora pela porta de atrás! Vocês sabem as regras!

Dois dos vampiros levantaram o cadáver, já que era isto o que os lobatos e adaptos brigavam, e o levaram para fora pela porta de atrás, seguidos por todos os animais. Tanto pelo fanático moreno.

Só esta tarde Alcide e eu acabávamos de eliminar um cadáver. Nunca nos ocorreu trazê-lo para o clube, e deixá-lo no beco. Certamente, este estava fresco.

- ... talvez perfurou um rim, -dizia Eric. Eu tinha estado inconsciente, ou ao menos em outra parte, durante uns momentos.

Suava copiosamente, e a dor era insuportável. Senti um brilho de desgosto quando me precaver que estava suando por toda parte meu vestido. Mas, de todos os modos, provavelmente o vestido já se arruinou pelo grande buraco sangrento, né!?

-Levaremos-la a minha casa, -Russell disse, e se não tivesse estado segura que me faria mais dano, poderia me haver rido. -A limusine vem em caminho. Estou seguro que uma cara familiar a fará sentir-se mais cômoda, não está de acordo?

O que pensei era que Russell não quis tornar-se a perder seu traje me carregando. E Talbot provavelmente não poderia nem me arrastar. Embora o pequeno vampiro com cabelo encaracolado negro estivesse ali, e seguia sorrindo, seria espantosamente volumosa para ele ...

E perdi um pouco de tempo mais.

-Alcide se converteu em lobo e saiu a perseguir o companheiro do assassino, -Eric me dizia, embora não me lembrava de haver o perguntado. Comecei a lhe dizer ao Eric quem era o companheiro, e logo pensei que melhor não.

-Leif, -resmunguei, tratando de me aprender de cor o nome. -Leif. Adivinho que minhas ligas se vêem. Significa isto...?

-Sim, Sookie?

... e estive fora outra vez. Logo fui consciente que me movia, precavi-me que Eric me levava. Nada me tinha doído alguma vez tanto em minha vida, e refleti, não pela primeira vez, que nunca antes tinha estado em um hospital até que conheci o Bill, e agora parecia gastar a metade de meu tempo golpeada ou me repondo de ser golpeada. Isto era muito significativo e importante.

Um lince troto do bar ao lado de nós. Olhei para seus olhos dourados. Que noite começava a girar para *o Jackson*. Esperei que toda a gente boa decidisse ficar em casa esta noite.

E logo estávamos na limusine. Minha cabeça descansava na coxa do Eric, e no assento frente a nós se sentaram Talbot, Russell, e o pequeno vampiro de cabelo encaracolado. Quando nos paramos em um semáforo, um bisão bloqueava o passo.

-Felizmente ninguém sai fora do centro da cidade do Jackson durante uma noite de fim de semana em dezembro, -Talbot comentava, e Eric riu.

Conduzíamos pelo que pareceu algo tempo. Eric alisou minha saia sobre minhas pernas, e apartou meu cabelo da cara. Elevei a vista fazia ele, e ...

-... sabia ela o que ele ia fazer? -Talbot perguntava.

-Ela disse que o viu tirar a estaca, -disse Eric mendazmente, -quando ia à barra a conseguir outra bebida.

-Por sorte para a Betty Joe, -disse Russell em sua lenta voz do Sul. -Adivinho que ela caça ainda ao que escapou.

Então entramos por um meio-fio e nos paramos em uma porta. Um vampiro barbudo se aproximou e olhou atentamente dentro a janela, vendo todos os ocupantes com cuidado. Ele estava muito mais alerta que o indiferente guarda no bloco de pisos do Alcide. Ouvi um zumbido eletrônico, e a porta se abriu. Subimos um meio-fio (podia ouvir o ranger do cascalho) e logo chegamos diante de uma mansão. Estava iluminada como um bolo de aniversário, e quando Eric com cuidado me extraiu da limusine, pude ver que estávamos em uma casa que ia além da imaginação. Inclusive o abrigo para automóveis tinha colunas. Esperei ver o Vivian Leigh descendendo pela escada.

Tive um momento em branco outra vez, e logo estávamos no vestíbulo. A dor pareceu desvanecer-se, e sua ausência me deixou enjoada.

Como Russell, o dono desta mansão, estava de volta foi um acontecimento grande, e quando os habitantes cheiraram o sangue fresco, foram duplamente velozes para chegar à entrada. Parecia que tinha aterrissado em meio da competição de modelos para levadas românticas. Nunca tinha visto tantos homens lindos concentrados em um lugar em toda minha vida. Mas poderia dizer que eles não eram para mim. Russell se parecia com o vampiro gay uso *Hugh Hefner*, e esta era a mansão do Playboy, com uma ênfase em “boy”.

-Água, água, por toda parte, e eu sem uma gota para beber, -pinjente, e Eric riu em voz alta. Por isso eu gosto, pensei flutuando em uma névoa rosa; ele me “capta”.

-Bom, esta injeção sortindo efeito, -disse um homem de cabelo branco com uma camisa esportiva e calça com pinzas. Ele era humano, e poderia haver-se feito tatuar também um estetoscópio ao redor de seu pescoço, assim de claro se notava que era doutor.. - Necessitará-me você?

-por que não fica um ratito? -Russell sugeriu. -Josh lhe fará companhia, estou seguro.

Não consegui ver que tal estava Josh, porquê Eric já me levava acima.

-Rhett e Scarlet, -pinjente.

-Não entendo, -Eric me disse.

-Não viu “*O que o Vento se Levo*”? -Estive horrorizada. Mas, por que deveria um vampiro Vikingo ter visto o místico filme do Sul? Embora ele leu *A Rima do Marinheiro Antigo*,

pela qual eu suei a gota gorda na escola secundária. -Terá que olhá-la em vídeo. por que atuo tão estúpida? por que não me assusta?

-Aquele doutor humano te deu uma grande dose de droga contra a dor, -disse Eric, sonriêndome. -Agora te levo a um dormitório assim poderá ser curada.

-Ele está aqui, -disse ao Eric.

Seus olhos cintilaram me acautelando.

-Russell, sim. Mas me temo que Alcide fez um mau papel, Sookie. Ele correu na noite em detrás do outro atacante. Deveria haver ficado contigo.

-Vou a joder, -disse expansivamente.

-Já quisesse, sobretudo depois de ver sua dança.

Não me sentia bastante bem para rir, mas realmente me cruzou pela mente.

-me dar medicina talvez não foi uma grande ideia, -disse ao Eric. Tinha muitos secretos que guardar.

-Estou de acordo, mas me alegro que já não lhe aduela.

Então chegamos a um dormitório, e Eric me depositou sobre... meu deus! uma cama imperial. Ele aproveitou a oportunidade para me sussurrar; "Tome cuidado", em meu ouvido. E tratei de me colocar isto dentro de meu cérebro entupido com medicina. Podia soltar o fato de saber, além de toda dúvida, que Bill estava em algum sítio perto de mim.

Capítulo 10

Notei que havia uma verdadeira multidão no dormitório. Eric me recostou sobre a cama, que era muito alta, necessitaria um tamborete para baixar. Mas seria conveniente para a cura, escute comentar ao Russell, e comecei a me preocupar em que constituiria “a cura”. A vez passada que estive implicada em uma “cura” vampiro, o tratamento não foi exatamente o que alguém poderia chamar tradicional.

-O que vai acontecer? -Perguntei ao Eric, quem ficou ao lado esquerdo da cama, o lado do qual não estava ferida.

Mas foi o vampiro, quem tomou seu lugar a minha direita, que respondeu. Ele tinha uma cara larga, caballuna, suas sobrancelhas loiras e pestanas eram quase invisíveis contra sua palidez. Seu peito nu estava quase imberbe. Tinha posto um par de calças, que suspeitei eram de vinil. Inclusive no inverno, devem ser, um, irrespiráveis. Eu não gostaria de ter que cortá-lo fora dessas calças lubrificadas. A graça mas resaltável de este vampiro era seu pálido e encantador cabelo murcho de cor do milho branco.

-Senhorita Stackhouse, este é Ray Dom, -disse Russell.

-Como a excursão?. -Os bons maneiras lhe darão a bem-vinda em qualquer lugar, meu Abue me dizia sempre.

-Encantado de conhecê-la, -respondeu corretamente. Também, ele tinha sido educado corretamente, embora nem idéia de quando foi. -Não vou perguntar lhe como esta você, o motivo é que posso ver que conseguiu um grande buraco a um flanco.

-Do mais irônico, não é certo? que fora o humano quem foi estacado, -pinjente socialmente. Esperava voltar a ver o doutor outra vez, porque seguro que quereria lhe perguntar o que ele me tinha dado. Valia seu peso em ouro.

Ray Dom me dirigiu um olhar duvidoso, e me dava conta que acabava de tirar o de sua cômoda zona coloquial. Talvez poderia lhe obsequiar ao Ray Dom um calendário com Palavra do Dia, como Arlene me dava cada Natal.

-Direi-te o que vai ocorrer, Sookie, -disse Eric. -Você sabe que quando começamos a nos alimentar e nossas presas saem, liberam um pequeno anticoagulante?

-Um-aha.

-E quando estamos preparados para terminar de nos alimentar, as presas liberam um pequeno coagulante e um pequeno rastro do, o...

-A coisa que ajuda a todos vocês a curar-se tão rápido?

-Sim, exatamente.

-Assim, Ray Dom vai a que?

-Ray Dom, dizem seus companheiros de ninho, tem um fornecimento suplementar de todos estes produtos químicos em seu corpo. Este é seu talento.

Ray Dom sorriu radiante. Ele estava orgulhoso disso.

-Assim começará o processo com um voluntário, e quando ele se alimentou, começará a limpar sua ferida e a curá-la.

O que Eric tinha deixado fora desta narrativa era que em algum ponto durante este processo, a estaca ia ter que sair, e que nenhuma medicina no mundo poderia impedir que doesse como um filho de puta. Dava-me isto conta em um de meus poucos momentos de lucidez.

-Vale, -pinjente. -Começemos as funções.

O voluntário resulto ser um humano adolescente loiro e magro, que não era mais alto que eu e provavelmente tampouco mais amplo de ombros. Ele pareceu estar bastante desejoso. Ray Dom lhe deu um grande beijo antes de mordê-lo, sem o qual eu a teria passado melhor, já que não estou pelas demonstrações públicas do afeto carnal. (Quando digo “grande beijo”, não refiro a ruidoso, se não a intenso, ofegante, lhe sorvendo quase as amídalas, vá.) Quando ambos estiveram satisfeitos, Güerito inclinou sua cabeça a um lado, e o um pouco mais alto Ray Dom afundou suas presas nele. Houve muitos ofegos profundos—e até para alguém podre em remédios como estava eu, as calças de vinil do Ray Dom não deixaram muito à imaginação.

Eric observou sem reação aparente. Os vampiros parecem em geral ser extremamente tolerantes ante qualquer preferência sexual; adivincho que não existem muitos tabus quando a gente esteve vivo durante centenas de anos.

Quando Ray Dom retrocedeu do Güerito e deu volta para me confrontar na cama, ele tinha sua boca sangrenta. Minha euforia se evaporou imediatamente quando Eric se sentou sobre a cama e fixou meus ombros. A Grande Coisa Má vinha.

-me olhe, -exigiu ele. -me olhe, Sookie.

Senti afundá-la cama, e assumi que Ray Dom se ajoelhava ao lado dela e se inclinava a minha ferida.

Houve uma boca na carne rasgada de meu flanco que me sacudiu até o tutano de meus ossos. Senti que o sangue fugia de minha cara e a histeria borbulhava em minha garganta ao mesmo tempo que meu sangue deixava a ferida.

-Não o faça, Sookie! me olhe! -Eric disse urgentemente.

Olhei abaixo para ver que Ray Dom aferrava a estaca.

Quão seguinte ele fez ...

Gritei repetidas vezes, até que não fico energia. Encontrei os olhos do Eric quando senti a boca do Ray Dom que chupava na ferida. Eric sustentava minhas mãos, e eu cravava minhas unhas nele como se estivéssemos fazendo algo mais. Não lhe importará, pensei, até que me precava que lhe corria sangue.

E muito claro me disse;

-Deixa-o ir, -aconselhou-me, e soltei meu apertão de suas mãos. -Não, não a mim, -disse ele, sorrindo. -Pode te agarrar a mim enquanto queira. Deixa ir a dor, Sookie. Deixa-o ir. Tem que ir à deriva, longe.

Está foi a primeira vez que abandone minha vontade a alguém mais. Quando o vi, voltou-se singelo, retirei-me do sofrimento e a incerteza deste estranho lugar.

A seguinte coisa que soube, era que estava acordada. Estava metida na cama, deitada de barriga para cima, meu vestido—outrora formoso—tirado. Levava posta ainda minha roupa interior de encaixe bege, o que era bom. Eric estava na cama comigo, o que não era bom. Realmente estava fazendo um hábito disto. Ele descansava sobre um lado, seu braço me envolvendo, uma perna cruzada sobre as minhas. Seu cabelo estava misturado com meu cabelo, e os fios eram quase indistinguíveis, nossa cor era tão similar. Contemplei isto por um ratito, em uma espécie de nebuloso estado à deriva.

Eric estava em seu tempo de indisponibilidade. Ele estava naquele estado absolutamente imóvel no qual os vampiros se retiram quando não têm nada mais que fazer. Isto os refresca, penso, reduz o desgaste do mundo que passa sem cessar, ano detrás ano, cheio de guerras, fome e invenções que eles devem aprender como dirigir, trocando costumes, convenções e estilos que devem adotar a fim de integrar-se. Elevei as mantas para comprovar meu flanco. Ainda tinha dor, mas estava enormemente diminuído. Havia um círculo grande de tecido sobre o sítio da ferida, ficaria cicatriz. Estava quente, brilhante e vermelha e de algum jeito lustrosa.

-Esta muito melhor, -Eric disse, e ofeguei. Não o senti despertar de sua animação suspensa.

Eric levava postos uns *boxers* de seda. Eu o tinha imaginado como um homem mais casual e informal.

-Obrigado, Eric. -Não me importo quão débil soei, mas uma obrigação é uma obrigação.

-por que? -Sua mão brandamente acariciou meu estômago.

-Por me apoiar no clube. Por vir aqui comigo. Por não me deixar reveste em meio de toda esta gente.

-Que tão agradecida está? -ele sussurrou, sua boca se abateu sobre a minha. Seus olhos estavam muito alertas, e seu olhar brocava dentro da minha.

-Isso te arruína, quando joga aos jogo de dados com algo como isto, -pinjente, tratando de conservar minha voz gentil. -Não deveria esperar que tenha sexo contigo, só porque estou em dívida contigo.

-Realmente não me importa o por que tenha sexo comigo, enquanto o tenha, -disse ele, igualmente gentil.

Sua boca esteve sobre a minha então. Apesar de que tente me manter indiferente, não tive muito êxito. Por algo Eric tinha tido centenas de anos para praticar sua técnica de beijos, e os uso para obter vantagem disso. Tirei minhas mãos e rodeie seus ombros, e me envergonho de dizer que respondi. Tão adolorido e cansado como meu corpo estava, isto era o que queria, e minha mente e desejo corriam juntos. Eric estavam em todas partes, pareceu ter seis mãos, animando a meu corpo a responder com seu próprio estilo. Um dedo se deslizou sob o elástico de meus (mínimas) calcinhas, e penetrou diretamente dentro de mim.

Fiz um ruído, e não foi um ruído de rechaço. O dedo começou a mover-se com um maravilhoso ritmo. A boca do Eric parecia curvar-se sobre minha língua sorvendo-a sob sua garganta. Minhas mãos desfrutavam da Lisa pele e os fortes músculos debaixo dela.

Então a janela voou para abrir-se, e Bubba subo lentamente por ela.

-Senhorita Sookie! Sr. Eric! Rastreei-os até para cá! -Bubba estava orgulhoso.

-OH, bem por ti, Bubba, -disse Eric, terminando o beijo. Sujeitei com minha mão sua boneca, e separei sua mão. Ele permitiu que o fizesse. Não sou nem de longe tão forte como o vampiro mais débil.

-Bubba, estiveste aqui todo o tempo? Aqui no Jackson? -Perguntei, uma vez que tive algumas conexões neuronales em minha cabeça. Foi algo bom que Bubba tenha entrado, embora Eric não pensasse igual.

-O Sr. Eric me disse me pegar com você, -disse Bubba simplesmente. Ele se colocou em uma cadeira baixa estofada com bom gosto em material floreado. Tinha um cacho de cabelo escuro que caía sobre sua frente, e tinha posto um anel de ouro em cada dedo. -fez-se muito machuco naquele clube, senhorita Sookie?

-Estou muito melhor agora, -pinjente.

-Sinto não ter feito meu trabalho, mas aquele pequeno inseto que cuida a porta não me deixou entrar. Ele pareceu não saber quem era eu, se você pode acreditar isto.

Já que ele mesmo Bubba logo que recordava quem era ele, e sofria um verdadeiro ataque quando o fazia, talvez não era surpreendente que um trasgo não estivesse à corrente sobre a música popular Americana.

-Mas vi o Sr. Eric carregando-a, então os segui.

-Obrigado, Bubba. Isso foi muito inteligente.

Ele sorriu de uma maneira frouxa e tola.

-Senhorita Sookie, o que esta fazendo na cama com Sr. Eric, se Bill for seu noivo?

-Essa é verdadeiramente uma boa pergunta, Bubba, -pinjente. Tratei de me sentar, mas não pude fazê-lo. Fiz um pequeno gemido de dor, e Eric blasfemou em outra língua.

-Vou lhe dar sangue, Bubba, -disse Eric. -me deixe te dizer o que necessito que faça.

-Seguro -Bubba disse agradavelmente.

-Já que entrou pela parede e na casa sem ser detectado, necessito-te para procurar nesta zona. Pensamos que Bill está aqui em algum sítio. Eles o deixam preso. Não trate de liberá-

lo. É uma ordem. Volta aqui e nos diz quando o tiver encontrado. Se eles lhe virem, não corra. Somente não diga nada. Nada. Não sobre mim, ou Sookie, ou Bill. Nada mais que; “Olá, meu nome é Bubba”.

-Olá, meu nome é Bubba.

-Muito bem.

-Olá, meu nome é Bubba.

-Sim. Excelente. Agora, te mova, e permanece tranqüilo e invisível.

Bubba nos sorriu.

-Sim, Sr. Eric. Mas depois disto, tenho que ir e procurar algum alimento. Toy´faminto.

-Bem, Bubba. vá procurar agora.

Bubba se voltou a lançar através da janela, que estava sobre um segundo piso. Perguntei-me como ia chegar a terra, mas se conseguiu chegar à janela, estava segura que poderia sair disto.

-Sookie, -disse Eric, direto em meu ouvido. -Poderíamos ter uma larga discussão sobre o fato de que tome meu sangue, e sei tudo o que seu diria. Mas o fato é que, o alvoreada se aproxima. Não sei se permitirão que fique aqui durante o dia ou não. Eu terei que encontrar refúgio, aqui ou em outra parte. Quero-te forte e capaz de te defender; ao menos capaz de te mover rapidamente.

-Sei que Bill está aqui, -pinjente, depois de que medite isto durante um momento. -E sem importar o que quase fizemos—graças a Deus pela Bubba—temos que encontrar ao Bill. O melhor momento para tirar o daqui seria enquanto todo vocês os vampiros estão dormidos. Ele pode mover-se algo durante o dia?

-Se ele souber que está em um grave perigo, pode ser capaz de cambalear-se, -disse Eric, devagar e pensativamente. -Agora estou ainda mais seguro que necessitará meu sangue, porque necessitará força. Ele terá que ser talher a fundo. Terá que tomar a manta desta cama; é grossa. Como conseguirá tirar o daqui?

-Aqui é onde você entra, -pinjente. -depois de que façamos esta coisa do sangue, seu tem que ir me buscar um automóvel—um automóvel com uma cajuela grande, como um *Lincoln* ou um *Caddy* . E tem que me conseguir as chaves. E terá que dormir em outra parte. Não querará estar aqui quando eles despertem e descubram que seu prisioneiro se foi.

A mão do Eric descansava silenciosamente sobre meu estômago, e ainda estávamos deitados juntos e abraçados na cama. Mas a situação se sentiu completamente diferente.

-Sookie, aonde o levará?

-A um lugar subterrâneo -pinjente incertamente. -Né, talvez o estacionamento do Alcide! Isto é melhor que estar fora ao descoberto.

Eric se sentou contra a cabeceira. Os *boxers* de seda eram de cor azul rei. Ele abriu suas pernas e pude ver o buraco da entrepierna. OH, Deus. Tive que fechar meus olhos. Ele riu.

-Sente-se com suas costas contra meu peito, Sookie. Fará-lhe isso mais cômodo.

Cuidadosamente me apóio contra ele, minhas costas em seu peito, e pôs seus braços ao redor de mim. Pareceu que me recarregava contra um firme travesseiro fresco. Seu braço direito desapareceu, e ouvi um pequeno som de rangido. Então sua boneca apareceu diante de minha cara com sangue correndo de duas feridas em sua pele.

-Isto te curará de tudo, -disse Eric.

Vacilei, e logo me burle de mim mesma por minha tola vacilação. Sabia que quanto mais sangue do Eric tivesse dentro de mim, ele me conheceria mais. Sabia que isto lhe daria uma espécie de poder sobre mim. Sabia que durante muito tempo seria mais forte, e dado quão velho era Eric, seria muito forte. Curaria-me, e me sentiria maravilhosa. Seria mais atrativa. Por isso os vampiros eram atacados pelo Desangradores, humanos que trabalhava em equipes para capturar aos vampiros, encadeá-los com prata, e escorrer seu sangue em frascos, que se vendiam por diversas somas no mercado negro. Duzentos dólares era o preço normal por um frasco o ano passado; Deus sabe o que o sangue do Eric custaria, já que ele era tão velho. Prover a procedência era definitivamente um problema para o Desangrador. Sangrar era uma ocupação extremamente arriscada, e também extremamente ilegal.

Eric me estava fazendo um grande presente.

Nunca fui o que poderia chamar-se remilgosa, graças a Deus. Fechei minha boca sobre as pequenas feridas, e chupei. Eric gemeu, e poderia dizer que novamente estava contente de estar em tão estreito contato. Ele começou a mover-se um pouco, e não houve muito que eu pudesse fazer sobre isto. Seu braço esquerdo me mantinha firmemente abraçada contra ele, e seu braço direito me alimentava, depois de tudo. Era muito difícil não sentir-se envolta durante o processo. Mas Eric estava definitivamente gozando-o, e do momento que com cada chupada me sentia melhor, era difícil argumentar comigo mesma que isto era uma coisa má de fazer. Tratei de não pensar, e tratei de não me mover em resposta. Recordei o dia que tinha tomado o sangue do Bill porque necessitei a força suplementar, e recordei a reação do Bill.

Eric se apertou contra mim ainda mais duro, e de repente exclamo, «Ohhhhhh», e se relaxou por completo. Imediatamente senti uma umidade contra minhas costas, tomei uma última e profunda chupada. Eric gemeu outra vez, um som profundo, gutural, e sua boca se arrastou sob um flanco de meu pescoço.

-Não me remoa, -pinjente.

Conservava os restos de minha prudência com muita dificuldade. O que me excitou, disse-me mesma, era minha memória do Bill; sua reação quando o mordi, sua intensa excitação. Eric só resultou estar aqui. Não podia ter sexo com um vampiro somente porque o encontrava atrativo, sobre tudo com o Eric—não quando existiriam conseqüências extremas. Era só que tinha estado muito trespassada para me enumerar aquelas conseqüências. É um adulto, disse-me severamente; os verdadeiros adultos não têm sexo nada mais porque a outra pessoa é perita e apostada.

As presas do Eric roçaram meu ombro.

Lancei-me fora daquela cama como um foguete. Tinha a intenção de localizar um quarto de banho, abri a porta de maneira súbita para me encontrar com o vampiro curto e moreno, que tinha cabelo encaracolado, que estava de pé fora; seu braço esquerdo cheio de roupa, e seu braço direito estava elevado para tocar.

-Bem, te olhe, -disse, sonriendo. E ele certamente olhava. Pelo visto, ele queimava sua vela por ambos os lados.

-Precisa me falar? -Apoiei-me contra o marco de porta, fazendo todo o possível por parecer pálida e frágil.

-Sim, depois de que cortamos seu formoso vestido, Russell supôs que necessitaria alguma roupa. Resulta que tenho isto em meu armário, e já que somos da mesma estatura...

-OH, -pinjente apenas. Nunca antes compartilhei roupa com um tipo. -Bem, muito obrigado. É muito amável de sua parte. -E o era. Ele trouxe algumas sudaderas (azul-esverdeadas), meias três-quartos, um penhoar de seda, e até algumas calcinhas podas. Não quis pensar nisto muito atentamente.

-Vê-te melhor, -disse o pequeno homem. Seus olhos eram admirativos, mas não de um modo verdadeiramente pessoal. Talvez superestimei meus encantos.

-Estou muito débil, -disse quedamente. -Levantei-me porque ia caminho ao quarto de banho.

Os olhos negros do Ricitos flamejaram, poderia dizer que ele via o Eric por cima de meu ombro. Esta vista definitivamente era mais de seu gosto, e seu sorriso se fez francamente convidadora.

-Leif, você gostaria de compartilhar meu ataúde hoje? -ele perguntou, virtualmente batendo as asas suas pestanas.

Não me arrisque a dar volta para ver o Eric. Havia um emplastro sobre minhas costas que ainda estava úmido. Senti-me de repente enojada comigo mesma. Tinha tido pensamentos a respeito do Alcide, e mais que nada tinha pensamentos sobre o Eric. Não estive contente com minha fibra moral. Não era nenhuma desculpa saber que Bill foi infiel, ou ao menos isto não era a maior parte de uma desculpa. Provavelmente tampouco era uma desculpa que estando com o Bill tinha sido acostumada ao sexo espetacular de maneira regular. Ou não muita desculpa.

Era tempo para me voltar para subir minhas meias três-quartos morais e me comportar como eu mesma. O só me pensá-lo fez sentir melhor.

-Tenho que fazer uma diligência para o Sookie, -Eric dizia ao vampiro de cabelo encaracolado. -Não estou seguro que voltarei antes do amanhecer, mas se o faço, pode estar seguro que te buscarei. -Eric paquerava de volta.

Enquanto todo este engenhoso intercâmbio girava ao redor meu, pu-me o traje de seda, que era negro, rosado e branco, tudo com flores. Era realmente excepcional. Ricitos jogou uma olhada, e luziu mais interessado que quando eu acabava de aparecer em roupa interior.

-Yum, -ele disse simplesmente.

-De novo, obrigado, -pinjente. -Poderia me dizer onde esta o quarto de banho mais próximo?

Ele assinalou no corredor uma porta entreabierta.

-me desculpem, -disse a ambos, e me recordei, quando caminhava pelo corredor, andar devagar e com cuidado como se ainda sofresse dor. Diante do quarto de banho, possivelmente duas portas mais, pude ver o princípio da escada. Bem, agora sabia o caminho à saída. O que realmente era uma vantagem.

O quarto de banho era justo um quarto velho de banho normal. Estava cheio das coisas que pelo general criam desordem nos quartos de banho: secadores de cabelo, cachos quentes, desodorante, xampu, gel para moldar. Um pouco de maquiagem. Escovas, penteie e navalhas de barbear.

Embora o mostrador estava limpo e ordenado, era óbvio que várias pessoas compartilhavam o quarto. Poderia apostar que o quarto de banho pessoal do Russell Edgington não se olhava para nada como este. Encontrei algumas forquilhas e assegurei meu cabelo em cima de minha cabeça, tomei a ducha mais rápida da história. Já que tinha lavado meu cabelo essa manhã, o que agora parecia anos luz, e tomava uma eternidade secar-se além disso, alegre-me de me saltar isso em favor do enérgico esfregado de minha pele com o sabão perfumado da saboneteira. Havia toalhas podas no armário, o que foi um alívio.

Estive de volta no dormitório depois de quinze minutos. Ricitos se tinha ido, Eric estava vestido, e Bubba de volta.

Eric não disse uma palavra sobre o incidente embaraçoso que ocorreu entre nós. Ele olhou o traje apreciativa, mas silenciosamente.

-Bubba tem o território investigado, Sookie, -disse Eric, claramente citando.

Bubba sorria com um sorriso ligeiramente inclinado. Ele estava satisfeito consigo mesmo.

-Senhorita Sookie, encontrei ao Bill, -disse ele triunfalmente. -Não se encontra em boa forma, mas está vivo.

Caí afundada em uma cadeira sem me dar conta. Fui muito afortunada que estivesse detrás de mim. Minhas costas estava ainda direita—mas de repente, encontrei-me nesta posição. Foi uma sensação estranha, uma mais em uma noite infestada delas.

Quando fui capaz de pensar em algo mais, vagamente notei que a expressão do Eric era uma mescla desconcertante de coisas: prazer, pesar, cólera, satisfação. Bubba só parecia feliz.

-Onde está ele? —Minha voz nem sequer soou como a minha.

-Há um edifício grande atrás daqui, como uma garagem de quatro automóveis, mas este tem apartamentos em cima dele e um quarto ao lado.

Ao Russell gostava de ter ajuda à mão.

-Há ali outros edifícios? Poderia me confundir?

-Há uma piscina, senhorita Sookie, e esta tem um pequeno edifício diretamente aí para que a gente possa trocar-se com trajes de banho. E há um grande abrigo de ferramentas, penso que é para isso, mas esta separado da garagem.

Eric disse:

-Em que parte da garagem o têm a ele?

-O quarto ao lado direito. Acredito que talvez a garagem estava acostumada ser estábulos, e esse quarto era onde eles guardavam as cadeiras e demais. Não é muito grande. -Bubba disse.

-Quantos estão ali com ele? -Eric fazia boas perguntas. Eu não podia sair da frase da Bubba, que Bill estava ainda vivo e que estava tão perto dele.

-Agora mesmo três deles ficaram ali, Sr. Eric, dois homens e uma mulher. Todos eles são vampiros. Ela é a que tem a faca.

Encolhi-me dentro de mim.

-Faca, -pinjente.

-Sim senhora, ela o esteve talhado bastante feio.

Este não era o momento para vacilar. Antes estive orgulhosa sobre mim carência de remilgos. Este era o momento para me demonstrar que me tinha estado dizendo a verdade.

-Ele resistiu durante muito tempo, -pinjente.

-Tem-no feito, -estive de acordo Eric. -Sookie, irei conseguir um automóvel. Tratarei de estacioná-lo atrás dos estábulos.

-Pensa que eles lhe voltarão a deixar entrar?

-Sim, se tomo ao Bernard comigo.

-Bernard?

-O pequeno. -Eric me sorriu, embora seu sorriso estava um pouco torcida.

-Refere-te...? OH, se levar ao Ricitos contigo, eles lhe deixarão entrar porque ele vive aqui.

-Sim. Mas deverei ficar aqui. Com ele.

-Não poderia escapar, ah, disso?

-Talvez, talvez não. Não quero ser pego aqui, me levantando, quando eles descubram que Bill se foi, e você com ele.

-Senhorita Sookie, porão homem-lobos para cuidá-lo durante o dia.

Simultaneamente ambos vimos a Bubba.

-Aqueles homem-lobos que estiveram sobre seu rastro?

-Eles cuidassem do Bill enquanto os vampiros vão dormir.

-Mas esta noite é lua enche, -pinjente. -Eles parecerão pó quando assumirem sua forma. Se é que ao menos se apresentam.

Eric me viu com um pouco de surpresa.

-Tem razão, Sookie. Está é a melhor oportunidade que vamos ter.

Falamos a respeito disso um pouco mais; possivelmente poderia atuar muito débil e me esconder na casa, à espera do aliado humano do Eric que chegaria do Shreveport. Eric disse que lhe chamaria no mesmo minuto que saísse da área imediata, por seu telefone celular.

Eric comento;

-Talvez Alcide poderia te dar uma mão amanhã pela manhã.

Tenho que confessá-lo, a idéia de chamá-lo outra vez me tentou. Alcide era grande, resistente, competente, e um pouco escondido e débil dentro de mim sugeriu que certamente Alcide seria capaz de dirigir tudo melhor que eu. Mas minha consciência deu uma enorme pontada. Alcide, discuti, não podia continuar implicando-se mais. Ele tinha feito seu trabalho. Ele tinha que seguir tratando com esta gente de um modo comercial, e estaria arruinado se Russell se figurava que tomou parte na fuga do Bill Compton.

Não podíamos perder mais tempo na discussão, porque só faltavam duas horas até o alvorecer. Com muitos detalhes ainda soltos, Eric foi em busca do Ricitos—Bernard—para lhe solicitar timidamente sua companhia para a diligência de obter um automóvel. Assumi que ele teria a intenção de alugá-lo, mas se o lugar para alugar automóveis estaria aberto a esta hora, isso era um mistério para mim, embora Eric não pareceu antecipar nenhum problema. Tratei de eliminar as dúvidas de minha mente. Bubba acordou voltar a subir-se pela parede do Russell outra vez, como ele tinha entrado, e buscar um lugar dentro da terra para descansar durante o dia. Eric disse que só o fato que hoje era noite de lua enche salvou a vida da Bubba, e estive disposta a acreditá-lo. O vampiro que vigiava a porta poderia ser bom, mas não podia estar em todas partes.

Meu trabalho devia ser me fingir fraco durante o dia, enquanto os vampiros se retiravam, e logo depois de alguma maneira conseguiriam tirar o Bill fora do estábulo e na cajuela do automóvel que Eric proveria. Eles não teriam nenhuma razão para me deter na saída.

-É possivelmente o pior plano que jamais escute, -disse Eric.

-Tem razão nisto, mas é tudo o que temos.

-Você o fará grandioso, senhorita Sookie, -Bubba me disse, me motivando.

Isto é o que necessitava, uma atitude positiva.

-Obrigado, Bubba, -pinjente, tratando de soar tão agradecida como me sentia. Estava energizada pelo sangue do Eric. Sentia que meus olhos disparavam faíscas e meu cabelo flutuava ao redor de minha cabeça em um halo elétrico.

-Não te deixe levar muito, -aconselhou Eric.

Ele me recordou que isto era um problema comum com a gente que ingeria o sangue de vampiro do mercado negro. Eles tentavam todo tipo de loucuras, já que se sentiam tão fortes, tão invencíveis, e às vezes eles simplesmente não estavam à altura da façanha tentada—como o tipo que tratou de lutar contra uma turma inteira de uma vez, ou a mulher que carregou contra um trem vindouro. Suspirei, tratando de imprimir sua advertência sobre meu cérebro. O que realmente queria fazer era aparecer pela janela e ver se podia escalar pela parede até o terraço. Latido, o sangue do Eric era *formidável*. Era uma palavra que nunca tinha usado antes, mas era exata. Nunca imaginei a grande diferença que haveria entre a tira de sangue do Bill e a tira do Eric.

Houve um golpe na porta, e todos nos vimos como se pudéssemos ver através da porta.

Em um tempo extraordinariamente curto, Bubba esteve fora pela janela, Eric se sentou na cadeira perto da cama, e eu estava na cama tratando de parecer débil e instável.

-Adiante, -chamou Eric com uma voz amortecida, como convinha ao companheiro de alguém que se está recuperando de uma ferida terrível.

Era Ricitos—quer dizer, Bernard. Bernard levava postos jeans com um suéter vermelho escuro, e se via o suficientemente bom para me comer isso. Fechei meus olhos e me dirigi a uma severa conferência. A infusão de sangue havia me tornado muito liviana.

-Como está ela? -Bernard perguntou, quase em um cochicho. -Sua cor é melhor.

-Ainda com dor, mas curando-se, graças à generosidade de seu rei.

-Ele se alegrou de fazê-lo, -disse Bernard cortesmente. -Mas ele estará, ah, mas agrado se ela pudesse partir amanhã pela manhã. Ele está seguro que para então seu noivo estará de

volta em seu apartamento depois de que ele tenha desfrutado da lua esta noite. Espero que não pareça muito brusco?

-Não, posso entender sua preocupação, -disse Eric, sendo igualmente cortês.

Pelo visto, Russell estava com medo que ficasse durante vários dias, tirando proveito de meu ato heróico. Russell, sentia-se incomodo tendo humanos femininos convidados, queria que voltasse com o Alcide, quando ele estava seguro que Alcide seria capaz de ocupar-se de mim. Russell estava um pouco intranquilo a respeito de uma mulher desconhecida vagando ao redor de seus domínios durante o dia, quando ele e todo seu séquito estariam em seu sonho profundo.

Russell tinha toda a razão de preocupar-se por isso.

-Então irei conseguir lhe um automóvel e o estacionar na área traseira da casa, assim amanhã poderá conduzir fora. Se você pode arrumar que ela tenha o passo assegurado pelas portas dianteiras—assumo que estão vigiadas durante o dia?—terei completo minha obrigação para com meu amigo Alcide.

-Sonha muito razoável, -disse Bernard, me dando uma fração do sorriso que ele apontava fazia Eric. Não a devolvi. Fechei meus olhos cansadamente. -Deixarei dito isto na porta quando sairmos. Esta bem ir em meu automóvel? É somente uma pequena e velha carcaça, mas nos levasse... aonde quer ir?

-Direi-lhe isso quando estivermos em caminho. Está perto da casa de meu amigo. Ele conhece um homem que me emprestará um automóvel durante um dia ou dois.

Bom, ele tinha encontrado um modo de obter um automóvel sem um rastro de papel. Bem.

Senti movimento a minha esquerda. Eric se inclinou sobre mim. Sabia que era Eric, porque seu sangue dentro de mim, assim me informou isso. Isto foi realmente lhe atemorizem, e isto era pelo que Bill me advertiu contra tomar o sangue de qualquer outro vampiro além dele. Muito tarde. Fiz de tripas coração.

Ele beijou minha bochecha de uma maneira casta, uso-el-amigo-del-novio.

-Sookie, -disse muito quedamente. -Pode me ouvir?

Assenti sozinho um poquito.

-Bem. Escuta, vou conseguir te um automóvel. Deixarei as chaves aqui junto à cama quando retornar. Pela manhã, tem que conduzir daqui devolvida com o Alcide. Entende-me?

Assenti outra vez.

-Adeus!, -pinjente, tratando de fazer minha voz sonolenta. -Obrigado.

-Um prazer, -ele disse, e escute um bordo afiado em sua voz. Com um esforço, mantive minha cara imóvel.

É difícil de acreditar, mas realmente dormi depois de que eles partiram. Evidentemente Bubba obedeceu, e tinha saltado a perto para arrumar um refúgio durante o dia. A mansão ficou muito tranqüila quando as farras da noite chegaram ao final. Supus que os homem-lobos estariam tendo seu último uivo em algum sítio. Quando me estava ficando dormida, perguntei-me como lhes teria ido aos outros adaptiformas. O que fariam eles com sua roupa? O drama de esta noite no *Clube Morto* foi uma espécie de sorte; estava segura que eles tinham um procedimento normal. Perguntei-me onde estaria Alcide. Talvez ele apanhou a aquele filho de puta Newlin.

Despertei quando ouvi o ruído de chaves.

-Estou de volta, -disse Eric. Sua voz era muito fica, e tive que abrir meus olhos um pouco para me assegurar que ele estava realmente ali. -É um *Lincoln* branco. Estacionei fora da garagem; não havia lugar dentro, o que é uma verdadeira lástima. Eles não me deixariam me aproximar mais para confirmar o que Bubba disse. Ouve-me?

Assenti.

-Boa sorte. -Eric vacilou. -Se posso me desenredar, encontrarei-te no estacionamento ao obscurecer. Se não estar ali, voltarei para o *Shreveport*.

Abri meus olhos. O quarto ainda estava escuro; podia ver a pele do Eric brilhando. Também a minha. Isto me assustou um montão. Acabava de deixar de brilhar por tomar o sangue do Bill (em uma situação de emergência), quando aqui chegava outra crise, e agora reluzia como uma esfera de discoteca. A vida ao redor dos vampiros era uma contínua emergência, decidi.

-Falaremos mais tarde, -disse Eric ominosamente.

-Obrigado pelo automóvel, -pinjente.

Eric viu fazia abaixo onde estava eu. Ele pareceu ter um nervo pulsando sobre seu pescoço. Abri minha boca, e logo a fechei outra vez. Melhor sem comentários.

-Eu não gosto de ter sentimentos, -disse Eric com frieza, e partiu.

Essa foi uma dura linha de saída por todo o alto.

Capítulo 11

Havia uma linha de luz no céu quando me arrastei fora da mansão do rei do Misisipí. Esta manhã era um pouco mas cálida, e o céu não somente estava escuro de noite, se não pela chuva. Tinha um pequeno feito maço de meus pertences sob meu braço. De algum jeito minha bolsa e meu aveludado xale grande negro tinham chegado aqui à mansão do clube noturno, e coloquei meus saltos altos no xale grande. Dentro da bolsa tinha a chave do

apartamento que Alcide me emprestou, assim me senti mais tranqüila sabendo que se fosse necessário poderia encontrar refúgio ali. Tinha a manta da cama dobrada com esmero sob meu outro braço. Fiz a cama, assim que sua perda não seria óbvia durante um bom ratito.

O que Bernard não me emprestou era uma jaqueta. Assim quando estava saindo, enganchei-me uma jaqueta azul escuro acolchoada que estava pendurando sobre o passamanes. Senti-me tão culpado. Nunca antes tinha roubado nada. Agora tinha tomado a manta e a jaqueta. Minha consciência estava protestando energicamente.

Quando considerei o que deveria fazer para sair desta propriedade, tomar uma jaqueta e uma manta parecia bastante leve. Disse a minha consciência calar-se.

Quando me arrastei pela cavernosa cozinha e abri a porta de atrás, meus pés se deslizavam brandamente com as pantufas de elásticos que Bernard tinha incluído no vulto de roupa que trouxe para meu quarto. Por muito, as pantufas e os meias três-quartos eram melhores que me balançar em meus saltos.

Não tinha visto ninguém até agora. Parece que acertei o momento mágico. Quase todos os vampiros seguro estavam em seus ataúdes, ou camas, ou na terra, ou onde diabos ficassem durante o dia. Quase todos os lobatos ou outras criaturas, não estavam de volta da bebedeira da noite passada, ou já dormiam. Mas, ainda assim, vibrava pela tensão, porque em qualquer momento esta sorte poderia esgotar-se.

detrás da mansão, havia em efeito uma piscina mas bem pequena, coberta para o inverno por uma enorme lona negra. Tinha os borde prolongados que se estendiam mais à frente do perímetro atual da piscina. A diminuta casa do fundo estava completamente escura. Movi-me silenciosamente baixando um atalho criado com pedras desiguais, e depois de que aconteceu entre um oco de um denso sebe, encontrei-me em uma área pavimentada. Com minha visão acrescentada, fui capaz de ver imediatamente que tinha encontrado o pátio diante dos antigos estábulos. Isto era um edifício grande com tabuletas brancas aos lados, e o segundo andar (onde Bubba detectou os apartamentos) tinham janelas amplas. Era a garagem mas incrível que tinha visto alguma vez, os espaços para automóveis não tinham portas, se não arcadas. Pude contar quatro veículos estacionados dentro, da limusine a um *Jipe*. E ali, à direita, em vez de uma quinta arcada, havia uma parede sólida, e nela, uma porta.

Bill, pensei. *Bill*. Meu coração palpitava agora. Com um sentido lhe esmaguem de alívio, divise o *Lincoln* estacionado perto da porta. Girei a chave e a portinhola do condutor se abriu. Quando abri a porta, a luz da cúpula relampejou, mas não pareceu estar alguém aqui para vê-lo. Coloquei meu pequeno vulto de pertences sobre o assento de passageiros, e deixo a porta do condutor quase fechada. Encontrei um pequeno interruptor e apague a luz da cúpula. Tomei um precioso minuto para estudar o tabuleiro de instrumentos, foi difícil me concentrar estando tão excitada e aterrorizada. Então fui à parte traseira do veículo e abri a cajuela. Era enorme—mas não estava poda, como o interior. Tive a impressão que

Eric recolheu só os conteúdos mas grandes e os jogou no lixo, deixando o fundo desarrumado com cigarros, papéis, bolsas de plástico, e manchas de pó branco sobre o chão. Hmmm. Vale, estava bem. Não podia ser tão importante. Eric tinha metido duas garrafas de sangue, e as movi a um lado. A cajuela estava suja, sim, mas livre de algo que causasse moléstias ao Bill.

Suspirei, e apertei a manta junto a meu peito. Envolta em suas dobras estava a estaca que me tinha feito tanto dano. Esta era a única arma que tinha, e apesar de seu aspecto horripilante (estava ainda manchada com meu sangue e um pouco de malha), tinha-a recuperado do cesto de lixo e havia a trazido comigo. depois de tudo, sabia muito bem o dano que poderia causar.

O céu era uma sombra mais ligeira, mas quando senti gotas de chuva sobre minha cara, senti-me confiante que a escuridão duraria um pouco mais largo. Escondi-me caminho à garagem. Escapular-se ao redor certamente parecia suspeito, mas simplesmente não pude me fazer caminhar resolutamente rumo à porta. O cascalho fazia o silêncio quase impossível, mas de todos os modos tratei de pisar ligeiramente.

Pus meu ouvido na porta, escutando com toda minha acrescentada capacidade. Não recolhi nada. Ao menos, já sabia que não havia nenhum humano dentro. Girando a cavanhaque devagar, e retornando-a de novo a sua posição empurrei com cuidado, e andei dentro do quarto.

O estou acostumado a era de madeira, e talher de manchas. O aroma era horrível. Soube imediatamente que Russell usou este quarto para torturar antes. Bill estava no centro do quarto, amarrado por cadeias de prata a uma cadeira de respaldo reto.

depois das confusas e desconhecidas emoções dos poucos dias passados neste entorno, pareceu que de repente o mundo entrou em foco.

Tudo estava claro. Aqui estava Bill. Eu o salvaria.

E depois de que tive uma boa vista dele sob a nua luz do bulbo que pendurava do teto, sabia o que faria *algo* para salvá-lo.

Nunca imaginei algo assim de forte.

Havia sinais de queimaduras debaixo das cadeias de prata que o rodeavam completamente. Sabia que a prata causava uma constante agonia aos vampiros, e meu Bill sofria isto agora. Ele tinha sido queimado com outras coisas, e talhado, cortaram-no mais do que ele podia curar-se. Tinha sido esfomeado, e foi negado o sonho. Tinha a cabeça queda agora, e sabia que ele tomava uma pausa agora que podia, enquanto seus torturadores se foram. Seu escuro cabelo estava emaranhado com sangue.

Havia duas portas que conduziam fora deste quarto sem janelas. Uma, a minha direita, conduzia a um espécie de dormitório. Podia ver algumas camas pela porta aberta. Havia um homem atirado sobre uma, somente se deixou cair através do camastro totalmente vestido. Um dos homem-lobo, tinha retornado depois de sua farra mensal. Ele roncava, e havia manchas escuras ao redor de sua boca que não quis olhar mais de perto. Não podia ver o resto do quarto, assim não podia estar segura se havia outros; seria ardiloso assumir que se.

A porta na parte traseira do quarto conduzia mais atrás da garagem, possivelmente à escada que levava aos apartamentos. Não podia desperdiçar meu tempo investigando. Tinha um sentimento de urgência, me impulsionando a tirar dali ao Bill tão rápido como pudesse. Estava tremente pela necessidade de me apressar. até agora, corri com uma sorte enorme. Não podia esperar seguir mantendo-a.

Aproximei-me dois passos mais fazia Bill.

Soube quando ele me cheirou, e se precaveu de quem era eu.

Sua cabeça se elevou e seus olhos arderam à lombriga. Uma terrível esperança brilhou sobre sua cara suja. Sustentei um dedo; andei silenciosamente à porta aberta do dormitório, gentil e brandamente a deslize até que quase se fechou. Então me aproxime detrás dele, vendo abaixo às cadeias. Havia dois pequenos cadeados que mantinham as cadeias unidas, como desses que alguém põe em seu armário da escola.

-Chave? -Aspirei no ouvido do Bill.

Ele tinha um dedo que não estava quebrado, e esse foi o que uso para me assinalar a porta pela que eu entrei. Duas chaves penduravam sobre uma unha da porta, muito alta do chão, e sempre à vista do Bill. Certamente eles pensaram nisto. Pus a manta e a estaca no chão aos pés do Bill. Dirigi-me através do estou acostumado a manchado, e trate de me elevar o mas possível para agarrá-la. Mas não podia alcançar as chaves. Um vampiro que podia flutuar seria capaz das conseguir. Recordei-me mesma que era forte, forte pelo sangue do Eric.

Havia um lhe estejam sobre a parede que continha coisas interessantes como atijadores e tenazes. Tenazes! Pu-me nas pontas dos pés e as levante da prateleira, tratando com força de impedir que se obstruíssem, quando vi que estavam encostradas com—o OH, matéria asquerosa. Sustentei-as, eram muito pesadas, mas consegui as sujeitar como braçadeiras contra as chaves, e trabalhar com elas as avançado fazia a unha, e baixar as tenazes até que pudesse tomar as chaves com seus bicudos extremos. Exalei um suspiro gigantesco de alívio, tão silenciosamente como alguém pode exalar. Não foi tão difícil.

De fato, foi a última coisa fácil que encontrei. Comecei a horrível tarefa de desencadear ao Bill, tratando de manter o movimento das cadeias tão silencioso como pude. Foi impárrmente difícil desenrolar a brilhante corda de elos. De fato, parecia estar enterrada dentro do Bill, cujo corpo inteiro estava rígido pela tensão.

Então compreendi. Ele tratava de não gritar em voz alta quando as cadeias fossem separadas de sua carne carbonizada. Meu estômago se contraiu. Tive que parar minha tarefa durante uns preciosos segundos e inalar com muito cuidado. Se era tão difícil para mim o testemunhar sua agonia, quantas vezes mais difícil devia ser para o Bill o suportá-lo?

Reanimei mentalmente minha valentia, e comecei a trabalhar outra vez. Minha avó sempre me disse que as mulheres podem fazer o que temos ou devemos fazer, e novamente, teve razão.

Havia literalmente metros de cadeia de prata, e desenrolar a de maneira cuidadosa tomou mais tempo do que eu gostei. *Qualquer* tempo era mais tempo do que eu gostava. O perigo estava à espreita diretamente por sobre meu ombro. Cheirava o desastre, dentro e fora, com cada fôlego. Bill estava muito débil, e lutando por manter-se acordado agora que o sol tinha saído. Ajudava que o dia fora tão escuro, mas ele não seria capaz de mover-se muito quando o sol estivesse alto, sem importa quão nublado fora o dia.

O último elo da cadeia se deslizou ao chão.

-Tem que te levantar, -disse no ouvido do Bill. -Simplesmente tem que fazê-lo. Sei que isto dói. Mas não posso te levar. -Ao menos, não pensei que poderia. -Há um *Lincoln* grande fora, e a cajuela está aberta. Envolve-te nesta manta, meto-te na cajuela, e conduzimos longe daqui. Entende, bebê?

A cabeça escura do Bill se moveu uma fração de uma polegada.

E nesse preciso instante nossa sorte se esgotou.

-Quem demônios é você? -perguntou uma voz pesadamente acentuada. Alguém tinha chegado através da porta a minhas costas.

Bill se estremeceu sob minhas mãos. Girei para confrontá-la, me agachando ao mesmo tempo para recolher a estaca, e logo ela esteve sobre mim.

Tinha-me feito acreditar mesma que todos eles deveriam estar em seus ataúdes para o dia, mas esta fazia seu melhor intento para me matar.

Teria estado morta em um minuto se ela não tivesse estado tão impressionada como eu o estava. Torci meu braço longe de seu apertão e girei ao redor do Bill em sua cadeira. Suas presas estavam totalmente fora, e me grunhia por cima da cabeça do Bill. Ela era loira, como eu, mas seus olhos eram marrons e sua constituição mais pequena; era uma mulher diminuta. Tinha sangue seca nas mãos, e soube que era do Bill. Uma chama se acendeu dentro de mim. Podia sentir como cintilava por meus olhos.

-Seu deve ser sua pequena puta humana de mierda, -disse ela. -Ele jodió comigo todo este tempo, entende?. Ao minuto que me viu, ele esqueceu tudo a respeito de ti, exceto por que te tinha lástima.

Vale, Lorena não era elegante, mas ela sabia onde afundar a faca verbal. Arrojei as palavras de lado, porque ela queria me distrair. Apertei com mais força a estaca para estar preparada, ela saltou por cima do Bill para aterrisar sobre de mim.

Quando ela se moveu, sem uma decisão consciente coloque a estaca e a apontamento em ângulo. Quando ela descendeu sobre mim, o extremo agudo entrou em meu peito e saiu fora pelo outro lado. Então estivemos no chão. Eu aferrava ainda o final da estaca, e ela se sustentava sobre de mim com seus braços. Ela viu abaixo a madeira em meu peito, surpreendida. Então olhou aos olhos boquiaberta, suas presas estavam retratando-se.

-Não, -ela disse. Seus olhos se afundaram.

Usei a estaca para empurrá-la a minha esquerda, e me levante do chão. Ofegava, e minhas mãos tremiam violentamente. Ela não se moveu. Todo o incidente foi tão rápido e silencioso que apenas se sentiu verdadeiro.

Os olhos do Bill foram da coisa no chão a mim. Sua expressão era ilegível.

-Bem, -disse-lhe, -parti-lhe *seu* culo.

E logo estive sobre meus joelhos ao lado dela, tratando de não vomitar.

Tomou mais segundos preciosos recuperar o controle de mim mesma. Tinha um objetivo que devia cumprir. Sua morte não me serviria de nada se não podia conseguir tirar o Bill daqui antes de que alguém mais entrasse. E já que tinha feito algo tão horrível, tinha que obter um pouco de vantagem por isso.

Seria inteligente o ocultar o corpo—que começava a desfazer-se—mas isto teria que tomar o segundo lugar porque primeiro era tirar o Bill. Envolvi-lhe a manta ao redor de seus ombros quando ele se sentou enfraquecido sobre a cadeira manchada. Tinha medo de olhar sua cara depois do que acaba de fazer.

-Era Lorena? -Sussurrei ao ouvido do Bill, assaltada por uma dúvida repentina. -Ela te fez isto?

Ele deu aquela diminuta cabeçada outra vez.

Ding dong, a bruxa esta morta.

depois de uma pausa, enquanto esperei para sentir algo, a única coisa que pude pensar foi lhe perguntar ao Bill por que alguém chamado Lorena teria um acento estrangeiro. Como era algo parvo me esqueci disso.

-Bill, fica acordado. vais conseguir te manter acordado até que ponha no automóvel.

Tratava de guardar aberto um olho mental pelos Lobatos no quarto seguinte. Um deles começou a roncar detrás da porta fechada, e senti o movimento mental de outro, um que não fui capaz de detectar. Congelei-me durante vários segundos, antes de que pudesse sentir que sua mente se colocava em um modelo de sonho outra vez. Tomei um fôlego profundo, muito profundo e pus um extremo da manta sobre a cabeça do Bill. Então coloque seu braço esquerdo talher ao redor de meu pescoço, e dele atire. levanto-se da cadeira, e embora emitiu um vaio desigual de dor, ele conseguiu andar arrastando os pés fazia a porta. Quase o estava médio carregando, assim que me alegrei de me parar ali para agarrar a cavanhaque e movê-la para abrir. Logo quase me caiu, já que se estava (literalmente) dormindo de pé.

Só o perigo de que pudéssemos ser capturados o estimulava o suficiente para permitir o movimento.

A porta se abriu, e comprovei a manta (que resultou ter franjas amarelas) para me assegurar que lhe cobria completamente sua cabeça. Bill gemeu e ficou completamente lasso quando sentiu a luz do sol, débil e aquosa como era. Comecei a lhe falar em voz baixa, insultando-o e desafiando-o para mover-se, lhe dizendo que eu poderia mantê-lo acordado se aquela puta da Lorena pôde, lhe dizendo que lhe daria uma golpiza se ele não chegava ao automóvel.

Finalmente, com um esforço tremendo que me deixou tremendo, consegui pôr ao Bill na cajuela do automóvel. Empurrei-o para abri-la.

-Bill, sente-se aqui na esquina, -disse-lhe, atirando dele para que me encarasse e se sentasse sobre o bordo da cajuela.

Mas a vida o abandonou completamente naquele ponto, e simplesmente sofreu um colapso para trás. Quando ele se dobrou no espaço, fez um ruído de profunda dor que rasgou meu coração, e logo fico absolutamente silencioso e brando. Era sempre aterrador ver morrer assim ao Bill. Quis sacudi-lo, lhe gritar, golpear sobre seu peito.

Não existia nenhuma razão lógica em nada disto.

Obrigue-me mesma a empurrar os restos sobressalentes—uma perna, um braço—na cajuela com ele, e logo fechei. Permiti-me o luxo de um momento de intenso alívio.

Estando de pé sob a débil luz do dia em um pátio deserto, mantive um breve debate interior. Deveria tentar esconder o corpo da Lorena? Mereceria a pena tal esforço de tempo e energia?

Troquei de opinião aproximadamente seis vezes no curso de trinta segundos. Finalmente decidi que sim, poderia merecê-lo. Se não houvesse nenhum corpo que ver, os Lobatos poderia supor que Lorena se levou ao Bill em algum outro sitio para uma pequena sessão suplementar de tortura. Russell e Betty Joe estariam mortos para o mundo e não disponíveis para dar instruções. Não me fazia nenhuma ilusão de que Betty Joe estaria tão agradecida comigo para me ajudar se fosse capturada agora mesmo. Uma morte um pouco mais rápida seria a tudo o que poderia aspirar.

Com minha decisão tomada, retornei a aquele quarto horrível manchado de sangue. A miséria tinha empapado as paredes, junto com as manchas. Perguntei-me quantos humanos, lobatos, e vampiros foram mantidos detentos neste quarto. Recolhendo as cadeias tão silenciosamente como pude, meti-as na blusa da Lorena, assim, se alguém revisava o quarto poderia assumir que estavam ainda ao redor do Bill. Olhei pelo quarto para ver se existia algo mais que limpar ou que tinha que fazer. Já havia tanto sangue no quarto que a da Lorena não fez nenhuma diferença.

Tempo para tirar a daqui.

Para impedir a seus talões arrastar-se e fazer ruído, tive que levantá-la em meu ombro. Nunca tinha feito tal coisa, e o procedimento foi torpe. Por sorte para mim ela era muito pequena, e felizmente pratiquei como bloquear coisas de minha mente todos estes anos. De outra maneira, o modo que Lorena pendeu completamente frouxa, e o modo que ela começava a desbaratar-se, me teriam alucinado. Chie meus dentes, para conter a borbulha de histeria que surgia de minha garganta.

Chovia pesadamente quando levei o corpo à piscina. Sem o sangue do Eric, nunca teria podido levantar o pesado bordo da lona sobre a piscina, mas o dirigi com uma mão e impulso com um pie o que ficava da Lorena no fundo. Estava acautelada que em qualquer segundo alguém poderia olhar pelas janelas traseiras da mansão e à lombriga se precaveria do que fazia—mas se qualquer de quão humanos vivia na casa fizesse algo assim, eles optariam por guardar silêncio.

Começava a me sentir abrumadoramente cansada. Com dificuldade, andei de volta o caminho de laje pelo sebo fazia o automóvel. Apóie-me contra o automóvel durante um minuto, reacomodá-me a mim mesma. Depois entrei em assento do condutor, e girei a chave na ignição. O *Lincoln* era o automóvel maior que eu conduzi alguma vez, e um dos automóveis mais luxuosos nos que estive alguma vez, mas simplesmente nesse momento não pude sentir nenhum interesse ou prazer nisso. Grampeei meu cinto de segurança, ajuste o espelho, o assento, e examine o tabuleiro de instrumentos com cuidado. ia necessitar os

limpador de pára-brisas, certamente. O automóvel era novo, e as luzes vieram automaticamente, de modo que foi uma preocupação menos.

Suspirei. Esta era ao menos a fase três do resgate do Bill. Estava assustada quanto disto aconteceu por pura casualidade, mas até os projetos melhor preparados nunca tomam em consideração cada possibilidade. Não é possível. Geralmente, meus planos tendem a ser o que eu chamaria amplamente espaçosos.

Enfie o automóvel fora do pátio. O movimento foi realizado em uma curva cheia de elegância e me levou para a frente do edifício principal. Pela primeira vez, vi a fachada da mansão. Era formosa—grafite de branco, com enormes colunas—como me tinha imaginado isso. Russell se gastou uma dinheirama renovando o lugar.

O meio-fio me conduziu através da propriedade que se olhavam extra-cuidada até em seu estado pardusco pelo inverno, mas ainda este largo meio-fio me fez muito curta. Pude ver a parede diante de mim. Havia um ponto de controle na porta, e estava tripulado. Suava a pesar do frio.

Parei-me justo antes da porta. Havia um pequeno cubículo branco a um lado, tinha cristal do nível da cintura para acima. Isto se estendia dentro e fora da parede, assim os guardas poderiam comprovar tanto aos veículos que entravam como aos que saíam. Espere que tivesse calefação pelo bem dos dois lobatos em turno. Ambos vestiam trajes de pele e pareciam atrozmente mal-humorados. Eles tiveram uma noite difícil, sem dúvida alguma. Quando me detive, resisti a tentação quase lhe esmaguem de me equilibrar diretamente por aquelas portas. Um dos lobatos saiu. Levava um rifle, assim foi uma coisa boa não ter atuado baixo aquele impulso.

-Espero que Bernard haja dito a todos vocês que eu me partiria esta manhã? -Pinjente, depois de que baixei meu guichê. Tentei um sorriso.

-Você é quem foi estacada ontem à noite? -Meu interrogador estava áspero sem barbear, e cheirava como um cão molhado.

-Ahá.

-Como se sente?

-Melhor, obrigado.

-vai retornar para a crucificação?

Certamente não o escutei bem.

-Perdão? -Perguntei apenas.

Seu companheiro, que tinha vindo para estar de pé na porta da cabine, disse;

-Doug, te cale.

Doug franziu o cenho para seu companheiro lobato, mas se encolheu de ombros depois de ver que o franzir o cenho não sortia nenhum efeito.

-Bem, já se pode ir.

Comporta-as se abriram, de uma maneira muito lenta para meu gosto. Quando estiveram totalmente abertas, e os lobatos tinha retrocedido, conduzi com calma através delas. De repente me dava conta que não tinha nem idéia para onde girar, mas me pareceu correto dar volta à esquerda, já que queria me dirigir de novo ao Jackson. Meu subconsciente me dizia que demos uma volta à direita para entrar no meio-fio a noite anterior.

Meu subconsciente era um mentiroso bem gordo.

depois de cinco minutos, estive positivamente segura que estava perdida, e o sol seguia elevando-se, naturalmente, ainda sobre a massa de nuvens. Não pude recordar que tão bem cobria a manta ao Bill, e não estava segura que tão opaca seria a cajuela. depois de tudo, a segura transportação dos vampiros não era algo que os fabricantes de automóveis poriam em sua lista de prioridades.

Por outra parte, disse-me que a cajuela teria que ser isto impermeável era certamente importante—isso se estaria em sua lista. Entretanto, pareceu de vital importância encontrar um lugar escuro onde estacionar o *Lincoln* durante as horas restantes do dia. Embora cada impulso me dissesse conduzir com força e pôr tanta distância como pudesse entre a mansão e eu, no caso de alguém ia comprovar ao Bill e somava dois mais dois. Arremate a um lado do caminho e abri o porta-luvas. Deus benza a América! Havia um mapa do Misisipí com uma inserção para o *Jackson*.

O que me teria ajudado se tivesse tido alguma idéia de onde estava neste momento.

A gente que faz fugas se desesperadas, não se supõe que se perca.

Tomei uns quantos fôlegos profundos. Jogue-me de reversa para retornar pelo caminho, conduzi até que vi um posto de gasolina. Embora o tanque do *Lincoln* estivesse cheio (obrigado, Eric) coloquei-me e estacionei em uma das bombas. O automóvel do outro lado era um *Mercedes* negro, e a mulher que bombeava a gasolina era uma inteligente mulher de média idade que ia vestida com agradável e cômoda roupa casual. Quando consegui que o enxugador do pára-brisa deixasse de lançar água, pinjente;

-Por acaso você sabe como retornar ao I-20 daqui, verdade?

-Ah, seguro, -disse ela e sorriu. Era a classe de pessoa que adora ajudar a outra gente, agradecia a minha boa estrela por havê-la detectado. -É *Madison*, e *esta Jackson* ao sul daqui. Pelo I-55 que talvez esta a uma milha sobre aquele caminho. -Ela assinalou ao oeste. -Você toma o I-55 ao sul, e chegasse diretamente no I-20. Ou, você poderia tomar...

Estive a ponto de ser sobresaturada com informação.

-OH, isso sonha perfeito. me deixe fazer isso, ou perderei a pista.

-Claro, me alegro de havê-la ajudado.

-OH, seguro que o fez.

Sorrindo-nos alegremente a uma à outra, como o fazem as mulheres simpáticas. Tive que lutar contra um impulso de pura vertigem para não dizer, “Há um vampiro torturado em meu cajuela”. Tinha resgatado ao Bill, e estava viva, e esta noite estaríamos caminho de volta ao Bon Temps. A vida seria maravilhosa e sem problemas. Exceto, certamente, por ter que lutar com meu noivo infiel, averiguar se o corpo do homem-lobo que eliminamos no Bon Temps tinha sido encontrado, esperar para ouvir o mesmo sobre o homem-lobo que foi marretado no armário do Alcide, e aguardar a reação da rainha de *Louisiana* pela indiscrição do Bill com a Lorena. Sua indiscrição verbal: não pensei por um minuto que ela se preocuparia com suas atividades sexuais.

Fora disto, estávamos bem, não havia confusão.

-O diabo tem suficiente do mesmo ao dia, -disse-me. Era a entrevista favorita do Abue. Quando tinha nove lhe me pedi explicar isso e ela disse: “*Não procure problemas; eles lhe encontram sozinhos*”.

Tendo nisto conta, esclareça minha mente. Meu seguinte objetivo seria retornar ao Jackson ao refúgio da garagem. Segui as instruções que a amável mulher me deu, e depois de meia hora tive o alívio de entrar no Jackson.

Sabia que se pudesse localizar o Congresso estatal, poderia encontrar o bloco de apartamentos do Alcide. Não tinha tomado em conta as ruas de um só sentido, e não estive pondo a devida atenção com as horríveis direções quando Alcide me deu minha pequena viagem pelo centro da cidade do Jackson. Mas não há muitos edifícios de cinco pisos no inteiro estado do Misisipi, inclusive na capital. depois de um tenso período de cruces, divise-o.

Agora, pensei, todos meus problemas terminassem. Não é parvo pensar isso? Sempre?

Dirigi-me à área do pequeno cubículo com o guarda, onde se tinha que esperar a ser reconhecido enquanto o tipo movia o interruptor, ou pressionava o botão, ou fizesse o que fora para levantar a barreira. Estive aterrorizada que ele pudesse me negar a entrada porque não tinha uma etiqueta adesiva especial, como tinha Alcide sobre sua caminhonete.

O homem não estava ali. O cubículo estava vazio. Certamente isso estava mal não?. Franzi o cenho, me perguntando que fazer. Mas nisso chegou o guarda, em seu pesado uniforme marrom, subindo com dificuldade a rampa. Quando viu que esperava pareceu aflito, e se apressou até o automóvel. Soprei. Teria que me dirigir a ele depois de tudo. Pressionei o botão para baixar meu guichê.

-Sinto ter estado longe de meu posto, -disse imediatamente. -Eu tinha, ah... necessidades pessoais.

Aqui tinha uma pequena alavanca.

-Tive que tomar emprestado um automóvel, -pinjente. -Posso conseguir uma etiqueta temporária?

Vi-o de um modo que lhe transmiti meu modo de pensar. Aquele olhar disse: “Você não me incomode pela aquisição da etiqueta adesiva, e eu não direi uma palavra a respeito de que deixou seu posto.”

-Sim, senhora. Esta no apartamento 504?

-Você tem uma memória maravilhosa, -pinjente, e sua cara luziu emocionada.

-Parte do trabalho, -disse ele despreocupadamente, e me deu um número laminado que peguei sobre o tabuleiro de instrumentos. -Por favor, só entregue-o quando parta. Ou se planeja ficar, terá que encher uma forma que poderemos ter no arquivo, e lhe daremos uma etiqueta adesiva. Realmente, -disse, luzindo um pouco causar pena, -o Sr. Herveaux terá que enchê-lo como dono da propriedade.

-Seguro -pinjente. -Nenhum problema. -Dirigi-lhe um alegre gesto, e ele se retirou ao cubículo para levantar a barreira.

Conduzi dentro do escuro estacionamento. Sentindo correr a sensação de alívio que segue depois de ter superado a barreira principal.

Depois me sobreveio um conjunto de reações. Tremia por toda parte quando tirar as chaves da ignição. Pensei que vi a caminhonete do Alcide mais à frente a umas quantas filas, mas tinha estacionado o mas profundo que pude na garagem—na esquina mais escura, longe de outros automóveis. Isto era o mas que tinha planejado. Não tive nem idéia que fazer depois. Não acreditava realmente que chegaria tão longe. Reclinei fazia atrás o cômodo assento só

durante um minuto, para me relaxar e deixar de tremer antes de sair. Tinha mantido a calefação ao máximo durante meu passeio da mansão, assim dentro do automóvel estava doradamente quente.

Quando despertei, tinha estado dormida durante horas.

O automóvel estava frio, e eu estava geada, apesar da acolchoada jaqueta roubada. Rigidamente saí do assento do condutor, me estirando e me dobrando para aliviar meus transidos e intumescidos membros.

Talvez deveria checar ao Bill. Ele tinha rodado na cajuela, estava segura, e tinha que me assegurar que estivesse coberto.

Realmente, quis vê-lo outra vez. Meu coração pulsou mais rápido com o só pensamento. Era um verdadeira idiota.

Comprovei minha distância da débil luz do sol na entrada; estava bem longe. E estacionei de maneira que a cajuela estivesse em direção contrária daquele pedaço de luz do sol.

Cedendo à tentação, rodeie o auto rumo a parte traseira. Girei a chave dentro da fechadura, a saque e meti em meu bolso da jaqueta, olhe quando a tampa se elevou.

Na penumbra da garagem, não podia ver muito bem, e era difícil distinguir até a manta amarela. Bill pareceu estar bastante bem abrigado. Inclinei-me um pouco, assim poderia arrumar uma dobra mais sobre sua cabeça. Tive sozinho um segundo para advertir, o ruído de um sapato contra o concreto, e logo senti um poderoso empurrão.

Caí-me dentro da cajuela em cima de Bill.

Um instante depois e um empurrão mais que fez entrar minhas pernas, a cajuela se fechou com um seco azotón.

Agora Bill e eu estávamos encerrados na cajuela do *Lincoln*.

Capítulo 12

Debbie. Supus que foi Debbie. depois de que supere minha inundação inicial de pânico, que durou mais do que eu gostaria de confessar, tratei de voltar a reviver esses poucos segundos com cuidado. Apanhei um rastro de modelo cerebral, o suficiente para me informar que meu atacante era um adaptó. Assumo que deveu ser a antiga noiva de seu Alcide no-tan-antigua-noiva, pelo visto, já que ela andava por sua garagem.

Tinha estado me esperando durante a noite anterior quando retornou Alcide? Ou se encontrou com ele em algum ponto durante a loucura da lua enche? Debbie estava mais colérica comigo por ser a escolta do Alcide do que imaginei. Poderia ser que ela o amava, ou era extremamente possessiva.

Não que sua motivação fora minha preocupação mas importante neste momento. Minha preocupação mas grande era o ar. Pela primeira vez, senti-me afortunada de que Bill não respirava.

Ralentice meu próprio fôlego. Nada de profundos gritos afogados, nenhum golpe alarmista contra a cajuela. Ajude-me a entender as coisas. Bem, tinha entrado na cajuela provavelmente sobre, umh!, a uma da tarde. Bill despertaria ao redor das cinco, quando anoitecia. Talvez dormiria um pouco mais largo, porque estava esgotado—mas, não mais tarde que as seis e trinta, seguro. Quando estivesse acordado, ele seria capaz de nos tirar daqui. Ou possivelmente não? Estava muito débil. Tinha sido terrivelmente lesado, e suas feridas tomariam um momento para curar-se, inclusive para um vampiro. Ele necessitaria descanso e sangue antes de que estivesse de tudo repostado. E não tinha tido nada de sangue em uma semana. Quando aquele pensamento passou por minha mente, de repente me deu frio.

Frio por toda parte.

Bill teria fome. Realmente, estaria faminto. Locamente faminto.

E aqui estava eu—comida rápida.

Saberia ele quem era eu? precaveria-se a tempo que era eu para deter-se?

Doeu-me ainda pior pensar que ele poderia não preocupar-se mais—lhe importar o suficiente—para parar-se. Ele poderia seguir simplesmente chupando e chupado, até que ficasse seca. depois de tudo, ele esteve enredado com a Lorena. Viu-me matá-la, diretamente frente a seus olhos. Concedido, ela o traiu e o torturou, isto deveu ter apagado seu ardor, correto até ali. Mas, de todos os modos, as relações não são locamente absurdas?

Inclusive minha avó haveria dito; “*OH, mierda.*”

Vale. Tinha que manter a calma. Tive que respirar pouco profundo e reduzir a marcha para salvar o ar. E tive que reacomodar nossos corpos, assim poderia estar mais cômoda. Senti-me aliviada que esta era a cajuela maior que tinha visto alguma vez, porque isto fez possível tal manobra. Bill estava lasso—bom, naturalmente, ele estava morto. Assim poderia empurrá-lo sem me preocupar muito pelas consequências. Também a cajuela estava fria, e tratei de desembrulhar ao Bill um poquito assim poderíamos compartilhar a manta.

A cajuela estava bastante escura. Poderia lhe escrever ao desenhista do automóvel uma carta, e lhe deixar saber que podia testemunhar quão opaca era, se for assim como alguém lhe poderia chamar. Se saía daqui viva, melhor dizendo. Senti a forma das duas garrafas de sangue. Talvez Bill se conformaria com isto?

De repente, recordei um artigo que li em uma revista de notícias enquanto esperava no escritório do dentista. Era a respeito de uma mulher que foi feita refém e forçada dentro da cajuela de seu próprio automóvel, ela tinha estado fazendo campanha depois para ter fechos interiores instalados nas cajuelas, assim qualquer cativo poderia liberar-se. Perguntei-me se ela teria influenciado na gente que fazia os *Lincolns*. Manuseei tudo ao redor da cajuela, ao menos as partes que podia alcançar, quando aparentemente, senti um fecho de liberação; havia um lugar onde os arames estavam pegos na cajuela. Mas o que seja que tenha existido aí foi talhado e arrancado.

Tratei de atirar, tentei devorar à esquerda ou a direita. Caray, não era justo. Quase me voltei louca ali naquela cajuela. O meio de escapamento estava aí comigo, e não podia fazê-lo trabalhar. Minhas gemas foram repetidas vezes sobre os arames, mas sem resultados.

O mecanismo tinha sido chateado.

Tentei realmente duro tratar de entender como ocorreu isto. Envergonha-me confessá-lo, mas me perguntei se de algum jeito Eric saberia que estava encerrada na cajuela, e era seu modo de dizer; “*Isto é o que consegue por preferir ao Bill.*” Mas não podia acreditar isto. Seguro que Eric tinha alguns pontos morais em branco, grandes e cegos, mas não pensei que ele me faria isto. depois de tudo, ele não tinha alcançado seu objetivo declarado de me ter, que era o caminho mais agradável como me podia pôr isso mesma.

Já que não tinha nada mais para fazer, se não pensar, que pelo que sei, não toma oxigênio suplementar, considerei o dono anterior do automóvel. Me ocorreu que o amigo do Eric

indicou um automóvel que seria fácil de roubar; um automóvel que pertencia a alguém que estava seguro chegaria tarde de noite, alguém que podia permitir um automóvel fino, alguém cuja cajuela conteria lixo de papéis de cigarros, pó branco, e *Baggies*.

Poderia apostar que Eric agarrou o *Lincoln* de um traficante de droga. E aquele traficante de droga incapacitou o mecanismo de abertura da cajuela interior por motivos nos que nem quis pensar atentamente.

Ah, me dêem uma pausa, pensei indignadamente. (Era fácil neste mesmo momento me esquecer das muitas pausas que tive durante o dia.) A menos que conseguisse uma pausa final, e saísse desta cajuela antes de que Bill despertasse, nenhuma das demais contaria exatamente.

Era um domingo, e muito próximo a Natal, assim que a garagem estava silenciosa. Talvez algumas pessoas foram se casa para as férias, e os legisladores se foram a casa dentro de sua jurisdição, e a outra gente estava ocupada fazendo... coisas de domingo, Natal. Escute chegar um automóvel enquanto estava ali, e logo ouvi vozes um momento depois; duas pessoas descenderam rumo ao elevador. Gritei, e amassei a tampa da cajuela, mas o som foi tragado pelo arranque de um motor grande. Acalmei-me imediatamente, assustada de ter utilizado mais ire de que poderia me permitir.

Direi-lhes que, o tempo que se transcorre em um espaço quase tão negro como a boca de um lobo, um espaço confinado, esperando que algo passe—é um tempo bastante horrível. Não tinha em cima um relógio; teria devido ter um daqueles que se acendem, de todos os modos. Não dormi, mas me pus à deriva em um estranho estado de suspensão. Isto era sobretudo devido ao frio, supus. Inclusive com a jaqueta acolchoada e a manta, fazia muito frio na cajuela. Quietos, frios, sem movimento, escuro, silencioso. Minha mente foi à deriva.

Então estive aterrorizada.

Bill se movia. Ele se removeu, fez um ruído de dor. Então seu corpo pareceu esticar-se. Sabia que ele me cheirou.

-Bill, -disse em voz rouca, meus lábios quase tão rígidos pelo frio para mover-se. -Bill, sou eu, Sookie. Bill, está bem? Há um pouco de sangue engarrafado aqui. Bebe-a *agora*.

Ele me atacou.

Em sua fome, não fez nenhuma tentativa de me economizar algo, e doeu como as seis navalhas do inferno.

-Bill, sou eu, -pinjente, começando a chorar. -Bill, sou eu. Não faça isto, carinho. Bill, é Sookie. Há *TrueBlood* aqui.

Mas não se deteve. Eu segui falando, e ele seguiu chupando, e eu me pus inclusive mais fria, e muito débil. Seus braços me sujeitavam como braçadeiras, e lutar não tinha sentido, isso só o excitaria mais. Sua perna se meteu entre minhas pernas.

-Bill, -sussurrei, pensando que já era talvez muito tarde. Com um pouco de força que ainda não se partiu, belisquei seu ouvido com os dedos de minha mão direita. -Por favor, escuta, Bill.

-Ow, -ele disse.

Sua voz soou áspera; sua garganta estava dolorida. Ele deixou de tomar sangue. Agora outra necessidade pesava sobre ele, uma estreitamente relacionada com a alimentação. Suas mãos atiraram de minhas calcinhas, e depois de muito pinçar, reorganizar e rebolar, ele entrou dentro de mim sem nenhuma preparação absolutamente. Gritei, e ele estampou uma mão contra minha boca. Eu chorava, soluçava, meu nariz estava toda tampada, e tinha que respirar por minha boca. Todo o refreamento me abandonou e comecei a lutar como um gato montês. Mordi, arranhei e dava patadas, sem me preocupar com o abastecimento do ar, sem me preocupar que isto o enfureceria. Somente tinha que obter ar.

depois de uns segundos, sua mão desapareceu. E ele deixou de mover-se. Devorei ar com um grito afogado profundo e estremecido. Chorava seriamente, um soluço depois do outro.

-Sookie? -Bill disse incertamente. -Sookie?

Não podia responder.

-É você, -disse, sua voz rouca e assombrada. -É você. Esteve realmente ali naquele quarto?

Tratei de me recompor, mas me senti muito confusa e temi que ia deprimir me. Finalmente, fui capaz de dizer:

-Bill, -em um sussurro.

-É você. Está bem?

-Não, -pinjente quase me desculpando. depois de tudo, foi Bill quem tinha sido mantido preso e torturado.

-Fiz eu... -Ele fez uma pausa, e pareceu que se abraçava a si mesmo. -tomei mais sangue da que deveria?

Não pude lhe responder. Descanse minha cabeça em seu braço. Pareceu muito difícil falar.

-Parece que tive sexo contigo em um armário, -disse Bill com uma voz submetida. -Você, ah, fez-o voluntariamente?

Movi minha cabeça de um lado ao outro, logo me deixe acurrucar sobre seu braço outra vez.

-OH, não, -sussurrou. -OH, não. -Ele se separo de mim e pinçou ao redor, pela segunda vez, um montão de tempo. Estava-me acomodando tudo; também ele mesmo, suponho. Suas mãos mediram nosso entorno. -Cajuela de automóvel, -murmurou.

-Necessito ar, -pinjente, com uma voz quase tão suave para ouvir-se.

-por que não o disse antes? -De um murro Bill perfurou um buraco na cajuela. Ele *estava* mais forte. Bem por ele.

O ar frio se precipitou dentro e o sorvi profundamente. Belo, formoso, oxigênio.

-Onde estamos? -ele perguntou, depois de um momento.

-Estacionamento, -ofeguei. -Bloco de apartamentos. *Jackson*. -Estava tão débil, só queria deixar ir e flutuar à deriva.

-por que?

Tratei de reunir suficiente energia para lhe responder.

-Alcide vive aqui, -consegui resmungar, finalmente.

-Alcide quem? O que se supõe que faremos agora?

-Eric... virá. Bebe o sangue engarrafado.

-Sookie? Está bem?

Não pude lhe responder. Se pudesse fazê-lo, poderia haver dito, "*Que se preocupa a ti? foste abandonar me de todos os modos*". Poderia haver dito, "*Perdôo-te*", embora não pareça realmente provável. Talvez só lhe diria que o senti falta de, e que seu segredo estava ainda a salvo comigo; fiel até a morte, essa era Sookie Stackhouse.

Ouvi-o abrir uma garrafa.

Quando me afastava fazia a deriva como um navio sob uma corrente que parecia mover-se inclusive mais rápido, dava-me conta que Bill nunca revelou meu nome. Sabia que eles

trataram de averiguá-lo, para me seqüestrar e me trazer para ser torturada diante dele como uma ação de alavanca suplementar. E ele não o havia dito.

A cajuela se abriu com um ruído de metal rasgado.

Eric estava parado perfilado pelas luzes de néon da garagem. Ele chegou justo quando anoiteceu.

-Que diabos estão fazendo vocês dois aqui? -perguntou.

Mas a corrente me levou antes de que pudesse responder.

-Ela está retornando, -observou Eric. -Talvez foi suficiente sangue. -Minha cabeça zumbiu durante um minuto e logo ficou silenciosa outra vez. -Está voltando em si, -disse ele depois de um momento, e meus olhos piscaram para abrir-se e registrar três ansiosas caras masculinas que se abatia sobre mim: Eric, Alcide, e Bill.

De algum jeito, a vista me fez desejar rir. Tantos homens estavam atemorizados comigo em casa, ou não queriam pensar em mim, e aqui estavam os três homens em todo mundo que queriam ter sexo comigo, ou ao menos que pensavam seriamente nisso; todos apinhados ao redor da cama. Ri-me bobamente, de verdade bobamente, pela primeira vez possivelmente em dez anos.

-Os Três Mosqueteiros, -pinjente.

-Terá alucinações? -Eric perguntou.

-Acredito que ela se está rendo de nós, -disse Alcide. Ele não soou infeliz a respeito disto. Pôs uma garrafa vazia do TrueBlood sobre a mesinha de noite. Havia uma jarra grande ao lado dela, e um copo.

Os frescos dedos do Bill se entrelaçaram com meus.

-Sookie, -disse, com aquela tranqüila voz que sempre enviava calafrios ao longo de meu espinho.

Tratei de enfocar sua cara. Ele estava sentado sobre a cama a minha direita. via-se melhor. Os cortes mais profundos agora eram cicatrizes sobre sua cara, e os moretones se descoravam.

-Eles me disseram que se voltaria para a... crucificação? -Disse-lhe.

-Quem te disse isto? -Ele aproximou sua cara a mim com seus escuros olhos alargados pelo interesse.

-Os guardas da porta.

-Os guardas na porta da mansão lhe perguntaram se voltaria para uma crucificação esta noite? *Está* noite?

-Sim.

-De quem?

-Não sei.

-Eu esperava que dissesse, «*Onde estou? O que me passou?*» -Eric disse. -Não que perguntasse a respeito de uma crucificação que tomaria lugar—possivelmente está tomando lugar, -corrigiu-se, jogando uma olhada ao relógio sobre a cama.

-Talvez se refeririam à minha? -Bill pareceu um pouco aturdido pela idéia. -Talvez decidiram me matar esta noite?

-Ou possivelmente eles apanharam ao fanático que tratou de estacar a Betty Joe? -Eric sugeriu. -Ele seria um candidato ideal para uma crucificação.

Meditei-o, tanto como era capaz de raciocinar pelo cansaço que seguia ameaçando me afligindo.

-Não de acordo ao quadro que obtive, -sussurrei. Meu pescoço estava muito, muito adolorido.

-Foi capaz de ler algo dos lobatos? -Eric perguntou.

Assenti.

-Acredito que eles se referiam a Bubba, -sussurrei, e cada um no quarto se congelou.

-Esse cretino, -disse Eric grosseiramente, depois de que teve tempo para processar isto. -Eles o agarraram?

-Penso que sim. -Era a impressão que consegui.

-Teremos que recuperá-lo, -disse Bill. -Se ainda está vivo.

Foi muito valente conversa do Bill dizer que voltaria para aquele terreno. Se eu tivesse sido ele, nunca o houvesse dito.

O silêncio que caiu era claramente incômodo.

-Eric? -As escuras sobrancelhas do Bill se arquearam; ele esperava um comentário.

Eric se olhou majestuosamente zangado.

-Suponho que tem razão. Temos certa responsabilidade para com ele. Não posso acreditar que seu estado materno queira executá-lo! Onde está sua lealdade?

-E você? -A voz do Bill foi grandemente mais fria quando perguntou ao Alcide.

A calidez do Alcide alagou o quarto. Como também o fez o matagal confuso de seus pensamentos. Ele passou parte da noite anterior com o Debbie, *bem*.

-Não vejo como posso, -disse Alcide desesperadamente. -Meu negócio, meu pai, dependem de que seja capaz de vir aqui frequentemente. E se estiver fora com o Russell e sua equipe, seria quase impossível. Já vai ser bastante difícil quando eles se dêem conta que Sookie foi quem roubou a seu prisioneiro.

-E matou a Lorena, -acrescentei.

Outro embaraçoso silêncio.

Eric começou a sorrir abertamente.

-Matou a Lorena? -Ele se engasgou apesar de ser um vampiro muito velho.

Era difícil interpretar a expressão do Bill.

-Sookie a estacou, -disse ele. -Foi uma matança justa.

-Ela matou Lorena em uma luta? -O sorriso do Eric incluso se alargou mas. Ele estava tão orgulhoso como se tivesse escutado a seu primogênito recitando ao Shakespeare.

-Uma luta *muito curta*, -pinjente, não querendo tomar nenhum crédito que não me pertencia. Se a gente pudesse chamar a isto crédito.

-Sookie matou a um vampiro, -disse Alcide, como se também isto me elevasse em sua avaliação. Os dois vampiros no quarto franziram o cenho.

Alcide me serve e deu um grande copo com água. Bebi-o, devagar e dolorosamente. Senti-me grandemente melhor depois de um minuto ou dois.

-De volta ao tema original, -disse Eric, me dando um olhar significativo para me mostrar que ele tinha mais que dizer sobre a matança da Lorena. -Se Sookie não foi identificada como quem ajudou à fuga do Bill, ela é a melhor opção para nos colocar de retorno à mansão sem disparar nenhum alarme. Eles não a estarão esperando, mas tampouco a rechaçassem, estou seguro. Sobre tudo se ela disser que traz uma mensagem para o Russell da rainha de *Louisiana*, ou se ela disser que tem algo que quer lhe devolver ao Russell... - Ele se encolheu de ombros, como dizendo que certamente poderíamos inventar uma boa história.

Não queria voltar ali. Pensei no pobre da Bubba, e tratei de me preocupar de seu destino — que já poderia ter encontrado—mas estava muito fraco para me preocupar disso.

-Bandeira de trégua? -Sugeri. Esclareça minha garganta. -Têm os vampiros tal coisa?

Eric pareceu pensativo.

-É obvio, então eu teria que explicar quem sou, -disse ele.

A felicidade fez ao Alcide muito mais fácil para ler. Ele pensava que tão logo poderia chamar o Debbie.

Abri minha boca, reconsidere, fechei-a, abri-a outra vez. Que demônios.

-Sabe quem me empurrou na cajuela e a fechou de repente? -Perguntei ao Alcide.

Seus olhos verdes olharam fazia mim. Sua cara se voltou inexpressiva, contida, como se ele temesse que se filtrasse qualquer emoção. Deu volta e deixou o quarto, atirando da porta para fechá-la detrás dele. Pela primeira vez, registrei que estava de volta no dormitório de convidado em seu apartamento.

-Assim, quem fez isso, Sookie? -Eric perguntou.

-Seu ex-noiva. Não tão *ex* depois da noite passada.

-por que faria ela isto? -Bill perguntou.

Houve outro silêncio significativo.

-Sookie representou o papel da nova noiva do Alcide para ganhar a entrada ao clube, -disse Eric delicadamente.

-Ah, -Bill disse. -por que teve que ir ao clube?

-Deveram te golpear umas quantas vezes na cabeça, Bill, -disse Eric com frieza. -Ela tratava de “ouvir” onde lhe tinham levado.

Isto ficava muito próximo das coisas que Bill e eu tínhamos que falar sozinhos.

-É parvo retornar aí, -pinjente. -O que tem que uma chamada Telefónica?

Ambos me contemplaram como se me tivesse convertido em uma rã.

-Bem, que idéia tão boa, -disse Eric.

O telefone, resultou estar registrado somente sob o nome do Russell Edgington; não “Mansão do Destino”, ou “*Vampiros R’Us*”. Trabalhei em aperfeiçoar minha história diretamente enquanto tentava me tragar o conteúdo de uma grande taça de plástico opaca. Odiei o gosto do sangue sintético que Bill insistiu que bebesse, assim que ele a mesclou com suco de maçã, trate de não olhar quando me tirei isso de um gole.

Eles me fizeram bebê-lo diretamente quando me trouxeram para o apartamento do Alcide esta noite; e não lhes perguntei como. Ao menos agora sabia por que a roupa que me emprestou Bernard parecia um desastre. Parecia que me tinha degolado a garganta, em vez de estar destrocada pela dolorosa mordida do Bill. Estava ainda muito dolorida, mas estava melhor.

Certamente, eu fui escolhida para fazer a chamada. até agora não conheci a um homem, por cima da idade de dezesseis, a quem goste de falar por telefone.

-Betty Joe Pickard, por favor, -disse à voz masculina que respondeu.

-*Ela está ocupada*, -disse ele imediatamente.

-Tenho que falar com ela agora mesmo.

-*Ela esta por outra parte. Posso tomar seu número?*

-Esta é a mulher que salvou sua vida ontem à noite. -Nenhuma razão para não golpear ao redor do arbusto. -Tenho que me dirigir a ela, agora mesmo. *Tout de suite* .

-*Verei*.

Houve uma pausa larga. Podia ouvir às pessoas que andava pelo telefone de vez em quando, e ouvi muitas ovações que soaram como se estivessem fazendo coro a distância. Não quis pensar muito nisso. Eric, Bill, e Alcide—quem finalmente retornou bruscamente ao quarto, quando Bill lhe perguntou se podíamos tomar emprestado seu telefone—estavam parados aí me fazendo toda classe de caras, eu somente me encolhi de ombros em resposta.

Finalmente, houve um click, click, click de saltos sobre o piso.

-Estou agradecida, mas não pode contar com isto sempre, -disse Betty Jo Pickard energicamente. -Arrumamos seu cura, teve um alojamento para recuperar-se. Não apagamos sua memória, -acrescentou ela, como se fora um pequeno detalhe que lhe tinha escapado até esse momento. -Que coisa quer pedir?

-Você tem a um vampiro ali, um imitador do Elvis?

-Sim? -De repente ela soou muito cautelosa. -Agarramos a um intruso dentro de nossas paredes ontem à noite, sim.

-Esta manhã, depois de que deixei seu lugar, fui detida de novo, -pinjente. Calculamos que isto seria convincente porque eu soava rouca e débil.

Houve um silêncio comprido enquanto ela estudou atentamente as implicações.

-Você tem o hábito de estar no lugar incorreto, -disse, como se remotamente sentisse pena por mim.

-Eles me informam agora, -pinjente com cuidado. -lhe dizer que o vampiro que você tem ali, como se supõe, é o verdadeiro.

Ela riu um pouco.

-Ah, mas... -ela começou. Então se calou. -Você esta me cagando, certo? -Estava disposta a jurar que Mamie Eisenhower nunca haveria dito isso.

-Absolutamente não. Havia uma vampiro trabalhando no depósito de cadáveres essa noite, -grasnei. Betty Jo fez um som que saiu entre um grito afogado e a gente estrangulado. -Não o chame por seu verdadeiro nome. lhe chame “Bubba”. E Por Deus!, não lhe façam mal.

-Mas já estamos preparados... Detenham-se!

Ela correu. Pude ouvir o urgente som desvanecer-se.

Suspirei, e esperei. depois de uns segundos, estava completamente assobiada com os dois tipos que estavam de pé ao redor me olhando. Estava o bastante forte para me sentar, supus.

Bill brandamente me sustentou, enquanto Eric colocou travesseiros detrás de minhas costas. Alegrei-me de ver que um deles teve em mente estender a manta amarela sobre a cama assim não mancharia a colcha. Tudo isto ocorreu enquanto sustentava o telefone com meu ouvido, assim quando chego um grasnido, realmente me assuste.

-Baixamo-lo a tempo, -disse Betty Joe alegremente.

-A chamada chego a tempo, -disse ao Eric. Ele fechou seus olhos e pareceu oferecer uma oração. Perguntei a quem lhe rezaria Eric. Esperei por instruções adicionais.

-lhes diga, -disse ele, -que o deixem ir, e ele chegasse sozinho a casa. lhes diga que pedimos perdão por havê-lo extraviado.

Transmiti aquela mensagem de meus “raptores”.

Betty Jo era rápida para trocar as direções.

-Perguntaria se ele pode ficar e nos cantar um pouco? Ele está em muito boa forma, -disse ela.

Então transmiti *isto*. Eric pôs os olhos em branco.

-Ela pode lhe perguntar, mas se ele disser não, devem tomá-lo a sério e não lhe perguntar mais, -disse ele. -Isso só o transtorna, se não estar de humor. E às vezes quando ele canta realmente isto lhe devolve memórias, e ele fica, ah, estrepitoso.

-Bem, -disse ela, depois de que lhe expliquei. -Faremos todo o possível. Se ele não quer cantar, deixaremos-lo ir em seguida. -Pelo som, ela deu volta a alguém junto a ela. -Ele pode cantar, se ele consentir, -disse, e alguém disse, -Estupendo!! -Duas noites grandes em chapeia para a multidão da mansão do rei do Misisipí, adivinho.

Betty Joe disse no telefone:

-Espero que você saia de suas dificuldades. Não sei como, quem quer que seja conseguiu a fortuna de ter o cuidado da maior estrela do mundo. Possivelmente, considerariam negociá-lo?

Ela não sabia ainda os problemas que isto conduzia. “Bubba” tinha uma desafortunada predileção pelo sangue de gato, era excêntrico, confuso, e só podia seguir as ordens mais simples; embora de tanto em tanto, expusera uma faísca de habilidade. Ele seguia as ordens a rajatabla.

-Ela quer permissão de guardá-lo, -disse ao Eric.

Estava cansada de ser o mediador. Mas Betty Joe não podia encontrar-se com o Eric, ou ela saberia que ele era o suposto amigo do Alcide que me ajudou a entrar na mansão a noite anterior.

Era muito complicado para mim.

-Sim? -Eric disse no telefone.

De repente ele tinha um acento inglês. Sr. Professor do Disfarce. Logo ele dizia coisas como, «*Ele é um bem sagrado*», e, «*Não sabe o que você remói*», no telefone. (Se tivesse tido um pouco de senso de humor essa noite, teria pensado que a última declaração era bastante graciosa.) depois de um pouco mais de conversação, ele pendurou com ar satisfeito.

Estava pensando em quão estranho era que Betty Joe não tivesse indicado que algo mais andava a mal na mansão. Ela não acusou a Bubba de tomar a seu prisioneiro, e não comentou sobre o achado do corpo da Lorena. Não necessariamente que ela mencionasse estas coisas em uma conversação Telefónica com uma humana estranha; e, em realidade, não havia muito para encontrar; os vampiros se desintegram bastante rápido. Mas as cadeias de prata estariam ainda na piscina, e talvez suficiente lodo para identificar-se como o cadáver de um vampiro. Certamente, por que olharia alguém sob a coberta da piscina? Mas certamente alguém notou que sua prisioneiro estrela se foi?

Talvez eles assumiam que Bubba liberou o Bill enquanto vagava pela mansão. Dissemo-lhe não dizer nada, e ele seguiria aquela diretiva ao pé da letra.

Talvez estava fora de onda. Talvez Lorena estaria completamente dissolvida quando eles começassem a limpar a piscina na primavera.

O tema de cadáveres me recordou o corpo que encontramos retacado no armário deste apartamento. Alguém seguro sabia onde estávamos, e seguro a esse alguém nós não gostava. Deixar o corpo era uma tentativa de nos atar ao delito de assassinato, que, atualmente eu tinha cometido. Somente que não cometi aquele assassinato em particular. Perguntei-me se o corpo do Jerry Falcon teria sido descoberto. A possibilidade pareceu remota. Abri minha boca para lhe perguntar ao Alcide se apareceu algo nas notícias, e logo a fechei outra vez. Carecia da energia para compor a oração.

Minha vida girava fora de controle. No espaço de dois dias escondi um cadáver e tinha criado outro. E tudo porque caí apaixonada por um vampiro. Dirigi ao Bill uma olhada muita pouco amorosa. Estava tão absorta em meus pensamentos, que logo que ouvi o

telefone. Alcide, que tinha entrado na cozinha, deve havê-lo respondido depois do primeiro timbrado.

Alcide apareceu na porta do dormitório.

-Movam-se, -ele disse, -têm que mover-se ao lado no apartamento vazio. Rápido, rápido!

Bill me elevou, com tudo e manta. Todos estivemos fora na porta, Eric rompeu a fechadura no apartamento ao lado do Alcide antes de que alguém pudesse dizer "*Jack Daniels*". Ouvi o quejumbroso ruído do elevador que chegava ao quinto piso quando Bill fechou a porta detrás de nós.

Estivemos de pé sem nos mover na fria e vazia sala de estar do estéril apartamento. Os vampiros escutavam atentamente o que ocorria ao lado. Comecei a tremer nos braços do Bill.

Para falar a verdade, sentiu-se grandioso ser sustentada por ele, não importa quão zangada tinha estado com ele, não importa quantas questões tínhamos que arrumar. Para dizer a verdade, tinha um maravilhoso sentido (para grande minha consternação) de retorno a casa. Para falar a verdade, não importa que tão machucado estava meu corpo—e machucado sob suas mãos, ou mas bem, suas presas—a este corpo custava esperar para encontrar-se com seu corpo outra vez, a culo nu, a pesar do terrível incidente na cajuela. Suspirei. Estive decepcionada de mim mesma. Teria que me defender através de minha psique, porque meu corpo (em qualquer momento) estava preparado para me trair. Pareceu sofrer um blecaute assim que o ataque sem sentido do Bill.

Bill me pôs no chão do dormitório de convidados mais pequeno deste apartamento com tanto cuidado como se custasse um milhão de dólares, agasalhou-me bem dentro da manta. Ele e Eric escutaram na parede, que era compartilhada com o dormitório do Alcide.

-Que cadela, -murmurou Eric. OH. Debbie estava de volta.

Fechei meus olhos. Eric fez um pequeno ruído de surpresa e os abri outra vez. Ele me via outra vez com aquela desconcertante diversão em sua cara.

-Debbie visitou a casa de sua irmã ontem à noite para queixar-se a respeito de ti. À irmã do Alcide gosta muitíssimo, -disse Eric em um sussurro diminuto. -Isto zangou a adaptoformas Debbie. Ela está insultando a sua irmã diante dele.

A cara do Bill mostrou que não estava muito contente por tudo isto.

De repente cada linha do corpo do Bill se esticou, como se alguém lhe tivesse metido o dedo em um contato elétrico. A mandíbula do Eric caiu e me viu com uma expressão ilegível.

Houve um som inequívoco de uma bofetada—até eu pude ouvi-lo—do quarto seguinte.

-nos deixe por um momento, -disse Bill ao Eric. Eu não gostei do som de sua voz.

Fechei meus olhos. Não pensei que estivesse à altura do que viria depois. Não queria discutir com o Bill, ou repreendê-lo por sua infidelidade. Não queria escutar suas explicações e desculpas.

Ouvi um sussurro de movimento quando Bill se ajoelhou ao lado de mim sobre o tapete. Bill se estiro ao meu lado, giro sobre seu flanco, e pôs seu braço através de mim.

-Lhe acaba de dizer a esta mulher quão boa é na cama, -Bill murmurou gentilmente.

Endireite-me de minha posição propensa tão rápido que isto rasgou meu pescoço em cura e me deu uma pontada em meu lado quase curado. Estampe minha mão em meu pescoço e chie meus dentes assim não gemeria. Quando pude falar, só pude dizer;

-Ele que? Ele *o que*? -Estava quase incoerente pela cólera. Bill me dirigiu um olhar penetrante, pôs seu dedo sobre seus lábios para me recordar estar silenciosa.

-Nunca o fiz, -sussurrei furiosa. -Mas ainda se o tivesse feito, sabe o que? Isto te ensinaria, *traidor, filho de puta*. -Cravei meus olhos nos seus e o olhei fixa e diretamente neles. Vale, íamos fazer isto agora.

-Tem razão, -murmurou ele. -te deite, Sookie. Estas machucada.

-Certamente que estou machucada, -sussurrei, e pus-se a chorar. -E ter a outros que me dissessem isso, escutar que foi a pensionarme e ir a viver com ela sem ter a coragem para me dizer isso você mesmo! Bill, como pôde ser capaz de tal coisa! Eu fui o bastante idiota para pensar que seu realmente me amava! -Com uma selvageria que logo que podia acreditar surgir dentro de mim, arrojé a manta às pressas e me lancei sobre ele, meus dedos enterrando-se dentro de sua garganta.

E ao diabo com a dor.

Minhas mãos não podiam abranger seu pescoço, mas as apertei com tanta força como pude e senti uma raiva vermelha que me levava. Quis matá-lo.

Se Bill tivesse lutado de volta, poderia ter mantido minha raiva, mas mais apertava, mais a raiva se desvanecia, me deixando frite e vazia. Sentei-me escarranchado sobre o Bill, ele

estava no chão, permanecia passivo com suas mãos aos lados. Minhas mãos se afastaram de seu pescoço e as usei para cobrir minha cara.

-Espero que lhe aduela muitíssimo, -pinjente, minha voz era estrangulada, mas bastante clara.

-Sim, -ele disse. -Isto me doeu muitíssimo.

Bill me atraiu ao chão junto a ele, cobriu a ambos com a manta. Brandamente empurrou minha cabeça dentro do oco entre seu pescoço e ombro.

Permanecemos ali em silêncio o que pareceu muito tempo, embora talvez fossem só minutos. Meu corpo se recostou contra o seu em um enraizado hábito como uma necessidade; embora não soubesse se a necessidade fora especificamente pelo Bill, ou a intimidade que só compartilhei com ele. Odiei-o. Amei-o.

-Sookie, -ele disse, contra meu cabelo, -eu...

-Cala, -pinjente. -Cala.

Aproximei-me mais perto contra ele. Relaxei-me. Foi como me tirar uma atadura *Ace*, uma que tinha estado muito apertada.

-Leva posta a roupa de alguém mais, -sussurrou ele, depois de um minuto ou dois.

-Sim, de um vampiro chamado Bernard. Deu-me a roupa para usá-la depois de que meu vestido foi arruinado no bar.

-No Josephine's?

-Sim.

-Como se danificou seu vestido?

-Fui estacada.

Todo ele ficou imóvel.

-Onde? Doeu-te? -Ele desdobrou a manta. -me mostre.

-Certamente que dói, -pinjente deliberadamente. -Dói muitíssimo. -Levantei a prega da sudadera com cuidado.

Seus dedos acariciaram a pele brilhante. Eu não me curaria como Bill. Poderia tomar uma noite ou dois o voltar a ficar tão liso e perfeito como era, mas se olharia como antes, apesar de uma semana de tortura. Eu teria uma cicatriz o resto de minha vida, sangue de vampiro ou não. A cicatriz não seria tão severo, e certamente se estava curando fenomenal, mas sem dúvida era vermelha e feia, a carne debaixo dela ainda tenra, a completa área uma chaga.

-Quem te fez isto?

-Um homem. Um fanático. É uma larga história.

-Ele está morto?

-Ahá. Betty Joe Pickard o matou com duas pancadas de seu punho. Foram do estilo que me recordaram uma história que li na escola primária sobre *o Paul Bunyan*.

-Não conheço aquela história. -Seus olhos escuros olharam meus.

Encolhi-me de ombros.

-Enquanto esteja morto. -Bill se aferrou a aquela idéia.

-Um montão de gente está morta agora. Tudo devido a seu programa.

Houve um momento comprido de silêncio.

Bill jogou uma olhada fazia a porta que Eric fechou discretamente detrás dele. Certamente, provavelmente ele estaria escutando fora, e como todos os vampiros, Eric teria uma excelente audição.

-Está a salvo?

-Sim.

A boca do Bill esteve justo em meu ouvido. Deu-me cócegas quando me sussurrou;

-Registraram minha casa?

-Não sei. Talvez entraram os vampiros do Misisipí. Não tive a possibilidade de ir aí depois de que Eric, Pam e Chow vieram para me dizer que lhe tinham apanhado.

-E eles lhe disseram...?

-Que planejava me abandonar? Sim. Eles me disseram isso.

-Já pague bastante por aquele pedaço de loucura, -disse Bill.

-Poderá ter pago bastante para te satisfazer a *ti*, -pinjente, -mas não sei se tiver pago o suficiente para me satisfazer a *mim*.

Houve um silêncio comprido no quarto frio vazio. Também estava tranqüilo fora na sala de estar. Esperei que Eric tivesse calculado o que íamos fazer depois, e esperei que isto implicasse ir-se a casa. Sem importar o que acontecesse entre o Bill e eu, precisava ir casa no Bon Temps. Precisava voltar para meu trabalho, a meus amigos e precisava ver meu irmão. Ele poderia não ser muito, mas era o que eu tinha.

Perguntei-me o que ocorreria no seguinte apartamento.

-Quando a reina vinho a mim e disse que escuto que trabalhava em um programa que nunca antes tinha sido tentado, estive adulado, -disse-me Bill. -O dinheiro que ela ofereceu estava muito bem, e seria dentro de seus direitos não oferecer nada, já que sou seu sujeito.

Podia sentir como se torcia minha boca ao escutar um aviso mais de como o mundo do Bill era diferente do meu.

-Quem pensa que lhe disse? -Perguntei.

-Não sei. Realmente não quero sabê-lo, -disse Bill. Sua voz soou improvisada, até bondosa, mas o conhecia bem para lhe acreditar. -Sabe que estive trabalhando nele durante algum tempo, -disse Bill, quando calculou que não ia dizer nada.

-por que?

-por que? -Ele soou extrañamente desconcertado. -Bem, porque me pareceu uma boa idéia. Ter uma lista dos vampiros em toda a América, e ao menos um pouco do resto do mundo? Era um projeto valioso, e realmente, houve certa diversão em recolher a informação. E uma vez que comecei a investigação, pensei incluir fotos. E alia. E histórias. Simplesmente cresceu.

-Então estiveste, um, recolhendo a...como um diretório? De vampiros?

-Exatamente. -A cara brilhante do Bill resplandeceu ainda mais. -Justo comecei uma noite, pensando com quantos outros vampiros me topado em minhas viagens durante o século passado, comecei a fazer uma lista, e logo comecei a acrescentar um desenho que fiz ou uma fotografia que tomei.

-Então os vampiros fazem fotografias? Quero dizer, eles saem nas fotos?

-Seguro. Nunca nós gostamos de nos deixar fazer fotos, quando a fotografia se fez uma coisa comum na América, porque uma foto era a prova que estivemos em um lugar particular em um tempo determinado, e se mostrávamos exatamente o mesmo aspecto vinte anos mais tarde, pois era óbvio o que fomos. Mas já que admitimos nossa existência, não há nenhuma razão de seguir os velhos caminhos.

-Arrumado que alguns vampiros ainda o fazem.

-Certamente. Há quem ainda se escondem nas sombras e dormem em criptas cada noite.

(Isto vindo de um tipo que dormia na terra do cemitério de vez em quando.)

-E outros vampiros lhe ajudaram com isto?

-Sim, -ele disse, soando surpreso. -Sim, uns quantos o fizeram. Uns desfrutaram de do exercício de cor... uns o usaram como uma razão de procurar antigos conhecidos, viaje a velhos lugares prediletos. Estou seguro que não tenho a todos os vampiros na América, sobre tudo os imigrantes recentes, mas acredito que provavelmente tenho oitenta por cento deles.

-Bem, então, por que a reina está tão ansiosa de ter este programa? por que o querariam os outros vampiros, uma vez que eles souberam sobre ele? Eles podem reunir a informação igual, certo?

-Sim, -disse. -Mas seria muito mais fácil tomar o de mim. E quanto a por que é tão desejável ter este programa... você não gostaria de ter um folheto que listasse a todos os outros télépatas nos Estados Unidos?

-Ah, seguro, -pinjente. -Poderia conseguir um montão de conselhos sobre como dirigir meu problema, ou talvez sobre como usá-lo melhor.

-Assim, não estaria bem ter um diretório de vampiros dos Estados Unidos, no que são bons, onde jazem seus presentes?

-Mas certamente alguns vampiros não querariam estar em tal livro, -pinjente. -Você me há dito que algumas vampiros não querem sair, que eles querem ficar na escuridão e caçar em segredo.

-Exatamente.

-Aqueles vampiros estão ali, também?

Bill assentiu.

-Quer que alguém lhe chame uma estaca?

-Não me precava da tentação que este projeto ocasionaria a alguém mais. Nunca pensei quanto poder daria a quem o possuísse, até que os outros começaram a tratar de roubá-lo.

Bill luziu sombrio.

O som de gritos no apartamento do lado chamou nossa atenção.

Alcide e Debbie estavam nisso outra vez. Eles eram realmente maus o um para o outro. Mas um pouco de atração mútua os guardava ricocheteando o um contra o outro. Talvez, longe do Alcide, Debbie era uma pessoa agradável.

Nah, não podia me convencer para acreditar isto. Mas talvez ela era ao menos passível quando os afetos do Alcide não eram uma questão. É óbvio, deveriam separar-se. Eles nunca deveriam estar no mesmo quarto outra vez.

E tive que tomar isto de coração.

me olhem. Destroçada, sangrada, estacada, golpeada. Jazendo em um frio apartamento em uma cidade estranha com um vampiro que me traiu.

Uma grande decisão estava parada diretamente frente a minha cara, esperando ser reconhecida e decretada.

Empurrei longe ao Bill, e me cambaleei sobre meus pés. Pu-me minha jaqueta roubada. E com seu pesado silêncio a minhas costas, abri a porta da sala de estar. Eric escutava entretido a batalha que continuava no apartamento próximo.

-me leve a casa, -pinjente.

-É óbvio, -ele disse. -Agora?

-Sim. Alcide pode deixar cair minhas coisas quando voltar ao Baton Rouge.

-O *Lincoln* é manejável?

-Ah, sim. -Tirei as chaves de meu bolso. -Toma.

Andamos fora do apartamento vazio e descemos pelo elevador à garagem.

Bill não nos seguiu.

Capítulo 13

Eric me alcançou quando subia no *Lincoln*.

-Tive que dar ao Bill umas quantas instruções sobre como limpar a confusão que causou, - disse ele, embora eu não perguntasse.

Eric estava acostumado a conduzir automóveis esportivos, e teve umas questões que resolver primeiro com o *Lincoln*.

-Te ocorreu, -disse ele, depois de que tínhamos dirigido fora do centro da cidade, -que tende a te afastar quando as coisas entre você e Bill ficam instáveis? Não, que necessariamente me importe, já que eu me alegraria se vocês dois cortam sua associação. Mas se este é o modelo que segue em suas relações românticas, quero sabê-lo agora.

Pensei em várias coisas de dizer, descarte as primeiras que haveriam ampollado os ouvidos de minha avó, e tome um fôlego profundo.

-Em primeiro lugar, Eric, o que acontece entre o Bill e eu, não é de maneira nenhuma seu maldito assunto. -Deixei aquilo flutuando durante uns segundos. -Segundo, minha relação com o Bill é quão única tive alguma vez, assim nunca tive idéia do que vou fazer dia a dia, muito menos para estabelecer uma política. -Fiz uma pausa para trabalhar sobre como expressar meu seguinte ideia. -Terceiro, estou até o cocuruto de vocês. Estou cansada de ver toda este material doente. Estou cansada de ter que ser valente, de ter que fazer coisas que me assustam, e ter que me pendurar do valente e sobrenatural. Sou nada mais uma pessoa normal, e quero simplesmente sair com pessoas normais. Ou, ao menos, com gente que *respire*.

Eric esperou a ver se tinha terminado. Joguei-lhe uma rápida olhada, as luzes da rua iluminaram seu forte perfil com seu nariz de borde afiados. Ao menos não ria de mim. Nem sequer sorria.

Ele jogou uma olhada a mim brevemente antes de voltar sua atenção ao caminho.

-Escute o que disse. Posso dizer que fala a sério. tive seu sangue: conheço seus sentimentos.

Uma milha de escuridão se foi. Estive contente que Eric tomasse a sério. Às vezes não o fazia; e às vezes não parecia preocupar-se com o que ele me dizia.

-Você está danificada para os humanos, -disse Eric. Seu leve acento estrangeiro era mais aparente.

-Talvez o estou. Embora não o vejo como uma grande perda, já que desde antes não tinha sorte com nenhum tipo. -Difícil sair comigo, quando sabia exatamente o que minha entrevista pensava. A maioria da vezes o conhecer os pensamentos exatos dos homens pode apagar o desejo e até o gosto. -Mas, seria mais feliz sem ninguém do que sou agora.

Tinha estado considerando a velha regra básica da Ann Landers : *Estarei melhor com ele, ou sem ele?* Minha avó, Jason e eu líamos a Ann Landers todos os dias quando Jason e eu estávamos crescendo. Discutíamos cada uma das respostas da Ann a perguntas de leitores. Muitos conselhos que ela dava, foram encaminhados a ajudar às mulheres com tipos como Jason, assim certamente trouxe perspectiva às conversações.

Diretamente neste momento, estava condenadamente segura que estaria melhor sem o Bill. Ele me usou e abusou de mim, traiu-me e quase me sangrou.

Também, ele me defendeu, vingou-me, adorou-me com seu corpo, e me proporcionou horas de companheirismo sem crítica, uma bênção maior.

Bem, justo agora não trazia minhas balanças portáteis. O que tinha era um coração cheio de dor e uma maneira de ir a casa. Voamos através da noite negra, envoltos em nossos próprios pensamentos. O tráfico era ligeiro, mas era uma interestadual, assim, certamente, havia automóveis ao redor de nós de vez em quando.

Não tive nem idéia no que Eric pensava, um sentimento maravilhoso. Ele poderia estar debatendo o me empurrar sobre o ombro e romper meu pescoço, ou ele poderia perguntar-se que estaria acontecendo na Fangtasia. Quis que me falasse. Desejei que me dissesse sobre sua vida antes de que ele se fizesse um vampiro, mas este é um ponto verdadeiramente sensível com muitos vampiros, e não estava por trazê-lo esta noite de entre todas as noites.

Aproximadamente a uma hora do Bon Temps, tomamos uma saída. Andávamos um pouco baixos de gasolina, e eu tinha que usar o serviço de senhoras. Eric começou a encher o tanque quando com cuidado tirou meu dolorido corpo do automóvel. Ele rechaçou minha oferta de bombear a gasolina com um cortês; "Não, agradeço-lhe isso". Um automóvel

mais enchia, e a mulher, uma loira oxigenada de minha idade, pendurou o injetor quando saí do Lincoln.

À uma da manhã, a gasolinera/tienda estava quase vazia salvo pela jóven mulher, que ia pesadamente arrumada e envolta em um casaco forrado. Divisei uma maltratada caminhonete *Toyota* estacionada ao lado do posto de gasolina, na única parte escura do terreno. dentro da caminhonete, havia dois homens sentados, envoltos em uma acalorada conversação.

-Faz muito frio para estar sentado fora em uma caminhonete, -disse a loira artificial, quando passamos pelas portas de cristal juntas. Ela simulou um elaborado tremor.

-Você crie, -comentei.

Ia a metade de caminho pelo corredor de costas à loja, quando o empregado, detrás de um alto mostrador sobre uma plataforma, dava volta longe de sua pequena televisão para tomar o dinheiro da loira.

Foi difícil fechar a porta do quarto de banho detrás de mim, já que o batente de madeira se inchou um pouco durante uma destilação passada. De fato, provavelmente não fechou de tudo bem detrás de mim, não me fixei já que andava com algo depressa. Mas a porta de metal do cubículo—que estava bastante limpo—se fechava e tência fecho. Sem nenhuma pressa por retornar no automóvel com o silencioso Eric, tomei meu tempo depois de usar os serviços. Olhei-me atentamente no espelho em cima do lavamanos, esperando luzir da esfregada e não sendo contradita pelo que vi refletido ali.

A marca da mordida que quase destroça meu pescoço luzia realmente asquerosa, como se um cão me deixou obstinada. Quando limpei a ferida com sabão e toalhas molhadas de papel, perguntei-me como isto funcionária de ter ingerido o sangue de vampiro se me daria uma quantidade específica de força suplementar e cura, para logo esgotar-se, ou se estaria atuado por uma certa quantidade de tempo como uma cápsula de liberação. depois de que tive o sangue do Bill, senti-me incrível durante um par de meses.

Não tinha um pente, nem escova, nem nada, e me via como um gato arrepiado. A tentativa de domar meu cabelo com meus dedos somente piorou a coisa. Lavei minha cara e pescoço, e retorne ao resplendor de luz na loja. Logo que registrei outra vez que a porta não fechou detrás de mim, em troca fico silenciosamente alojada sobre o batente inchado. Reapareci atrás do último corredor comprido de comestíveis, lotado pelo CornNuts, batatas fritas *Lays*, bolos *Moon*, *Scotch Snuf*, *Prince Albert* em lata...

...e dois ladrões armados sobre a plataforma do dependente dentro da porta.

Deus Santo, por que de plano não dão a estes pobres dependentes camisas com grandes tiros aos brancos impressos? Foi o primeiro pensamento que tive, como se olhasse um

filme onde roubam uma loja. Então me localize no aqui e agora, sintonizada pela tensão mais que real sobre a cara do dependente. Ele era terrivelmente jóven—pele avermelhada, com acne de adolescente. E encarava a dois tipos grandes com armas. Suas mãos estavam no ar, e estava enfurecido. Teria esperado que chorasse por sua vida a lágrima viva, ou a incoerência, mas este menino estava furioso.

Era a quarta vez que tinha sido roubado, li afresco de seu cérebro. E a terceira vez a mão armada. Ele lamentava não poder agarrar a escopeta sob o assento de sua caminhonete detrás da loja e enviar a estes filhos de puta ao inferno.

E ninguém se deu conta que eu estava ali. Eles pareceram não lombriga.

Não que me esteja queixando, né!?

Joguei uma olhada detrás de mim, verificando que a porta ao quarto de banho houvesse medeio fechado outra vez, assim seu som não me delataria. A melhor coisa que fazer seria sair sigilosamente pela porta de atrás a este lugar, se pudesse encontrá-la, correr ao redor do edifício e lhe dizer ao Eric que chamássemos à polícia.

Esperem um minuto. Agora que penso no Eric, onde estava ele? por que não tinha entrado para pagar a gás?

Se fosse possível ter um presságio mais sinistro que o que já tinha, obtive-o. Se Eric ainda não entrababa, Eric não ia entrar. Talvez decidiu partir. me abandonando.

Aqui.

Sozinha.

Justo como Bill te abandonou, minha mente fornecimento de maneira útil. Bem, muitíssimas obrigado por esse aviso infernal, Mente.

Ou, talvez eles lhe pegaram um tiro. Se ele recebia uma ferida na cabeça... não existia nenhuma cura que pudesse arrumar a quem recebe um tiro direto com uma bala de calibre grande.

Não servia para nada que ficasse de pé me preocupando.

Esta era uma típica loja de posto de gasolina. A gente entra pela porta de rua, e esta dependente detrás de um comprido mostrador à direita, sobre uma plataforma. Bebida-las fitem estão em um refrigerador junto à parede esquerda. A gente tem três corredores que abrangem o comprido e largo da loja, mais várias amostras especiais e pilhas de briquetes de carvão, comida para mascotes, taças, etc. Me mantive todo o tempo na parte traseira da loja, podia ver o dependente (facilmente) e aos ladrões (dificilmente) por cima dos

comestíveis. Tinha que sair da loja, preferentemente invisível. Divise uma estilhaçada porta de madeira, marcada com apenas *Empregados*” na parte mais afastada da parede traseira. Estava realmente mais à frente do mostrador atrás do qual o dependente estava de pé. Havia um oco entre o final do mostrador e a parede, a partir do final de meu corredor e o princípio daquele mostrador, eu estaria exposta.

Não ganhava nada esperando.

Pu-me sobre minhas mãos e joelhos e comecei a engatinhar lentamente. Movi-me devagar, assim também poderia escutar.

-Viu uma loira entrar aqui, como deste alto? –dizia o mais fornido dos dois ladrões, e de repente me senti enjoada.

Qual loira? Eu, ou a loira artificial? Ou Eric? Certamente, não pude ver a indicação de altura. Procuravam eles a um vampiro macho ou uma telépata feminina? Ou... me recordei, ao fim e ao cabo, não te cria ser a única mulher no mundo que poderia ter confusões.

-Uma mulher loira entrou aqui faz cinco minutos, comprou alguns cigarros, -disse o menino asperamente. Bem por ti, amigo!

-Naw, essa de fato já se foi. Queremos a que estava com o vampiro.

Ahá, essa seria eu.

-Não vi nenhuma outra mulher, -disse o menino.

Joguei uma olhada fazia acima e vi a reflexão de um espelho montado na esquina da loja. Era um espelho de segurança assim o dependente poderia descobrir aos ladrões de mercadoria. Pensei; *Ele pode lombriga aqui em cuclillas. Ele sabe que estou aqui.*

Deus o benza. Ele fez todo o possível para me ajudar. Tinha que fazer todo o possível por lhe ajudar. Ao mesmo tempo, devíamos evitar receber um tiro, isso seria uma coisa muito boa. E onde demônios estava Eric?

Benzendo minhas calças esportivas e pantufas emprestados por ser suaves e silenciosos, engatinhei deliberadamente para a estilhaçada porta de “Só Empregados”. Me perguntei se esta rangeria. Os dois ladrões se dirigiam ainda ao dependente, mas bloqueei mentalmente suas vozes assim poderia me concentrar em alcançar a porta.

Já antes, em abundantes ocasione, estive assustada, mas este era um dos acontecimentos mas atemorizantes de minha vida. Meu papai tinha caçado, Jason e seus companheiros caçavam, e presenciei uma massacre em Dallas. Já sabia o que as balas podem fazer. Agora que tinha chegado o final do corredor, cheguei ao final de minha coberta.

Olhei atentamente a cena ao redor do mostrador. Tinha que cruzar aproximadamente quatro pés de chão aberto para alcançar o refúgio parcial do comprido mostrador que corria diante da caixa registradora. Uma vez que cruzasse aquele espaço vazio, manteria-me bem escondida da perspectiva dos ladrões.

-Esta entrando um automóvel, -disse o dependente, e os dois ladrões automaticamente voltaram à janela para olhar. Se não soubesse telepáticamente o que ele fazia, poderia ter vacilado muito tempo. Brinquei de correr através do exposto linóleo mais rápido do que jamais acreditei possível.

-Não vejo nenhum automóvel, -disse o homem menos volumoso.

O dependente disse;

-Acreditei ter ouvido o som do sino, que sonha quando um automóvel entra.

Alcancei e girei a cavanhaque na porta. Esta se abriu silenciosamente.

-Às vezes soa quando não há ninguém ali, -o menino seguiu, e me dava conta que ele tratava de fazer ruído e manter sua atenção, assim eu poderia sair pela porta. Deus o benza, uma vez mais.

Empurrei a porta um pouco mais, e andado como pato saí por ela. Estava em uma passagem estreita. Havia outra porta ao final do, uma porta que pelo visto conduzia à área traseira da loja do posto de gasolina. Na porta havia um jogo de chaves. Eles sabiamente mantinham a porta de atrás fechada. De uma fila de unhas na porta de atrás pendurava uma pesada jaqueta. Coloquei minha mão dentro do bolso direito e saque as chaves do menino. Foi só uma afortunada conjectura. Acontecem. as agarrando para acautelar seu tinido, abri a porta de atrás e andei fora.

Não havia nada aqui fora exceto uma maltratada caminhonete e um pestilento contêiner de lixo. A iluminação era pobre, mas ao menos havia um pouco de luz. O estou acostumado a estava rachado. Já que era inverno, os hierbajos que brotaram daquelas gretas estavam secos e branqueados. Ouvi um pequeno som a minha esquerda e contive meu fôlego instável depois de que saltei para me pôr de pé. O som foi causado por um enorme mapache velho, ele perambulava sobre o pequeno pedaço de bosque detrás da loja.

Exalei de modo tão instável como inalei ar. Obrigue-me a me focar sobre o molho de chaves. Infelizmente, havia como vinte. Este menino tinha mais chaves que os esquilos bolotas. Ninguém sobre a terra verde de Deus poderia usar tantas chaves. As passe desesperadamente, e finalmente selecionei a que tinha GM impressa sobre uma coberta negra de borracha. Abri a porta e coloquei a mão no interior mofado, que cheirava fortemente a cigarros e cães. Sim, a escopeta estava sob o assento. A saque fora. Estava

carregada. Graças a Deus Jason era um crente da defesa pessoal. Ele me mostrou como carregar e disparar sua nova *Benelli*.

Apesar de meu novo amparo, estava muito assustada, não estava segura que poderia ir ao redor do frente da loja. Tinha que explorar a situação, e averiguar o que aconteceu com o Eric. Dava a volta pelo flanco do edifício onde o velho caminhão *Toyota* estava estacionado. Não havia nada, exceto uma pequena mancha que recolheu uma fração vaga de luz. Com a escopeta embalada em um braço, agachei-me para passar um dedo sobre ela.

Sangre fresca. Senti-me velha e com frio. Incorporei-me com minha cabeça dobrada durante um momento comprido, e logo vigorizei a meu mesma.

Olhei a janela do condutor para encontrar que a cabine estava aberta. Bem, algo bom. Abri a porta silenciosamente, joguei uma olhada dentro. Havia uma caixa aberta sobre o assento dianteiro, e quando comprovei seu conteúdo, meu coração se afundou tão baixo, que pensei que ia sair se pelo fundo de meus sapatos. Sobre o exterior, a caixa tinha escrito “*Conteúdo: Dois.*” Agora, este conteúdo era uma rede de malha de prata, do tipo que se vendem nas revistas “*mercenárias*”, a classe anunciada como “a prova de vampiro.”

É como dizer que uma jaula para tubarões era segura contra as mordidas do tubarão.

Onde estava Eric? Joguei uma olhada pela vizinhança imediata, mas não vi nenhum outro rastro. Podia ouvir o assobio do tráfico sobre a interestadual, mas o silêncio que pendurava neste estacionamento era desolador.

Meus olhos se iluminaram ao divisar uma navalha sobre o tabuleiro. Yajúu! Com cuidado colocando a escopeta sobre o assento dianteiro, agarre a faca, abri-o e me baixe, depois de que descanse a escopeta, sustentei-o preparado a afundá-lo no pneumático. Então me pensei isso duas vezes. Esfaquear entusiastamente os pneumáticos seria prova que alguém esteve aqui fora enquanto os ladrões estavam dentro. Não poderia ser uma coisa boa. Contentei-me fazendo um só buraco no pneumático. Disse-me que era um agujerito tão pequeno que bem poderia haver-se feito com o que fora. Se eles se fossem teriam que parar-se em algum sítio rua abaixo. Logo meti em meu bolso a faca—ultimamente andava muito na onda benjamima—e retorne às sombras ao redor do edifício. Isto não tomou tanto, como vocês poderiam pensar, mas de todos os modos foram vários minutos desde que avalei a situação na loja.

O *Lincoln* estava ainda estacionado nas bombas. O plugue da gás estava fechado, assim soube que Eric terminou de pôr o combustível antes de que algo lhe passasse. Deslizei-me sigilosamente fazia a esquina do edifício, me pegando à parede. Encontrei uma boa cobertura no fronte, entre o ângulo formado pela máquina de gelo e a parede dianteira da loja. Arrisquei-me a me levantar o suficiente para jogar uma olhada por cima da máquina.

Os ladrões tinham acontecido fazia a plataforma onde o dependente estava de pé, e o estavam golpeando.

Isto tinha que parar. Né!, agora mesmo. Eles o golpeavam porque queriam saber onde me escondia, foi minha conjectura; e não podia deixar que alguém mais fora golpeado em meu nome.

-Sookie, -disse uma voz diretamente detrás de mim.

Ao momento seguinte uma mão se estampou contra minha boca já que estive a ponto de gritar.

-Lamento-o, -Eric sussurrou. -Deveria ter pensado em uma melhor maneira de te avisar que estava aqui.

-Eric, -pinjente, quando pude falar. Ele podia saber que estava mais tranqüila, e tirou sua mão. -Temos que salvá-lo.

-por que?

Às vezes os vampiros simplesmente me assombram. Vale, também a gente, mas esta noite foi um vampiro.

-Porquê o está sendo golpeado por nós, e provavelmente vão matar o, e sera todo por nossa culpa!

-Eles estão roubando a loja, -disse Eric, como se fora particularmente atrasada. -Como tinham uma nova rede para vampiros, pensaram que poderiam prová-la comigo. Ainda não sabem, mas não funcionou. Mas nada mais são escória oportunista.

-Eles estão *nos buscando*, -pinjente furiosamente.

-diga-me isso sussurrou, e o fiz.

-me dê a escopeta, -disse ele.

Mantive-a apertada contra mim.

-Sabe usar uma destas coisas?

-Provavelmente tão bem como você. -Mas ele a viu em forma suspeita.

-Aí é onde te equivoca, -disse-lhe.

Em lugar de manter um prolongado argumento enquanto meu novo herói conseguia feridas internas, corri agachada ao redor da máquina de gelo e o contêiner de gás propano, rumo a porta principal na loja. O pequeno sino em cima da porta soou como louca, embora com toda a gritaria não pareceram ouvi-la, mas vá que me emprestaram atenção quando disparar uma explosão no teto sobre suas cabeças. As telhas, o pó, e o material isolante choveram para baixo.

O impacto quase me mando ao piso—mas não completamente. Nivelei a arma diretamente contra eles. Eles ficaram gelados. Foi como jogar a Estátuas Congeladas como quando era garota. Mas não exatamente. O pobre dependente com barritos tinha a cara ensangüentada, estava segura que seu nariz estava rota, e alguns de seus dentes soltos.

Senti uma explosão de raiva estalar detrás de meus olhos.

-Deixem ir ao jóven, -pinjente claramente.

-Nos vai pegar um tiro a nós, damita?

-Aposta seu culo por isso, -pinjente.

-E se ela falhar, eu te terei, -disse a voz do Eric, em cima e detrás de mim. Um vampiro grandote é um grande respaldo.

-O vampiro se soltou, Sonny. -O orador era um homem fracote de mãos asquerosas e botas gordurentas.

-Já me dava conta, -disse Sonny, o mais pesado. Ele também era mais escuro. A cabeça do homem mais pequeno estava coberta com cabelo daquela deslavado cor que a gente amável chama “café” porque eles têm que chamá-lo de algum jeito.

O jóven e adolorido dependente se empurrou a si mesmo com medo e deu a volta pelo mostrador tão rápido como pôde mover-se. Sobre sua cara, misturado com o sangue, havia muito pó branco de meu disparo no teto. Ele olhou um momento.

-Vejo que encontrou minha escopeta, -disse quando passava junto a mim, com cuidado de não ficar entre os tipos maus e eu. Ele tirou um telefone celular de seu bolso, e ouvi os diminutos assobios quando pressionou os números. Sua voz resmungona estava logo em conversação com o destacamento da polícia.

-antes de que a polícia chegue aqui, Sookie, temos que averiguar quem enviou a estes dois imbecis, -disse Eric.

Se tivesse sido eles, teria estado fortemente assustada pelo tom de sua voz, e eles pareceram ser conscientes do que um vampiro zangado poderia fazer. Pela primeira vez Eric andou

junto de mim e logo um poquito diante, assim pude ver sua cara. As queimaduras o entrecruzavam como zangadas linhas de vergões de hera venenosa. Ele teve sorte que só sua cara estava nua, mas duvido que ele se sentisse muito afortunado.

-Vêem aqui embaixo, -disse Eric, e apanhou o olhar do Sonny.

Sonny imediatamente desceu da plataforma do dependente e rodeio o mostrador enquanto seu companheiro abria a boca.

-Para lhe, -disse Eric.

O insípido homem apertou seus olhos para mantê-los fechados, assim não podia vislumbrar ao Eric, mas os abriu justo uma ranhura quando ouviu o Eric dar um passo mais perto, e foi suficiente. Se vocês não tiverem nenhuma habilidade extra se por acaso mesmos, simplesmente não podem olhar a um vampiro nos olhos. Se eles quiserem, eles lhe obtêm.

-Quem te enviou aqui? -Eric perguntou brandamente.

-Um dos *Sabujos do Inferno*, -disse Sonny, sem inflexão em sua voz.

Eric pareceu sobressaltado.

-Um membro da banda dos motoristas, -expliquei com cuidado, consciente que tínhamos a um auditório civil que escutava com grande curiosidade. Eu conseguia uma grande amplificação das respostas através de seus miolos.

-O que lhe disseram fazer?

-Eles nos disseram esperar ao longo da interestadual. Há mais tios que esperam em outros postos de gasolina.

Eles chamaram a aproximadamente quarenta vândalos em total. gastaram-se um montão de dinheiro.

-Que era o que se supunha que esperariam?

-A um tipo grande moreno com um tipo alto loiro. E uma jóven mulher loira com tetas bonitas.

A mão do Eric se moveu tão rápido como para que lhe pudesse seguir o rastro. Só estive segura que ele se moveu quando vi o sangue correr pela cara do Sonny.

-Está falando de minha futura amante. Se mais respeitoso. por que nos buscam?

-supunha-se que nós os agarrávamos. E os levávamos de volta ao Jackson.

-por que?

-A turma suspeita que talvez tiveram algo que ver com o desaparecimento do Jerry Falcon. E queriam lhes fazer umas perguntas sobre isso. Tinham a alguém olhando um edifício de apartamentos, ele os viu sair a vocês dois no *Lincoln* que traz você, e os seguiu parte do caminho. O tipo moreno não estava com você, mas a mulher era a correta, então começamos a rastreá-los.

-Sabem os vampiros do Jackson algo a respeito deste plano?

-Não, a turma se figuro que isto era seu problema. Mas também eles conseguiram um montão de outros problemas, uma fuga de prisioneiro, etcétera, e muita gente de fora molesta. Assim o que com uma coisa e outra, eles recrutaram a um molho de nós para ajudar.

-O que são estes homens? -Eric me perguntou.

Fechei meus olhos e pensei com cuidado.

-Nada, -pinjente. -Eles não são nada. -Não eram adaptos, ou lobatos, ou nada. Em minha opinião, logo que eram seres humanos, mas ninguém morreu e me nomeou Deus.

-Temos que sair aqui, -disse Eric.

Estive de acordo de todo coração. A última coisa que queria fazer era me passar a noite na delegacia de polícia, e para o Eric era impossível. Não havia no cárcere uma cela aprovada para vampiros, a mais próxima estava no Shreveport. Caramba, a delegacia de polícia no Bon Temps acabava de conseguir uma cadeira de rodas decente.

Eric examinou os olhos do Sonny.

-Esta dama e eu, -disse ele. -Não estivemos aqui.

-Somente o menino, -estive de acordo Sonny.

Novamente o outro ladrão tratou de manter seus olhos apertadamente fechados, mas Eric soprou em sua cara, o homem abriu seus olhos e justo como faria um cão, tratou de menear-se atrás. Eric o tinha em um segundo, e repetiu seu procedimento.

Então se deu volta ao dependente e lhe deu a escopeta.

-Tua, acredito, -disse Eric.

-Obrigado, -disse o menino, seus olhos firmemente sobre o barril da arma. Ele apontou aos ladrões. -Sei que vocês não estavam aqui, -grunhiu, guardando seu olhar fixo diante dele. - E não digo nada à polícia.

Eric pôs quarenta dólares sobre o mostrador.

-Pela gás, -explicou ele. -Sookie, nos ponhamos fora daqui.

-Um *Lincoln* com um grande buraco na cajuela realmente se destaca, -chamou o menino detrás de nós.

-Tem razão. -Eu me grampeava o cinturão e Eric acelerava quando ouvimos sireias, bastante perto.

-Deveria ter tomado o caminhão, -disse Eric. Ele pareceu contente com nossa aventura, agora que tinha terminado.

-Como está sua cara?

-Esta melhorando.

Os vergões começavam a deixar de ver.

-O que aconteceu? -Perguntei, esperando que não fora um tema muito delicado.

Ele jogou um olhar de reajo. Agora que estávamos de volta sobre a interestadual, tínhamos reduzido a velocidade ao limite legal, assim não pareceria que fugíamos, para nenhum dos muitos automóveis patrulha que convergiam na loja do posto de gasolina.

-Enquanto atendia suas necessidades humanas no quarto de banho, -disse ele, -terminei de pôr gasolina no tanque. Já tinha pendurado a bomba e estava quase na porta quando aqueles dois saíram do caminhão e lançaram uma rede sobre mim. Foi muito humilhante que dois tolos com uma rede de prata fossem capazes de fazer isto.

-Sua mente deve ter estado em outra parte.

- Sim. -Disse brevemente. -Estava-o.

-E, logo, o que aconteceu? -Perguntei, quando pareceu que ele ia deixar o ali.

-O mais pesado me golpeou com o extremo de sua arma, e tomou um pouco de tempo me recuperar, -disse Eric.

-Vi o sangue.

Ele tocou um lugar ao dorso de sua cabeça.

-Sim, sangrei. depois de me acostumar à dor, obstrua uma esquina da rede sobre o pára-choque de seu caminhão e manobre para rodar fora. Eles foram ineptos nisto, assim como no roubo. Se tivessem fechado a rede com cadeias de prata, o resultado poderia ter sido diferente.

-Assim te escapou?

-O golpe na cabeça foi mais problema do que pensei ao princípio, -disse Eric rigidamente. - Corri detrás da loja à torneira de água do outro lado. Então ouvi alguém saindo de atrás. Quando estive recuperado, segui os sons e te encontrei. -depois de um comprido momento de silêncio, Eric me perguntou o que aconteceu a loja.

-confundiram-se com a outra mulher que entrou na loja ao mesmo tempo que eu fui ao serviço de senhoras, -expliquei. -Parecia que não estavam seguros que me encontrava na loja, e o dependente lhes dizia que só houve uma mulher, e ela se foi. Eu pude saber que ele tinha uma escopeta em sua caminhonete—já sabe, ouvi-o em sua cabeça—fui, consegui-a, decompus seu caminhão, e também te buscava porque supus que algo te ocorreria.

-Então planejava me salvar a mim e o dependente, juntos?

-Bom... estraguem. -Não podia entender o tom estranho de sua voz. -Não senti que tinha um mundo de opções ali.

Os vergões agora somente eram linhas rosadas.

O silêncio ainda não parecia depravado. Estávamos aproximadamente a quarenta minutos de casa. Comecei a deixá-lo ir. Não o fiz.

-Não parece muito feliz sobre algo, -pinjente, minha voz molesta.

Meu próprio caráter combatia ao redor dos borde. Já *sabia* que me dirigia na direção incorreta conversacionalmente; já *sabia* que deveria estar contente pelo silêncio, embora fora meditabundo e pesado.

Eric tomou a saída para o *Bon Temps* e girou ao sul.

Às vezes, em vez de tomar o caminho fácil um simplesmente carrega contra o mais acidentado.

-Haveria um pouco *equivocado* comigo resgatando-os a vocês dois?

Conduzíamos pelo Bon Temps agora. Eric girou ao Este depois de passar os edifícios pelo Main que gradualmente se diminuíram e desvaneceram. Passamos *Merlotte's*, ainda aberto. Giramos ao sul outra vez, através de um pequeno caminho regional. Logo entramos expulsando por meu meio-fio.

Eric se estacionou e apagou o motor.

-Sim, -ele disse. -Há um pouco equivocado com isso. E por que demônios não arruma seu meio-fio?

A corda de tensão que se estirou entre nós se arrebentou. Estive fora do automóvel em um minuto de *Nova Iorque*, e ele também. Enfrentamo-nos através do toldo do *Lincoln*, embora a maior parte de mim não se visse. Caminhe ao redor até que estive exatamente diante dele.

-Porquê não me posso permitir isso por isso! Não tenho dinheiro! E segue me pedindo tirar tempo de meu trabalho para fazer coisas para ti! Não posso! Não posso fazê-lo mais! - Chiei. -Parto-me!

Houve um momento comprido de silêncio enquanto Eric me considerava. Meu peito subia e baixava debaixo de minha jaqueta roubada. Algo se sentiu gracioso, algo me incomodava sobre o aspecto de minha casa, mas estava muito acesa para examinar minha preocupação.

-Bill... -Eric começou com cautela, e isto me fez estalar como um foguete.

-Ele se esta gastando todo seu dinheiro nos fenomenais Bellefleurs, -pinjente, meu tom esta vez baixo e venenoso, mas não menos sincero. -Nunca pensa em me dar dinheiro. E como poderia tomá-lo? Faria-me uma mulher mantida, e não sou sua puta, sou seu... eu estava acostumado a ser sua noiva.

Tomei um profundo fôlego e me estremeci, tristemente consciente que ia chorar. Seria melhor me enfurecer outra vez. Tentei-o.

-De onde crie que pode andar diciendo que sou seu... você amante? Desde onde te vem isso?

-O que lhe passou ao dinheiro que ganhou em Dallas? -Eric perguntou, tomando completamente por surpresa.

-Paguei meus impostos de propriedade com ele.

-Alguma vez pensou que se me houvesse dito onde escondeu Bill seu programa de computador, eu te tivesse dado o que me pedisse? Não te precaveu que Russell te teria pago generosamente?

:
<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=18008059>

Sorvi meu fôlego, tão ofendida, que logo que sabia por onde começar.

-Já vejo que não pensou naquelas coisas.

-OH, ahá, sou somente um anjo.

Realmente, nenhuma daquelas coisas me ocorreu, e estava quase à defensiva por isso. Tremia com fúria, e toda minha sensatez saiu pela janela. Sentia a presença de outros miolos trabalhando, e o fato que alguém estava em minha casa me enfureceu ainda mais. A parte racional de minha mente se nublou sob o peso de minha cólera.

-Alguém me espera em minha casa, Eric.

Gire-me e pisei fortemente em meu alpendre, encontrando a chave que escondo sob a cadeira de balanço que minha avó tinha amado. Ignorando tudo o que meu cérebro tratava de me dizer, ignorando o começo de um bramido do Eric, abri a porta de entrada e fui golpeada por uma tonelada de tijolos.

Capítulo 14

-Temo-la, -disse uma voz que não reconheci.

Tinha sido posta sobre meus pés, e oscilava entre dois homens que me sustentavam.

-O que acontecer o vampiro?

-Disparei-lhe duas vezes, mas está nos bosques. escapou.

-Essas são más notícias. Trabalha rápido.

Podia sentir que havia muitos homens comigo no quarto, e abri meus olhos. Eles tinham aceso as luzes. Eles estavam em minha casa. *Eles estavam em minha casa.* Ao igual ao

golpe a minha mandíbula, fez-me sentir doente. De algum jeito, assumi que meus convidados seriam Sam, Arlene ou Jason.

Havia cinco desconhecidos em minha sala de estar, se podia pensar o suficientemente claro para contar. Mas antes de que pudesse formar outra idéia, um dos homens—e agora me dava conta que ele vestia um familiar colete de pele—me golpeio em meu estômago.

Não tinha bastante fôlego para gritar.

Os dois homens que me sustentavam me mantiveram direita.

-Onde está ele?

-Quem?

Realmente, nesse momento não podia recordar a que desaparecido em particular queria que localizasse. Mas, é obvio, ele me golpeou outra vez. Tive um minuto terrível quando senti que me engasgava, mas não tinha o ar para fazê-lo. Estrangulava-me e me asfixiava.

Finalmente, tome um comprido fôlego. Foi ruidoso, doloroso e foi a glória.

Meu lobato interrogador, que tinha o cabelo ligeiramente barbeado perto de seu couro cabeludo e uma repugnante barbita de cabrito, deu-me de maneira generosa fortes bofetadas com a mão aberta. Minha cabeça se balançou sobre meu pescoço como um automóvel sobre amortecedores defeituosos.

-Onde está o vampiro, cadela? –disse o lobato. Ele retirou seu punho.

Não podia suportar mais disto. Decidi acelerar coisas. Movi minhas pernas, e enquanto os dois a meus lados mantinha apertões se desesperados sobre meus braços, dava de patadas ao lobato diante de mim com ambos os pés. Se não tivesse tido postas pantufas, provavelmente teria sido mais eficaz. Nunca levo postas botas de segurança quando as necessito. Mas Repugnante Barbita de Cabrito se cambaleou realmente atrás, e logo ele veio a por mim com minha morte em seus olhos.

Para então minhas pernas se balançaram atrás ao chão, mas os fiz seguir indo para trás, e pus a meus dois captos completamente fora de equilíbrio. Eles se cambalearam, tratado de recuperar-se, mas seu frenético equilíbrio era em vão. Abaixo fomos, o lobato junto conosco.

Este não podia ser melhor, mas era uma melhora sobre a espera a ser golpeada.

Aterrisse sobre minha cara, já que meus braços e mãos não estavam sob meu controle. Um tipo me soltou quando nos caímos, e quando consegui levar aquela emano debaixo de mim para a ação de alavanca, impulsiono-me longe do outro homem.

Já me tinha posto a metade de caminho sobre meus pés quando o lobato, mais rápido que os humanos, a arrumo para agarrar meu cabelo. Ele deu uma bofetada a minha cara enquanto enredava meu cabelo ao redor de sua mão para uma melhor amarração. Outros peões alugados se aproximaram, a ajudar aos dois no chão a levantar-se, ou somente para ver-me ser golpeada.

Uma luta real termina em uns minutos porque a gente se desgasta rápido. Este tinha sido um dia muito comprido, e o fato era, que estava lista a me render contra estas probabilidades aplastantes. Mas tinha um pouco de orgulho e fui contra o tipo mais próximo, um porco barrigão com o cabelo gordurento escuro. Enterrei meus dedos em sua cara, tratando de causar qualquer dano que pudesse, enquanto pudesse.

O lobato me deu um joelhada no ventre, gritei, e o homem-porco começou a gritar para que outros me separassem dele, a porta principal se estrelou ao abrir-se quando Eric entrou com sangue cobrindo seu peito e perna direita. Bill estava justo detrás dele.

Todos eles perderam o controle.

Fui testemunha de primeira mão a respeito do que um vampiro pode fazer.

depois de um segundo, dava-me conta que minha ajuda não seria necessária, e decidi que a Deusa das Tipas Arrudas teria que me perdoar enquanto fechava meus olhos.

Em dois minutos, todos os homens em minha sala de estar estavam mortos.

-Sookie? Sookie? -A voz do Eric era rouca. -Temos que levá-la ao hospital? -perguntou ao Bill.

Senti uns dedos frescos sobre minha boneca, tocando meu pescoço. Quase expliquei que por uma vez estava consciente, mas simplesmente era muito difícil. O estou acostumado a parecia um bom lugar para estar.

-Seu pulso é forte, -reporto Bill. -vou voltar a.

-Está viva?

-Sim.

A voz do Eric, de repente mais próxima, disse;

-O sangue é dela?

-Sim, um pouco dela.

Ele tomo um fôlego profundo, estremecendo-se.

-A seu é diferente.

-Sim, -Bill disse com frieza. -Mas certamente estas cheio por agora.

-passou muito tempo desde que tive sangue verdadeiro em quantidade, -disse Eric, exatamente como meu irmão, Jason, comentaria que tinha muito tempo desde que ele provou o suco de amora.

Bill deslizou suas mãos debaixo de mim.

-Para mim, também. Teremos que pô-los a todos fora, no jardim,- disse ele casualmente, -e limpar a casa do Sookie.

-É obvio.

Bill começou a me rodar, e eu comecei a chorar. Não podia lhe ajudar. Tão forte como quis ser, no único que podia pensar era meu corpo. Se vocês foram alguma vez golpeados realmente, saberão ao que me refiro. Quando foste realmente golpeada, dá-te conta que é só um sobre de pele, um sobre facilmente penetrável que mantém unidos muitos fluidos e algumas estrutura rígidas, que justo em um momento podem estar rotas e invadidas. Creí que fui mau ferida em Dallas umas semanas antes, mas isto se sentiu pior. Já sabia que não significava que fora pior; havia muito dano de malha suave. Em Dallas, meu maçã do rosto foi fraturado e meu joelho torcido. Pensei talvez que o joelho estava comprometido uma vez mais, e pensei talvez que uma das bofetadas rompeu de novo o maçã do rosto. Abri meus olhos, pisquei, e os abri outra vez. Minha visão se esclareço depois de uns segundos.

-Pode falar? -Eric disse, depois de um comprido, comprido momento.

Tentei-o, mas minha boca estava tão seca, que não saiu nada.

-Necessita uma bebida. -Bill foi à cozinha, precisou tomar uma rota menos direta, desde que havia muitas obstruções no caminho.

As mãos do Eric acariciaram meu cabelo fazia atrás. Tinha recebido um tiro, recordei, e quis lhe perguntar como se sentia, mas não podia. Ele se sentou sobre seu traseiro ao lado de mim, inclinando-se nas almofadas de minha poltrona. Tinha sangue em sua cara, e se olhava mas vistoso do que jamais o tinha visto alguma vez, rubicundamente saudável. Quando Bill retorno com minha água—lhe tinha acrescentado uma pajita—vi sua cara. Bill quase luzia bronzeado.

Bill me sustentou com cuidado e pôs a pajita em meus lábios. Bebi, e foi a melhor coisa que provei alguma vez.

-Vocês dois os mataram a todos, -disse com uma voz lhe chiem.

Eric assentiu.

Pensei no círculo de caras brutais que me rodeavam. Pensei no lobato me dando de bofetadas na cara.

-Que bom, -pinjente.

Eric se luziu durante só um segundo um pouco divertido. Bill não parecia nada em particular.

-Quantos?

Eric olhou ao redor vagamente, e Bill apontou um dedo silenciosamente como se contasse quantos matou ele.

-Sete? -Bill disse dudosamente. -Dois no jardim e cinco na casa?

-Eu pensava que oito, -murmurou Eric.

-por que vieram eles por ti desta maneira?

-Jerry Falcon.

-OH, -disse Bill, com uma nota diferente de voz. -Ah, sim. Encontrei-me isso. No quarto de tortura. É ele primeiro em minha lista.

-Bem, já pode tachá-lo, -disse Eric. -Alcide e Sookie eliminaram seu corpo nos bosques ontem.

-Matou-o este Alcide? -Bill me olhou, reconsiderado. -Ou Sookie?

-Ele diz que não. Eles encontraram o cadáver no armário do apartamento do Alcide, e incubaram um plano para esconder seus restos. -Eric soava como se tivesse sido o mar de macaco conversa de nós.

-Meu Sookie escondeu um cadáver?

-Não acredito que possa estar tão seguro sobre aquele pronome possessivo.

-Onde aprendeu aquele término, *Northman* ?

-Tomei “Inglês como Segunda Língua” em um colégio da comunidade nos anos setentas.

Bill disse;

-Ela é minha.

Perguntei-me se minhas mãos se moveriam. Fizeram-no. Levantei ambas, fazendo um inequívoco gesto com um dedo. Eric riu, e Bill disse;

-Sookie! -em escandalizada admoestação.

-Penso que esta Sookie nos dizendo que ela se pertence a se mesma, -disse Eric brandamente. -Enquanto isso, para terminar nossa conversação, quem quer que colocou o cadáver no armário significou que queria agüentar a culpa ao Alcide, já que Jerry Falcon realizou um passe descarado com o Sookie no bar a noite anterior, e Alcide lhe agarrou ressentimento.

-Então todo este complô poderia ser dirigido ao Alcide em vez de nós?

-Difícil de saber. Evidentemente do que os ladrões armados no posto de gasolina nos disseram, os que permaneceram na turma chamaram a todos quão vândalos eles conheciam e os colocaram ao longo da interestadual para nos interceptar no caminho de volta. Se eles já o tivessem sabido não estariam agora no cárcere por assalto a mão armada. E estou certo que aí é onde estão.

-Como souberam estes tipos como chegar aqui? Como souberam onde vivia Sookie, ou quem era realmente ela?

-Ela usou seu próprio nome no *Clube Morto*. Não conheciam o nome da noiva humana do Bill. Foi leal.

-Não fui leal de outros modos, -disse Bill desoladamente. -Pensei que era o menos que podia fazer por ela.

Este era o tipo por quem perdi a cabeça. Por outra parte, este era o tipo que falava como se eu não estivesse no quarto. E o mais importante, este era o tipo que tinha tido a outra “querida”, por quem planejava me mandar por um tubo.

-Assim que os lobatos podiam não saber que ela era sua noiva; só sabiam que ela ficava no apartamento com o Alcide quando Jerry desapareceu. Sabem que Jerry pôde ir ao apartamento. Alcide diz que o *packmaster* no Jackson lhe disse partir e não voltar por um tempo, mas que ele não acreditava que Alcide matou ao Jerry.

-Este Alcide... ele parece ter uma relação problemática com sua noiva.

-Está comprometida com alguém mais. Ela acredita que ele anda com o Sookie.

-E andam? Ele teve as guelras para lhe dizer a esta *virago* Debbie, que Sookie é boa na cama.

-Quis pô-la ciumenta. Ele não se deitou com o Sookie.

-Mas gosta dela. -Bill o fez soar como um delito capital.

-A quem não?

Com grande esforço, pinjente;

-Você acaba de matar a um molho de tipos aos que não parecia lhe gostar de absolutamente.

Estive cansada de que eles falassem de mim diretamente em cima de minha cabeça, por iluminador que fora. Estava muito machucada, e minha sala de estar cheia de mortos. Estava lista para que ambas as situações fossem remediadas.

-Bill, como chegou aqui? -Perguntei em um sussurro gritão.

-Em meu automóvel. Negocieei um trato com o Russell, já que não quis revisar por cima de meu ombro durante o resto de minha existência. Russell estava com um manha de criança incrível quando lhe chamei. Não só porque eu desapareci e Lorena se esfumou, se não que seus Lobatos contratados o desobedeceram e puseram em perigo o trato comercial que Russell tem com este Alcide e seu pai.

-E Russell contra quem estava mais zangado? -Eric perguntou.

-Lorena, por me deixar escapar.

Eles se jogaram sua boa risada sobre aquilo antes de que Bill seguisse sua história. Esses vampiros. Uma risada de um minuto.

-Russell acordou me retornar meu automóvel e me deixar em paz se lhe dizia como me escapei, assim poderá tampar o buraco pelo que me meneei. E me pediu pô-lo em luta para poder compartilhar o diretório de vampiros.

Se Russell fizesse isto em primeiro lugar, nos teria economizado a cada um muita pena. Por outra parte, Lorena estaria ainda viva. Assim como os vândalos que me golpearam, e possivelmente também Jerry Falcon, cuja morte era ainda um mistério.

-Assim, -Bill seguiu, -acelere meu caminho rumo à estrada, para lhes dizer aos dois que os lobatos e seus peões contratados os perseguiram, e que eles se adiantaram para permanecer em espera. Eles descobriram, via computador, que a noiva do Alcide, Sookie Stackhouse, vivia no Bon Temps.

-Estes computadores são coisas perigosas, -disse Eric. Sua voz soava cansada, e recordei o sangue sobre sua roupa. Ao Eric tinham disparado duas vezes, porque ele estar comigo.

-Sua cara se torcedor, -disse Bill. Sua voz era tão gentil como zangada.

-Eric bem? -Perguntei cansadamente, calculando que poderia me saltar algumas palavras se fazia compreender a idéia.

-Curarei-me, -disse ele, de uma grande distancia. -Especialmente desde que tive toda essa boa...

E logo dormi, ou passei para fora, ou alguma mescla das duas.

Luz do sol. Tinha passado tanto desde que vi a luz do sol; que quase esqueci o bem que se via.

Estava em minha própria cama, estava em minha suave camisola azul de noite, e estava envolta como uma múmia. Realmente, realmente tinha que me levantar e chegar ao quarto de banho. Uma vez que me movi o suficiente para estabelecer que tão espantoso ia ser o andar, só minha bexiga me obrigou para sair daquela cama.

Tomei diminutos passos através do chão, que de repente pareceu tão amplo e vazio como o deserto. Cobri-o dolorosamente polegada por polegada. Minhas unhas do dedo do pé

estavam ainda pintadas de bronze, emparelhando minhas unhas da mão. Tive muito tempo para ver meus dedos do pé quando fiz minha viagem.

Graças a Deus tinha encanamento de interior. Se tivesse tido que fazê-lo em um privada no jardim como o que tinha minha avó de menina, me teria rendido.

Quando completei minha viagem e me pus uma bata de flanela azul, movi-me pouco a pouco rumo o corredor à sala de estar para examinar o chão. Notei com o passar do caminho que o sol fora era brilhante e o céu era de um rico azul profundo. Tínhamos *quarenta e dois*, disse o termômetro que Jason me deu para meu aniversário. Ele o instalou para mim sobre o marco da janela, assim poderia jogar uma olhada para lê-lo.

A sala de estar se viu realmente bem. Não estava segura quanto tempo a equipe vampiro de limpeza esteve trabalhando a noite anterior, mas não havia por nenhuma parte corpos visíveis. A madeira do estufo acostumado a reluzia, e o mobiliário se olhou energicamente limpo. Faltava o velho toalha de mesa da entrada, mas não me preocupei. De todos os modos não era nenhuma maravilhosa herança de família, somente uma espécie de toalha de mesa bonito que Abue comprou em um mercado de pulgas por trinta e cinco dólares. por que recordei isto? Isto não tência absolutamente importância. E minha avó estava morta.

Senti o perigo repentino do pranto, e o apartei. Não ia cair dentro da auto-compaixão. Minha reação à infidelidade do Bill agora me parecia débil e longínqua; possivelmente era uma mulher mais fria, ou talvez minha pele protetor acabava de ficar mais grosso. Para minha surpresa, já não me sentia zangada com ele. Ele foi torturado pela mulher—bom, a vampira—que ele acreditou o amava. E ela o torturou por ganho financeira—que era o pior.

Com surpresa horror, de repente revivi o momento quando a estaca tinha entrado sob suas costelas, e senti o movimento da madeira quando esta penetrou dentro seu corpo.

Voltei para quarto de banho do corredor bem a tempo.

Vale, matei a alguém.

Já uma vez tinha machucado a alguém que tratava de me matar, mas isto nunca me incomodou: ah, um ou dois sonhos estranhos. Mas o horror de estacar a vampiro Lorena se sentiu pior. Ela me tivesse matado muito mais rápido, e estava segura que isto não teria significado nenhum problema absolutamente para a Lorena. Ela provavelmente se teria rido até que lhe partisse o culo.

Possivelmente era o que recebi. depois de que afundei a estaca nela, estava segura que tive um momento, um segundo, um brilho de tempo no qual pensei: *Aí tem, puta*. E senti prazer puro.

Um par de horas mais tarde, descobri que era primeira hora da tarde, e era Segunda-feira. Chamei a meu irmão em seu telefone celular, e ele veio com meu correio. Quando lhe abri minha porta, ele agüentou um minuto me olhando de cima abaixo.

-Se ele te fez isto, dirijo-me aí com uma tocha e uma manga de vassoura afiado, -disse ele.

-Não, ele não o fez.

-O que aconteceu com estes que lhe fizeram isso?

-Melhor não pensa nisso muito.

-Ao menos ele faz algumas costure correto.

-Não vou ver o mais.

-Uh-huh. Já ouvi isto antes.

Ele tinha um ponto.

-Por um ratito, -pinjente firmemente.

-Sam me disse que te partiu com o Alcide Herveaux.

-Sam não deveu te dizer nada.

-Demônios, sou seu irmão. Tenho que saber com quem anda.

-Foi por negócios, -pinjente, tentando um pequeno sorriso de um lado.

-vais entrar na inspeção?

-Conhece o Alcide?

-Quem não, ao menos de nome? Aqueles Herveauxes, são bem conhecidos. Tipos resistentes. Bons para trabalhar. Ricos.

-É um tipo agradável.

-irá vir outra vez por aqui? Eu gostaria de conhecê-lo. Não quero estar em uma equipe de estradas trabalhando para a região minha vida inteira.

Estas eram notícias novas para mim.

-A próxima vez que o veja, chamarei-te. Não sei se me visitará logo, mas se o faz, você saberá.

-Bom. -Jason jogou uma olhada ao redor. -O que lhe passou à toalha de mesa?

Notei um ponto de sangue sobre a poltrona no qual Eric se reclinou. Sentei-me, assim o cobririam minhas pernas.

-O toalha de mesa? Derramei um pouco de molho de tomate sobre ele. Comi espaguete aqui enquanto olhei a TV.

-Então o levou a limpar?

Não soube como responder. Não sabia se isto foi o que os vampiros fizeram com o toalha de mesa, ou se teve que ser queimado.

-Sim, -pinjente, com um pouco de vacilação. -Mas eles me disseram que ao melhor não podiam lhe tirar a mancha.

-O novo cascalho se vê bem.

Contemplei-o com a boca aberta pela surpresa.

-O que?

Ele me viu como se fora uma parva.

-O novo cascalho. Sobre o meio-fio. Fizeram-lhe um bom trabalho, conseguiram nivelá-la. Nem um só buraco.

Esquecendo completamente a mancha de sangue, levantei-me da poltrona com um pouco de dificuldade e vi atentamente para fora da janela dianteira, esta vez realmente olhando.

Não somente parecia o meio-fio, mas também havia uma nova área de estacionamento diante da casa. Perfilada com madeiras de desenho. O cascalho era do tipo mais caro, a classe que se supõe não roda ou trava fora da área desejada. Pus minha mão sobre minha boca quando calculei quanto custou isto.

-Esta fato assim todo o caminho até a estrada? -Perguntei ao Jason, minha voz apenas audível.

-Ahá, vi a equipe do Burgess & Sons aqui fora quando conduzia por aqui mais cedo, -disse ele devagar. -Não o arrumou com eles para que o fizessem?

Sacudi minha cabeça.

-Maldição, fizeram-no por equívoco? -Rápido rabiar, Jason avermelhou. -Chamarei a aquele Randy Burgess e lhe parto o culo. Não vás pagar a conta! Aqui está a nota que estava pega na porta principal. -Jason tirou um recibo enrolado fora de seu bolso dianteiro. -Sinto muito, ia te dar isto antes de que notasse sua cara.

Desenrolei a folha amarela e li a nota rabiscada através do. *Sookie—Sr. Northman disse não chamar a sua porta, assim que te pegou isto. Pode necessitá-lo se por acaso algo saiu mau. Somente nos chame. Randy.*

-Esta pago, -pinjente, e Jason se acalmou um pouco.

-O noivo? O *ex*?

Lembrei-me lhe gritando ao Eric a respeito de meu meio-fio.

-Não, -pinjente. -Alguém mais. -Descobri-me desejando que o homem que foi tão considerado e detalhista tivesse sido Bill.

-Seguro anda metida em algo nos últimos dias, -disse Jason.

Ele não soou tão crítico como esperei, mas também Jason era bastante ardiloso para saber que dificilmente poderia lançar muitas pedras.

Rotundamente disse;

-Não, não o estou.

Ele me olhou durante um comprido momento. Encontrei seu olhar fixo.

-Bem, -ele disse devagar. -Então alguém te deve... muito.

-Seria mais próximo à verdade, -pinjente, e me perguntei se por minha parte eu mesma estava sendo honesta.

-Obrigado por me recolher o correio, hemano. Tenho que retornar lentamente à cama.

-Não há problema. Quer ir ao doutor?

Sacudi minha cabeça. Não podia confrontar a sala de espera.

-Então me avise se me necessitar para te conseguir alguns comestíveis.

-Obrigado, -pinjente outra vez, com mais agradar. -É um bom irmão.

Para nossa mútua surpresa, pu-me nas pontas dos pés e lhe dava um beijo na bochecha. Torpemente ele pôs seu braço ao redor de mim, e me obrigue a manter o sorriso em minha cara, em lugar de me estremecer de dor.

-Retorna à cama, hermanita, -disse, fechando a porta detrás dele com cuidado.

Notei que ele esteve de pé sobre o alpendre durante um minuto, contemplando tudo aquele cascalho de primeira qualidade. Então sacudiu sua cabeça e retornou a sua caminhonete, sempre limpa e brilhante, as chamas rosadas e aqua ressaltando contra a pintura negra que cobria o resto da caminhonete.

Olhei um pouco de televisão. Tratei de comer, mas minha cara me doía muito. Senti-me afortunada quando descobri um pouco de iogurte no refrigerador.

Uma caminhonete grande chegou até o fronte da casa às três. Alcide saiu com minha mala. Chamou brandamente.

Ele poderia ser mais feliz se eu não respondesse, mas calculei que não estava no negócio de fazer feliz ao Alcide Herveaux, e abri a porta.

-OH, Jesucristo!, -disse ele, não irreverentemente, quando me viu.

-Entra, -pinjente, embora tinha as mandíbulas tão doloridas que logo que podia as separar. Já sei que pinjente que chamaria o Jason se Alcide viesse; mas Alcide e eu tínhamos que falar.

Ele entrou e fico parado me olhando. Finalmente, pôs a mala em meu quarto, organizo-me um grande copo de chá gelado com uma pajita, e o depósito na mesa junto à poltrona. Meus olhos se encheram de lágrimas. Não qualquer se precaveria que uma bebida quente lhe faria mal a minha cara torcida.

-me diga o que aconteceu, *cheré*, -disse, sentando-se na poltrona ao lado de mim. -Aqui, descansa seus pés enquanto o faz.

Ele me ajudou a me girar de lado e pôr minhas pernas sobre seu regaço. Eu tinha apoiado muitos travesseiros detrás de mim, e me senti realmente cômoda, ou tão cômoda como ia sentir me durante um par de dias.

Disse-lhe tudo.

-Então crie que eles virão depois por mim ao Shreveport? -perguntou. Não pareceu me culpar por atrair tudo isto sobre sua cabeça, que francamente tinha esperado pela metade.

Sacudi minha cabeça indefesa.

-É que não sei. Lamento que não saibamos o que ocorreu realmente. Poderia conseguir tirar-nos os de nossas costas.

-Os lobatos não são mais que leais, -disse Alcide.

Tomei sua mão.

-Sei.

Os olhos verdes do Alcide me consideraram tranqüilamente.

-Debbie me pediu te matar, -disse.

Durante um momento senti frio sob meus ossos.

-O que lhe respondeu? -Perguntei, com lábios rígidos.

-Disse-lhe que podia ir-se a jodida mierda, perdoa minha linguagem.

-E como se sente agora?

-Intumescido. Não é estúpido? Arrancou-a de mim pelas raízes, entretanto. Disse-te que o faria. Tive que fazê-lo. É como ser viciado no *crack*. Ela é daninha.

Pensei na Lorena.

-Às vezes, -pinjente, e até para meus próprios ouvidos soei triste, -as cadelas ganham. - Lorena estava muito longe de estar morta entre o Bill e eu. Falar do Debbie despertou ainda outra memória desagradável. -Né, você lhe disse que tínhamos estado juntos na cama, quando ambos se estavam brigando!

Ele pareceu profundamente envergonhado, seu olivácea pele avermelhou.

-Envergonho-me disto. Eu sabia que teve bons momentos com seu prometido; ela se gabou disso. Estava realmente furioso e utilize seu nome vão. Peço-te perdão.

Poderia entender isto, embora eu não gostasse. Levantei minhas sobrancelhas para indicar que não era suficiente.

-Vale, foi realmente pouco. Uma dobro desculpa e uma promessa de nunca fazê-lo outra vez.

Assenti. Aceitaria isto.

-Lamentei tirá-los todos vocês do apartamento assim, mas não quis que ela os visse os três, em vista das conclusões que poderia ter tirado. Debbie pode desenquadrar-se, e pensei que se te visse junto com os vampiros, poderia ouvir um rumor que Russell sentia falta de um prisioneiro e somar dois mas dois. Poderia ser o bastante louca para chamar o Russell.

-Tanto pela lealdade entre lobatos.

-Ela é uma adapto, não um lobato, -disse Alcide imediatamente, e minha suspeita foi confirmada.

depois de sua declarada convicção, começava a acreditar que Alcide estava determinado a guardar o gen lobato para ele mesmo, nunca seria feliz com alguém mais salvo outra lobato. Suspirei: tratei de mantê-lo como um agradável suspiro tranquilo. Poderia me equivocar, depois de tudo.

-Além do Debbie, -pinjente, agitando minha mão para mostrar quão completamente Debbie estava fora de nossa conversação, -*alguém* matou ao Jerry Falcon e o pôs em seu armário. Isto me causou—e a ti—muitos mais problemas que a missão original de procurar o Bill. Quem faria algo assim? Teria que ser alguém realmente malévolo.

-Ou alguém realmente estúpido, -disse Alcide justamente.

-Sei que Bill não o fez, porque ele estava prisioneiro. E juraria que Eric dizia a verdade quando disse que ele não o fez. -Vacilei, lamentando retornar a um nome. —Mas, e Debbie? Ela é ... -detive-me antes de dizer “uma verdadeira cabrona”, porque só Alcide deveria lhe chamar isto. -Ela estava zangada contigo por ter uma garota, -pinjente brandamente. - Talvez ela poria ao Jerry Falcon em seu armário para te causar problemas?

-Debbie quer e pode causar problemas, mas ela nunca matou a ninguém, -disse Alcide. -Ela não tem a, a... vontade...para isso, a garra. O desejo para matar.

Vale. Somente me chamem Sandy.

Alcide deve ter visto a consternação sobre minha cara.

-Né!, sou um lobato, -disse ele, encolhendo-se de ombros. -Eu o faria se tivesse que fazê-lo. Sobre tudo no tempo da lua enche.

-Então talvez um membro da matilha o fez, por motivos que não sabemos, e decidiu te jogar a culpa? -Outro possível cenário.

-Não se vê dessa maneira. Outro lobato houvesse—pois, o corpo se haveria visto diferente. -disse Alcide, tratando de não alterar meus tenros e mais delicados sentimentos. Ele se referia a que o corpo estaria esmigalhado em farrapos. -E acredito que eu teria cheirado outro lobato nele. Não que me tenha aproximado tanto.

Simplesmente já não tínhamos nenhuma outra idéia, embora se tivesse gravado em cinta aquela conversação e a tivesse posto depois, facilmente teria pensado em outro culpado.

Alcide disse que tinha que retornar ao Shreveport, e levantei minhas pernas para lhe deixar parar-se. Ele se levantou, mas descendeu sobre um joelho para a cabeça da poltrona para me dizer adeus!. Pinjente as coisas corteses, que agradável foi conversa dele me dar alojamento, quanto desfrute conhecendo sua irmã, quanta diversão tive escondendo um corpo com ele. Não, não disse realmente isso, mas cruzou por minha mente, porque eu era um produto cortês do Abue.

-Me alegre te haver conhecido, -disse ele.

Ele estava mais perto de mim do que pensei, e me deu um picorete nos lábios como despedida. Mas depois do picorete, que esteve bem, ele voltou para um mais comprido adeus!. Seus lábios se sentiam tão quentes; e depois de um segundo, sua língua se sentia ainda mais quente. Sua cabeça girou ligeiramente para conseguir um melhor ângulo, e logo ele esteve sobre isso outra vez. Sua mão direita se abateu sobre mim, tratando de encontrar um lugar onde colocá-la que não me fizesse mal. Finalmente ele cobriu minha mão esquerda com a sua. Ah, moço, sentia-se tão bem. Mas só minha boca e minha pélvis inferior estavam felizes. Ao resto de mim lhe doía. Sua mão se deslizou até meu peito em uma classe de caminho interrogativo, e dava um agudo grito afogado.

-Ah, Deus, fiz-te mal! -ele disse. Seus lábios pareceram muito cheios e vermelhos depois do comprido beijo, e seus olhos eram brilhantes.

Senti-me obrigada a pedir perdão.

-Somente estou adolorida, -pinjente.

-O que lhe fizeram eles? -ele perguntou. -Não foram nada mais umas bofetadas na cara?

Ele acreditou que minha cara torcida era meu problema mais sério.

-Desejaria que isso tivesse sido tudo, -pinjente, tratando de sorrir.

Ele realmente pareceu aflito.

-E aqui estou fazendo um passe contigo.

-Bem, não te aparteie, -pinjente brandamente. (Estava muito dolorida para empurrar.) -e não disse, “Não, senhor, como vas você forçar suas cuidados sobre mim!”

Alcide pareceu um pouco surpreso.

-Voltarei logo, -prometeu ele. -Se necessitar algo, chama-me. -Ele pescou um cartão de seu bolso e a pôs sobre a mesa perto da poltrona. -Esta tem meu número do trabalho, e te escrevo meu número celular no reverso, e meu número de casa. me dê o teu. - Obedientemente, recitei-lhe os números, e ele os anotou, não é brincadeira, em uma pequena libretita negra. Não tinha nem a energia para fazer uma brincadeira.

Quando partiu, a casa se sentiu extra vazia. Ele era tão grande e tão enérgico—tão vivo—ele enchia grandes espaços com sua personalidade e presença.

Para mim este foi um dia para suspirar.

Logo depois de falar com o Jason no Merlotte's, Arlene veio às cinco e meia. Ela me contemplou, olhou-se como se suprimisse muitos comentários que realmente queria fazer, e me esquentou um pouco do Campbell. Deixei-a esfriar-se antes de comê-la devagar e com muito cuidado, senti-me melhor com isto. Ela pôs os pratos na lava-louça, e me perguntou se necessitava qualquer outra ajuda. Pensei em seus meninos que a esperavam em casa, e pinjente que estava simplesmente excelente. Fez-me bem ver o Arlene, e saber que lutava contra si mesmo sobre o discurso de volta e meia que queria me dar, fez-me sentir ainda melhor.

Fisicamente, eu me sentia cada vez mais rígida. Obrigue-me a me levantar e caminhar um pouco (embora se olhasse mas bem como uma claudicação), mas conforme minhas contusões se fizeram sentir totalmente e a casa se fez mais fria, comecei a me sentir muito pior. Isto era quando viver sozinha realmente te chega, quando uma se sente mau ou se sente doente e não há ninguém ali.

Alguém poderia também compadecer-se um pouco a se mesma, se não se tomar cuidado.

Para minha surpresa, o primeiro vampiro em chegar depois do anoitecer foi Pam. Esta noite tinha posto um vestido comprido negro, assim tência programado trabalhar na Fangtasia. Geralmente, Pam rechaçava o negro; ela era a classe de mulher em tons bolos. atirou-se as mangas de gaze com impaciência.

-Eric diz que pode necessitar uma fêmea para te ajudar, -disse ela com impaciência. - Embora por que supõe que eu deva ser sua criada, não sei. Necessita realmente ajuda, ou

ele trata somente de preparar caminho batalhando favor contigo? Agrada-me o bastante, mas depois de tudo, eu sou a vampira, e você a humana.

Aquela Pam, uma doçura.

-Poderia te sentar e me visitar durante um minuto, -sugeri, algo perda quanto a como proceder.

Realmente, seria agradável ter ajuda para entrar e sair da banheira, mas sabia que Pam estaria ofendida de ser requerida para realizar uma tarefa tão pessoal. depois de tudo, ela era o vampiro, e eu era o humano...

Pam se colocou na poltrona frente o sofá.

-Eric diz que pode disparar uma escopeta, -disse ela, mais conversacionalmente. -Ensinaria-me?

-Farei-o encantada, quando me encontrar melhor.

-Estacou realmente Lorena?

As lições de escopeta eram mais importantes que a morte da Lorena, pareceu-me.

-Sim. Ela me teria matado.

-Como o fez?

-Tinha a estaca que foi usada contra mim.

Então Pam teve que ouvir sobre isto, e me perguntou como se sentiu ser estacada, já que eu era a única pessoa que ela sabia tinha sobrevivido, logo me perguntou exatamente como matei a Lorena, e ali íamos de novo, de volta ao tema que eu não gostava.

-Não quero falar disso, -confessei.

-por que não? -Pam era curiosa. -Diz que ela tratava de te matar.

-Ela o fazia.

-E depois de que o tivesse feito, ela teria torturado mais ao Bill até que se rachasse, e você estaria morta, e tudo isto não teria sido em balde.

Pam tinha um ponto, um muito bom, e tratei de pensar nisso como um passo prático que deveu ser tomado, mas bem que um reflexo desesperado.

-Bill e Eric estarão aqui logo, -disse Pam, vendo seu relógio.

-Desejaria que me houvesse isso dito antes, -pinjente, lutando por me pôr de pé.

-Conseguirá escovar seus dentes e cabelo? -Pam era alegremente sarcástica. -Por isso Eric pensou que poderia necessitar minha ajuda.

-Acredito que posso dirigir meu próprio acerto, se não te importa esquentar algo de sangue no microondas—certamente, também por ti mesma. Sinto não poder ser cortês.

Pam me dirigiu um olhar cético, mas trotou à cozinha sem comentário adicional. Escutei durante um minuto para me assegurar que ela sabia fazer funcionar um microondas, e de modo tranquilizador ouvi assobios resolvidos quando ela pressionou nos números e golpeou Aceso.

Devagar e dolorosamente, lavei-me no lavamanos, escovei meu cabelo, dente, e me pus uma sedosa pijama rosada com a bata e pantufas a jogo. Lamentava que não tivesse a energia para me vestir, mas simplesmente não podia encarar a roupa interior, nem meias três-quartos ou sapatos.

Não existia nenhuma razão para pôr maquiagem sobre as contusões. Não havia nenhum modo de que pudesse as cobrir. De fato, perguntei-me por que me levantei do sofá para me arrumar tendo semelhante dor. Olhei-me no espelho e me disse que era uma idiota por fazer qualquer preparação para sua chegada. Estava meticulosamente polida. Considerando minha total miséria (mental e física), meu comportamento era ridículo. Lamentei haver sentido este impulso, e até o senti mais porque Pam o testemunhou.

Mas o primeiro visitante masculino que tive foi Bubba.

Ele vinha todo engalanado, todo arrumado.

Entretanto, não parecia contente. Ele parecia compungido.

-Senhorita Sookie, sinto havê-la perdido ontem à noite, -disse em seguida. Lhe feito um revisão de passada ao Pam, que pareceu surpreendida. -Vejo que algo horrível lhe aconteceu ontem à noite, e eu não estive ali como Eric me disse estar. Eu me estava passando isso retembien no Jackson, aqueles tipos lá realmente sabem ventilar uma boa festa.

Tive uma idéia, uma idéia deslumbrantemente simples. Se tivesse estado em uma tira cômica, esta se teria ilustrado como um reluzente relâmpago sobre minha cabeça.

-estiveste me vigiando cada noite, -pinjente, tão brandamente como podia, tratando com força de deter todo o entusiasmo de minha voz. -Certo?

-Sim senhora, desde que Sr. Eric me disse. -Ele estava parado mais direito, sua cabeça cheia de gel em um cuidadoso penteado familiar. Os tipos na mansão do Russell trabalharam concienzudamente nele.

-Então sua estava aí a noite que voltamos do clube? A primeira noite?

-Aposte por isso, senhorita Sookie.

-Viu alguém mais fora do apartamento?

-com certeza que sim. -Ele pareceu orgulhoso.

Ai, moço.

-Era um tipo em couros de turma?

Ele pareceu surpreso.

-Sim senhora, era aquele tipo que lhe fez mal no bar. Eu vi quando o porteiro o lançou fora do bar. Alguns de seus companheiros vieram atrás, e falavam do que havia pasao. Assim soube que ele a ofendeu. Sr. Eric disse não me aproximar de você ou ele em público, tonces não o fiz. Mas a segui de volta ao apartamento, naquela caminhonete. Arrumado a que você não sabia nem que eu taba atrás.

-Não, seguro não sabia que foi detrás da caminhonete. Foi muito preparado. Agora me diga, posteriormente quando viu o lobato, que fazia ele?

-Ele tinha aberto a fechadura da porta do apartamento quando me movi detrás dele. Logo que agarrei a aquele bode a tempo.

-O que fez com ele? -Sorri a Bubba.

-Rompi seu pescoço e o entupa no armário, -disse Bubba orgulhosamente. -Não tinha tempo p´me levar o corpo a outra parte, e pensei que você e Sr. Eric poderiam entender-se que fazer a respeito dele.

Tive que olhar a outro lado. Tão simples. Tão direto. A solução daquele mistério foi lhe fazer à pessoa correta, pergunta-a correta.

por que não tínhamos pensado nisso? A gente não podia dar ordens a Bubba e esperar que as adaptasse às circunstâncias. Quase seguro, ele salvou minha vida matando ao Jerry Falcon, já que meu dormitório era o primeiro onde o lobato teria chegado. Eu tinha estado tão cansada quando finalmente fui à cama, que não poderia ter despertado até que tivesse sido muito tarde.

Pam tinha estado olhando daqui para lá entre nós com uma pergunta sobre sua cara. Sustentei uma mão para indicar que lhe explicaria mais tarde, e me fiz sorri a Bubba e lhe dizer que ele fez a coisa correta.

-Eric estará tão agradado,-pinjente. E dizer-lhe ao Alcide seria uma interessante experiência.

Toda a cara da Bubba se relaxou. Sorriu, seu lábio superior se curvo somente um pouco.

-Me alegre de ouvir o dizer, -disse ele.-Terá um pouco de sangue? Toy fortemente sedento.

-Seguro -pinjente. Pam foi o suficiente atenta para trazer o sangue, e Bubba tomou um grande gole.

-Não tão bom como um gato, -observou ele. -Mas exatamente igual de forte. Obrigado, muito obrigado.

Capítulo 15

Que noite tão acolhedora se estava voltando—com quatro atentos vampiros, depois de que Bill e Eric chegaram separada, mas quase simultaneamente. Só meus compis e eu, pendurando pela casa.

Bill insistiu em trançar meu cabelo para mim, desta maneira poderia mostrar sua familiaridade com minha casa e hábitos com apenas entrar no quarto de banho e trazer minha caixa de intrigas para o cabelo. Logo me pôs no turco diante e ele se sentou detrás de mim para escovar e fixar meu cabelo. Sempre encontrei este um processo muito relaxante, e

isto despertou lembranças de outras noites onde Bill e eu tínhamos começado mais ou menos pelo mesmo caminho, com um fabuloso final. É óbvio. Bill era bem consciente de que ele usava aquelas lembranças para colocar-se à dianteira.

Eric observou isto com o ar de um que toma notas, e Pam se mofou abertamente. Por minha vida que não pude entender por que todos eles tiveram que estar aqui ao mesmo tempo, e por que todos eles não se chateavam um do outro—e de mim—e partiam. Depois de uns minutos de ter uma relativa multidão em minha casa, tive muitas vontades de estar sozinha uma vez mais. por que tinha pensado que me encontrava solitária?

Bubba partiu rapidamente, desejoso de fazer um pouco de caça. Não quis pensar muito a respeito disto. Quando ele partiu, fui capaz de dizer aos outros vampiros sobre o que aconteceu realmente ao Jerry Falcon.

Ao Eric não pareceu lhe incomodar muito que suas direções a Bubba causassem a morte do Jerry Falcon, e já tinha admitido ante mim mesma que tampouco podia ser muito suscetível sobre isso. Se tência que ser ele, ou eu, pois, eu me preferia com muito. Bill era indiferente ao destino do Jerry, e Pam pensou que todo o assunto era gracioso.

-Que seguisse ao Jackson, quando suas instruções eram somente para aqui, por uma noite... que se mantivera seguindo suas instruções, passasse o que acontecesse! Não é muito vampírico, mas certamente é um bom soldado.

-Teria sido muito melhor se houvesse dito ao Sookie o que fez e por que, -observou Eric.

-Sim, uma nota teria sido agradável, -disse sarcásticamente. -Algo teria sido melhor que abrir aquele armário e encontrar o corpo encaixado ali.

Pam se trancou da risada. Tinha encontrado realmente o modo de fazer cócegas sua veia graciosa. Maravilhoso.

-Já imagino sua cara, -disse ela. -Você e o lobato tiveram que esconder o corpo? Isso não tem preço.

-Desejaria ter sabido tudo isto quando Alcide esteve aqui hoje, -pinjente.

Tinha fechado meus olhos quando o efeito do escovado me acalmou totalmente. Mas o silêncio repentino era delicioso. Por fim, conseguia me divertir um poquito.

Eric disse;

-Alcide Herveaux veio aqui?

-Ahá, ele trouxe minha bolsa. ficou para me dar uma mão, vendo como estou de esmurrada.

Quando abri meus olhos, porque Bill deixou de escovar, brinquei os olhos do Pam. Ela me piscou os olhos um olho. Dirigi-lhe um diminuto sorriso.

-Desempacotei sua bolsa por ti, Sookie, -disse Pam brandamente. -Onde conseguiu aquele pedaço de xale grande tão formoso e aveludado?

Pressionei meus lábios firmemente.

-Bem, a primeira noite meu casaco foi arruinado no *Clube*...quero dizer, no Josephine'S. Alcide muito amavelmente foi às compras e o trouxe para me surpreender... disse que ele se sentiu responsável por que o primeiro se queimasse. -Estive deleitada que o levei até o apartamento no assento dianteiro do *Lincoln*. Não me lembrei de fazer isto.

-Tem um gosto excelente, para um lobato, -concedeu Pam. -Se tomo emprestado seu vestido vermelho, também posso tomar emprestado o xale grande?

Não sabia que Pam e eu andássemos em términos de intercâmbio de roupa. Definitivamente ela esteve à altura da travessura.

-Seguro, -pinjente.

Pouco depois disto, Pam disse que partia.

-Penso que correrei a casa pelos bosques, -disse ela. -Tenho vontades de experimentar a noite.

-Seu correrá todo o caminho de volta ao Shreveport? -Pinjente, surpreendida.

-Não será a primeira vez, -disse ela. -Ah, a propósito, Bill, reina-a chamou Fangtasia esta noite para averiguar por que está atrasado com seu pequeno trabalho. Ela disse que a sido incapaz de te localizar em sua casa durante várias noites.

Bill reato o escovando de meu cabelo.

-Chamarei-a mais tarde, -disse ele.-De minha casa. Ela se alegrará de ouvir que o completei.

-Você perdeu quase tudo, -disse Eric, sua explosão repentina sobressalto a cada um no quarto.

Pam escapou pela porta principal depois de ter cuidadoso do Eric fazia Bill. Essa coisa me assustou.

-Sim, estou bem consciente disto, -disse Bill. Sua voz, sempre fresca e doce, era absolutamente glacial. a do Eric, por outra parte, tendia ao feroso.

-Foi um parvo por te enredar, outra vez, com aquela demônio, -disse Eric.

-Ouçam, meninos!, estou sentada diretamente aqui, -pinjente.

Ambos me olharam airadamente. Eles pareciam decididos a terminar esta briga, e imaginei que os deixaria ir sobre isso. Uma vez que estivessem fora. Ainda não lhe tinha agradecido ao Eric pelo meio-fio, e queria fazê-lo, mas esta noite possivelmente não era um bom momento.

-Esta bem, -pinjente. -Eu tinha esperado evitar isto, mas... Bill, rescindo seu convite em minha casa. -Bill começou a andar para trás à porta, um olhar indefeso sobre sua cara, e minha escova ainda em sua mão. Eric sorriu abertamente fazia ele, triunfalmente. -Eric, -pinjente, e seu sorriso se esfumou. -Rescindo seu convite em minha casa. -E atrás foi ele, para fora de minha porta e de meu alpendre. A porta se fechou dando um azotón de repente detrás (ou talvez diante de?) eles.

Sentei-me sobre o turco, sentindo um alívio além de qualquer palavra pelo repentino silêncio. E de repente, dava-me conta que o programa de computador tão desejado pela rainha de *Louisiana*, o programa de computador que havia flanco vistas e a ruína de minha relação com o Bill, estava em minha casa ... onde nem Eric, nem Bill, e inclusive nem a reina, poderiam entrar sem que *eu* desse meu parecer.

Não tinha rido com tanta vontade em semanas.

Fim do terceiro livro.

Sobre a Autora:

Charlaine Harris produziu duas séries de mistério além de seus livros de Sookie Stackhouse. Ela vive em Arkansas do Sul com seu marido, três meninos, dois cães, dois furões, e um pato. Ávida leitora, cinófila constante, e levantadora ocasional de pesos, sua atividade favorita é assistir seus filhos em vários esportes, sentada sobre degraus incômodos. Seu site da web é www.charlaineharris.com.

"Divertida, rápida, graciosa, e maravilhosamente intrigante a mescla de vampiro e mistério que é difícil de deixar, e não deveria faltar" —*Susan Sizemore, autora de Las Leis do Sangue (Laws of the Blood)*

Louvores para a série de Vampiros Sulinos por Charlaine Harris ...

Vivendo Morto em Dallas

"Uma mescla de gênero de forma refrescante sem as metáforas esperadas." —*Locus*

"Harris realça esta mescla de mistério e vampiros melhor que a maioria." —*Science Fiction Chronicle*

"Leitura alegre e ligeira. Um despertar, hilariante e romântico." —*Romantic Teme*

"Entregue e vibrantemente bem escrito, ambientado no tranqüilo Sul que o manterá girando as páginas." —*Cemetery Dance*

Morto até o Anoitecer

Um dos melhores livros de 2001 de acordo à Revista *Locus*

"Muito original, extraordinariamente arrebitado, ... erótico, e exótico Charlaine Harris tece a magia narradora em um conto de vampiros e a Louisiana provinciana." —*Lynn Hightower*

"A mescla inteligente deste libero entre momentos dolorosos, agradáveis, sérios, céticos, e inesperados em uma relação onde nem o herói nem a heroína podem combinar-se com a norma local, recorda as melhores classes do realismo mágico... Detalhe divertidos sobre as dificuldades para vida legal dos vampiros—e de ser séculos mais velhos que o reverenciado e tradicional sul. Uma das melhores cria novelas de vampiro tenho lido em bastante tempo." —*Locus*

"O encanto bobo do mundo do Harris, com seu humor e terror ocasional, é o que faz *Morto até o Anoitecer* tão delicioso." —*The Denver Post*

"Alegre e introspectivo... Com o toque seguro de um professor, Harris transporta o mundano para fazer a suas criaturas pouco naturais muito mais inquietantes. [Ela] cria uma pequena cidade de Louisiana povoada de vivos caracteres estranhos, que o leitor querará visitar de novo uma e outra vez." —*Crescent Blues*

Charlaine Harris - CLUBE DOS MORTOS - Tradução mecânica por: [Romance com Tema Sobrenatural](#)

:

<http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=18008059>

"Uma mescla absorvente de romance, mistério, e o sobrenatural. Harris tece o humor com um nervosismo que o faz uma leitura forte. O melhor de tudo, ela criou a uma heroína virtualmente única no Sookie e uma pessoa encantadoramente desapegada do mundo no galã do Sookie, Bill. Possivelmente você nunca encontrará a um casal mais improvável, mas você tampouco os esquecerá." —*Romantic Teme*



Romances para todos os gostos:

Clássicos Históricos, Clássicos da Literatura
Romântica, contemporâneos (Julia, Sabrina, Bianca), série Ouro,
Bestsellers, dicas de leitura, e muito mais!
Conheça o sebo virtual:

www.amorelivros.justtech.com.br